

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

Pós Graduação em Ciências Humanas e Sociais

JOSUÉ CATHARINO FERREIRA

AS ALTERAÇÕES NA ESTRUTURA INDUSTRIAL DE SANTO ANDRÉ

(1975 – 2013)

Santo André - SP

2013

JOSUÉ CATHARINO FERREIRA

AS ALTERAÇÕES NA ESTRUTURA INDUSTRIAL DE SANTO ANDRÉ:

(1975 – 2013)

Dissertação de Mestrado, requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós Graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC.

Orientador: Prof. Dr. Ramón Vicente Garcia Fernandez.

Santo André - SP

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

As imagens, exceto as indicadas com a fonte, são de propriedade do autor e poderão ser reproduzidas, desde que citada a fonte e/ou o direito de imagem:

©FERREIRA (2013)

josuecatharino@uol.com.br

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Universidade Federal do ABC

FERREIRA, Josué Catharino

As alterações na estrutura industrial de Santo André (1975 - 2013) / Josué Catharino Ferreira — Santo André: Universidade Federal do ABC, 2013.

223 fls. 29 cm.

Orientador: Ramón Vicente Garcia Fernandez

Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do ABC, Ciências Humanas e Sociais, 2013.

1. Município de Santo André - São Paulo, Brasil 2. Indústria - reestruturação produtiva 3. centralização de capital 4. deseconomias de aglomeração I. FERNANDEZ, Ramón Vicente Garcia. II. Ciências Humanas e Sociais, 2013, III. Título.

CDD 338.98161

Este exemplar foi revisado e alterado em relação à versão original, de acordo com as observações levantadas pela banca no dia da defesa, sob responsabilidade única do autor e com a anuência de seu orientador.

Santo André, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do autor: _____

Assinatura do orientador: _____

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento devo ao meu Orientador, Prof. Dr. Ramón Vicente Garcia Fernandez, pelas horas de atenção na leitura de meus rascunhos, pelos comentários perspicazes, pelo auxílio intelectual fornecido através de suas sugestões, observações e críticas. Aprendi muito com ele.

Á Prof^a Dr^a. Anapátricia Morales Vilha e ao Prof. Dr. Jeroen J. Klink pelas valiosas observações e sugestões dadas no Exame de Qualificação.

Á minha irmã Andréa e ao meu cunhado André pelo auxílio material e apoio intelectual.

Ao corpo docente do Programa de Pós Graduação do Curso de Ciências Humanas e Sociais da UFABC.

E por fim, à Universidade Federal do ABC, pelo apoio estrutural, acadêmico e financeiro prestado nestes dois anos. Auxílio sem o qual seria praticamente impossível a realização desta Dissertação.

RESUMO

Durante os últimos 35 anos, o município de Santo André (SP) passou por uma notável transformação em sua estrutura industrial e em sua paisagem urbana. Antigo centro industrial, a cidade perdeu muito de sua arrecadação proveniente da indústria. Muitas empresas optaram por uma nova localização industrial, grandes indústrias se reestruturaram a partir dos anos 90 e diversas pequenas empresas fecharam as portas, muitas faliram. Sob uma perspectiva marxista, esta Dissertação pretende explicar as transformações ocorridas na cidade tomando como hipóteses que o processo de concentração e centralização de capital - causa e consequência de uma forte reestruturação produtiva - aliado ao desenvolvimento das externalidades negativas (chamadas de deseconomias de aglomeração) contribuíram para uma nova configuração espacial na cidade. Fábricas antigas são fechadas e demolidas e dão lugar a estabelecimentos comerciais e a uma miríade de empreendimentos imobiliários. O emprego industrial declina e as atividades terciárias, na maior parte constituída de setores de baixo valor agregado, surgem como opção econômica na cidade.

Palavras-chave: centralização de capital. deseconomias de aglomeração. industrialização. reestruturação produtiva. Santo André.

ABSTRACT

During the past 35 years, the city of Santo André (SP) has undergone a remarkable transformation in its industrial structure and its urban landscape. As an old industrial center, the city lost much of its revenue from the industry. Many companies have opted for a new industrial location, major industries have restructured from 90s and several small companies have closed their doors, many have failed. From a Marxist perspective, this dissertation attempts to explain the changes that occurred in the city taking as hypothesis that the process of concentration and centralization of capital - a cause and consequence of a strong restructuring process - combined with the development of negative externalities (called diseconomies of agglomeration) contributed to a new configuration space in the city. Old factories are closed and demolished and give way to commercial centers and a myriad of real estate projects. Industrial employment declines and tertiary activities, mostly composed of sectors with low added value, appears as an option in the economic city.

Keywords: centralization of capital. diseconomies of agglomeration.
industrialization. productive restructuring. Santo André.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 0.1 – Indústrias em Santo André	28
Figura 0.2 - Estrutura industrial por segmentos de atividade	30
Figura 1.1 – Anúncio publicitário da International Harvester (1960)	66
Figura 2.1 – Características da Centralização do Capital	73
Figura 3.1 – Componentes das Economias de Aglomeração	93
Figura 3.2 – Fatores causadores de Deseconomias de Aglomeração	98

LISTA DE FOTOGRAFIAS

INTRODUÇÃO

Foto 0.1 - Prédios de Apartamentos na Av. Andrade Neves	21
Foto 0.2 - Primeiro edifício sendo construído no Jardim das Maravilhas	21
Fotos 0.3 e 0.4 – “Boom Imobiliário”: “Sobradinhos” na Vila Pires (I)	21
Foto 0.5 - Randi/TêxtilCooper	23
Foto 0.6 - Arames Super	23
Foto 0.7 - Motel na Av. Industrial – Mudança no uso do solo. Mudança na paisagem	25
Foto 0.8 - Prédios em construção na Rua 21 de Abril, Vila Pires	25
Foto 0.9 – Chemicals Noxxe	33
Foto 0.10 – Prédio situado na Rua Imbituba, 26	33
Foto 0.11 – Galpão industrial na Rua Américo Guazzelli	33
Foto 0.12 – Metalúrgica Pina	33
Foto 0.13 – Metalúrgica Varb	34
Foto 0.14 – Imóvel fechado na Rua Cruzeiro do Sul	34
Foto 0.15 – Imóvel industrial situado na Rua Gil Vicente, 150	34
Foto 0.16 – Prédio fechado na Rua Rio Grande do Norte	34

CAPÍTULO 1 - ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO DE SANTO ANDRÉ

Foto 1.1 – Vista parcial da fábrica da Volkswagen	41
Foto 1.2 – Tecelagem Kowarick	50
Foto 1.3 – Casa Publicadora Brasileira	65
Foto 1.4 - Antigo Mappin (1998)	65
Foto 1.5 - Shopping ABC (2013)	65
Foto 1.6 – Dibracam	67
Foto 1.7 - Laminação Baukus	67
Foto 1.8 – Av. Capuava, 577	67
Foto 1.9 – Coferraz (1996)	67
Foto 1.10 – Av. dos Estados, 5200	67
Foto 1.11 - Rua dos Coqueiros, 1295	68
Foto 1.12 – Romi (1997)	68
Foto 1.13 – Depósito do Supermercado Joanin (2013)	68
Fotos 1.14 e 1.15 - Às margens da Ferrovia	71

CAPÍTULO 3 – AS ECONOMIAS E DESECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO

Foto 3.1 - Black & Decker (1997)	106
Foto 3.2 – Shopping Grand Plaza (2013)	106
Foto 3.3 - KS Pistões (1997)	107
Foto 3.4 – Prédio da Justiça Federal e torres de apartamentos	107
Foto 3.5 - Elevadores Otis nos anos 70	108
Foto 3.6 - Sam’s Club e a Dicico	108

Foto 3.7 – Atlantis, já fechada em 2006	111
Foto 3.8 – Residencial Ventura, no lugar da antiga Atlantis	111
Foto 3.9 - Enchente na Estação Santo André em 2011	116
Fotos 3.10 e 3.11 – Ponte que cedeu na Av. dos Estados	117

CAPÍTULO 4 – AS ALTERAÇÕES NA ESTRUTURA INDUSTRIAL DE SANTO ANDRÉ

Foto 4.01 - Lanifício Santo Amaro em 2011	129
Foto 4.02 – Vista da Fábrica de Lonas Helvética e da Randi (1997)	129
Foto 4.03 – Mesmo local em 2013	129
Foto 4.04 - Fábrica de Lonas Helvética (1997)	129
Foto 4.05 – Motel Paradiso (2013)	129
Foto 4.06 – Central de Trabalho e Renda	130
Foto 4.07 – Rhodia Poliamida [Solvay]	132
Foto 4.08 – Moinho São Jorge	133
Foto 4.09 - Moinho Santo André (2013)	133
Foto 4.10 – Ind. Com. Óleos Garcia	133
Foto 4.11 – Café do Sertão	133
Foto 4.12 – Rua Caiubi, 826 em 2011	135
Foto 4.13 – Diário do Grande ABC	136
Foto 4.14 - Rua Coronel Seabra, 1011/1075	140
Foto 4.15 - Rua Cruzeiro do Sul, 265	140
Foto 4.16 - Portaria da TRW em 2011	142
Foto 4.17 - Parte das instalações da antiga Cofap	142
Foto 4.18 – Sianfer	145
Foto 4.19 – Alcoa	146
Foto 4.20 - Eluma	146
Foto 4.21 – CBC (1997)	146
Foto 4.22 – UNIABC (2013)	146
Foto 4.23 - Pierre Saby (1997)	148
Foto 4.24 - Metasa (2013)	148
Foto 4.25 – Indústria Mecânica Fujimoto	152
Foto 4.26 – Fábrica já fechada em 2013	152
Fotos 4.27 e 4.28 - Interior da antiga Fujimoto	152
Foto 4.29 - Nordon já fechada em 1996	153
Foto 4.30 - Estacionamento no local (2013)	153
Foto 4.31 - WLC Industrial (2011)	154
Foto 4.32 - Salões comerciais em 2013	154
Foto 4.33 - Prédio em construção no nº. 1195 da Rua dos Coqueiros	156
Foto 4.34 – ARMCO (1997)	156
Foto 4.35 – Condugel (1996)	157
Foto 4.36 – Bridgestone (2013)	157
Fotos 4.37 e 4.38 – Prysmian (2013)	157
Foto 4.39 – Fortilit (1997)	158
Foto 4.40 – Depósito de agência de leilões (2013)	158
Fotos 4.41 e 4.42 – Solplas	160
Fotos 4.43 e 4.44 – Bridgestone	162
Foto 4.45 – Pirelli (1996)	162
Foto 4.46 – Pirelli (2013)	162
Foto 4.47 – Petroquímica União	166
Foto 4.48 - Braskem (2011)	167
Fotos 4.49 e 4.50 – Akzo Nobel	169
Fotos 4.51 e 4.52 – Rhodia	170
Foto 4.53 - Galpão já desativado da Adubos Copas em 1997	172
Foto 4.54 - Vista parcial dos terrenos da IAP e da Copas	172
Foto 4.55 – IAP (1998)	173

Foto 4.56 - IAP (2013)	173
Fotos 4.57 e 4.58 - Johnson Controls	174
Foto 4.59 - Terreno da IAP/Copas	189
Foto 4.60 – Metalúrgica Krause	189
Foto 4.61 - Lanifício Santo Amaro (I)	190
Foto 4.62 - Lanifício Santo Amaro (II)	190
Foto 4.63 - Lanifício Santo Amaro (III)	190
Foto 4.64 - General Tintas	191
Foto 4.65 – Indústria Metalúrgica Bralfer em 2011	191
Foto 4.66 – Mesmo local em 2013 (Rua Xingu, 1040)	191
Foto 4.67 – Indústria Mecânica Fujimoto funcionando em 2011	192
Foto 4.68 – Mesmo local em 2013 (Rua Xingu, 982) já com a fábrica destruída	192
Foto 4.69 – Uma sucessão de sobradinhos nas ruas Caiapós e Chui na Vila Pires	193
Foto 4.70 – Condomínio Paris	193
Foto 4.71 – Condomínio residencial situado na Rua Pirituba	193
Foto 4.72 – Obras do Residencial Aram	193
Foto 4.73 - Prédios em construção na Vila Valparaíso	193
Foto 4.74 – Cortiris (1997)	194
Foto 4.75 – Residencial MRV. Rua Rio Grande do Norte, 299	194
Foto 4.76 - Mesbla. Prédio comercial fechado (2013)	195
Foto 4.77 - Prédio abandonado da Utivesa, na Rua Olímpia, 385	195
Foto 4.78 - Utivesa. Instalações destruídas vistas da Rua Rossini	195
Foto 4.79 - Portaria da Fichet em 1996	196
Foto 4.80 – Ruínas da portaria da Fichet em 2013	196
Foto 4.81 – Fichet/Multi-Box (1998)	197
Foto 4.82 - Vista do terreno já limpo por dentro	197
Foto 4.83 – Placa anunciando lançamento imobiliário	197
Foto 4.84 – Antiga Nordon	197
Foto 4.85 – Olaria ABCD	197
Foto 4.86 – Braibanti	199
Foto 4.87 - Royce Connect	199
Fotos 4.88 e 4.89 – Coop em 1997 e em 2013	199
Foto 4.90 - Têxtil Colbert (1996)	200
Foto 4.91 – Colégio Particular	200
Foto 4.92 – High Color Pinturas	200
Foto 4.93 – Roma Madeiras e Ferragens	200
Foto 4.94 – Protege (1997)	200
Foto 4.95 – Bella Tintas (2013)	200
Foto 4.96 – TIM	202
Foto 4.97 – Conjunto de edifícios construídos no local onde funcionou a KS Pistões	207
Foto 4.98 – Shopping Lar ABC	207
Fotos 4.99 e 4.100 - Brookfield Century Plaza	207
Foto 4.101 – Condomínio Residencial Valparaíso	207
Foto 4.102 – Vista para as imediações da Rua Catequese na Vila Alpina	207
Foto 4.103 - Av. Industrial, 1000	208
Foto 4.104 - Prédios de alto padrão sendo construídos na Av. Pereira Barreto, 100	208
Foto 4.105 - Edifícios residenciais construídos na Vila Bastos	208
Foto 4.106 – Centro Empresarial Pereira Barreto	208
Foto 4.107 – Concreto Redemix, Rua dos Coqueiros, 1142	208
Foto 4.108 – Irmãos Roman, Av. Pereira Barreto, 716	208

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.1 – Santo André - N ^o . de empregados na Indústria	63
Gráfico 3.1 – Grande ABC – Produto Interno Bruto – 2010	112
Gráfico 3.2 – Santo André – Empregos Formais -2011	114
Gráfico 4.1 – Santo André – Índice de Participação do Município no ICMS	123

Gráfico 4.2 – Santo André – Participação dos Empregos Industriais	124
Gráfico 4.3 – Santo André – Evolução da arrecadação do IPTU	125
Gráfico 4.4 – Santo André - Arrecadação dos impostos municipais	125
Gráfico 4.5 - Santo André – Resultados da Pesquisa (I)	181
Gráfico 4.6 – Resultados da Pesquisa (II)	182
Gráfico 4.7 - Resultados da Pesquisa (III)	183
Gráfico 4.8 – Resultados da Pesquisa (IV)	185

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Região Metropolitana de São Paulo	35
Mapa 2 – Grande ABC	36
Mapa 3 – RMSP – Índice Paulista de Responsabilidade Social	38
Mapa 4 – Santo André	45
Mapa 5 – Plano Diretor de Santo André – Zoneamento	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1 - Sinopse dos desmembramentos ocorridos em Santo André	36
Quadro 1.2 - Montadoras de veículos: transformações no controle do capital	57
Quadro 1.3 - Alterações na estrutura industrial de Santo André (1975-1991)	64
Quadro 3.1 – Áreas industriais contaminadas e reabilitadas no Grande ABC	118
Quadro 3.2 - Áreas industriais contaminadas – Santo André	119
Quadro 4.1 - Algumas alterações no setor têxtil	130
Quadro 4.2 - Algumas empresas do setor de alimentos	134
Quadro 4.3 – Algumas empresas do setor de gráficas e editoras	137
Quadro 4.4 – Algumas empresas do setor de madeiras e mobiliário	139
Quadro 4.5 – O setor de autopeças	143
Quadro 4.6 – O setor de máquinas e equipamentos	145
Quadro 4.7 - Metais Aço Ferro Alumínio	147
Quadro 4.8 – O segmento metalúrgico	149
Quadro 4.9 – Indústria mecânica	152
Quadro 4.10 – Materiais elétricos e eletrônicos	155
Quadro 4.11 – Plásticos	158
Quadro 4.12 – Borracha	161
Quadro 4.13 - Composição acionária da PQU em 1994	165
Quadro 4.14 – Química	168
Quadro 4.15 - O segmento de fertilizantes	171
Quadro 4.16 - Outras indústrias existentes em Santo André	177

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1 – Grande ABC – População	40
Tabela 1.2 – Distrito da Estação (Santo André) - Principais indústrias - 1937	52
Tabela 1.3 – O Plano de Metas de JK	55
Tabela 3.1 – Participação da Indústria no Valor Adicionado Fiscal – 2010	
Municípios selecionados	113
Tabela 3.2 – Grande ABC - População ocupada por setores – 2011	113
Tabela 4.1 – Situação das empresas existentes (até) 1991	182
Tabela 4.2 - Situação geral das empresas existentes (até) 2013	183
Tabela 4.3 - Principais destinos das empresas que saíram de Santo André	184

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANIP	Associação Nacional de Fabricantes de Pneus
APL	Arranjos Produtivos Locais
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAD	Computer-aided design
CADE	Conselho Administrativo de Defesa Econômica
CBC	Companhia Brasileira de Cartuchos
CETESB	Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental
CIESP	Centro das Indústrias do Estado de São Paulo
CIMA	Companhia Industrial de Material Automobilístico
COSIPA	Companhia Siderúrgica Paulista
DGABC	Diário do Grande ABC
FEI	Faculdade de Engenharia Industrial (São Bernardo do Campo)
FHC	Presidente Fernando Henrique Cardoso
FIESP	Federação das Indústrias do estado de São Paulo
GEIA	Grupo Executivo da Indústria Automobilística
I.R.F.M	Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo
ICMS	Imposto sobre circulação de mercadorias e serviços
IMES	Instituto Municipal de Educação Superior (São Caetano do Sul)
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
IPRS	Índice Paulista de Responsabilidade Social
IPTU	Imposto sobre a propriedade territorial urbana
ISAM	Indústria Sulamericana de Metais
ISS	Imposto sobre serviços
ITA	Instituto de Tecnologia Aeronáutica
JIT	Just in Time
JK	Presidente Juscelino Kubitscheck de Oliveira
PIB	Produto Interno Bruto
PMSA	Prefeitura Municipal de Santo André
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
PQU	Petroquímica União
RECAP	Refinaria de Capuava
REDESIST	Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas
SPL	Sistemas Produtivos e Inovativos Locais
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFSCAR	Universidade de São Carlos
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIABC	Universidade do Grande ABC
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
VAF	Valor Adicionado Fiscal
TRF	Tribunal Regional Federal
TJSP	Tribunal de Justiça de São Paulo
TRT	Tribunal Regional do Trabalho

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO	20
Hipótese	22
Justificativa da Pesquisa	22
Considerações Teóricas	24
Revisão Bibliográfica	26
Metodologia	28
Limitações da Pesquisa	32
CAPÍTULO 1 – ASPECTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS DA INDUSTRIALIZAÇÃO DE SANTO ANDRÉ	35
1.1 - O Grande ABC no contexto da Região Metropolitana de São Paulo	35
1.2 – O Município de Santo André: A paisagem urbana e o uso do solo	45
1.3 - A primeira fase da industrialização andreense	48
1.3.1 - A Industrialização restringida	48
1.4 – A segunda fase da industrialização andreense	54
1.4.1 - Os Anos 50 – 80 - A Industrialização pesada	54
1.4.2 - A indústria automobilística	56
1.4.3 – O Milagre Econômico	59
1.4.4 - Santo André, 1970-1990 - “Da Capital do Trabalho à Crise Econômica”	60
1.5 – A década de 90 e o início dos anos 2000	62
CAPÍTULO 2 - O PROCESSO DE CENTRALIZAÇÃO DO CAPITAL	72
2.1 – O processo de centralização do capital	73
2.2 – As crises como indutoras do processo de centralização do capital	76
2.3 – O Capital Financeiro	79
2.4 – Aquisições, Fusões, Incorporações e Eliminação da Concorrência	81
2.5 – A reestruturação produtiva	83
2.6 – Relocalização Industrial e Dispersão Industrial (Estratégias de Multi-localidades)	86
2.7 – Desindustrialização	89
2.8 – Algumas considerações sobre o processo de centralização de capital	91
CAPÍTULO 3 – AS ECONOMIAS E AS DESECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO	92
3.1 - Externalidades ou Economias de Aglomeração	92
3.1.1 - As economias de urbanização	93
3.1.2 – As economias de localização	94
3.2 - As Deseconomias de Aglomeração	98
3.3 – A Guerra Fiscal	100
3.4 – Os movimentos de Relocalização Industrial	102
3.4.1 - Um novo direcionamento industrial	102
3.4.2 - Evasão Industrial - Por que várias indústrias transferiram-se de Santo André?	104
3.5 – Alguns exemplos da importância das economias de aglomeração e das deseconomias de aglomeração no Grande ABC	109

3.5.1 - Ausência e/ou custo de terrenos	110
3.5.2 - Os indicadores econômicos	112
3.5.3 – Deficiências pontuais no sistema de transporte	115
3.5.4 – As enchentes	116
3.5.5 - A poluição do ar, do solo e dos recursos hídricos	117
3.6 – Economias e deseconomias de aglomeração: um balanço	120
CAPÍTULO 4 - AS ALTERAÇÕES NA ESTRUTURA INDUSTRIAL DE SANTO ANDRÉ	122
4.1 – Alguns indicadores econômicos	123
4.2 - Os efeitos da Reestruturação Produtiva em Santo André	126
4.3 – As alterações na estrutura industrial	128
4.3.1 - O caso das antigas indústrias têxteis	128
4.3.2 - O setor de alimentos	133
4.3.3 – O setor gráfico	136
4.3.4 – O setor de madeiras e mobiliário	138
4.3.5 - O setor de autopeças	141
4.3.6 - O setor de máquinas e equipamentos	144
4.3.7 – O setor metal-mecânico	146
4.3.8 – As indústrias metalúrgicas e as indústrias mecânicas	149
4.3.9 – O setor de materiais elétricos e eletrônicos	155
4.3.10 – O setor dos plásticos	158
4.4 – Os setores que sustentam a indústria de Santo André: borracha e química	161
4.4.1 – O segmento das indústrias de borracha	161
4.4.2 – As indústrias químicas e petroquímicas	163
4.4.3 - Uma breve nota sobre o Pólo Petroquímico de Capuava	164
4.4.4 - As indústrias de fertilizantes	171
4.5 - Outras empresas existentes em Santo André	173
4.6 – Resumo da situação das empresas pesquisadas	181
4.7 – Desvalorização e destruição de capital	186
4.8 – Antigas Formas/Novos Conteúdos	198
4.9 – A (Re)Valorização do Capital	204
CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
REFERÊNCIAS	215

À minha avó Palmira
e ao meu avô Seraphim,
com muita saudade ...

APRESENTAÇÃO

Cadê a fábrica que existia aqui?

Houve uma época no século XIX e nos primórdios do século XX em que toda a área que hoje se conhece como Grande ABC denominava-se São Bernardo e um de seus distritos era o bairro da Estação, parada intermediária do trem que trazia, além de gente honrada, coisas bonitas do exterior e levava café para o gringo beber.

A estrada de ferro São Paulo Railway chamada pelo povo de “a inglesa” deu origem ao que hoje é Santo André, estimulou a instalação de indústrias e atraiu muito trabalhador para as bandas da Borda do Campo.

Na primeira metade do século, Santo André produzia de tudo um pouco. Fabricavam-se produtos químicos e farmacêuticos, fabricava-se também o “lança perfume no cangote da menina”¹ (Rhodia).

Produzia-se na região muito pano, desde tecidos simples de chita, lã, casemira, algodão (Tognato, Kowarick, Ipiranguinha) até lingeries de reconhecida qualidade, pois afinal “o primeiro sutiã a gente nunca esquece”² (Valisére/Rosset). E produzia-se na cidade muito fio, elo da cadeia têxtil e da borracha: nylon, poliamida, acetato, fios para pneus (Rhodia).

Na cidade fabricava-se muita carne enlatada, salsichas e outros embutidos (Swift), moía-se e ensacava-se muita farinha de trigo (Moinho São Jorge, Moinho Santo André) e a cidade produzia móveis também (Streiff e inúmeras indústrias em São Bernardo). Até a metade do século XX já se fazia muito cabo elétrico e pneu na cidade (Pirelli e Firestone).

¹ Festa Profana, samba de enredo da União da Ilha – RJ. (1989). Antes importado da Argentina, a Rhodia passou a fabricar o lança-perfume em Santo André em 1922. Seu uso e fabricação no Brasil foram proibidos em 1961.

² Propaganda premiada criada em 1987 pela agência W/Brasil para a Valisére, já sob o controle do Grupo Rosset.

No então distrito de Mauá fabricava-se vidro e porcelana fina, daquela que ficava exposta (ou guardada) no armário da mãe e da vovó (Santa Marina, Real/Schmidt), e montavam-se carros no então distrito de São Caetano (General Motors).

Até que interesses diversos retalharam o município e o que era um virou sete. E a população aprovou, pois ficou mais fácil reclamar dos problemas das cidades, cobrar dos prefeitos e dos vereadores as melhorias solicitadas, e falar mal deles também.

Anos mais tarde, já nas décadas de 50 e 60, muitas outras empresas vieram se instalar em Santo André. Indústrias vieram produzir elevadores (Otis), caminhões (International/Chrysler/Volkswagen), ferros de passar e ferramentas (GE/Black & Decker), e autopeças (Cofap, Baukus, Cima, Festo, KS Pistões, Eaton).

Chegaram várias fábricas de tintas, usadas para embelezar residências, lojas e indústrias (Coral, Privilégio, General), e fábricas de adubos e fertilizantes para germinar e crescer nossa produção agrícola (Adubos Copas, IAP, Quimbrasil, Takenaka).

Consolidou-se na cidade um imenso complexo químico e petroquímico (Petroquímica União, Solvay, Rhodia, Unipar) e um forte setor metal-mecânico (Fichet, Coferraz, Turin, Krause, Alcan, Laminação Nacional de Metais/Eluma entre outras). E se fabricava muita bala! ... doces (Balas Juquinha) e “amargas”, como nem tudo é perfeito, produzia-se muita munição (CBC).

Cada vez mais, como “indústria atrai indústria”³ parecia que o crescimento não só de Santo André, mas também das cidades vizinhas - como São Bernardo, berço da indústria automobilística brasileira (Volkswagem, Ford, Scania, Mercedes-Benz, Toyota), São Caetano com a gigantesca fábrica da General Motors e Mauá com a recém instalada Refinaria de Capuava – não iria cessar, e cada vez mais migrantes chegavam à região.

³ LANGENBUCH (1971, p. 109).

O emprego naquela época (anos 60 e 70) era abundante. O operário saía de uma indústria e dias depois já estava empregado em outra. Existia até certo tipo de “espionagem” entre as firmas na procura de pessoal qualificado. Decerto que não era “o emprego dos sonhos”, pois as condições de trabalho eram difíceis, mas os salários eram melhores quando comparados aos pagos em outras partes de um país que praticava formas pré-capitalistas em seus confins.

Todavia a partir dos anos 80 o “eldorado industrial” começou a desvanecer. “Tudo o que é bom dura pouco”. Não conseguiu sair incólume da grave crise vivida pelo país nos anos 80, a chamada década perdida que começou na região com grandes greves, prisões, saques nos supermercados, quebra-quebra e demissões em massa. E as empresas começaram a se reestruturar: “olha a máquina chegando aí gente”. Eram tempos difíceis os anos 80, tempo de desemprego e inflação alta, num dia era um preço, no dia seguinte já tinha subido e “o salário, ó”.⁴ Planos mirabolantes foram criados para controlar a inflação, “fiscais do Sarney” pontuaram em todo o país, porém “o cruzado tanto fez que virou lata”.⁵

Foi a partir dos anos 80 e principalmente nos anos 90 que a região começou a mudar, em especial Santo André que começou a ver muitas de suas indústrias fecharem, umas se transferindo para o Interior, outras simplesmente fechando, as grandes que ficaram se modernizaram e “o robô roubou a festa”⁶ fazendo com que muito pai de família fosse para o olho da rua.

Hoje, tudo mudou; a cidade continua industrial, mas reestruturada. Comparado com o passado, pouca gente trabalha nas fábricas, não se ouve mais os “os três apitos” de Noel⁷, não tem mais o pó preto que sujava as roupas que se colocava nos varais; aliás, muita gente não tem nem varal, nem quintal, foram tantos

⁴ Bordão do humorista Chico Anísio no programa Escolinha do Professor Raimundo. E os salários dos professores permanecem baixos até hoje!

⁵ Em busca do ouro, samba de enredo do Acadêmicos do Salgueiro – RJ (1988).

⁶ Quase Ano 2000, samba de enredo da Imperatriz Leopoldinense – RJ (1998).

⁷ Três apitos – Noel Rosa (1933).

os prédios que construíram na cidade que alguns bairros ficaram irreconhecíveis. Santo André virou uma “Selva de Pedra”.⁸

Algumas coisas não mudaram tanto na cidade: as enchentes continuam com “as águas de março fechando o verão”⁹, o trânsito caótico e o péssimo sistema de transporte coletivo também: os ônibus são demorados e lotados, as passagens caras e apesar do trem ser um sistema de transporte confiável e regular, é tão cheio que nos faz lembrar que “lá na Central o suburbano vem, chacoalhando a tristeza no balanço do trem”.¹⁰

As favelas persistem na cidade: as “saudosas malocas”¹¹ que de queridas não têm nada, aumentaram de tamanho e quantidade enquanto a cidade assiste a um imponente boom imobiliário onde casas térreas e antigas fábricas são demolidas para darem lugar a novos empreendimentos imobiliários, tudo financiado por um poderoso sistema de crédito constituindo um ciclo de desvalorização e destruição de capital que proporciona, em novos patamares, uma revalorização do capital.

Na busca pelo lucro imobiliário, “tudo o que é sólido desmancha no ar”¹², destrói-se tudo e em antigas fábricas nem a chaminé foi poupada. A questão que tentamos responder nesta dissertação é a seguinte: Cadê a fábrica que existia aqui?

⁸ Selva de Pedra (1972) novela de autoria de Janete Clair. Talvez tenha sido a melhor obra de dramaturgia produzida no Brasil. Naquela época, boa parte do país parava para ver a novela. Com o aumento do número de edifícios construídos, o termo Selva de Pedra passou a representar as cidades, em especial as áreas verticalizadas. Uma interessante descrição encontra-se em: FERREIRA, Carlos E. P., “Natureza e cidade: A conceituação e o tratamento do residencial na publicidade imobiliária – análise contrastiva, décadas de 1970 e 2000”. Tese de Doutorado, Campinas: Unicamp, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000881863>>. Acesso em 10 maio 2013.

Ver também a resenha publicada no Jornal da Unicamp: Da selva de pedra ao paraíso perdido, disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/555/da-selva-de-pedra-ao-paraiso-perdido>>. Acesso em 10 maio 2013.

⁹ Águas de Março – Tom Jobim (1972).

¹⁰ O Poeta falou: Zona Leste somos nós! Samba de enredo da Nenê de Vila Matilde – SP (1988).

¹¹ Saudosa Maloca – Adoniram Barbosa (1951).

¹² Karl MARX & Friedrich ENGELS – Manifesto Comunista (1848).

INTRODUÇÃO

“... as empresas capitalistas vêm e vão, mudam de localização, se fundem entre si ou encerram as operações” (HARVEY, 2004 b, p. 32).

O objetivo da dissertação é analisar as transformações econômicas, mais precisamente do setor industrial, ocorridas na cidade de Santo André, localizada a sudeste da cidade de São Paulo. Esta cidade tinha um setor industrial de porte considerável, mas a participação industrial do setor secundário no PIB local caiu ao longo dos anos, o que acarretou e acarreta uma nova configuração socioeconômica na cidade quando comparamos os dados de 2010 com os de 1980. Neste período, uma quantidade importante de empresas fechou as portas. Outras dezenas saíram da cidade, procurando lugares onde os custos de produção fossem menores e onde os terrenos não fossem tão valorizados. E as grandes empresas que permaneceram no município passaram, nos anos 1990, por um profundo processo de reestruturação.

Aos poucos, Santo André vem mudando de perfil: de uma cidade tipicamente industrial, o município vem se transformando em um centro de comércio e de serviços, atividades que resultam em um baixo valor agregado e são caracterizadas por baixos salários quando comparados aos pagos pela indústria.

Neste mesmo período a cidade assiste a uma espetacular onda de empreendimentos imobiliários, tanto comerciais como residenciais, na maioria de médio e alto padrão.

É comum na cidade a construção dos chamados “sobradinhos” ou os “predinhos”¹³ levantados onde antes existiam, além de casas térreas com terrenos grandes, pequenas indústrias. É um processo de reacomodação do capital, primeiro desvalorizando uma fração de capital (industrial), para depois realocá-lo e fornecer as bases para nova acumulação em outro segmento econômico, neste caso, o setor secundário do capital (o setor imobiliário).

FOTOS 0.1 a 0.4 – BOOM IMOBILIÁRIO (I)



Foto 0.1 - Prédios de Apartamentos na Av. Andrade Neves;

Foto 0.2 – Spazio San Martin, Av. Martim Francisco, 1470. Primeiro edifício sendo construído no Jardim das Maravilhas;

Fotos 0.3 e 0.4 – “Sobradinhos” construídos recentemente na Vila Pires.

¹³ Os termos populares “sobradinhos” e “predinhos” referem-se aos novos empreendimentos residenciais multifamiliar de pequeno porte que se alastraram pela cidade. São prédios de apartamentos, geralmente com dois andares, compostos de 04 a 06 unidades, alguns possuem uma entrada comum pela rua, outros possuem entradas separadas. Geralmente são baixos os custos de condomínio. Em geral são construídos em áreas onde antes existiam pequenas fábricas e/ou principalmente onde existiam residências térreas construídas em lotes grandes. Comparados às antigas casas térreas que possuíam vários cômodos e um quintal, os sobradinhos são tão pequenos que geralmente os novos moradores têm que mobiliar a casa com tudo planejado e novo. Como observado por David Harvey, os investimentos no setor imobiliário vão desde o financiamento dos imóveis, a incorporação dos terrenos e comercialização das unidades, até o comércio de materiais de construção e de móveis planejados: “Você constrói uma casa e precisa comprar os móveis, as cortinas, tudo o que você precisa, e, se você constrói casas de um certo tipo, num estilo de consumo, precisa combinar com isso” (HARVEY, 2013).

Hipótese

Partimos da hipótese que são dois os fatores predominantes que causaram e ainda causam as alterações na estrutura industrial de Santo André. De um lado, temos os processos de *concentração e centralização de capital*; do outro lado, as externalidades negativas ou as chamadas *deseconomias de aglomeração* atuam como força de repulsão das indústrias.

Justificativa da Pesquisa

Nos últimos 20 anos tem havido na região do Grande ABC um debate acerca das transformações ocorridas principalmente após os anos 1990, quando diversas empresas da região fecharam as portas e transferiram-se para outros locais, fatos que chamaram a atenção de estudiosos, jornalistas e do Poder Público. As opiniões se dividiam: para alguns a região estava se desindustrializando (LIMA, 2001, 2002, 2003; FERREIRA, 1999, 2001); para outros estaria havendo uma reestruturação produtiva (KLINK, 2001; CONCEIÇÃO, 2008) e uma reorganização sócio-espacial (PINHO, 2007).¹⁴

O debate sobre se houve ou não desindustrialização no Grande ABC está longe do fim.¹⁵ Todavia, o mais importante é observar que mudanças ocorreram, e que no caso de Santo André houve um processo de “transformação do tecido industrial” (MORO, 2007, p. 68).

¹⁴ Tanto o Diário do Grande ABC como a Revista LivreMercado, ambas sediadas em Santo André produziram ao longo das duas últimas décadas, inúmeras reportagens sobre a saída das empresas do Grande ABC.

¹⁵ Nesta dissertação não abordaremos este debate pelas próprias diferenças existentes dentro de cada um dos sete municípios, bem como entre eles. Estudar São Bernardo do Campo é diferente de estudar Ribeirão Pires, bem como estudar Diadema é diferente de estudar Santo André. Quando visto em conjunto, o Grande ABC ainda permanece como um dos maiores centros industriais do Brasil, mas quando se diminui o nível da análise, as diferenças aparecem.

Não pretendemos afirmar que o município tenha se desindustrializado; ao contrário, muitas das grandes empresas permaneceram (já reestruturadas) na cidade. Houve também um processo de realocação industrial no qual, à procura de menores custos, várias empresas deixaram a cidade. Todavia, o que poucos estudos apontam, é o fato que muitas empresas instaladas em Santo André simplesmente fecharam as portas, algumas encerrando as atividades voluntariamente, outras sendo levadas à falência.¹⁶

FOTO 0.5 - RANDI/TÊXTILCOOPER; FOTO 0.6 - ARAMES SUPER



Com a falência da indústria têxtil Randi, um grupo de trabalhadores criou uma cooperativa que infelizmente também faliu. O imóvel sito à Rua Gil Vicente, 222 foi leiloado e provavelmente um empreendimento imobiliário de grande porte será construído no local. A fábrica da Arames Super, situada na Rua Antonio Cardoso Franco, 70 está em 2013 com as instalações industriais visivelmente abandonadas.

¹⁶ De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) 27% das empresas paulistas fecham em seu primeiro ano de atividade.

Os principais motivos para o encerramento das atividades são: "o comportamento empreendedor pouco desenvolvido; a falta de planejamento prévio; a gestão deficiente do negócio; a insuficiência de políticas de apoio; as flutuações na conjuntura econômica e os problemas pessoais dos proprietários" (SEBRAE, 2012).

O estudo completo encontra-se disponível em:

<http://www.sebraesp.com.br/arquivos_site/biblioteca/EstudosPesquisas/mortalidade/mortalidade_12_anos.pdf>. Acesso em 30 maio 2013.

Considerações Teóricas

Partindo de uma abordagem de orientação marxista, compreendemos como inevitáveis em uma economia capitalista os processos de concentração e centralização de capitais. A própria mecânica capitalista é a de acumulação de riquezas. Tal processo de acumulação dá-se de diversas formas: através da exploração da força de trabalho, pelo progresso técnico decorrente dos sistemas de inovação e pelo uso intensivo da maquinaria.

Na passagem do paradigma fordista para o de “acumulação flexível” (HARVEY, 2001) as grandes empresas, para manterem seus níveis de lucratividade, procuraram obter “uma ampla centralização do capital e posição de mercado, e a ávida proteção das vantagens tecnológicas (...) por meio de direitos de patente, leis de licenciamento e direitos de propriedade intelectual” (HARVEY, 2004 b, p. 85).

A centralização de capital também ocorre através (e por causa) da estreita ligação com o capital financeiro e ainda através da concorrência entre as empresas, o que resulta geralmente na aquisição, fusão e incorporação de empresas e também na aniquilação das empresas mais fracas.

Já os processos de desenvolvimento das chamadas economias de aglomeração (e sua antítese: as deseconomias de aglomeração) são abordados considerando que a aglomeração de empresas em um mesmo lugar resulta na sinergia, cooperação e crescimento das mesmas. Porém, com o crescimento e desenvolvimento do lugar, a aglomeração torna-se desvantajosa: problemas de alto custo da terra, congestionamentos, poluição, movimento sindical atuante são fatores que resultam em custos extras a serem suportados pelas empresas.

As estratégias de instalação de fábricas em vários lugares e/ou a transferência de plantas produtivas, com o subsequente fechamento das unidades mais antigas ou localizadas em áreas congestionadas, fazem parte das estratégias de redução de custos, o que permite uma maior lucratividade, conseqüentemente uma maior

acumulação, o que leva inexoravelmente à centralização de capital por parte dos grandes grupos econômicos.

Por fim, observamos como a paisagem urbana de Santo André está se transformando. Percebemos a paisagem da forma que Milton Santos definiu:

tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 1988, p. 61).

FOTO 0.7 - MOTEL NA AV. INDUSTRIAL



Mudança no uso do solo. Mudança na paisagem.¹⁷

FOTO 0.8 - PRÉDIOS EM CONSTRUÇÃO - VILA PIRES



Novos edifícios residenciais sendo construídos na Rua 21 de Abril na Vila Pires.

¹⁷ Nem tudo o que reluz é ouro. A Avenida Industrial, como o próprio nome diz, só possuía indústrias em seus quase 3,5 km de extensão. Desde os anos 1980 é um ponto de prostituição masculina. Com o projeto de requalificação urbana na Av. Industrial (entre a Estação até o Bairro Jardim), os travestis foram se concentrando no trecho da Est. Pref. Saladino até as proximidades da UNIABC (próximo à Utinga). Com o fechamento de várias indústrias neste trecho, surgiram alguns hotéis e motéis para atenderem a demanda causada pela incipiente "indústria do sexo". O capital é amoral ...

Revisão Bibliográfica

Em nossa dissertação optamos sempre que possível por uma abordagem interdisciplinar. Utilizamos na elaboração principalmente obras da Economia e da Geografia e também consultamos obras de autores de outras áreas como História e Sociologia. Todavia, dada nossa formação, fizemos nossa dissertação sob um olhar principalmente geográfico.

No capítulo 1, após uma explanação sobre algumas características geográficas da Região do Grande ABC e do município de Santo André, tratamos do histórico da industrialização andreense, onde o fizemos sob uma forma principalmente descritiva, utilizando a obra pioneira de Jurgen Langenbuch e algumas obras já quase clássicas de economistas do Instituto de Economia da Unicamp, principalmente as de Wilson Cano e de João Manuel Cardoso de Melo.

As principais conclusões do capítulo apontam ao fato de que a industrialização de Santo André, por ser mais antiga que a dos demais municípios da região, apresentou características diferentes no tocante ao porte e à estrutura industrial. O segundo fato percebido foi o aparecimento “premature” das chamadas “deseconomias de aglomeração” já nos anos 80, em um processo que se acentuou nas décadas seguintes.

No capítulo 2, nosso ponto de partida foi o estudo da obra *O Capital* de Karl Marx, cujo capítulo XXIII do primeiro volume é dedicado à análise dos processos de concentração e centralização de capital. Utilizamos também os estudos posteriores feitos por Michel Aglietta, Anita Kon, François Chesnais, além das diversas obras de David Harvey, trabalhos que aprofundam e desenvolvem os alicerces deixados por Marx. Esse capítulo apresenta uma análise detalhada do processo de centralização de capital, que influenciou (e continua influenciando) as decisões tomadas pelas empresas que se localizam(vam) em Santo André. Os diversos casos de aquisições, absorções e fusões ocorridos entre empresas da região são observados da mesma

maneira em que os processos recorrentes da chamada “reestruturação produtiva” são ao mesmo tempo (dialeticamente) causa e conseqüência da centralização de capital.

O capítulo 3 apresenta uma análise dos processos denominados de economias e deseconomias de aglomeração. São discutidas algumas características benéficas da aglomeração de empresas em um mesmo lugar e também as suas contrapartidas, os efeitos das externalidades negativas. Fenômenos como a Guerra Fiscal, a evasão industrial e a realocização industrial são observados, assim como algumas das conseqüências que as deseconomias de aglomeração trouxeram (e ainda trazem) para o município de Santo André. Uma publicação do Banco Mundial e uma obra do geógrafo canadense Roger Hayter trouxeram fundamentos sobre as economias e deseconomias de aglomeração.

O capítulo 4 constitui a parte empírica da dissertação, onde constatamos os efeitos dos processos de centralização de capital e das deseconomias de aglomeração que alteraram de forma significativa a estrutura industrial de Santo André. O elemento central deste capítulo é uma investigação que efetuamos, detalhada abaixo. Mas também complementamos nossa pesquisa em algumas dissertações, teses e artigos recentemente publicados.

Os resultados obtidos na pesquisa empírica foram para nós de certa maneira, surpreendentes. Não houve em Santo André apenas um processo de reestruturação produtiva e de realocização industrial. Houve também muitos casos de desvalorização e até mesmo de destruição de capital industrial. Fábricas inteiras demolidas proporcionam ao capital novas bases para futura acumulação na forma de empreendimentos imobiliários. As diversas obras do geógrafo britânico David Harvey foram fundamentais para o entendimento das mudanças ocorridas no modo de produção capitalista nos últimos anos, e nos ajudaram a compreender a dinâmica destas transformações no município de Santo André.

Por fim, o capítulo 5, trata das considerações finais. Além de uma síntese dos resultados obtidos na Dissertação, o capítulo traz alguns pontos que poderão ser aprofundados em estudos posteriores.

Metodologia

Além da revisão bibliográfica, foi necessário o trabalho empírico. A base de dados com as principais indústrias da cidade foi obtida em nosso trabalho de Graduação (FERREIRA, 2000) que consistiu em um árduo trabalho de pesquisa empírica. Junto a esse levantamento inicial, adicionamos uma lista de empresas existentes no município em 1991, divulgadas em uma publicação produzida em 1992 pela Delegacia Regional de Santo André do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP).

Pesquisamos um total de 325 empresas existentes até 1991. No decorrer da pesquisa, acrescentamos mais 132 empresas que se instalaram na cidade após 1992, totalizando 457 empresas.

Tabulamos os dados e através do uso da Internet, tanto no serviço de busca, nas consultas aos catálogos telefônicos e visitas aos websites das empresas, verificamos a situação atual da empresa: se ela permanece na cidade, transferiu-se ou fechou.

Em um esquema geral, mostrado na figura abaixo, verificamos as indústrias pesquisadas que se encontravam localizadas em Santo André, classificando-as em três grandes grupos de acordo com sua situação hoje:

Figura 0.1 – Indústrias em Santo André



Convém ressaltar que a série de informações sobre a evolução das indústrias de Santo André apresentada nos quadros produzidos pelo autor nos capítulos 1 e 4 é o resultado de anos de pesquisa, além da vivência como morador da região.

Os quadros foram criados obedecendo alguns critérios como: o nome da empresa e se houve alteração do controle acionário, o nome do grupo econômico que a comprou; o endereço da unidade industrial; a ocupação do espaço da fábrica, caso a empresa tenha transferido sua fábrica, colocamos o destino e caso a empresa possua outras unidades, também as descrevemos. Por fim, e que não deixa de ser importante, o lugar onde se localizam a sede da empresa e no caso de empresas transnacionais, também a cidade e o país de origem do grupo econômico.

Ao longo do tempo, houve consideráveis mudanças na cidade e consultas com moradores e trabalhadores da cidade, utilização de listas telefônicas, consultas às publicações e estudos e um intenso trabalho de busca na rede mundial de computadores nos ajudaram a montar um panorama muito amplo das indústrias existentes na cidade nos últimos anos.

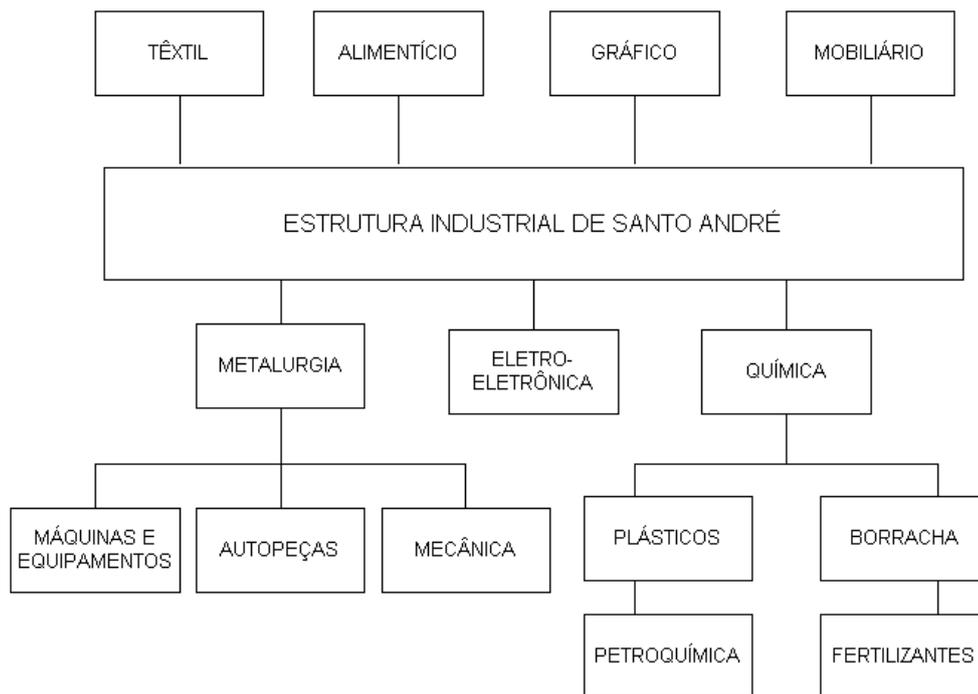
No capítulo 4 criamos 14 quadros onde estão listadas as empresas pesquisadas existentes no município até 1991. No decorrer do levantamento empírico observamos que diversas empresas se instalaram na cidade após 1992, para essas empresas criamos um quadro específico.

Optamos em dividir as empresas por setores de atividades para não tornar cansativa a leitura e obedecemos a uma ordem seqüencial existente no Catálogo das Indústrias. Atualizamos as informações sobre as indústrias até a data de 30 de maio de 2013.¹⁸

¹⁸ Como qualquer trabalho, este também é (e será) um trabalho datado. Devido à dinâmica capitalista, essencialmente transformadora, incansavelmente produzindo e reproduzindo o espaço geográfico à sua maneira, possivelmente na data de publicação desta Dissertação ou posteriormente, algumas mudanças terão ocorrido e provavelmente ocorrerão na composição acionária das empresas, na localização industrial ou até mesmo no encerramento de suas atividades.

Mostramos na Figura 0.2 os segmentos pesquisados, esclarecendo que não existe uma hierarquia entre os setores industriais, existe apenas uma ordem de apresentação no decorrer do capítulo.

Figura 0.2 - Estrutura industrial por segmentos de atividade.
Segmentos pesquisados.



Elaborado pelo Autor.

O desenvolvimento dos novos meios de comunicação, principalmente a Internet, proporcionam o acesso a um ilimitado “mundo” de conhecimento, basta saber “o quê” e “onde” procurar. Neste ponto é inestimável o auxílio proporcionado pela empresa Google Inc. através de seu serviço de busca na web e de um de seus produtos: o Google Maps. Em parte dos casos, optamos pelo serviço do Google Maps para visualizar o endereço fornecido e a atual atividade econômica do local.¹⁹

¹⁹ Estamos cientes da limitação causada pelo uso da Internet, principalmente em relação à fidelidade das informações. Com o conhecimento empírico do território andreense, contornamos tal limitação com a pesquisa de campo.

Outra parte do trabalho empírico consistiu em um levantamento fotográfico. Utilizamos algumas imagens provenientes do Google, assim como de alguns outros autores, todavia a maior parte das fotografias apresentadas nesta dissertação pertence ao autor e foram tiradas em dois momentos específicos: entre os anos de 1996 a 1998 e no primeiro semestre de 2013.

O lapso temporal das fotografias permite a constatação das transformações ocorridas em diversas partes do município de Santo André.

No caso das várias empresas que fecharam, a falta de informações sobre a ocupação do espaço da fábrica, nos levou ao trabalho de campo *in situ*, feito no início do ano de 2013. Percorremos boa parte da cidade a pé e foi no trabalho de campo, que seguida e repetidamente surgia a seguinte pergunta: cadê a fábrica que existia aqui?

Encontramos de tudo um pouco no nosso trabalho de campo: galpões industriais destruídos, shoppings centers e estabelecimentos comerciais construídos onde antes existiam fábricas, muitos novos hotéis espalhados pela cidade e vários travestis nas bandas da Av. Industrial e da Rua dos Coqueiros. Vimos muitos bares e botecos e uma infinidade de “sobradinhos”, edifícios comerciais e residenciais que foram construídos e outros que estão em construção em áreas que antes foram industriais. Muitos estabelecimentos comerciais fechados e muita sujeira na cidade.

O que menos vimos foram fábricas em funcionamento. Mas elas ainda estão na cidade e funcionando “a todo vapor”. Vimos e admiramos o luxo e o porte dos novos edifícios que estão sendo construídos, a beleza arborizada de muitos bairros, a quantidade e a variedade do comércio andreense. E principalmente percebemos como parte da cidade está mais moderna, bem parecida com alguns bairros paulistanos.

No capítulo 4 já estão tabulados os resultados, ao invés de fazer uma única e longa lista, optamos por dividir as empresas por setores de atividade e intercalar a análise entre as tabelas.

Limitações da Pesquisa

A pesquisa empírica sobre as grandes empresas que existiam em Santo André nos últimos 30 anos e as que permanecem na cidade foi facilmente realizada, o mesmo não ocorrendo com diversas indústrias de pequeno porte que existiam na cidade e que por diversas razões encerraram as atividades.

A primeira limitação da pesquisa foi a impossibilidade de obtenção de um cadastro industrial do município. Ao longo da última década tentamos três vezes conseguir o documento e a resposta foi sempre a mesma: tratava-se de informação sigilosa. Como alternativa utilizamos uma publicação avulsa publicada em 1992 pela diretoria regional do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP), publicação onde constavam as principais indústrias da cidade. A série de quadros produzidos no capítulo 4 tem como base as indústrias existentes na cidade em 1991.

A segunda limitação da pesquisa foi a dificuldade em obter informações sobre o destino de diversas indústrias de pequeno porte. Para contornar esta limitação, foi necessário o uso intensivo de pesquisa em vários sites na Internet ²⁰ e a própria pesquisa empírica, onde constatamos a situação atual da empresa. Em conversas com moradores da cidade conseguimos as respostas que necessitávamos, mas em alguns casos, a situação e o destino de algumas (poucas) indústrias permaneceram incertos.

A terceira limitação da pesquisa, observada principalmente no trabalho de campo, foi a ausência de qualquer identificação da empresa na frente de seu estabelecimento.

²⁰ Além do onipresente Google, <<http://www.google.com>>, outros sites foram importantes na pesquisa: Informações do Brasil, <<http://www.informacoedobrasil.com.br/index.html>> site que compila diversas informações econômicas do último censo do IBGE.

O site da Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP) fornece informações detalhadas sobre as empresas registradas no Estado de São Paulo. Algumas informações são disponibilizadas gratuitamente.

Cf. <<http://www.jucesp.sp.gov.br>> e <<https://www.jucesponline.sp.gov.br/Default.aspx>>.

Os sites da Justiça Federal (Tribunal Regional Federal), <<http://www.jfsp.jus.br/foruns-federais/>> e do Tribunal de Justiça de São Paulo, <http://www.tjsp.jus.br/PortalTJ3/Paginas/Pesquisas/Primeira_Instancia/Litoral_Civel/Interior_Por_comarca_interior_litoral_civel.aspx> disponibilizam ao público os andamentos processuais. Os sites da Justiça Federal e Estadual foram excelentes fontes de informação sobre os Processos de Execução Fiscal que diversas empresas instaladas na cidade respondem.

Outros sites de busca como Apontador <<http://www.apontador.com.br/>> e Telelistas <<http://www.telelistas.net/>> também foram utilizados na pesquisa.

Ao contrário das empresas mais antigas que ostentam grandes letreiros de identificação, parece que a tendência agora nas novas indústrias é apenas pintar a frente do imóvel e colocar o número.

A seqüência de fotos mostradas a seguir apresenta alguns exemplos. O pesquisador fica sem saber se é uma indústria, um galpão, um depósito, um comércio, um prestador de serviços ou uma residência. Junte-se a essa dificuldade a alteração dos números dos logradouros.²¹ Talvez por causa dessa limitação, alguns equívocos na identificação de empresas podem ter ocorridos. O autor assume a responsabilidade, mas crê que essa limitação não invalida a pesquisa no geral.

FOTOS 0.9 a 0.12 – DIFICULDADES DE IDENTIFICAÇÃO NO TRABALHO DE CAMPO (I)



Foto 0.9 – Chemicals Noxxe, situada na Rua Voluntários Paulistas, sem número e sem identificação;

Foto 0.10 – Prédio situado na Rua Imbituba, 26 sem número e identificação do uso atual;

Foto 0.11 – Antigo galpão industrial sem identificação situado na Rua Américo Guazzelli;

Foto 0.12 – Metalúrgica Pina, localizada na Rua Voluntários Paulistas, 79, a única identificação é o número no muro.

²¹ As dificuldades de encontrar o endereço correto, causadas pela alteração dos números dos imóveis ocorreram em diversos logradouros, especialmente na Rua dos Coqueiros, na Avenida Industrial e na Rua Xingu.

FOTOS 0.13 a 0.16 – DIFICULDADES DE IDENTIFICAÇÃO NO TRABALHO DE CAMPO (II)



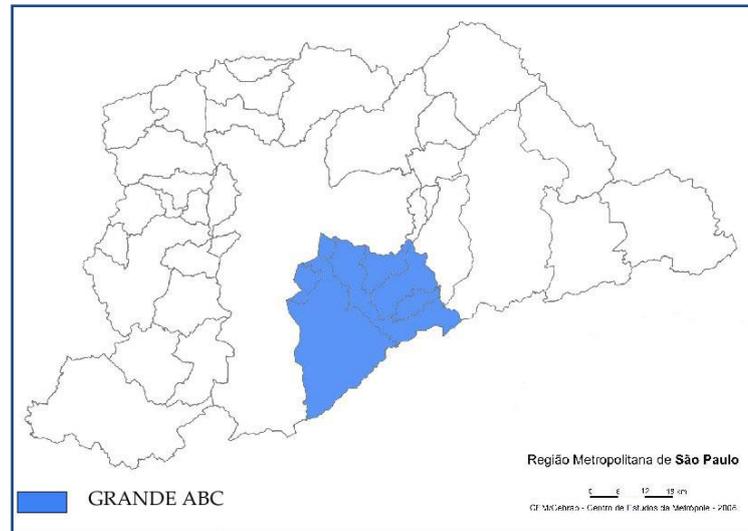
Foto 0.13 – Antiga Metalúrgica Varb, Rua dos Coqueiros 1720, antigo nº 1660, mudança de numeração dos logradouros dificultou às vezes a pesquisa;

Foto 0.14 – Imóvel fechado na Rua Cruzeiro do Sul: dificuldade de identificação;

Foto 0.15 – Imóvel industrial situado na Rua Gil Vicente, 150: diversas empresas ocuparam o imóvel ao longo do período pesquisado;

Foto 0.16 – Prédio fechado (em março de 2013) na Rua Rio Grande do Norte: sem nenhuma identificação de uso anterior. O pesquisador fica sem saber se foi uma indústria ou um comércio que ocupou anteriormente o imóvel.

Mapa 2 – Grande ABC



Fonte: Centro de Estudos da Metrópole, 2008. Adaptado pelo Autor.

Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra possuem uma mesma origem: formavam até 1945, um único município denominado São Bernardo, oficializado em 1890 e que conservou este nome até 1938 quando toda a área em que atualmente é o ABC passou a denominar-se Santo André. A partir de 1945 ocorreram os desmembramentos e o surgimento de seis novos municípios.

QUADRO 1.1 - SINOPSE DOS DESMEMBRAMENTOS OCORRIDOS EM SANTO ANDRÉ

1940	1950	1960	1970
Santo André	Santo André	Santo André	Santo André
		Mauá	Mauá
		Ribeirão Pires	Ribeirão Pires
			Rio Grande da Serra
	São Caetano do Sul	São Caetano do Sul	São Caetano do Sul
	São Bernardo do Campo	São Bernardo do Campo	São Bernardo do Campo
		Diadema	Diadema

Fonte: LANGENBUCH (1971, p. 230).

Os benefícios do desmembramento e da criação de novos municípios na RMSP constituem um dos “assuntos dos mais controversos” (LANGENBUCH, 1971, p. 232), pois se de um lado havia uma fragmentação política, por outro lado, a criação de

novos municípios permitiu a criação e a instalação de diversos equipamentos públicos, antes restritos à sede do município.²²

Quando analisado em conjunto o Grande ABC apresenta indicadores positivos, porém existem desigualdades entre os sete municípios da região e no espaço urbano de cada cidade que é extremamente diferenciado.²³

Segundo dados do Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS)²⁴ disponibilizados pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Fundação SEADE), Santo André, São Caetano do Sul e Ribeirão Pires pertencem ao grupo 1 composto de municípios que se caracterizam por um nível elevado de riqueza com bons níveis nos indicadores sociais; São Bernardo do Campo, Diadema e Mauá pertencem ao Grupo 2 que é constituído de municípios que, embora com níveis de riqueza elevados, não são capazes de atingir bons indicadores sociais, enquanto Rio Grande da Serra pertence ao Grupo 5, constituído de municípios mais desfavorecidos do Estado, tanto em riqueza como nos indicadores sociais.²⁵

Quando analisados os dados sócio-econômicos do Grande ABC em relação à Região Metropolitana, verifica-se a mesma desigualdade nos três aspectos avaliados no IPRS: riqueza municipal, longevidade e escolaridade. Segundo a Fundação SEADE:

A distribuição dos 39 municípios da RMSP nos grupos do IPRS reflete a heterogeneidade econômica e social regional. No Grupo 1, que reúne cidades com bons resultados nos três aspectos avaliados, classificaram-se São Paulo, Santo André, São Caetano do Sul, Ribeirão

²² Cf. LANGENBUCH (1971, p. 226-234) onde o autor faz uma abrangente análise das causas e das conseqüências do desmembramento ocorridos nos municípios da Grande São Paulo.

²³ Isto se torna um problema teórico-metodológico de escala espacial. Quando analisado sob uma ótica sub-regional (Grande ABC) ou regional (Região Metropolitana de São Paulo) os resultados obtidos são freqüentemente diferentes dos resultados obtidos das análises locais. Analisar os dados socioeconômicos do Grande ABC como um todo, "mascaram" as diferenças existentes entre os sete municípios. Alguns exemplos podem ser reveladores: Considerar como um todo a densidade demográfica do Grande ABC que é de 5.301 hab/km² (IBGE, Censo 2010) omite o fato que Diadema possui 12.519 hab/km² e que Ribeirão Pires possui apenas 1.144 hab km². Do mesmo modo, comparar a estrutura industrial de São Bernardo do Campo (que sedia indústrias automobilísticas), com Rio Grande da Serra, município que depende recursos estaduais e federais para se manter, faz com que a análise obtida "eclipse" a realidade. Por fim, estudar somente a indústria automobilística (ou a química) é muito mais fácil que estudar pequenas fábricas espalhadas pela cidade.

²⁴ Cf. <<http://www.seade.gov.br/projetos/iprs/>>. Acesso em 11 maio 2013.

²⁵ Cf. Definições das Variáveis e Notas Explicativas do IPRS, disponível em: <<http://apps.fiesp.com.br/atlas/Atlas/InformacaoVariavel.aspx>>. A metodologia completa do IRPS encontra-se em: <<http://www.seade.gov.br/projetos/iprs/ajuda/metodologia.pdf>>. Acesso em 11 maio 2013.

Pires, Caieiras, Osasco, Barueri e Juquitiba. Com bons indicadores de riqueza, mas deficiência em pelo menos uma das dimensões sociais, 20 localidades foram reunidas no Grupo 2. No Grupo 3, com baixo nível de riqueza e bons indicadores sociais, classificaram-se dois municípios: Santa Isabel e Poá. Entre os municípios restantes, sete pertencem ao Grupo 4, com baixo nível de riqueza e um dos indicadores sociais insatisfatório, e apenas Ferraz de Vasconcelos e Rio Grande da Serra integram o Grupo 5, com níveis insatisfatórios em todos os quesitos (SEADE, 2010).

Mapa 3 – RMSP – Índice Paulista de Responsabilidade Social –



Fonte: Fundação SEADE.

Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/projetos/iprs/ajuda/2008/reg681.pdf>>.

Acesso em 11 maio 2013.

As desigualdades existentes na RMSP são notórias e são objeto de estudo de diversos autores.²⁶

Como em qualquer metrópole mundial, de Londres ou Tóquio à Lagos ou Mumbai (Bombaim), as diferenças sócio-econômicas estão visíveis na paisagem urbana. As cidades (re)produzem ao longo do tempo, de acordo com a formação social e o modo de produção predominante, um espaço urbano diferenciado.

Uma das razões para essa diferenciação é apontada por Santos (1990, p. 63), “pois as cidades dispõem de suas próprias burguesias e de uma segmentação sócio-profissional que induz a uma segregação sócio-espacial e a uma valorização diferencial dos terrenos”.

É mister ressaltar que apesar das cidades do ABC parecerem homogêneas, a mancha urbana que encobre todo o Grande ABC está repleta de contradições, que vão desde a ocupação irregular do território, dos diferentes índices de desenvolvimento humano, da arrecadação municipal diferenciada entre as cidades até ao valor dos imóveis, afinal morar em Santo André é mais caro que viver em Rio Grande da Serra, além disso, mesmo dentro de cada município da região existem áreas com valores diferenciados.²⁷

O mesmo fenômeno aparece nos demais municípios da RMSP. A concentração da renda, os padrões de segregação urbana (VILLAÇA, 1998), a (in)adequação da infra-estrutura, o acesso (o “perto” e o “longe”²⁸) aos locais de trabalho, estudo e lazer é extremamente diferenciado na Região Metropolitana.²⁹

²⁶ Foge do escopo deste trabalho analisar a Região Metropolitana como um todo. A bibliografia sobre a RMSP é imensa e cabe destacar alguns autores que citamos nesta dissertação: LANGENBUCH (1971); SANTOS (1988; 1990); SCARLATO (1989); VILLAÇA (1998).

²⁷ JOVANOVIC (2001, p. 29) observa que “as oportunidades de êxito profissional futuro de uma criança de escola fundamental hoje são muito distintas em Rio Grande da Serra – carente de perspectivas de aumento da renda local e conseqüente evolução econômica – e cidades como Santo André ou São Caetano”.

²⁸ O perto e o longe são construções sociais, alteradas ao longo do tempo. A maior parte dos novos empregos do setor terciário avançado (relacionados às tecnologias da informação, informática, marketing, administração de empresas, entre outros ramos) é oferecida por empresas que se localizam na “Manhattan Paulistana” (região das Av. Paulista, Av. Faria Lima, Jardins, Av. Berrini e Av. Nações Unidas) e em Alphaville (Barueri) e Tamboré, áreas localizadas na parte oeste da RMSP, enquanto que a maioria da população vive no lado oposto da “Metrópole”: Zona Leste, Zona Norte, extremos da Zona Sul, Guarulhos e Grande ABC.

²⁹ Convém observar o recente direcionamento das elites paulistas para a região oeste da RMSP, em especial para áreas dos municípios de Barueri, Cotia e Santana do Parnaíba. Junto com as elites vão também os shoppings, as escolas, os hotéis, o comércio e as sedes das empresas. Boa parte dos moradores de alta renda destas cidades vive em condomínios fechados, com pouca ou nenhuma ligação com o entorno. O caso de Barueri e Alphaville é emblemático! Cf. VILLAÇA (1998). Ver também: CALDEIRA, Teresa P. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34, 2000.

Segundo os dados do Censo Demográfico de 2010 vivem no Grande ABC cerca de 2.551.328 habitantes, correspondendo a 12,96% do total da RMSP e a 6,18% do total da população paulista. A população está assim distribuída entre as sete cidades:

Tabela 1.1 – Grande ABC – População

Município	População
Santo André	676.407
São Bernardo do Campo	765.463
São Caetano do Sul	149.263
Diadema	386.089
Mauá	417.064
Ribeirão Pires	113.068
Rio Grande da Serra	43.974
Grande ABC	2.551.328
RMSP	19.672.582
Estado de SP	41.262.199

Fonte: IBGE.

Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 29 out. 2012.

São Bernardo do Campo, Santo André e Mauá são as cidades mais populosas da região, enquanto os maiores índices de densidade demográfica encontram-se em Diadema e São Caetano do Sul. Já por estarem 100% em áreas de Mananciais é relativamente reduzida a população de Ribeirão Pires e de Rio Grande da Serra.

O Grande ABC é conhecido nacionalmente pela imponência de seu parque industrial que contempla as principais indústrias automobilísticas do país. É conhecido também pela força de seu movimento sindical e por ser o berço do Partido dos Trabalhadores.

Durante décadas o Grande ABC representou o “eldorado” dos empregos industriais no Brasil. A região conta com importantes indústrias transnacionais de renome: Volkswagen, General Motors, Ford, Mercedes-Benz, Rhodia, Pirelli, Bridgestone, Solvay entre tantas. Conta também com importantes empresas nacionais como a Braskem, a Petrobrás (através da Refinaria de Capuava), a Eluma, a Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC) entre outras.

A industrialização do Grande ABC ocorreu segundo Andrade (1979) em duas fases: a primeira (início do século XX até meados dos anos 50) com a construção de fábricas ao longo da ferrovia Santos-Jundiaí e a segunda (após os anos 50) com a instalação das montadoras de veículos na Via Anchieta.

FOTO 1.1 – VISTA PARCIAL DA FÁBRICA DA VOLKSWAGEN – SÃO BERNARDO DO CAMPO



Fonte: Urbanchange. Disponível em <<http://urbanchange.eu/category/planejamento-urbano/page/35/>>. Acesso em 19 out. 2012.

Ao mesmo tempo em que o crescimento econômico enriquecia as cidades do Grande ABC, os problemas sociais também se avolumavam. Com um crescimento urbano descontrolado, aliado a uma ativa especulação imobiliária, a região viu parte de sua Área de Mananciais invadida por favelas e loteamentos irregulares.

Problemas de trânsito pesado e de congestionamentos nas principais artérias viárias da região dificultam a mobilidade urbana. A poluição dos recursos hídricos, do ar e dos solos, contribui para a queda da qualidade de vida, assim como as históricas enchentes, que nos meses de verão deixam ilhadas algumas cidades da região.

Duas pessoas, conhecidas nacionalmente, são referências quando se fala do Grande ABC: Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil e Celso Daniel, ex-prefeito de Santo André.

Retirante e migrante, Lula, assim como outros milhares de brasileiros que chegaram ao Grande ABC em busca de uma vida melhor, encontrou trabalho em uma fábrica.

Lula liderou o movimento sindical dos metalúrgicos com as reivindicações trabalhistas que culminaram com as grandes greves no final dos anos 70 e início dos anos 80. Foi perseguido e preso pelo Regime Militar. Após o restabelecimento do regime democrático, Lula tentou três vezes a Presidência da República, conseguindo sua primeira eleição para presidente em 2002, sendo reeleito em 2006.

Figura política de peso, Lula foi o primeiro trabalhador originário da camada popular a se tornar Presidente do Brasil. Na região, um dos seus legados foi a criação da Universidade Federal do ABC (UFABC).³⁰

Celso Daniel foi um prefeito que se importava com a integração dos sete municípios. O jornalista Daniel Lima considera que:

Celso Daniel foi o prefeito mais importante em toda a história político-administrativa da região por simples e lógica justificativa: ninguém na esfera pública pensou a regionalidade do Grande ABC como ele nem dispunha de arcabouço teórico tão variado e denso (LIMA, 2002 a).

Para Farah:

O compromisso com o desenvolvimento, por sua vez, ocupou lugar central nas três gestões de Celso como prefeito de Santo André, sendo também um eixo articulador de sua produção acadêmica. Sem desconsiderar a importância de um projeto de desenvolvimento nacional e tampouco desconhecer a relevância da influência de processos de âmbito nacional e internacional sobre o espaço local, ele defendia, no entanto, o desenvolvimento local e regional como estratégia capaz de enfrentar de forma eficaz os desafios oriundos da globalização e da reestruturação produtiva (FARAH, 2002, p. 111).

³⁰ O motivo de destacarmos a figura política do ex-presidente Lula neste trabalho não é de natureza político-partidária. É de natureza pessoal. Afinal, a Universidade Federal do ABC nos proporcionou todas as condições para a realização desta dissertação. Consideramos a criação da UFABC na região do Grande ABC como um avanço no sentido da democratização do acesso ao Ensino Superior no Brasil. Quem está escrevendo é filho de um pedreiro e de uma costureira.

Celso Daniel também foi um político preocupado com as transformações que estavam ocorrendo nos anos 90, causadas tanto pela reestruturação econômica que passava a região, pela expressiva transferência de fábricas para outros locais, assim como pelo fechamento de tantas fábricas que existiam na região.

O jornalista Nilton Carlos Oliveira observa em seu blog que:

Uma das boas idéias de Celso Daniel era preparar o caminho de Santo André para ocupar o enorme vazio espacial e econômico que a desindustrialização deixava naquele município, por causa da migração das indústrias automobilísticas para outras regiões do País. (...) Durante um seminário promovido aqui em São Paulo (SP) pelo Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva (Sinaenco), ao qual estive presente, ele me disse, numa entrevista, que o seu município não poderia conviver com aqueles vazios urbanos, em especial os buracos que a desindustrialização estava deixando nas contas da prefeitura e nos bolsos dos trabalhadores. Urgia encontrar soluções de médio e longo prazo para substituir aqueles vazios, por ocupações terciárias. Santo André teria de caminhar para as atividades de serviços, com a construção de shopping centers e a agregação de outras atividades para as quais a nova geração deveria estar preparada. E, com essa visão de futuro, a cidade deveria analisar as possibilidades de um redesenho urbanístico futuro. Ele me falou de outras tantas coisas objeto de suas preocupações de administrador. Eram idéias sobre infra-estrutura de transportes, a relação urbana com o entorno e, sobretudo, com a capital e a ênfase quanto à ocupação dos vazios urbanos (OLIVEIRA, 2012).

Em entrevista concedida em 2001 ao jornalista Daniel Lima, na época diretor de redação da Revista LivreMercado (entrevista republicada em 2005 no Diário do Grande ABC) Celso Daniel expõe de maneira clara quais seriam as dificuldades e quais seriam os caminhos para Santo André superar as dificuldades causadas pela reestruturação produtiva. Para Celso Daniel:

Quando falamos de terciário avançado, estamos falando de um setor extremamente heterogêneo e a respeito do qual temos imensa ignorância. Com um agravante: não tem sido suficientemente enfatizado. Esse elemento é o seguinte: a região é fortemente atrofiada do ponto de vista do setor terciário. Isso é menos verdadeiro hoje, quando se fala de atividades de lazer e entretenimento, mas é muito forte quando se fala de serviços de apoio à produção. (...) A região tem ausência desses serviços muito mais que proporcional ao parque industrial e ao restante do parque econômico que detém. Não conseguimos ao longo do século XX, e ainda não estamos conseguindo, internalizar no Grande ABC um conjunto de prestadores de serviços de apoio à produção para as atividades econômicas que já estão na região. A demanda está na região, mas a oferta é buscada fora, basicamente na capital (DANIEL, 2001 *apud* LivreMercado [2001] / DGABC, 15/04/2005).

Criador da Agência de Desenvolvimento do ABC e do Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, um dos méritos de Celso Daniel foi ter uma visão de futuro para Santo André e para o Grande ABC. Seu grande sonho era transformar Santo André em um pólo de tecnologia, que ele chamava de setor terciário avançado: “o terciário que agrega valor, o terciário avançado. Parte importante desse terciário é diretamente vinculado à produção industrial. São atividades de engenharia, de informática, de comunicações, de marketing” (DANIEL, 2001 *apud* LivreMercado [2001] / DGABC, 15/04/2005).

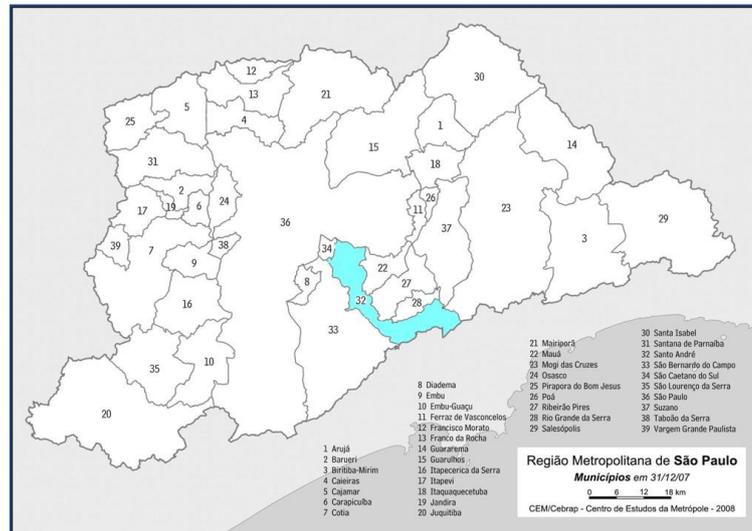
Foi o idealizador de diversos projetos sociais e urbanísticos entre os quais se destacam o programa de Requalificação Urbana na Av. Industrial, o Eixo Tamanduateí³¹ e a Cidade Pirelli; Celso Daniel foi assassinado em 2002.

Após a sua morte, passa a impressão que seus planos de integração regional, seus projetos futuristas e seu sonho de transformar a região em um pólo *high-tech*, foram sepultados junto com ele. Giovanni Cocco, em entrevista concedida ao jornal ABCD Maior comenta que “por razões políticas, a memória de Celso foi sendo esquecida e seu trabalho também” (COCCO, 2008 *apud* ABCD Maior, 12/07/2008).

³¹ Diversos autores como PASSARELLI (2005); SAKATA (2006); PINHO (2007); MORO (2007); ALVAREZ (2008), entre outros, escreveram recentemente sobre o chamado Eixo Tamanduatehy e realçam as dificuldades encontradas na implementação do projeto na cidade de Santo André.

1.2 – O Município de Santo André: A paisagem urbana e o uso do solo

Mapa 4 – Santo André



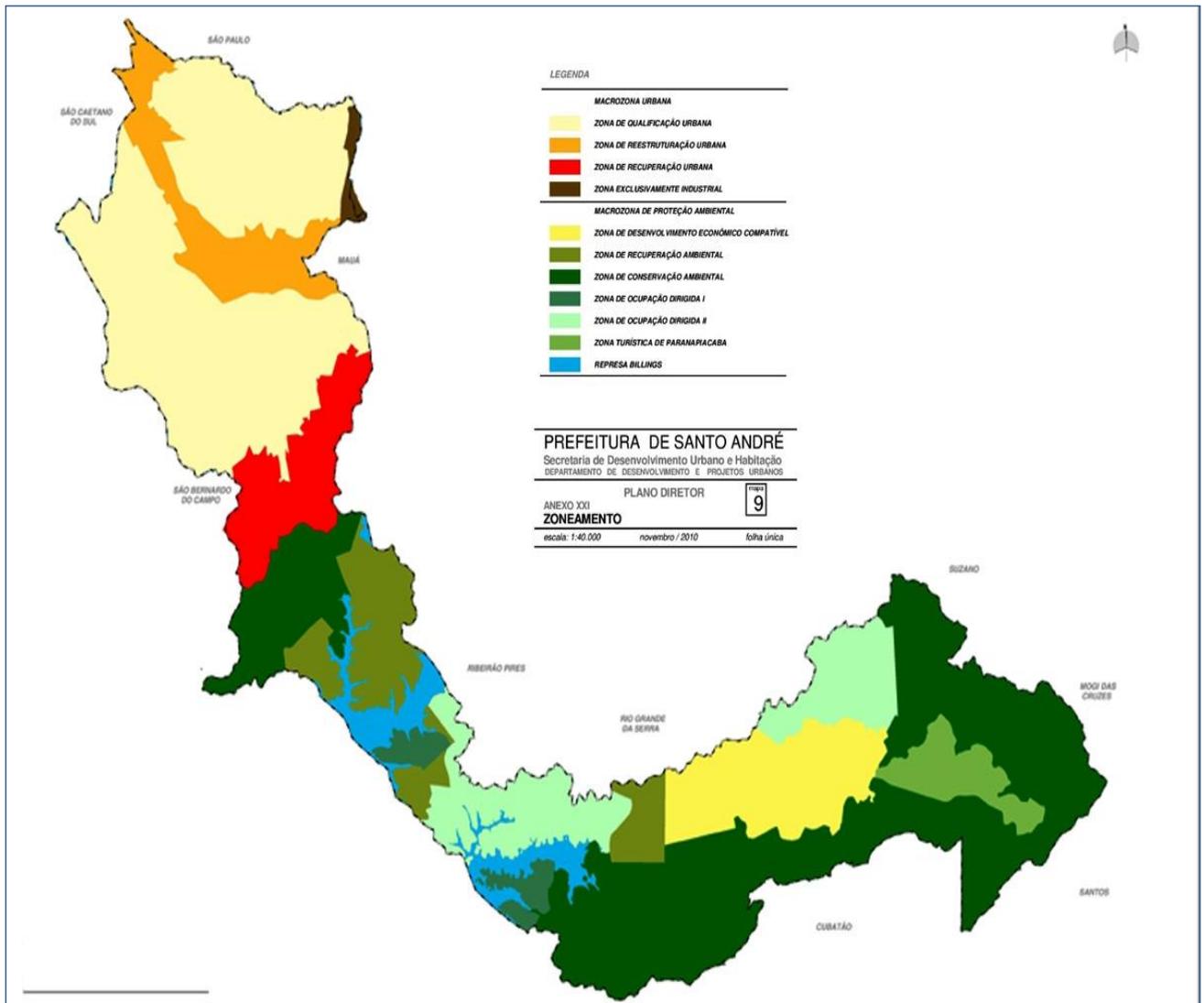
Fonte: Centro de Estudos da Metrópole, 2008. Adaptado pelo autor.

O município de Santo André possui 174,38 km² de área territorial, dividido em duas zonas: a área urbana e a área de mananciais. A área urbana ocupa 38,1% da área enquanto 61,9% da área do município encontra-se em área de proteção ambiental (PMSA, 2011). Administrativamente o município está dividido em três distritos, sendo um na área dos mananciais (Distrito de Paranapiacaba) e dois distritos (Sede e Capuava) na área urbana. O distrito Sede é composto por dois sub-distritos: Santo André e Utinga.

A paisagem urbana de Santo André é o resultado de fatores naturais, históricos e econômicos, que promoveram em pouco mais de um século a transformação de um “núcleo colonial” em um importante centro industrial e comercial, porém com conseqüências para o meio-ambiente. No perímetro urbano a paisagem foi inteiramente modificada pelo homem e da exuberante vegetação tropical da Mata Atlântica só resta algumas partes no parque municipal do Pedroso e ao sul deste, somente nas áreas de proteção aos mananciais.

Na área urbana, o uso do solo predominante é o residencial, convivendo com usos comerciais, de serviços e industriais. O uso industrial concentra-se na faixa central do município ao longo da estrada de ferro e na divisa com Mauá, na zona leste da cidade; existem, entretanto, indústrias dispersas pela malha urbana. O comércio e os serviços concentram-se na área central e ao longo das principais vias da cidade, formando corredores comerciais de forma bastante linear, conformando o centro de bairros. Algumas áreas antes residenciais estão dando lugar ao comércio e a estabelecimentos prestadores de serviços dos mais variados tipos.

Mapa 5 – Plano Diretor de Santo André – Zoneamento



Fonte: PMSA (2010)

A antiga paisagem da “zona industrial suburbana” (LANGENBUCH, 1971, p. 142) está cedendo lugar nas áreas centrais do município às torres de apartamentos e edifícios comerciais.

Locais como a Avenida Industrial e a Avenida dos Estados, antes predominantemente ocupadas por indústrias, passam por transformações urbanísticas. Surgem edifícios residenciais de alto padrão e condomínios fechados onde antes existiam fábricas. Surgem também estabelecimentos comerciais em locais antes ocupados por indústrias.

Os setores de comércio e de serviços passam a oferecer a maior parte dos empregos enquanto o emprego industrial declina ano após ano.³²

A queda do número de empregos industriais pode ser atribuída a uma série de fatores como a reestruturação produtiva ocorrida na maioria das grandes empresas instaladas na cidade; todavia, a transferência de unidades produtivas para outras cidades, o fechamento de fábricas e a falência de várias empresas também contribuíram para a diminuição dos empregos industriais, que em geral pagam salários maiores dos que os oferecidos no comércio e nos serviços.³³

³² Analisando as mudanças ocorridas nos anos 90 na Região Metropolitana de São Paulo, Nobre (2002) observa que: “a indústria teve que se reestruturar recuperar a competitividade perdida, com racionalização, automação da produção, enxugamento de pessoal, e terceirização de tarefas e atividades industriais”. O autor nota que: “houve uma forte queda dos empregos industriais, com o pessoal ocupado neste setor declinando 30% entre 1990 e 1995” (NOBRE, 2002, p. 9).

³³ Sakata (2009) cita como o principal fator para a diminuição dos empregos industriais em Santo André o “processo de descentralização e de reestruturação produtiva, diminuindo os empregos por causa da desaceleração do crescimento industrial, agravada ainda mais pela recessão da economia brasileira na década de 1980” (SAKATA, 2009, p. 191).

1.3 - A primeira fase da industrialização andreense

1.3.1 - A Industrialização restringida

A atual cidade de Santo André surgiu em 1867 como um pequeno povoado denominado Estação São Bernardo, decorrente da instalação da ferrovia. Originalmente o núcleo urbano de Santo André localizou-se nas colinas próximas à várzea do Rio Tamandateí, evitando-se à ocupação junto ao rio. Com a construção da ferrovia e a posterior instalação das primeiras fábricas, iniciou-se a ocupação de fato das áreas mais baixas e próximas à várzea.

Langenbuch (1971, p. 105) observa que além de uma incipiente função comercial, muitos dos povoados das estações ferroviárias abrigariam também uma função industrial, “compreendendo inicialmente o beneficiamento e a transformação de matérias-primas extrativas produzidas na redondeza”.

O povoado Estação São Bernardo já iniciou o século XX com dois estabelecimentos têxteis de certo vulto: Bergman e Kowarick & C, fundado em 1900, produtor de casemira de lã com 204 operários em 1909, e Silva e Seabra & C, de fundação ainda anterior, que produzia brim de algodão, e empregava 500 operários no citado ano de 1909. Graças a estas indústrias, Estação São Bernardo, atual Santo André, já figurava como principal centro industrial suburbano de São Paulo, no início do século atual. Deve também ter sido o mais populoso ‘povoado-estação’ (LANGENBUCH, 1971, p. 109).

Para o mesmo autor, o desenvolvimento precoce da localidade pode ter sido um dos principais fatores da industrialização de Santo André “pois como indústria atrai indústria a tendência era de o operariado fixar-se nas imediações” (LANGENBUCH, 1971, p. 109).

Para Cano (1998, p. 98) “pelo menos até os anos 30, a reprodução do capital cafeeiro foi a essência do processo de acumulação da economia brasileira” e que houve uma transferência de parte deste capital para as atividades urbanas, pois:

(...) se deve à própria transferência do capital cafeeiro investido diretamente ou via relações familiares – em atividades urbanas e que, em inúmeros casos, o transforma em banqueiro, industrial, comerciante, importador, etc., mesmo quando o fazendeiro não abandonou em definitivo sua condição anterior de capitalista rural (CANO, 1998, p. 98).

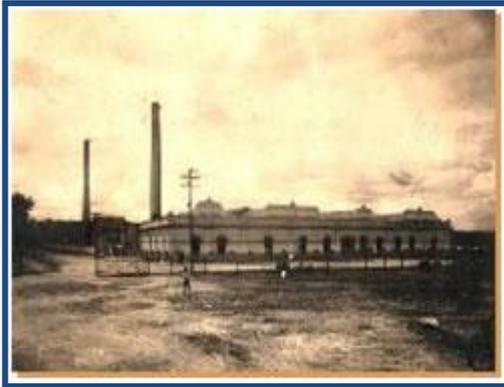
A importância do capital cafeeiro foi de tal monta que Conceição (2008) afirma que “a acumulação cafeeira financiou a industrialização paulista e do ABC nas primeiras décadas do século XX” (CONCEIÇÃO, 2008, p. 60).

As primeiras indústrias brasileiras eram de bens de consumo, especialmente a indústria têxtil que segundo Mello possuía:

(...) tecnologia relativamente simples, mais ou menos estabilizada, de fácil manejo inteiramente contida nos equipamentos disponíveis no mercado internacional; tamanho da planta mínima e volume de investimento industrial inteiramente acessíveis à economia brasileira de então (MELLO, 1998, p. 103).

Próximo à Estação São Bernardo foram construídas as primeiras fábricas: Kowarick (tecelagem), Streiff (móveis), Silva, Seabra & Cia conhecida como Tecelagem Ipiranguinha, Fabrica de Tecidos Arosa, Fiação e Tecelagem Santo André, a Fábrica de Tecidos de Algodão, a Fábrica de Tecidos São Geraldo (1926), o Jutifício Maria Luiza Ltda. (KLEEB: [200-]) entre outras.

FOTO 1.2 – TECELAGEM KOWARICK



Tecelagem Kowarick situada junto à Estação, onde hoje há um estabelecimento atacadista – Década de 1920. Coleção: Mário Batista Canever. Acervo: Museu de Santo André. ³⁴

Silva (1941) considerou o crescimento industrial de Santo André como decorrente da expansão da cidade de São Paulo, pois os empresários encontraram terrenos mais baratos e comunicação ferroviária.

A 18 km de distância de São Paulo, a cidade de Santo André foi beneficiada pelo próprio desenvolvimento industrial da Capital do Estado. As exigências do urbanismo e a alta de valor dos terrenos (...) levaram as indústrias a procurar espaço cada vez mais longe de São Paulo. Esse deslocamento pôde realizar-se no rumo de Santo André, onde os empresários encontravam terrenos bem localizados, com comunicação ferroviária (...) e a preços mais baixos que nas cercanias de São Paulo. Tais circunstâncias foram aproveitadas pelas indústrias que necessitavam de grandes áreas para se instalar (SILVA, 1941, p.209-210).

Em 1919 instala-se em Santo André, uma filial do grupo francês Rhone-Poulenc, e posteriormente instalaram-se as fábricas Rhodiaseta e a Valisére. ³⁵

Em 1923, instala-se em Santo André a Pirelli, de capital italiano. Também em 1923, começou suas atividades a firma francesa especializada em cofres e estruturas metálicas denominada Fichet-Schwartz-Hamont. ³⁶

³⁴ Disponível em: <<http://www.abcdabc.com.br/institucional/santo-andre/>> Acesso em 18 out. 2012.

³⁵ A Valisére foi vendida para o grupo Rosset em 1986. Em 2011 o Grupo Solvay adquiriu o Grupo Rhodia.

³⁶ Vítima da abertura do mercado brasileiro às importações nos anos 90, a Fichet faliu e o imóvel onde se localizava a fábrica já está limpo para sediar um empreendimento imobiliário de grande porte. Cf. <<http://www.sindlab.org/noticia02.asp?noticia=1644>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

Em 1926, instalaram-se em Santo André mais duas grandes indústrias de porte: a Atlantis Brasil ³⁷, e a Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC) ³⁸ vinculada ao Grupo Matarazzo.

Aliás, por mais de 50 anos, as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (I.R.F.M.) foram o expoente da riqueza e da grandeza da indústria nacional. ³⁹

Na época, no então distrito de São Caetano ⁴⁰ foi construída outra importante indústria do grupo “a fábrica de rayon [que] auferia grande vantagem da localização junto à ferrovia que conduz tanto ao interior quanto ao porto” (LANGENBUCH, 1971, p. 143). Em 1927, iniciou-se também em São Caetano a construção da fábrica da General Motors do Brasil em um terreno situado entre a ferrovia e a antiga ligação São Caetano - Santo André (atual Av. Goiás). Langenbuch (1971, p. 143) observa o quanto era conveniente instalar-se estabelecimentos fabris exatamente junto à ferrovia que unia São Paulo à Santos:

Num exame regional da industrialização suburbana, verificada entre 1915 e 1940, desponta nitidamente a faixa do município de São Bernardo cortada pela ferrovia, especificamente o trecho compreendido entre a divisa de São Paulo e o aglomerado Estação São Bernardo (que passou a se denominar Santo André no decorrer do citado período). A faixa São Caetano - Santo André é a única porção dos arredores paulistanos a se transformar em verdadeira “zona industrial suburbana” durante o período em causa. A mesma se destaca pelo grande número de indústrias que aí se estabelecem, pelo tamanho das mesmas, e pela diversidade de ramos industriais (LANGENBUCH, 1971, p. 142).

³⁷ A Atlantis (pertencente ao grupo inglês Reckitt & Colman) fechou a unidade de Santo André em 1998, tendo as suas instalações vendidas para a empresa De Nadai, que por sua vez vendeu o terreno para a construtora Cyrella. Atualmente existe um conjunto de edifícios residenciais de alto padrão, construídos em um local onde mais de 70 anos funcionou uma indústria química altamente poluidora.

³⁸ CBC: fundada pela família Matarazzo, que “para a fabricação de projéteis, (...) construiu o maior estabelecimento do Estado, no gênero” (SILVA, 1941, p. 212). A CBC fechou a unidade de Santo André em 1993, transferindo sua unidade fabril para Ribeirão Pires. Cf. <<http://www.cbc.com.br/sobreacbc/historia.php>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

³⁹ Sobre o surgimento e a decadência do Grupo Matarazzo, consultar: Martins, José de Souza. *Conde Matarazzo, o empresário e a empresa: um estudo de sociologia do desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 1974. Ver também, do mesmo autor: *O Cativo da Terra*, São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

⁴⁰ Sobre o início da industrialização do atual município de São Caetano consultar: PENTEADO, A. R. e PETRONE, Pasquale. São Caetano do Sul e Osasco, subúrbios industriais In AZEVEDO, Aroldo de. (Org). *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. São Paulo: Nacional, 1958. Ver também: MARTINS, José de S. *Subúrbio: Vida Cotidiana e História no Subúrbio da Cidade de São Paulo: São Caetano, do Fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo/São Caetano do Sul: Hucitec/PMSCS, 1992.

Convém ressaltar que em linhas gerais, a industrialização brasileira, além de ser *tardia* em relação aos países desenvolvidos, era também *restringida* (MELLO, 1998; CONCEIÇÃO, 2008) e *incompleta*, pois se limitava basicamente à produção de bens de consumo.

Após 1930 observa-se o incremento do processo de substituição de importações sob uma forte política do Estado com a criação de vários Institutos, Ministérios e grandes empresas como a Companhia Siderúrgica Nacional, a Fábrica Nacional de Motores, a Cia Vale do Rio Doce.

Entretanto o processo de forte industrialização não ocorreu em todo o território nacional, sendo observado o grande crescimento das áreas industriais do Rio de Janeiro (então Capital Federal) e principalmente na cidade de São Paulo e seus arredores (especialmente no trecho lindeiro da ferrovia *São Paulo Railway*).

Em 1937 o então município de São Bernardo concentrava um número razoável de grandes empresas de capital nacional ou estrangeiro: “as condições geográficas atraíram as primeiras fábricas e com elas estabeleceu-se na região uma mão-de-obra qualificada para o trabalho industrial” (SILVA, 1994, p. 57).

Em 1937 as maiores indústrias do distrito da Estação estavam assim estabelecidas:

Tabela 1.2 – Distrito da Estação (Santo André) - Principais indústrias - 1937

Empresa	Nº. Operários	Principais produtos
S.A Moinho Santista	905	fiação
Cia. Rhodiaseta	894	fios de seda artificiais
Pirelli S. A	681	fios de cobre e chumbo
S.A Boyes	586	tecidos
Kowarick & Cia	464	casimiras
Cia Fichet Schwartz	351	serralheria
Cia Bras. Cartuchos	239	munição para armas
Cia Lingerwood	176	máquinas de beneficiamento
Atlantis Brazil	145	química

Fonte: Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. *Estatística Industrial do Estado de São Paulo. 1937.* São Paulo, 1939, *apud* SILVA (1994, p. 57).

A força econômica, a maior arrecadação, o maior número de trabalhadores localizavam-se no distrito da Estação Santo André. Todavia a sede do município continuaria na Vila de São Bernardo até 1938, quando um decreto estadual provocou duas mudanças: a troca do nome de município de São Bernardo para Município de Santo André e a transferência da sede do município também da Vila de São Bernardo para o Distrito de Santo André. A solenidade de troca de nome e transferência de sede ocorreu no feriado de 1º de Janeiro de 1939.

Em 1940 inaugura-se a fábrica de pneus Firestone de capital norte-americano.⁴¹

Em 1945 é lançada a pedra fundamental da EletroCloro ⁴² na região do Rio Grande.⁴³

Também em 1945 a General Electric adquiriu um terreno nas proximidades da estação, onde construiu uma fábrica de aparelhos elétricos ⁴⁴. Nesse mesmo ano estavam em vias de conclusão as construções da Cofap ⁴⁵ e da ISAM ⁴⁶ (Indústria Sulamericana de Metais).

A partir de 1945 ocorreram os desmembramentos e o surgimento de seis novos municípios. ⁴⁷

⁴¹ Firestone: adquirida pelo grupo japonês Bridgestone. Em funcionamento no município.

⁴² Eletrocloro: atualmente pertencente ao Grupo Solvay.

⁴³ O Distrito Industrial de Campo Grande está situado cerca de 30 km do centro de Santo André no Distrito de Paranapiacaba. É um complexo industrial composto por empresas químicas lideradas pela Solvay do Brasil. Estão situadas em plena Área de Proteção aos Mananciais. Neste início do século XXI seria inconcebível permitir a instalação de indústrias poluidoras em áreas de preservação ambiental.

⁴⁴ Em 1984 a GE vendeu sua linha de produtos elétricos e eletrônicos para o também norte-americano grupo Black&Decker que posteriormente fechou a fábrica de Santo André, transferindo-se para Uberaba (MG). Cf. <<http://www.blackanddecker.com.br/bdinst/hist/hist.asp>>. Acesso em 11 nov. 2012.

⁴⁵ Símbolo da desnacionalização do setor de autopeças brasileiro, em 1997 a Cofap foi vendida aos grupos econômicos Magnetti Marelli (Fiat) e Mahle.

⁴⁶ ISAM: Passou a denominar-se Eluma nos anos 70. Integrada ao Grupo Paranapanema em 1996 e incorporada ao mesmo grupo em 2010. Cf. <http://www.eluma.com.br/pt/institucional.asp?Id_Institucional=6>. Acesso em 11 nov. 2012.

⁴⁷ Sobre a gênese do desmembramento de Santo André consultar: KUVASNEY, Eliane. *Separar para reinar – Desmembramentos na gênese da metrópole paulistana*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, FFLCH, USP, São Paulo. 1996.

1.4 – A segunda fase da industrialização andreense

1.4.1 - Os Anos 50 – 80 - A Industrialização pesada

O que ocorreu após 1950, foi um marco na História do Brasil: A industrialização sendo a principal atividade econômica do país. Para Oliveira (1996) a indústria tornou-se o motor e centro dinâmico da economia brasileira:

(...) o esforço de acumulação na economia nacional foi desenfreado, porém desprovido da existência de uma base industrial prévia (...). A Economia brasileira tinha enorme vitalidade de acumulação (...) mas era razoavelmente pobre em termos de máquinas e equipamentos. Juscelino Kubitschek consubstanciou em seu Plano de Metas o salto para a superação dessa situação: era preciso crescer cinquenta anos em cinco (OLIVEIRA, 1996, p. 308).

Para Caldeira *et alli* (1997, p. 294) “a ação do governo estava sintetizada num Plano de Metas em que eram definidas as prioridades e identificados os pontos de estrangulamento a superar com urgência” objetivando completar o processo de substituição de importações, permitindo que o Brasil fabricasse também máquinas e equipamentos.

O Plano de Metas consistia “no planejamento de trinta metas prioritárias distribuídas em cinco grandes grupos” (BRUM, 1997, p. 234) e a construção na nova capital federal no Planalto Central (Brasília). A tabela 1.3 demonstra a porcentagem dos investimentos feitos nas principais áreas de atuação do Plano.

Tabela 1.3 – O Plano de Metas de JK

Meta	Investimento (em %)
Energia	43,4%
Transportes	29,6%
Alimentação	03,2%
Indústria de Base	20,4%
Educação	03,4%
Brasília	Meta Síntese

Fonte: BRUM (2000, p. 234-235).

Rangel (1981) enfoca que o crescimento da indústria brasileira foi de tal abrangência que passou de uma simples substituição de importações para uma verdadeira industrialização:

(...) a exemplo do que ocorreu nos países desenvolvidos, pois a industrialização começada como substituição de importações das atividades supridoras de bens não duráveis de consumo, passou à produção industrial de peças, de bens duráveis de consumo, de bens de investimento e de insumos básicos (RANGEL, 1981, p. 166).

Para Rangel (1986, p. 43) a direção do esforço principal do desenvolvimento passava pela “expansão da produção de bens duráveis – desde os apartamentos residenciais às máquinas operatrizes da Romi ⁴⁸, passando pelos automóveis, pelas geladeiras e pelos eletrodomésticos em geral.” Kleeb (2001) também analisa esse fato:

Com os investimentos estatais e o capital estrangeiro ocorreu um crescimento no setor automobilístico, mecânico, metalúrgico e de material elétrico. Santo André passou a abrigar várias indústrias de auto-peças. A indústria foi, então, delineando um outro perfil. A mão de obra tornou-se mais especializada e as máquinas mais produtivas (KLEEB, 2001).

⁴⁸ Em meados dos anos 60 o Grupo Romi adquiriu a empresa Polimac Com. Ind. tornando-a mais uma filial da empresa; a unidade fabril da Romi em Santo André foi transferida nos anos 90 para Santa Bárbara do Oeste, cidade localizada no Interior do Estado de São Paulo.

1.4.2 - A indústria automobilística

No período de 1956 a 1970 houve a “consolidação das bases materiais de uma sociedade urbana e industrial” (NEGRI, 1996, p. 116), pois os setores mais complexos, como materiais de transportes, material elétrico, mecânica, metalurgia e química ampliaram seus pesos relativos na estrutura industrial brasileira. Para Scarlato (1989) a expansão do parque automotivo no Brasil indicou um crescimento econômico, pois:

(...) o compromisso do Estado com a indústria automobilística, traduzido em parte pela criação do GEIA e em parte pelas garantias e facilidades cambiais oferecidas para suprimento de equipamentos, capitais e tecnologias vindo do exterior, foi suficiente para que se injetasse novo ânimo nos projetos automobilísticos (SCARLATO, 1989, p. 31-32).

Aproveitando da infra-estrutura existente devido à ferrovia e a recém-inaugurada Via Anchieta, houve a instalação das grandes indústrias automobilísticas no ABC.

Brum (2000, p. 247) observa que “ao instalar subsidiárias no Brasil, as multinacionais garantiam para si um mercado que já era seu”, uma vez que antes as empresas vendiam no mercado interno os veículos produzidos nas matrizes. A partir da instalação no Brasil essas empresas multinacionais passaram a fabricar aqui “fazendo uso vantajoso da matéria-prima e da mão de obra barata” (BRUM, 2000, p. 247), porém utilizando componentes essenciais e tecnologia importada.

As empresas automobilísticas tiveram incentivos governamentais e foram beneficiadas pela existência na região de grandes fornecedores de insumos. Posteriormente houve a instalação de diversas indústrias metalúrgicas, mecânicas, farmacêuticas, químicas e petroquímicas.

QUADRO 1.2 - MONTADORAS DE VEÍCULOS -
TRANSFORMAÇÕES NO CONTROLE DO CAPITAL

Empresa – Município	Ano de Instalação	Situação
General Motors – São Caetano do Sul	1929	Em funcionamento
Willys – São Bernardo do Campo	1954	Vendida à Ford em 1969
Mercedes Benz - São Bernardo do Campo	1956	Em funcionamento
Volkswagen – São Bernardo do Campo	1957	Em funcionamento
Simca – São Bernardo do Campo	1958	Vendida à Chrysler em 1969
Karmann Ghia - São Bernardo do Campo	1960	Em funcionamento. Vendida ao Grupo Brasil em 2008 ⁴⁹
International Harvester – Santo André	1959	Vendida à Chrysler em 1966
Toyota – São Bernardo do Campo	1962	Em funcionamento
Scania Vabis - São Bernardo do Campo	1962	Em funcionamento ⁵⁰
Ford – São Bernardo do Campo	1969	Em funcionamento

Elaborado pelo autor.

Beneficiadas pelas economias de aglomeração, as novas indústrias que se instalaram no Grande ABC, também tiveram a seu favor os meios de transportes (ferrovia e rodovia), um grande mercado consumidor na Capital e também na região, e a existência de uma infra-estrutura favorável.

Scarlato (1989, p. 37-38) descreve algumas transformações que a indústria automobilística acarretou à estrutura da indústria e à economia brasileira, como a transformação no nível da tecnologia adotada, o uso de matérias-primas cada vez mais qualificadas; a penetração do capital e da tecnologia estrangeira e o processo de dependência cultural, com a ideologia do transporte individual criando novos padrões de consumos e hábitos de vida.

A partir de 1954, e após a instalação das grandes montadoras de veículos, outras empresas de diversos ramos industriais com o objetivo de “fornecer às montadoras e ao mercado de reposição” (CONCEIÇÃO, 2008, p. 72) instalaram-se na região do ABC. Em Santo André, essas indústrias instalaram-se nos diversos terrenos vagos existentes próximos à ferrovia, acentuando a função industrial da cidade, aliada a um crescente adensamento populacional nos dois lados da ferrovia.

⁴⁹ Cf. <<http://www.noticiasautomotivas.com.br/grupo-brasil-compra-karmann-ghia/>>. Acesso em 07 nov. 2012.

⁵⁰ A Saab Scania passou para o controle do Grupo Volkswagen em 2008. Com a consolidação do controle pela Volkswagen do Grupo Man, o grupo econômico alemão controla 89,2% do capital da Scania. Cf. <<http://www.scania.com/scania-group/corporate-governance/ownership/>>. Acesso em 30 maio 2013.

Conceição (2008, p. 73-74) observa que devido à grandeza do parque industrial houve um “estímulo à formação de outros segmentos da indústria metal-mecânica, de bens de capital e de insumos”, principalmente a cadeia química e petroquímica.

A instalação da Refinaria de Capuava (RECAP) em 1954 no então emancipado município de Mauá propiciou anos depois a instalação da Petroquímica União (PQU) localizada nos limites dos municípios de Santo André e Mauá (com maior parte na área neste último município).

A existência das indústrias de base, principalmente a Recap e a Petroquímica União, propiciou também a formação das cadeias produtivas de segunda e terceira geração, com a instalação de empresas como a Solvay, Cabot Brasil, Union Carbide, Polibrasil entre outras. Segundo Conceição (2008, p. 74) “a existência do complexo químico também incentivou a presença da indústria de plásticos” que se instalou nos municípios de São Bernardo do Campo e Diadema.⁵¹

Sobre o período JK, Dreifuss (1979) observa que o capitalismo brasileiro, “além de tardio, dependente e subordinado aos centros mundiais de expansão capitalista, tornou-se também, no período JK, transnacional e oligopolista” (citado por BRUM, 2000, p. 252).

⁵¹ Ver também KLINK (2001, p. 97-100).

1.4.3 – O Milagre Econômico

A época do milagre econômico (1968-1974) foi o resultado do processo de integração da economia brasileira com o mercado internacional, que estava também relacionado com a nova divisão internacional do trabalho. Oliveira (1996, p. 293) considera que as políticas econômicas do período do chamado *milagre econômico* nada mais foram do que “preparar, facilitar, recepcionar, acomodar e favorecer mais e da melhor forma possível a entrada de capital estrangeiro no Brasil”. Para Carlos (1994):

(...) o período de 1968 a 1974 é marcado no Brasil, por um período de expansão da economia brasileira, com aumento, a partir de 1970, das taxas de investimento e expansão do setor industrial, inclusive bens de capital e das exportações. Todavia o processo de acumulação realizava-se de forma extremamente concentrada, espacial e socialmente (CARLOS, 1994, p. 55).

Segundo Rangel (1986, p. 46) neste período “o Estado empreendeu um gigantesco esforço de formação de capital, notadamente no campo da indústria pesada, da energética, dos serviços urbanos, dos transportes pesados rodoviários e ferroviários entre outros setores”.

No período de 1970-75 enquanto na cidade de São Paulo já se observava a queda da participação industrial, nos municípios periféricos, especialmente no ABC, verificava-se uma expansão da participação industrial, pois “o crescimento concentrado da RMSP ocorreu principalmente nos municípios localizados no entorno da Capital paulista, notadamente no ABC” (SEADE, 1988, p. 7).

Assim até o final do período denominado “milagre econômico”, a estrutura industrial de Santo André se tornou bem mais complexa e houve um substancial aumento no número de estabelecimentos industriais e o conseqüente crescimento nos empregos oferecidos.

1.4.4 - Santo André, 1970-1990 - “Da Capital do Trabalho à Crise Econômica”

Já no final da década de 70, enquanto São Paulo, Santo André e São Caetano do Sul perdiam indústrias, outros municípios da Região Metropolitana, como Diadema, Mauá, São Bernardo do Campo (no ABC) e Guarulhos sofriam uma expansão de suas atividades industriais. Este processo foi analisado por Andrade (1979):

A expansão da indústria de São Paulo, ocupando porções a sudeste do aglomerado, primeiro na direção de São Caetano do Sul e Santo André, Mauá e Ribeirão Pires, e depois na direção de São Bernardo do Campo e Diadema, corresponde, portanto, a momentos diferentes do processo de industrialização brasileiro [grifo nosso].

Isso se reflete não só sobre a estrutura e o porte das indústrias, mas sobre as formas de ocupação do solo, subjacentes a esses momentos diferentes do processo em causa (ANDRADE, 1979, p. 31).

Consideramos de fundamental importância a análise feita por esta autora que ao estudar a expansão da atividade industrial de Diadema, constatou a diferença da industrialização pioneira ocorrida em Santo André (e São Caetano do Sul) com a industrialização recente, ocorrida após os anos 50, nas demais cidades do Grande ABC.

Durante a década de 80 ocorreram mudanças na política e na economia brasileira, reflexos das crises do petróleo e do endividamento do país. Conforme observa Brum (2000, p.328) “esgotaram-se as possibilidades de sustentação do crescimento e a economia brasileira entrou em recessão”.

Em Santo André, bem como nos municípios industriais vizinhos, o setor industrial foi o mais duramente atingido, pois a recessão foi acompanhada de queda nas exportações, contração salarial, altas taxas de desemprego, além do aparecimento das chamadas externalidades negativas.

As indústrias da região do ABC, afetadas pela conjuntura econômica ruim desta década, também enfrentavam um processo de estagnação tecnológica. O alto custo da terra proporcionou “a elevação dos custos de aglomeração” (SEADE, 1988, p. 57), elevação causada pela intensa concentração industrial que resultava em problemas de saturação com o desenvolvimento das chamadas “deseconomias de aglomeração”.

Algumas empresas resolveram transferir para outros municípios suas plantas industriais existentes em Santo André, enquanto outras resolveram construir novas unidades fabris, no início dentro da Região Metropolitana de São Paulo, e posteriormente, no Interior de São Paulo e em cidades localizadas em outros Estados da Federação.

Um dos efeitos da política recessiva do início da década de 80 foi um quadro de estagnação industrial em Santo André. Na época, as explicações para o decréscimo industrial eram várias “desde a retração da economia brasileira até a falta de áreas para novas indústrias na cidade” (DGABC, 15/07/1984).⁵²

Além do mais, uma série de fatores contribuiu para o avanço da industrialização do Interior do Estado de São Paulo, às vezes em detrimento do Grande ABC. A presença do Estado foi fundamental “em especial nos projetos e políticas federais implementadas no período” (SEADE, 1988, p. 57) com a instalação das refinarias de Paulínia e São José dos Campos, a expansão da Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa) e a ampliação do pólo petroquímico de Cubatão, a instalação e o desenvolvimento de empresas de eletrônica, telecomunicações e informática em Campinas.

Em termos locais, as medidas restritivas quanto ao uso do solo urbano, em especial as leis de proteção aos Mananciais, promulgadas e regulamentadas no final da década de 70, contribuíram para o “estancamento” da ampliação de indústrias no Grande ABC.⁵³

⁵² Cf. Diário do Grande ABC, *A Indústria e seus altos e baixos na região*, 15 jul. 1984.

⁵³ Lei Nº. 898, de 18 de dezembro de 1975. Disciplina o uso de solo para a proteção dos mananciais, cursos e reservatórios de água e demais recursos hídricos de interesse da Região Metropolitana da Grande São Paulo.

1.5 – A década de 90 e o início dos anos 2000

A década de 1990 foi a mais difícil para a indústria do Grande ABC.

A abertura econômica acelerada, as demais políticas governamentais (guerra fiscal, Regime Automotivo, políticas monetárias e fiscais ortodoxas) e a reestruturação industrial (que introduziu novos métodos organizacionais de produção e implantou novas tecnologias) alterariam significativamente a fábrica – algumas vezes causando, até mesmo, o fechamento da unidade produtiva (CONCEIÇÃO, 2008, p. 97).

Foram diversos os fatores que contribuíram para a redução dos empregos industriais: o uso de tecnologias “poupadoras” de mão-de-obra, mudanças na gestão empresarial, racionalização dos recursos existentes, redução da área produtiva, uso intensivo de subcontratação e terceirização de atividades industriais.

A transferência de várias empresas para outras cidades e o fechamento de fábricas fez com que o nível de emprego industrial em Santo André retrocedesse aos existentes nos anos 1950.

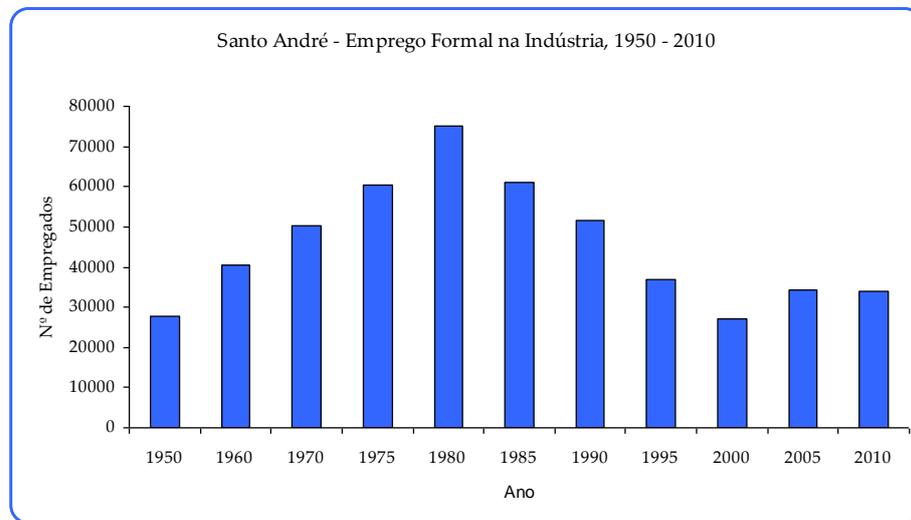
Convém ressaltar que em 1960 Santo André já era o município paulista que mais empregava na indústria de transformação depois da Capital⁵⁴, o número de empregos industriais aumentou na década de 1970 atingindo seu ápice no início dos anos 1980. Conforme mostra o Gráfico 1.1, nas últimas três décadas o número de empregos industriais tem diminuído consideravelmente.

Lei nº 1.172, de 17/11/1976 Delimita as áreas de proteção relativas aos mananciais, cursos e reservatórios de água, a que se refere o artigo 2º da Lei nº. 898, de 18/12/1975, estabelece normas de restrição de uso do solo em tais áreas.

Decreto nº. 9.714, de 19 de abril de 1977 de São Paulo. Aprova o Regulamento das Leis nº. 898, de 18 de dezembro de 1975 e nº. 1.172, de 17 de novembro de 1976, que dispõe sobre o disciplinamento do uso do solo para a proteção aos mananciais da Região Metropolitana da Grande São Paulo. Cf. <<http://www.al.sp.gov.br>>. Acesso em 05 dez. 2011.

⁵⁴ Cf. Censo Industrial 1960. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Cf. Séries Estatísticas.

Gráfico 1.1 – Santo André - N.º. de empregados na Indústria



Fonte: IBGE, Censo Industrial, 1950/60/70/75/80/85; Fundação Seade.

Ao mesmo tempo, um fenômeno novo ocorreu em Santo André: a chegada de grandes estabelecimentos comerciais, na maioria em áreas antes ocupadas por indústrias. O Mappin instalou-se onde funcionava a Casa Publicadora Brasileira, Sam's Club no lugar da Elevadores Otis, o Shopping ABC Plaza no lugar da Black & Decker, o Carrefour no lugar da Volkswagen Caminhões, entre outros exemplos.

É característico do modo de produção capitalista que ao longo dos tempos ocorram alterações na estrutura organizacional das empresas e que ocorram também mudanças tecnológicas, além de alterações locais das atividades produtivas.

A abertura e o fechamento de empresas, as aquisições, fusões e incorporações, além das mudanças de localização de unidades produtivas, são processos comuns no sistema industrial. Como exemplo destacamos que em 1978 o grupo Mahle, de capital alemão, adquiriu o controle da CIMA (Companhia Industrial de Material Automobilístico) e pouco tempo depois desativou a empresa adquirida. Atualmente no local existe um condomínio residencial de apartamentos.

O Quadro 1.3 refere-se a algumas empresas que se transferiram da cidade no período de 1975 – 1991 renunciando o que estava por vir após os anos 1990.

QUADRO 1.3 – ALTERAÇÕES NA ESTRUTURA INDUSTRIAL DE SANTO ANDRÉ (1975-1991)

Empresa/Setor	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica	Outras unidades	Sede	Matriz
Casa Publicadora Brasileira (Igreja Adventista) [Gráfica]	Av. Pereira Barreto, 42	Transferiu-se. No lugar funciona o Shopping ABC	Tatuí – SP	Brasília (DF)	Silver Spring – MD – EUA
Cima - Vendida em 1978 para o Grupo Mahle [Autopeças]	Rua Arujá, 308	Demolida, no lugar foram construídos prédios residenciais	São Bernardo do Campo, São Paulo, Indaiatuba, Mogi - Guaçu,(SP) Queimados (RJ) e Itajubá (MG)	Mogi-Guaçu (SP)	Stuttgart – Alemanha
Coferraz [Metalurgia]	Av. dos Estados, 5200	Fechou (Faliu devido a problemas de gestão) Massa falida para pagar empregados e demais credores	Havia outra unidade em São Caetano do Sul (SP)		
International Harvester (Chrysler/ Volkswagen/MAN) [Automotivo]	Av. Pedro Américo, 23	Transferiu-se, no lugar funciona uma loja do Carrefour e uma loja da C&C (materiais de construção). A Volkswagen também desativou a fábrica de caminhões de SBC	Resende (RJ)	Resende (RJ)	Grupo Man: Munique – Alemanha
Kauder Ind. Madeira [Madeira]	Rua Santa Carolina, 65/133	Faliu. No imóvel funciona uma loja de materiais de construção (Copafer)			
Laminação Baukus Vendida para o Grupo Mangels. [Autopeças]	Av. Capuava, 577	Fechou. Terreno vazio há pelo menos duas décadas. Futuro empreendimento imobiliário no local	São Bernardo do Campo (SP) – Outras fábricas em: Guarulhos (SP) e Três Corações (MG)	São Paulo (SP)	
Pollone (Dura Automotivos) [Autopeças]	Rua dos Coqueiros, 1291	Transferiu-se. A Emhart ocupou o imóvel e posteriormente transferiu-se	Rio Grande da Serra (SP)	Rio Grande da Serra (SP)	Rochester Hills (EUA)
Romi [Máquinas e equipamentos]	Rua Américo Guazelli, 150	Transferiu-se. No local funciona o depósito do Supermercado Joanin	Santa Bárbara D'Oeste (SP)	Santa Bárbara D'Oeste (SP)	
Sermar (Emhart) [Autopeças]	Rua dos Coqueiros, 1291	Transferiu-se. Prédios residenciais foram construídos no local	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)	-
Têxtil Colbert [Têxtil]	Rua Onze de Junho, 521	Faliu. Imóvel ocupado anos depois por um colégio particular	-	-	-
Valisere (Rhodia Têxtil) - Vendida para o Grupo Rosset [Têxtil]	Rua Henri Sanjeouand, s/n	Transferiu-se	Mauá (SP), Pedreira (SP), Amparo (SP) Morungaba (SP)	São Paulo (SP)	-

Elaborado pelo autor.

Durante o período compreendido entre 1975 a 1990, Santo André possuía um parque industrial diversificado tanto nos setores industriais bem como no porte destas empresas que iam desde pequenas fábricas de *fundo de quintal* até filiais de grandes grupos transnacionais. A partir dos anos 1980 (e seguintes), muitas empresas fecharam as portas. Algumas se transferiram de Santo André, muitas outras faliram.

FOTO 1.3 – CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Antiga fábrica de Santo André e a nova fábrica em Tatuí (SP). Fonte: Michelson Borges ⁵⁵

A foto 1.3 pode representar algumas das alterações na estrutura industrial da cidade. Instalada em um terreno imenso e localizada em uma área valorizada em pleno centro de Santo André, a Casa Publicadora Brasileira transferiu-se para Tatuí em 1985. No local onde funcionava a indústria gráfica foi construída a primeira filial do extinto Mappin, hoje Shopping ABC.

FOTO 1.4 - ANTIGO MAPPIN (1998); FOTO 1.5 - SHOPPING ABC (2013)



⁵⁵ Blog: Adventismo no Brasil. Disponível em: <<http://www.adventismo.criacionismo.com.br/>>. Acesso em 20 dez 2011; Revisto em 03 maio 2013.

Outro caso exemplar foi o ocorrido com a International Harvester, fabricante de caminhões estabelecida em Santo André desde 1959. A empresa teve seu controle acionário transferido à Chrysler americana, que por sua vez vendeu suas atividades neste setor para a alemã Volkswagen ⁵⁶, empresa que recentemente transferiu as atividades na área de caminhões para o grupo Man, também de origem alemã no qual a Volkswagen detém 55,9% de seu capital.⁵⁷

No local da antiga International Harvester existe hoje um supermercado Carrefour e uma loja de materiais de construção, a C&C.

Figura 1.1 – Anúncio Publicitário da International Harvester (1960)



“Velhos tempos que não voltam mais” do tempo em que se fabricava quase tudo em Santo André.

Fonte: Seleções Reader's Digest, Jun/1960; ⁵⁸

⁵⁶ Até dezembro de 2011 o grupo Volkswagen detinha o controle acionário das seguintes empresas/grupos: Volkswagen, Audi, Seat, Skoda, Bentley, Bugatti, Lamborghini, Scania e Man. Das empresas listadas, apenas a Volkswagen e a Scania possuem unidades produtivas no Grande ABC.

Cf. <http://www.volkswagenag.com/content/vwcorp/content/en/brands_and_products.html>. Acesso em 14 out. 2012; Revisto em 03 maio 2013.

⁵⁷ Cf. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Man>>. Acesso em 20 ago. 2012.

⁵⁸ Fonte: Seleções do Reader's Digest, Edição de junho de 1960. Disponível em: <<http://www.cargapesada.com.br/edicoesanteriores/edicao130/memoria130.php>>. Acesso em 20 ago. 2012.

FOTO 1.6 - DIBRACAM



Foto 1.6 - Ironia do destino (ou da história e da geografia): Novas instalações da Dibracam na Av. dos Estados. Revendedora de caminhões Man produzidos em Resende (RJ) e vendidos em Santo André, cidade que no passado já produziu caminhões.

A Laminação Baukus (pertencente ao Grupo Mannesman) foi outra empresa fechada no final dos anos 80 que teve as antigas instalações fabris destruídas. Onde antes existia uma fábrica será construído um condomínio residencial.

FOTOS 1.7 e 1.8 – LAMINAÇÃO BAUKUS (1977 – 2013)



Foto 1.7 - Laminção Baukus já fechada em 1997; Foto 1.8 – Av. Capuava, 577. Mesmo local em 2013. As instalações industriais foram demolidas e o terreno já está limpo e pronto para abrigar um empreendimento imobiliário.

FOTOS 1.9 e 1.10 – COFERRAZ (1996 – 2013)



Foto 1.9 – Coferraz já fechada em 1996; Desvalorização e destruição de capital desde os anos 80.
Foto 1.10 – Av. dos Estados, 5200. Mesmo local em 2013, já com uso comercial.

FOTO 1.11 – RUA DOS COQUEIROS, 1295



Prédios residenciais no nº. 1295 da Rua dos Coqueiros, construídos onde no passado funcionaram a Pollone e a Emhart. Ambas as empresas saíram de Santo André.

FOTO 1.12 – ROMI (1997); FOTO 1.13 – DEPÓSITO DO SUPERMERCADO JOANIN (2013).



Em 1997 a DeNadai Refeições Industriais já ocupava o imóvel antes pertencente à Romi que já tinha fechado sua unidade industrial no município. No lugar onde no passado funcionou uma indústria existe em 2013 um depósito de uma rede de supermercados.

Empresas de renome (que eram grandes empregadoras e também grandes contribuintes) como a Elevadores Otis, a Festo e a Valisére entre outras, saíram de Santo André deixando centenas ou alguns milhares de desempregados. Todavia o pior estava por vir nos anos 90, com a abertura comercial brasileira e a reestruturação produtiva.

Desde 1990 até o início de 2009, a revista LivreMercado publicada em Santo André especializou-se nas análises da economia regional com aguda criticidade sobre os rumos da região.

A revista LivreMercado produziu diversas análises sobre o ABC no “olho do furacão”. As mudanças provocadas pela abertura do mercado brasileiro às importações, as análises sobre a reestruturação produtiva ocorrida nas grandes empresas e as reportagens sobre a saída (e o fechamento) das pequenas e médias empresas da região, eram temas freqüentes na pauta da revista.⁵⁹

No início de 2001, o então prefeito de Santo André, Celso Daniel já constatava que “Santo André tem situação peculiar na região porque sofreu esvaziamento industrial (...) muito maior do que o dos outros municípios” (DANIEL [2001] *apud* CONCEIÇÃO, 2008, p. 139).

Em 2003, a PMSA já assumia o quadro de evasão industrial em curso na cidade:

A partir da década de 80, e de forma mais acentuada na década de 90, iniciou-se um processo de evasão industrial, que atingiu também outros municípios da Região Metropolitana e que tem colabora para os altos índices de desemprego. Enquanto o setor da indústria vem perdendo posição, o setor terciário ganha peso especialmente através da instalação de grandes estabelecimentos comerciais. No entanto, esse crescimento não tem compensado as perdas, visto que esse setor remunera pior que a indústria, pois não se compõe de atividades sofisticadas de serviços. Desde então, soma-se a esse movimento de desindustrialização a reestruturação produtiva, representada pela introdução de novas tecnologias, pelas mudanças dos padrões gerenciais e pelo processo de abertura das economias nacionais, que resultaram em mudanças nas taxas de emprego e na arrecadação dos municípios (PMSA, 2003 b, p. 11).

Deve-se ressaltar também que desde os anos 1950, após o advento da indústria automobilística, houve um crescente direcionamento dos investimentos públicos para o transporte rodoviário em detrimento do transporte ferroviário. Klink (2001, p. 97) observa que: “a ferrovia não conseguiu acompanhar o ritmo de desenvolvimento suburbano por ela mesma gerada”.

⁵⁹ Santo André e o Grande ABC perderam muito de sua análise crítica com o fim da Revista LivreMercado, todavia parte de seu acervo está disponível *on line* em <<http://www.capitalsocial.com.br>>.

O mesmo autor nota que:

O esgotamento do padrão de crescimento baseado na ferrovia e a definitiva chegada do automóvel na década de 1950 foram acompanhados pela implementação de uma série de investimentos em auto-estradas, cujo impacto sobre a configuração da geografia industrial da região metropolitana e do Grande ABC foi fundamental (KLINK, 2001, p. 97).

Sakata (2006) observa que:

com a criação da Rodovia Anchieta, em 1947, e uma política de estímulo às rodovias adotada pelo governo federal, houve uma transferência do eixo ferroviário para o eixo rodoviário, que passou a atrair as indústrias (SAKATA, 2006, p.33).

Conforme observado por Andrade (1979) quando a autora observa que a industrialização de Santo André e de São Caetano do Sul iniciou-se num período “pioneiro” da industrialização paulista, Conceição (2008, p. 140) observa que “Santo André e São Caetano apresentam processos de transformações mais parecidos com o da capital paulista do que São Bernardo do Campo”.

Na realidade, Santo André e São Caetano do Sul apresentam processos semelhantes aos antigos bairros industriais da capital paulista como Água Branca, Barra Funda, Brás, Mooca e Ipiranga, onde se constata a existência de inúmeros galpões industriais desativados ao longo da ferrovia.

Verifica-se também a existência de áreas antes industriais transformadas em empreendimentos comerciais, além de se destacar na paisagem lindeira à ferrovia as ruínas das antigas fábricas da Matarazzo (Água Branca e São Caetano do Sul) e o quadro das indústrias fechadas na Av. Presidente Wilson (Ipiranga) e na Av. Industrial em Santo André.

O ocaso da ferrovia produziu mudanças drásticas na paisagem urbana de Santo André. Sakata (2006) constata que:

Santo André possui o parque industrial mais antigo, da primeira fase da industrialização, com indústrias que se instalaram ao longo da ferrovia e do rio Tamanduateí, e se ressentiu bastante às novas formas de acomodação industrial, sofrendo muitas perdas em sua arrecadação e comprometendo seu desenvolvimento, fazendo com que o vale do Tamanduateí se tornasse uma área com vazios e fábricas desativadas, criando um ônus à cidade tornando-se um passivo urbano, reflexo deste processo, e uma área de degradação urbana (SAKATA, 2006, p.34).

FOTOS 1.14 E 1.15 - ÀS MARGENS DA FERROVIA



Fotos da margem da ferrovia em 1997 e em 2013. Todas as indústrias que ocupavam a margem direita (estação Prefeito Saladino - sentido Santo André) foram desativadas e demolidas.

No próximo capítulo trataremos das alterações na estrutura industrial do município, observando o processo de reestruturação industrial como parte de um processo maior que é o da centralização do capital.

CAPÍTULO 2 - O PROCESSO DE CENTRALIZAÇÃO DO CAPITAL

Marx argumentou que a competição entre capitais conduziria ao crescimento no tamanho das empresas. Esse processo assume duas formas conectadas: a concentração de capital através da acumulação de mais-valia, e a centralização do capital, pela absorção de empresas menores e menos eficientes por seus rivais maiores e mais eficientes (CALLINICOS, 2004, p. 184).

Conforme exposto na introdução deste trabalho, Santo André, e em menor grau, a Região do Grande ABC, passaram nos anos 90 e início dos anos 2000 por transformações em sua estrutura industrial. Tais mudanças são refletidas principalmente na queda da arrecadação proveniente da atividade industrial, na perda de milhares de empregos industriais, no fechamento de empresas e na transferência de indústrias para outras localidades.

Em linhas gerais, acreditamos que entre os fatores que permitem explicar a alteração da atividade industrial em Santo André estão de um lado, os processos de concentração e centralização do capital, e de outro lado o desenvolvimento das economias e deseconomias de aglomeração.

Neste capítulo discutiremos as características do processo de centralização de capitais, e suas implicações nas alterações da estrutura industrial de Santo André.

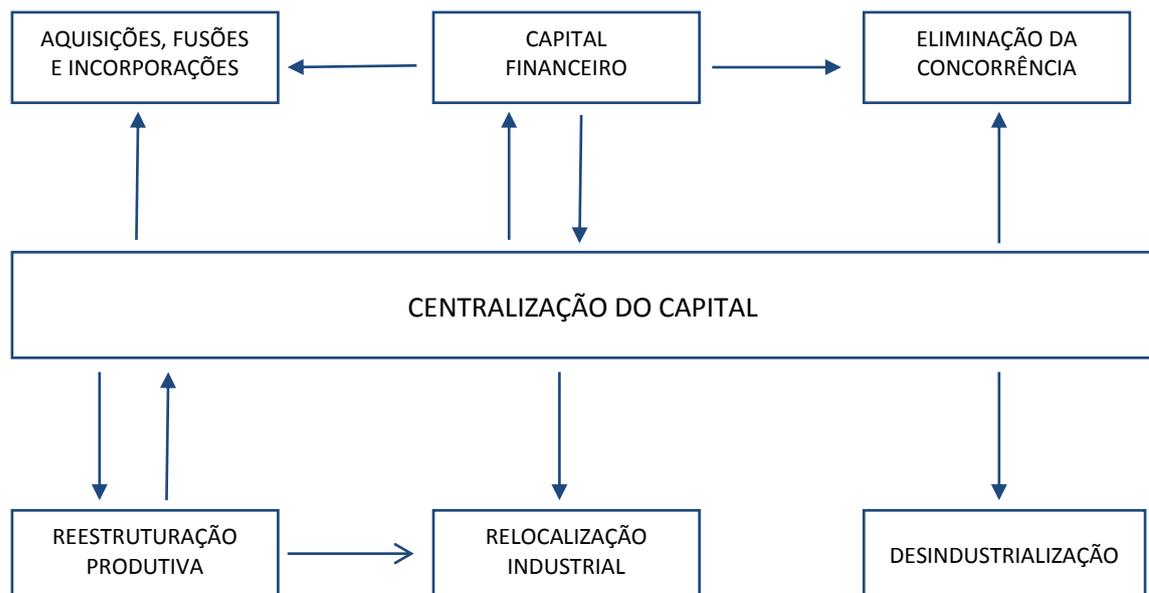
2.1 – O processo de centralização do capital

Marx foi o pioneiro em estudar como ocorrem os processos de concentração e centralização de capitais e “seus conceitos foram a base para a crítica e posterior desenvolvimento sobre o funcionamento dos mercados capitalistas” (KON, 1994, p. 47).

A centralização de capital é um processo que na visão de Michel Aglietta (1986) pode ser assim conceituado:

A centralização é uma modificação qualitativa que remodela a autonomia dos capitais e cria novas reações de concorrência. É um processo descontínuo no tempo, relacionado com as fases de formação do capital no processo de acumulação global (...) que se produz simultaneamente no conjunto da economia e cujos efeitos são irreversíveis. Com a centralização do capital desaparecem inúmeros capitais individuais por absorção, ainda que outros são reagrupados por fusão ou consolidação (AGLIETTA, 1986, p. 195-196).

Figura 2.1 – Características da Centralização do Capital



Elaborado pelo autor.

Conforme a Figura 2.1 algumas das características do processo de centralização do capital são observadas:

1 - através do grande número de aquisições, fusões e incorporações feitas por grandes firmas, muitas delas empresas transnacionais; um processo onde “os capitais grandes esmagam os pequenos” (MARX, 2009, p. 729).

2 - pela estreita simbiose entre os vários tipos de capital (bancário, industrial, comercial, imobiliário) resultantes da mundialização do capital e da financeirização da economia (CHESNAIS, 1996).

3 - através da existência de vantagens no próprio processo concorrencial decorrentes do maior tamanho das firmas, que permite operar com menores custos e permite ter maior acesso ao crédito; nas palavras de Marx, “a concorrência e o crédito, as duas mais poderosas alavancas da centralização, desenvolvem-se na proporção em que se amplia a produção capitalista e a acumulação” (MARX, 2009, p. 730). Isto pode incluir a utilização de mecanismos anticompetitivos, tais como a utilização de subsídios cruzados com a intenção de prejudicar os concorrentes, prática que resulta na eliminação da concorrência.

4 - através da reestruturação produtiva com a introdução de novos métodos de gestão e de produção, racionalização de tempo, recursos e mão-de-obra, a chamada “reengenharia da produção” onde segundo Alves (2000):

muitas das racionalizações produtivas decorreram de novos patamares de centralização e concentração de capital, por meio de fusões, aquisições e diversificações corporativas, que implicaram – e ainda implicam – demissões em massa (ALVES, 2000, p. 11).

5 - pela busca de novos lugares para a instalação de unidades produtivas e/ou criação de rede de empresas em vários lugares, em estratégias denominadas de multi-localização; realocação industrial e/ou descentralização produtiva que “implicam o fechamento de fábricas num local e abertura em outro” (ALVES, 2000, p. 11).

6 – pela redução relativa e/ou absoluta da produção industrial em determinada cidade, região ou nação, cujos efeitos mais notórios são um processo de esvaziamento industrial ou até mesmo um processo de desindustrialização.

Knox & Agnew (1998, p. 197) consideram que o processo de concentração ocorre através da “eliminação de firmas pequenas, fracas em determinadas esferas da atividade econômica: parcialmente através da competição, parcialmente através de fusão ou absorção”.

Os mesmos autores assim definem o processo de centralização de capital, complementar mas diferente do processo de concentração:

Centralização envolve a fusão de grandes empresas de diferentes esferas da atividade econômica para formar um ‘conglomerado’ gigante de empresas com um diversificado leque de atividades. Tais companhias são freqüentemente transnacionais em suas operações, tendo estabelecido subsidiárias em outros países, absorvido competidores estrangeiros ou comprado empresas estrangeiras lucrativas (KNOX & AGNEW, 1998, p. 197).

Em sua obra magistral, *O Capital*, Marx explica como ocorre a centralização de capitais:

Temos a centralização por mudar simplesmente a distribuição dos capitais já existentes, por alterar-se apenas o agrupamento quantitativo dos elementos componentes do capital social. O capital pôde acumular-se numa só mão em proporções imensas, por ter escapado a muitas outras mãos que o detinham. Num dado ramo de atividades, a centralização terá alcançado seu limite extremo quando todos os capitais nele investidos se fundirem num único capital (MARX, 2009, p. 730).

2.2 – As crises como indutoras do processo de centralização do capital.

As crises são inerentes ao modo de produção capitalista. Períodos de crescimento econômico são seguidos por outros de retração da atividade econômica. Harvey (2005, p. 46) observa que as crises possuem uma função importante, pois “impõem algum tipo de ordem e racionalidade no desenvolvimento econômico capitalista”.

Para Callinicos (2004):

As crises são períodos em que o sistema capitalista é reorganizado e reformulado para restaurar a taxa de lucro a um nível no qual ocorrerão investimentos. Nem todos os capitalistas se beneficiam igualmente deste processo. As empresas mais débeis e menos eficientes e aquelas com um maquinário muito ultrapassado serão levadas à falência. Os capitais mais fortes e mais eficientes sobreviverão, e emergirão da recessão mais fortes. Eles são capazes de comprar terras e instrumentos de produção a melhores preços, e a forçar modificações trabalhistas no processo de trabalho que aumentarão a taxa de mais-valia (CALLINICOS, 2004, p. 135-136).

Para Harvey (1990, p. 142) as crises podem ser interpretadas como uma “reestruturação forçada do processo de trabalho, de tal maneira que o façam voltar a um estado que se ajuste às características das condições de acumulação equilibrada”. Da mesma forma, Callinicos (2004) observa:

As crises contribuem para o processo que Marx denominou centralização e concentração de capital. A concentração ocorre quando capitais crescem em tamanho através da acumulação de mais-valia. A centralização, por outro lado, é resultado da absorção de capitais menores por capitais maiores. O próprio processo de concorrência favorece essa tendência, porque as empresas mais eficientes são capazes de superar os seus rivais e depois tomá-los (CALLINICOS, 2004, p. 136).

No mundo desenvolvido a crise dos anos 70, causada em parte pelo esgotamento do modelo keynesiano do Estado do Bem Estar Social e em parte pelos choques do petróleo, causou mudanças que foram sentidas nos países em desenvolvimento.

O Brasil não saiu incólume da crise; ao contrário, a década de 80 foi considerada como a “década perdida” em razão do baixo crescimento econômico, dos altos índices inflacionários e do endividamento externo. Durante toda a década de 80 até o início dos anos 90 foram vãs as tentativas governamentais em controlar as crises causadas pelo endividamento externo e pelos altos índices inflacionários.

Até o início do Governo Collor, a economia brasileira era uma das mais fechadas do mundo e “o fechamento da economia eliminava a concorrência, desobrigando as indústrias de novos investimentos e fortalecia o processo inflacionário” (GOLDENSTEIN, 2001, p. 215).

A abertura da economia promovida pelo governo Collor e a conseqüente concorrência externa forçaram as empresas “a pensar[em] em redução de custos, aumento de produtividade e introdução de novas tecnologias” (GOLDENSTEIN, 2001, p. 215) para se manterem competitivas.⁶⁰ Isto ocorreu no marco do advento da política neoliberal no Brasil a partir dos anos 90. Em linhas gerais, esta perspectiva propõe a participação mínima do Estado na economia, a eliminação das barreiras tarifárias, a desregulamentação do sistema financeiro, bancário e de câmbio, permitindo desta forma que os “atores econômicos”, isto é, as empresas privadas, regulem a economia através dos mecanismos de mercado.

A abertura do mercado brasileiro às importações foi um duro golpe assestado às diversas empresas nacionais, anteriormente protegidas pelo mercado fechado e pouca concorrência externa. Vários setores da economia brasileira sentiram o golpe causado pela entrada brusca e inesperada de produtos similares importados, que em geral eram de melhor qualidade e mais baratos.

⁶⁰ Os aspectos gerais da chamada reestruturação produtiva serão tratados adiante no item 2.5 e suas conseqüências também serão analisadas no capítulo 4.

Várias empresas brasileiras menos preparadas, especialmente as pequenas empresas familiares possuidoras de maquinário obsoleto, tiveram dificuldades para responder a essa situação; mesmo aquelas que tentaram reagir, enfrentaram dificuldades em obterem financiamento para a modernização de seu parque produtivo, e assim muitas simplesmente sucumbiram na crise.

Assim como em todas as partes do país, as pequenas empresas de Santo André sentiram o peso da concorrência estrangeira e houve o fechamento de diversas indústrias de capital nacional existentes no município: Arames Cleide, Braibanti, Cortiris, Fichet, Freios Gotz, Kauder, Metalúrgica Motta, Nordon, Pierre Saby, Irmãos Vassoler entre outras, encerraram suas atividades.

Harvey (2005, p. 47) nota que “as crises periódicas devem ter o efeito de expandir a capacidade produtiva e de renovar as condições de acumulação adicional”. O mesmo autor considera que cada crise proporciona uma mudança para um “nível novo e superior” no processo de acumulação. Para Harvey (2011):

Também é vital lembrar-se de que as crises assumem um papel fundamental na geografia histórica do capitalismo como “racionalizadores irracionais” de um sistema inerentemente contraditório. As crises são, em suma, tão necessárias para a evolução do capitalismo como o dinheiro, o poder do trabalho e o próprio capital (HARVEY, 2011, p. 99-100).

2.3 – O Capital Financeiro

Diversos autores ⁶¹ estudaram no início do século XX a importância do conceito de capital financeiro, baseados principalmente nos alicerces feitos por Marx, que na época de seus escritos se referia, segundo Chesnais (1996, p. 290) “aos senhores das finanças, que vivem de operações feitas no cenário da esfera financeira.” Chesnais observa que:

As operações próprias à esfera financeira dão origem a camadas da burguesia de caráter essencialmente rentista, no preciso sentido econômico de que os rendimentos de que usufruem provém de transferências a partir da esfera de produção e circulação (CHESNAIS, 1996, p. 290).

Hilferding (1910) foi um dos autores que no início do século XX desenvolveu sob uma ótica marxista em forma pioneira o conceito de capital financeiro, conceitualizado por Harvey (1990, p. 145) “como uma unificação do capital bancário e do capital produtivo através de uma variedade de arranjos organizacionais.”

Da mesma forma o conceito de capital financeiro de Hilferding, segundo Chesnais (1996, p. 291) “designa a forma de capital que nasce (...) da estreita interconexão entre os grandes bancos e a grande indústria.”

Para Kon (1994, p. 50) na obra de Hilferding, há a “noção de que o desenvolvimento do capitalismo cada vez mais se caracteriza por uma relação intrínseca entre o capital bancário e o capital industrial, quando o capital assume a forma de capital financeiro.”

⁶¹ Entre eles: HOBSON (1902) *Imperialism, A Study*. New York: Cosimo, 2005; HILFERDING (1910) *Capital financeiro*. São Paulo: Nova Cultural, 1985; LUXEMBURGO (1913) *A acumulação de capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1985; BUKHARIN (1916) *O imperialismo e a economia mundial*. São Paulo: Nova Cultural, 1988; LÊNIN (1917) *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. 3 ed. São Paulo: Global, 1985.

Thompson (1977, p. 247 *apud* HARVEY, 1990, p. 324) define o capital financeiro como “uma combinação articulada de capital comercial, capital industrial e capital bancário”. Neste ponto Harvey (1990, p. 324) observa que o “capital bancário é dominante, porém não é determinante.”

A partir dos anos 80, com a crescente financeirização do capitalismo, os grupos financeiros (bancários e não bancários) através de investimentos, entram em estreita conexão com os grandes capitais industriais.⁶²

A partir do momento em que o capital financeiro interfere diretamente nas empresas industriais, tanto como investimentos produtivos ou apenas como investimentos especulativos, algumas conseqüências podem ser percebidas, pois em busca de uma maior rentabilidade ou de uma redução de riscos, os grupos econômicos lançam mão de estratégias como “demissões massivas em seguida a operações da chamada reengenharia, rebaixamento do nível salarial e instauração da mais completa precariedade do trabalho” (CHESNAIS, 1996, p. 293).

Gonçalves (1999) avalia que:

A questão central reside no processo de centralização e concentração do capital que gera o capitalismo monopolista. Estruturas de mercado cada vez mais marcadas por trustes e cartéis são controladas por grandes grupos econômicos e, dependendo do processo histórico específico, sob controle dos financistas (Gonçalves, 1999).

⁶² E em muitos casos ocorre o oposto: Grupos industriais criam seus “braços” financeiros. Alguns exemplos (especialmente no caso das montadoras de veículos) podem ser considerados: Banco Volkswagen, Banco Mercedes-Benz, Banco Ford, Grupo Mitsubishi, General Electric entre outros.

2.4 – Aquisições, Fusões, Incorporações e Eliminação da Concorrência.

Grande parte dos processos de centralização de capitais ocorre através de aquisições, fusões e incorporações de firmas. O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE), autarquia federal vinculada ao Ministério da Justiça, define esses conceitos da seguinte maneira:

Aquisição ocorre quando um agente econômico adquire o controle ou parcela substancial da participação acionária de outro agente econômico.

Fusão é um ato societário pelo qual dois ou mais agentes econômicos independentes formam um novo agente econômico, deixando de existir como entidades jurídicas distintas.

Incorporação é um ato societário pelo qual um ou mais agentes econômicos incorporam, total ou parcialmente, outros agentes econômicos dentro de uma mesma pessoa jurídica, no qual o agente incorporado desaparece enquanto pessoa jurídica, mas o adquirente mantém a identidade jurídica anterior à operação (CADE, 2007, p. 27).

Chesnais observa que “um dos principais objetivos de uma aquisição/fusão consiste em pegar uma parcela do mercado, especialmente quando for acompanhada pela aquisição de marcas comerciais, de redes de distribuição e de clientes cativos” (CHESNAIS, 1996, p. 64).

Da mesma maneira, Goldenstein nota que o interesse das empresas transnacionais em comprar empresas nacionais “é conquistar um mercado em expansão” e que para a autora: “é óbvio que essa absorção de empresas nacionais leva, em uma segunda etapa, a novos investimentos” (GOLDENSTEIN, 2001, p. 216).

Marx foi o grande observador crítico das ondas de fusões e aquisições e a conseqüente eliminação da concorrência causada pela centralização de capitais:

Os capitais grandes esmagam os pequenos. Demais, lembramos que, com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, aumenta a dimensão mínima do capital exigido para se levar adiante um negócio em condições normais. Os capitais pequenos lançam-se, assim, nos ramos de produção de que a grande indústria se apossou apenas de maneira esporádica ou incompleta. A concorrência acirra-se então na razão direta do número e na inversa da magnitude dos capitais que se rivalizam (MARX, 2009, p. 729).

Os processos de concentração e centralização de capitais que ocorrem em novos patamares (ALVES, 2000, p. 11) desde meados dos anos 70, confirmam o que anteriormente Marx já tinha observado e evidenciam como a centralização dos capitais afeta os capitais individuais.

A batalha da concorrência é, segundo Marx, feita pela redução dos preços das mercadorias, pelo aumento da produtividade do trabalho e pelo aumento da escala da produção. A concorrência acirrada entre os grandes e pequenos capitais “acaba sempre com a derrota de muitos capitalistas pequenos, cujos capitais ou soçobram ou se transferem para as mãos do vencedor” (MARX, 2009, p. 729).

Para Aglietta (1986):

A centralização se efetua principalmente mediante a eliminação de empresas. Assim, a centralização não se limita a reduzir o número de capitais autônomos e a aumentar seu tamanho. A centralização estabelece novas relações de concorrência, porque a destruição de uma parte do capital diminui a massa total do capital empregado na produção e proporciona novas possibilidades de valorização de todos os capitais (...) A criação de novas relações de concorrência é o meio que permite ordenar essa desvalorização e realizar uma contínua transformação das condições de produção, ao mesmo tempo em que reduzem as conseqüências negativas das eliminações brutais de capital (AGLIETTA, 1986, p. 196).

2.5 – A reestruturação produtiva

Entendemos o conceito de “reestruturação produtiva” como um conjunto de transformações estruturais tanto na área de produção como na área da organização industrial.

Alves (2000) compreende a reestruturação produtiva como “um sistema de inovações tecnológico-organizacionais no campo da produção capitalista” (ALVES, 2000, p. 11).

Desde meados dos anos 1970 profundas modificações ocorreram nas indústrias dos países desenvolvidos. O “esgotamento” do modo de produção em massa (fordismo) causado pela baixa lucratividade do capital investido cede aos poucos lugar a um novo modo de produção denominado de pós-fordismo (PIORE e SABEL, 1984), acumulação flexível (HARVEY, 1989) ou produção enxuta [*lean production*] (WOMACK *et alli*, 1990).⁶³

Em linhas gerais considera-se como “produção enxuta” uma maior eficiência no “uso de materiais, espaço e trabalhadores, enfatizando a maximização de valor na produção de uma gama mais diferenciada de produtos em grandes e pequenas fábricas” (HAYTER, 1997, p. 39).

A introdução de novos modos de gestão, com a diminuição dos níveis hierárquicos (e burocráticos) na empresa, permitem uma maior aproximação da gerência com os trabalhadores da produção, facilitando a resolução de problemas e otimizando a produção.

⁶³ Cf. HAYTER, 1997, p.37. O termo pós-fordismo foi usado por PIRE e SABEL (1984) em: *The Second industrial divide: possibilities for prosperity*. New York: Basic Books; David Harvey utiliza o termo acumulação flexível em HARVEY (1989) *The Condition of Post-Modernity*, New York: Wiley-Blackwell (publicada no Brasil pela Editora Loyola sob o título *Condição Pós Moderna*) e em várias obras subsequentes; Womack *et alli* (1990) utilizam o termo “lean production” (produção enxuta) em: *The machine that changed the world*. New York: Rawson Associates, Macmillan.

Outra dessas inovações é o sistema *just-in-time*, criado no Japão em meados dos anos 60. Ele tem como características básicas a integração e otimização de todo processo de manufatura, a melhoria contínua dos processos e procedimentos e o atendimento das necessidades do cliente no que se refere à qualidade do produto, prazo de entrega e custo. (ALVES, 1995). Para Alves (1995) “A meta do JIT é desenvolver um sistema que permita a um fabricante ter somente os materiais, equipamentos e pessoas necessários a cada tarefa”.⁶⁴

Houve no processo produtivo a introdução de equipamentos computadorizados, robôs, máquinas numericamente controladas, automatização de processos, e uso e disseminação de softwares (tais como o CAD) que permitem um maior controle tanto da produção como da administração. Hayter observa que “operações computadorizadas tornaram-se uma parte importante do investimento fixo em instalações e equipamentos” (HAYTER, 1997, p. 33), algo que certamente tem crescido ainda mais nos aproximadamente quinze anos desde que essa obra foi publicada.

O sistema de produção enxuta (*lean production*) – caracterizado pela automatização de diversas fases da produção, pelo controle mais eficiente de estoques e pela flexibilização da força de trabalho - provocou uma diminuição do tamanho das fábricas, processo conhecido internacionalmente como “*downsizing*”, provocando de um lado uma maior eficiência econômica das empresas, e por outro lado, a dispensa de trabalhadores.

Para Gottdiener (1990) mudanças nas formas de gestão (facilitadas pelos avanços tecnológicos), de produção e de acumulação, permitiram uma reestruturação produtiva na empresas:

⁶⁴ Alves (1995) descreve as metas a serem obtidas no processo *just-in-time*: 1. Integrar e otimizar cada etapa do processo de manufatura; 2. Produzir produtos de qualidade; 3. Reduzir os custos de produção; 4. Produzir somente em função da demanda; 5. Desenvolver flexibilidade de produção; 6. Manter os compromissos assumidos com clientes e fornecedores.

Recentes avanços tecnológicos na área de robótica e de maquinaria de produção flexível têm alterado o regime de produção fabril e prenunciam novas relações entre o capital e o trabalho. A flexibilização, a produção em pequenos lotes, as subcontratações para pronta entrega, a automação da produção seriada, e assim por diante, todas representam formidáveis mudanças de reestruturação, com efeitos sobre as relações sócio-espaciais (GOTTDIENER, 1990, p. 65).

Para Conceição (2008), a reestruturação produtiva consiste, em linhas gerais:

na separação entre centros de desenvolvimento e lugares de montagem, a interiorização da produção para os *green fields*, novos métodos organizacionais, novos equipamentos, focalização, desverticalização, terceirização, redução de pessoal, incremento da produtividade e novos investimentos (CONCEIÇÃO, 2008, p. 40).

As mudanças ocorridas nas últimas décadas possibilitaram que o capital (em todas as suas formas) atingisse um novo nível de acumulação. Este novo nível de acumulação apresenta segundo Harvey (2005) algumas características como o aumento da produtividade da mão de obra proporcionada pelo uso de novas máquinas e equipamentos; a diminuição do custo da mão de obra causada pelo desemprego industrial e o investimento de capitais excedentes em novas linhas de produtos (HARVEY, 2005, p. 47).

2.6 – Relocalização Industrial e Dispersão Industrial (Estratégias de multilocalidades)

Para se manterem competitivos, as grandes empresas e os grupos financeiros utilizam diversas estratégias de “redução de custos ou de expansão da acumulação” (LENCIONI, 1994, p. 58). Algumas empresas optam pela relocalização industrial, enquanto que outras optam pela produção industrial em diversas localidades (dispersão industrial).

Geralmente quando há uma fusão ou aquisição de uma empresa concorrente, a firma compradora (vencedora) realiza uma reestruturação tanto na produção como na administração: procedimentos técnicos e administrativos são revistos em busca de maior produtividade e maior acumulação. Em alguns casos, a fusão ou a aquisição acabam resultando na presença de duas ou mais fábricas em áreas geográficas próximas, o que pode tornar tal duplicidade antieconômica.

Um caso exemplar ocorreu em Santo André com a compra da fábrica de caminhões da Chrysler pela Volkswagen em 1981. Alguns anos mais tarde, por considerar que era desnecessário possuir duas fábricas de caminhões no Grande ABC, a Volkswagen vendeu o imóvel localizado em Santo André. Posteriormente a empresa também fechou a unidade produtora de caminhões que se localizava em São Bernardo do Campo e abriu uma nova planta industrial em Resende, interior do estado do Rio de Janeiro.

Outro caso, envolvendo uma aquisição, é o da compra da Rhodia pela Solvay. Clássico caso de centralização de capitais, o grupo francês Rhoné-Poulenc perdeu sua autonomia e em consequência a Rhodia tornou-se uma divisão de negócios da Solvay, que agora possui três fábricas na cidade de Santo André e já no início de 2013 confirmou a intenção de vender a participação em uma de suas empresas localizada na cidade: a Solvay Indupa.⁶⁵

⁶⁵ A notícia do fechamento da fábrica de PVC da Solvay Indupa também causou preocupações por parte dos trabalhadores. Sobre a intenção da venda cf. “Grupo Solvay anuncia venda da fábrica de Santo André”. Jornal ABCD Maior, 14/02/2103, disponível em <http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=47924>.

Em muitos casos a reestruturação produtiva ocorrida nas empresas também provoca uma realocação da produção, principalmente quando as empresas se vêem “constrangidas” em seu crescimento devido ao aparecimento das chamadas deseconomias de aglomeração e/ou quando não possuem um considerável capital fixo imobilizado e sem vantagens específicas decorrentes de sua localização; nesses casos, uma alternativa sensata é a busca de outros lugares para elas se instalarem.

Com o desenvolvimento da rede de transportes e principalmente com a facilidade proporcionada pelos novos recursos tecnológicos informacionais, a realocação industrial torna-se uma boa opção, principalmente quando a empresa encontra lugares onde o custo da terra seja mais barato, já tenham infra-estrutura básica, redes de transportes e comunicação, além da disponibilidade de mão de obra (*labour pool*).

Geralmente a empresa resolve fechar a (ou as) unidade(s) industrial(ais) localizada(s) em uma cidade grande nas quais os terrenos tipicamente se valorizam, e constrói uma nova fábrica em outro lugar.

Dezenas de indústrias antes instaladas em Santo André optaram pela realocação industrial. Situadas geralmente em áreas que ficaram muito valorizadas, tornou-se uma excelente oportunidade de acumulação a venda de seus imóveis e a concomitante transferência para outras cidades. Empresas de renome como Otis, Festo, KS Pistões, Black & Decker, Volkswagen Caminhões, Eaton, Reckitt Benckiser e Romi foram algumas das empresas que venderam seus imóveis localizados em Santo André e transferiram-se para outras localidades.

Além da realocação industrial, outras empresas optam pela dispersão industrial, numa estratégia de multi-localidade (*multi-plants*). As empresas que dispersam suas unidades buscam geralmente se instalar em áreas próximas às fontes de matérias-primas, em busca de mão-de-obra mais barata, em locais dotados de infra-estrutura básica e que tenham acesso a um sistema de transporte.

Em alguns casos a proximidade de fornecedores e clientes industriais e/ou o acesso a um mercado consumidor também determinam a localização industrial. Nesse sentido, Lencioni (1994, p. 58) observa que “muito da dispersão industrial está vinculado a processos de centralização do capital.”

Um caso exemplar ocorrido em Santo André foi o da indústria de fertilizantes, que trataremos detalhadamente no capítulo 4. Neste setor, após o processo de privatização o grupo Bunge tornou-se um dos maiores produtores de insumos agrícolas do país adquirindo diversas empresas e posteriormente fechando as unidades antigas.⁶⁶ Buscando maior proximidade com as fontes de matérias-primas e com o mercado consumidor de seus produtos, o grupo Bunge dispersou sua produção em unidades localizadas em vários estados do Brasil.

Num claro processo de centralização de capital, em 2010 a Cia Vale do Rio Doce comprou parte dos ativos da Bunge no segmento de insumos e mineração, criando uma nova empresa de porte: a Vale Fertilizantes. Outra parte dos ativos da Bunge (mistura e distribuição de fertilizantes) foi em 2012 vendida para a empresa norueguesa Yara International.⁶⁷

No entanto convém ressaltar que por mais que as empresas dispersem e descentalizem geograficamente suas unidades produtivas, o controle (facilitado pelos meios informacionais) torna-se cada vez mais centralizado, geralmente na metrópole mais próxima e/ou na matriz. Ou seja, a produção pode ser (e às vezes é) dispersada, todavia o comando é cada vez mais centralizado.

⁶⁶ Cf. BNDES (2009) *Principais Empresas e Grupos Brasileiros do setor de Fertilizantes*. O caso do setor de fertilizantes mereceria um trabalho à parte. Desde o processo de desestatização do setor, foram inúmeras as mudanças no controle acionário das empresas (compra, venda, fusões e aquisições) de maneira que todas as informações obtidas em uma data correm o risco de ficarem desatualizadas no dia seguinte.

⁶⁷ Cf. *Folha de São Paulo*, disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/82514-bunge-brasil-vende-divisao-de-adubos-por-us-750-mi.shtml>>. Acesso em 18 mar. 2013.

2.7 - Desindustrialização

Em alguns casos, uma das conseqüências do processo de centralização de capital pode ser a desindustrialização. Cidades ou regiões inteiras, principalmente em antigos centros industriais cujas fábricas tornaram-se obsoletas, são atingidas pelos efeitos das deseconomias de aglomeração.

Knox & Agnew (1998) definem da seguinte forma o fenômeno da desindustrialização:

Esse termo é usado um tanto livremente por muitos autores. Basicamente o conceito é de um declínio relativo no emprego industrial em uma nação ou uma região onde tradicionalmente a indústria tem sido um componente significativo da economia. A desindustrialização pode ser resultado de mudanças de atitudes ou de mudanças seculares na economia que estão relacionadas à mudança tecnológica e/ou à globalização da economia. Em algumas circunstâncias, tais mudanças podem envolver não somente um declínio relativo, mas também um declínio absoluto; e podem envolver um declínio da produção industrial bem como no emprego industrial (KNOX & AGNEW, 1998, p. 5).

Para Thirwell (1982, *apud* HAYTER, 1997, p. 402) desindustrialização é “melhor definida como um absoluto declínio da atividade industrial, principalmente quando comparado com os níveis de emprego na região ou na nação, por um longo período de tempo.”

Hayter (1997, p. 402) adverte que não existe consenso sobre o uso preciso do termo desindustrialização e que na prática o termo tem sido usado um tanto livremente pelos autores quando analisam os níveis da perda de empregos, as escalas temporais e as escalas geográficas.

Em sentido absoluto desindustrialização significa a saída de indústrias de um determinado território. Para Hayter (1997, p. 403) é um “processo de longo prazo na qual são permanentes as reduções nos empregos e na capacidade industrial”.

Em nossa opinião, hoje o termo pode ser aplicado em cidades (e regiões) que ainda obtém a maior parte de suas receitas provenientes do setor secundário, sempre que no passado tenham tido mais indústrias. Além disso, também pode ocorrer um *processo* de desindustrialização quando há um considerável número de empresas fechadas (tanto pela realocação industrial como pela falência) tendo como consequência a eliminação de muitos empregos industriais.

A eliminação dos empregos ocorre geralmente por meio das inovações tecnológicas. Cidades ou regiões podem manter “intactos” seus parques industriais reduzindo consideravelmente o número de trabalhadores; Todavia, a queda do emprego industrial nem sempre significa desindustrialização.

2.8 – Algumas considerações sobre o processo de centralização de capital.

Em suma, enquanto o processo de concentração (através da ampliação da mais-valia) contribui para o aumento do porte de uma empresa; o processo de centralização de capitais atua fortemente na alteração da estrutura industrial de uma cidade ou região, através das fusões, incorporações e aquisições de empresas, da forte concorrência e conseqüente eliminação das empresas mais fracas, e através das mudanças tecnológicas e de gestão.

Se por um lado, os processos de concentração e centralização do capital levam grandes grupos econômicos a uma reestruturação produtiva inclusive com uma política de realocização industrial, de outro lado em nível local, as externalidades negativas ou deseconomias de aglomeração contribuem para a transferência de muitas indústrias para outros locais.

As empresas que decidem pela transferência ou pela construção de novas fábricas optam, na maioria das vezes, por lugares que oferecem um custo menor de mão-de-obra, melhor estrutura de transportes e comunicações, além de usufruírem dos incentivos (fiscais e/ou de infra-estrutura básica) proporcionados pelo poder público.

No próximo capítulo abordaremos o fenômeno das economias de aglomeração e sua contrapartida as chamadas deseconomias de aglomeração

CAPÍTULO 3 – AS ECONOMIAS E AS DESECONOMIAS DE AGLOMERAÇÃO

O desenvolvimento das economias e deseconomias de aglomeração, conhecidas também como externalidades positivas e negativas, são processos observados e estudados há muito tempo por diversos autores.⁶⁸

Neste capítulo abordamos o fenômeno das economias de aglomeração - tecendo alguns comentários a respeito do novo direcionamento industrial iniciado a partir dos anos 1970 - e sua contrapartida, as chamadas deseconomias de aglomeração que, no caso do município de Santo André, influenciaram e ainda influenciam um relativo processo de evasão industrial, com conseqüentes alterações na estrutura industrial da cidade.

3.1 - Externalidades ou Economias de Aglomeração

Segundo o Banco Mundial (2009, p. 129) as economias externas, conhecidas também como externalidades, são sinônimo de "economias de aglomeração" e incluem os benefícios da localização e da urbanização. Do mesmo modo Hayter (1997) observa que, como fator de localização industrial, as externalidades ou (des)economias de aglomeração convencionalmente dividem-se em economias de urbanização e de localização:

⁶⁸ Cf. BANCO MUNDIAL, *Reshaping Economic Geography*, Washington: World Bank, 2009, p. 295. Os autores destacam como sendo fundamentais para o entendimento das chamadas economias de aglomeração as seguintes obras:

SMITH, Adam. 1976 [1776]. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. Chicago: University of Chicago Press (Cannan's edition of the *Wealth of Nations* was originally published in 1904 by Methuen & Co. Ltd. First Edition in 1776); Versão em português: SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*, Momento Atual, s/l: 2003;

MARSHALL, Alfred. 1890. *Principles of Economics*. London: Macmillan; Versão em português: MARSHALL, Alfred. (1890). *Princípios de Economia*. Trad. Port. São Paulo: Abril Cultural, Col. "Os Economistas", 2 volumes, 1982;

CHINITZ, Benjamin J. 1961. "Contrasts in Agglomeration: New York and Pittsburgh." *American Economic Review* 51 (2): 279-89.

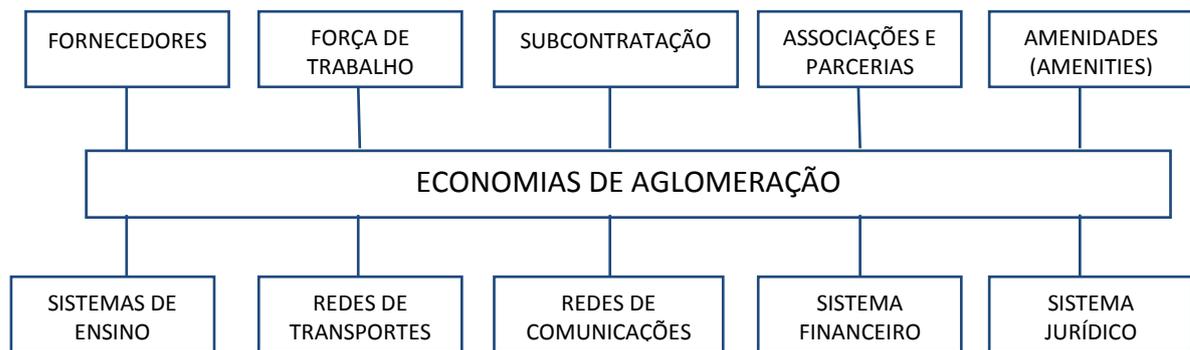
ARROW, Kenneth J. 1962. "Economic Welfare and the Allocation of Resources for Invention." In *The Rate and Direction of Inventive Activity: Economic and Social Factors*, ed. Conference of the Universities and the National Bureau Committee for Economic Research. Princeton, NJ: Princeton University Press.;

JACOBS, Jane. 1970. *The Economy of Cities*. New York: Vintage.

KRUGMAN, Paul R. 1991. *Geography and Trade*. Cambridge, MA: MIT Press.

As economias de urbanização referem-se as (des)vantagens de se localizar em uma grande cidade em vez de uma pequena cidade. As (des)vantagens de localização referem-se à concentração de empresas do mesmo tipo e indústrias relacionadas com elas (HAYTER, 1997, p. 91).

Figura 3.1 – Componentes das Economias de Aglomeração



Elaborado pelo Autor.

3.1.1 - As economias de urbanização

As economias de urbanização proporcionam às empresas várias relações e benefícios. Nas grandes cidades as empresas podem contar com um diversificado sistema de transporte, com um sofisticado sistema de comunicações, com uma diversificada (e geralmente disponível) força de trabalho, além de contarem com o acesso à uma ampla rede de serviços empresariais. Envolve também questões operacionais de funcionamento, como a facilidade em obter (e se desfazer de) mão-de-obra qualificada (*labour pool*) e a existência de infra-estrutura básica, como luz, água e esgoto.

As grandes cidades disponibilizam para as indústrias o acesso a um sistema financeiro (bancos, seguradoras, financeiras), o acesso a um sistema legal (escritórios de advocacia, consultorias, órgãos públicos), além do acesso a um mercado consumidor.

Também nas maiores cidades existe uma notável diversidade das chamadas “amenidades”: hotéis, clubes, bares e restaurantes, cinemas e teatros, centro de convenções e exposições, museus e centros culturais, parques e espaços públicos, entre outros equipamentos.

3.1.2 – As Economias de Localização

Vários autores ⁶⁹ (ao longo do tempo) estudaram a localização industrial. Ferreira & Lemos (2000) apontam os estudos pioneiros de Von Thunen ⁷⁰ (1826) que considerou a “maximização da renda agrícola como elemento orientador de toda a atividade econômica”, o modelo de Weber (1909) que preconiza “a minimização dos custos” dependente da rede de transporte, a teoria dos lugares centrais proposta por Christaller (1933), o modelo de Losch que enfatiza “o lucro extra em função de ganhos de escala” e por fim o estudo de Isard (1956) que “propôs um modelo de síntese geral, a partir da integração dos aspectos relacionados à minimização dos custos e às áreas de mercado” (FERREIRA & LEMOS, 2000, p. 486). ⁷¹

Outro autor de vulto que escreveu sobre as economias de aglomeração foi Alfred Marshall ⁷². Klink (2001) sintetiza o raciocínio “marshalliano” explicando três motivos pelos quais as empresas se aglomeram: a força de trabalho (labour pool), o mercado consumidor e as externalidades tecnológicas.

Segundo Klink, “a aglomeração proporciona o fenômeno do labor pooling (a bacia de mão de obra qualificada), implicando um grande potencial para oferecer, a qualquer momento, todo tipo de trabalho especializado” resultando em menores custos de admissão e demissão de pessoal e uma maior produtividade.

⁶⁹ Cf. WEBER, A. *Theory of location of industries*. University of Chicago Press, 1929; CHRISTALLER, W. *Central places in Souther Germany*. Jena, Germany: Fischer, 1933; LOSCH, A. *The Economics of location*. Yale University Press, 1954; ISARD, W. *Location and space economy*. Cambridge: MIT Press, 1956.

⁷⁰ Cf. Von Thunnen. *Der Isolierte Staat in Beziehung auf Landwirtschaft und Nationalökonomie*, 1826.

⁷¹ Não é o objetivo deste trabalho “revisitar” as Teorias Clássicas da Localização.

⁷² Cf. MARSHALL, A. *Princípios de economia: tratado introdutório*. São Paulo: Nova Cultural, 1982. (Os Economistas).

A existência de redes de fornecedores e clientes induz à aglomeração das empresas e estas encontram “um amplo mercado para suas mercadorias” (KLINK, 2001, p. 23). Quanto aos benefícios obtidos pelas empresas pelas externalidades tecnológicas, Klink (2001) observa:

(...) a aglomeração oferece importantes externalidades tecnológicas positivas, pois assim que o progresso da inovação tecnológica é internalizado por um determinado número de empresas, uma concentração geográfica favorece uma rápida difusão desse conhecimento para a região como um todo (KLINK, 2001, p. 23).

O que (provavelmente) as Teorias da Localização possuem em comum é a ênfase na (maior) lucratividade que as empresas alcançam quando se localizam próximas umas às outras, pois os benefícios da localização são evidentes quando as empresas estão concentradas em uma mesma área geográfica, pois os contatos, as relações com os fornecedores e com o mercado, as formas de subcontratação e as possibilidades de associações e parcerias são facilitadas pela proximidade uma das outras. Com o crescimento das economias, percebem-se claramente outros benefícios que as firmas obtêm localizando-se umas próximas a outras, principalmente nas questões de logística que reduzem o tempo de circulação das mercadorias.

Ferreira & Lemos (2000) observam que:

A localização e a ação de uma determinada indústria em particular exercem um papel fundamental no processo de concentração de capitais, pois essa indústria não apenas influencia os fornecedores diretos e indiretos da região, mas motiva também a instalação de novas empresas ou mesmo clientes (FERREIRA & LEMOS, 2000, p. 487).

As vantagens das economias de aglomeração envolvem principalmente as questões financeiras como a redução dos custos operacionais e a compra dos insumos e matérias primas por preços de atacado. As aglomerações permitem também um acompanhamento, por parte das empresas, dos movimentos de seus concorrentes.

Além disso, a aglomeração espacial “tem gerado um movimento de concentração e centralização das decisões produtivas, em determinadas regiões ou países” (FERREIRA & LEMOS, 2000, p. 487).

Para o Banco Mundial (2009, p.133) “a aglomeração espacial é mais pronunciada com indústrias de alta tecnologia do que com as indústrias leves”, pois a colaboração entre centros de pesquisa e desenvolvimento com as indústrias de alta tecnologia, em especial, as empresas dos ramos aeronáutico, de informática, de biotecnologia, de produtos químicos e farmacêuticos, entre outras, favorecem a aglomeração espacial, denominados de clusters, arranjos produtivos locais (APL) e sistemas produtivos e inovativos locais (SPL), sendo o conceito de APL o mais comumente utilizado no Brasil.

Porter (2000, p. 15) define os “clusters” como concentrações geográficas de empresas interconectadas, de fornecedores especializados, de prestadores de serviços, de empresas em setores relacionados e de instituições associadas (por exemplo, universidades, agências de normatização, associações comerciais) em um campo específico, que competem, mas também cooperam.

Os arranjos produtivos locais são definidos pela Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais (RedeSist) ⁷³como:

⁷³ RedeSist é uma rede de estudos e pesquisas interdisciplinar sediada no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Formalizada em 1997, seu principal foco são as pesquisas em arranjos e sistemas produtivos locais.
Cf. <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=2&menu=300>>. Acesso em 30 maio 2013. Ver também: <<http://www.redesist.ie.ufrj.br/index.php>>. Acesso em 30 maio 2013.

aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais – com foco em um conjunto específico de atividades econômicas – que apresentam vínculos mesmo que incipientes. Geralmente envolvem a participação e a interação de empresas – que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros – e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras instituições públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos, como escolas técnicas e universidades; pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento. (REDESIST *apud* CASSIOLATO & LASTRES, 2003, p. 21).

São vários os estudos ⁷⁴ sobre os arranjos produtivos locais produzidos no Brasil pela RedeSist cujos temas de interesse são:

relacionados aos novos requerimentos e formas do desenvolvimento industrial e tecnológico associados à Era do Conhecimento, bem como ao papel, objetivos e instrumentos de políticas tecnológicas e industriais adotadas neste novo contexto internacional. Tais temas são aprofundados à luz dos arranjos e sistemas produtivos locais. (REDESIST, s/d)

Já no Grande ABC a Agência de Desenvolvimento do Grande ABC apóia vários projetos visando a estruturação dos APL em diversos ramos produtivos, entre os quais se destacam o APL TI e Telecom (São Caetano do Sul), o APL Metal mecânico, o APL Ferramentaria e o APL Plásticos. ⁷⁵

⁷⁴ Entre os vários estudos produzidos pela RedeSist destacam-se as seguintes obras:

LASTRES, H. M.; ALBAGLI, S. (orgs.) *Informação e globalização na era do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1999;

LASTRES, H. M. *et alli* (coords.). *Interagir para competir: promoção de arranjos produtivos e inovativos no Brasil*. Brasília: Sebrae, 2002;

ALBAGLI, S.; BRITO, J. *Glossário de arranjos produtivos locais*. Brasília: Sebrae, 2003.

LASTRES, H. M.; CASSIOLATO, J. E.; ARROIO, A. (orgs.) *Conhecimento, sistemas de inovação e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Contraponto, 2005.

CASSIOLATO, J. E.; LASTRES, H. M.; STALLIVIERI, F. (orgs.) *Arranjos Produtivos Locais. Uma alternativa para o desenvolvimento*. vol. 2. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

⁷⁵ Cf. <<http://www.agenciagabc.com.br/grandeabc0709br/projetos/?id=177>>. Acesso em 30 maio 2013.

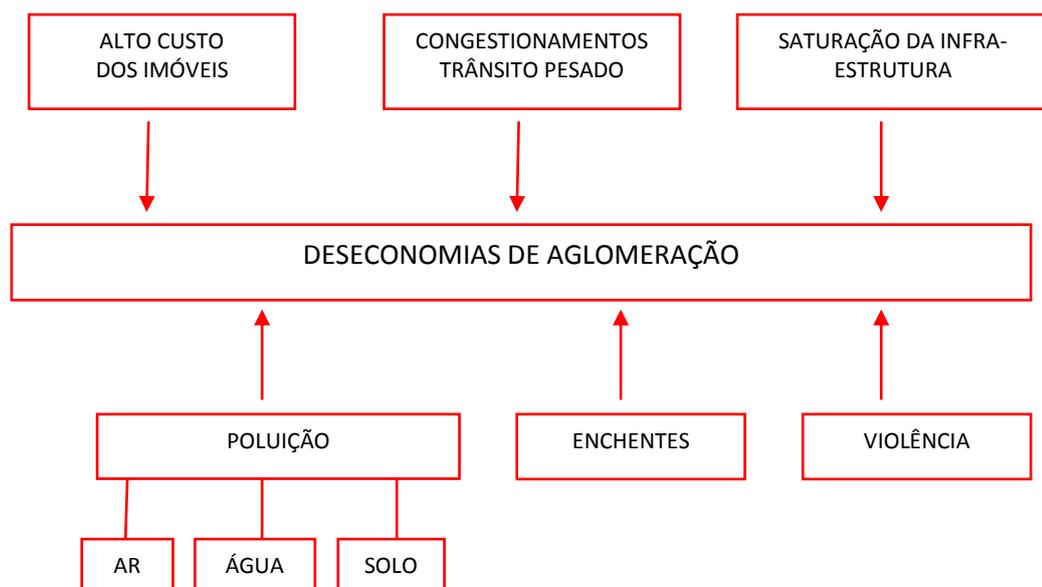
3.2 - As Deseconomias de Aglomeração

Para Ferreira & Lemos (2000) as deseconomias externas podem ser entendidas como “os custos adicionais urbanos que superam os benefícios interfirmas e interindústrias provenientes da concentração/aglomeração” (FERREIRA & LEMOS, 2000, p. 489).

Quando as cidades crescem em demasia, surgem os inconvenientes de seu próprio crescimento, tais como a escassez ou o alto preço dos imóveis e dos aluguéis, trânsito pesado, congestionamentos, problemas ambientais como a poluição do ar, do solo e das águas.

O aumento dos níveis de criminalidade, a falta de habitações adequadas, deficiências e saturação da infra-estrutura urbana também começam a ocorrer nas cidades. Esses problemas são denominados de externalidades negativas ou deseconomias de aglomeração.

Figura 3.2 – Fatores causadores de Deseconomias de Aglomeração



Elaborado pelo Autor.

Segundo Daniel (1996):

(...) tanto as economias quanto as deseconomias de aglomeração compõem-se de custos e benefícios. As primeiras envolvem, por exemplo, redução de custos de transportes e comunicação (fruto da proximidade espacial) e criação de benefícios como porte de mercado (que viabiliza novas atividades), oferta de mão-de-obra em qualidade e quantidade ou melhoria de qualidade de vida (acesso dos moradores a novos bens e serviços). Já as deseconomias, além de anular certos benefícios - a exemplo da qualidade de vida -, incluem a escassez de terrenos, a elevação de seus preços, congestionamentos, poluição, enchentes, etc. (DANIEL, 1996, p. 140).

Problemas de congestionamentos, o elevado preço da terra, os níveis de criminalidade, a falta de habitações adequadas, a existência de cortiços e favelas, a falta de acesso aos serviços básicos, são conforme observa o Banco Mundial (2009, p. 143-144) “os custos de densidade, ou as deseconomias de aglomeração” existentes nas grandes cidades.

Hayter (1997, p. 92) observa que “grandes cidades também podem impor as chamadas deseconomias de aglomeração (externalidades negativas) na forma de congestionamento, poluição e crime”.

3.3 – A Guerra Fiscal

Em muitos casos, as empresas, diante dos problemas causados pelas deseconomias de aglomeração nas grandes cidades, resolvem transferir ou construir novas unidades produtivas em outros locais. Geralmente são atraídas principalmente pela Guerra Fiscal, fenômeno brasileiro dos anos 1990.

A Guerra Fiscal, como o próprio nome diz, refere-se aos incentivos fiscais: isenção, por médio e longo prazo, do pagamento de impostos e /ou tributos e a redução das alíquotas dos impostos, promovidos primeiramente pelos Estados da Federação e posteriormente pelos municípios.

Arbix (2002, p. 109) considera que “a guerra foi chamada *fiscal* por estar baseada no jogo com a receita e a arrecadação futura do ICMS”. Todavia o mesmo autor observa que a Guerra Fiscal:

Envolve, porém, diferentes taxas e financiamento para capital de giro e infra-estrutura, incluindo terraplanagem, vias de acesso, terminais portuários, ferroviários e rodoviários, assim como malhas de comunicação e mesmo a diminuição das tarifas de energia elétrica. Nos municípios, taxas, IPTU e ISS foram oferecidos por até trinta anos (ARBIX, 2002, p. 109).

Sobre a Guerra Fiscal, uma enfática observação foi feita por Milton Santos:

A guerra fiscal é, na verdade, uma guerra global entre lugares. Por isso, as maiores empresas elegem, em cada país, os pontos de seu interesse, exigindo, para que funcionem ainda melhor, o equipamento local e regional adequado e o aperfeiçoamento de suas ligações mediante elos materiais e informacionais modernos (SANTOS, 1999).

Um dos exemplos recentes de Guerra Fiscal ocorreu com a instalação de novas fábricas da indústria automobilística nos anos 90.

Após a abertura do mercado brasileiro dos anos 90 e a implementação do Plano Real, houve uma nova onda de investimentos estrangeiros no Brasil. O caso mais recorrente e estudado é o do setor automobilístico, “um dos mais bem protegidos em sua estrutura produtiva e em seu mercado” (ARBIX, 2002, p. 110), que foi beneficiado pelo Novo Regime Automotivo de 1995.⁷⁶

As decisões das montadoras em instalar novas plantas industriais no Brasil colocaram alguns estados da Federação em conflitos (econômicos e até jurídicos), pois alguns estados ofereceram propostas vantajosas às empresas “com a utilização crescente de incentivos, subsídios e isenções fiscais, como forma de atrair as grandes empresas para seus territórios” (ARBIX, 2002, p.116).

Acreditamos que a Guerra Fiscal é nociva à sociedade como um todo. São recursos públicos direcionados para grandes empresas oligopolistas, tudo em nome de um suposto desenvolvimento que pode, ou não, ocorrer.

Para Arbix (2002, p. 126) a Guerra Fiscal não é apenas um jogo de soma zero, possuiu no Brasil “um caráter autofágico” pela competição existente entre os Estados da Federação.⁷⁷

⁷⁶ Cf. ARBIX (2002). Para uma análise mais detalhada da experiência do Novo Regime Automotivo o autor recomenda as seguintes obras:

ARBIX, G. *Uma aposta no futuro: os primeiros anos da câmara setorial da indústria automobilística*. São Paulo: Scritta, 1996;

CARDOSO, A. *Trabalhar, verbo transitivo: destinos profissionais dos deserdados da indústria automobilística*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Editora, 2000.

ARBIX, G. & ZILBOVICIUS, M. (eds.) *De JK a FHC. A reinvenção dos carros*. São Paulo: Scritta, 1997.

⁷⁷ Convém ressaltar que um dos resultados da Guerra Fiscal é uma conta que não fecha: maiores investimentos em infra-estrutura e menor arrecadação.

3.4 – Os movimentos de Relocalização Industrial

3.4.1 - Um novo direcionamento industrial

O espaço industrial brasileiro que até a década de 70 estava concentrado territorialmente principalmente em alguns municípios das regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e de São Paulo, ampliou-se (seletivamente) por várias regiões do Brasil.

A criação da Zona Franca de Manaus em 1967 direcionou para o Norte do Brasil parte da cadeia produtiva do setor elétrico e eletrônico e da produção de motocicletas. (CANO, 1998). Os Planos Nacionais de Desenvolvimento I e II também previam a descentralização da produção industrial brasileira. A construção dos Pólos Petroquímicos de Cubatão (SP), Paulínia (SP), Triunfo (RS) e Camaçari (BA) impulsionaram toda a cadeia produtiva química a instalarem filiais nestes locais.

A construção da fábrica da Fiat em Betim (MG), a primeira empresa do setor automobilístico a se instalar fora do estado de São Paulo ajudou a formar o complexo industrial de Betim-Contagem. Anos mais tarde, diversas cidades brasileiras contam com fábricas de automóveis.

Quase todas as capitais dos estados brasileiros já possuem um parque industrial, mas a concentração industrial ainda persiste principalmente no Centro-Sul do País, só que em um nível regional e não mais local (nas regiões metropolitanas) e desse modo ampliaram-se os eixos industriais em sentido ao interior do estado de São Paulo, à área do Triângulo Mineiro, e ao eixo Belo Horizonte-Juiz de Fora-Vitória.

No estado de São Paulo, o Interior foi favorecido pela desconcentração territorial de indústrias da região metropolitana. Cano (1998) destaca que os principais fatores que desencadearam a desconcentração industrial no estado de São Paulo foram as políticas de descentralização propostas pelos governos de São Paulo, as políticas de atração municipal, os custos (efetivos e imputáveis) da concentração

na Grande São Paulo, os investimentos federais e as políticas de incentivo às exportações e o Pró-Álcool (CANO, 1998, p. 325-326).

As políticas públicas nos anos 70 e 80, tanto estaduais como federais, favoreceram a criação (e ampliação) de uma extensa rede de transporte rodoviário, a construção dos pólos petroquímicos de Cubatão e Paulínia, a criação do complexo aeronáutico e militar de São José dos Campos com o desenvolvimento de um pólo tecnológico comandado pelo Instituto de Tecnologia Aeronáutica [ITA], Embraer, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais [INPE] entre outras empresas e organizações.⁷⁸

Houve também a partir dos anos 70 uma intensa transformação na agroindústria paulista, em especial a localizada entre Campinas e Ribeirão Preto, onde as políticas de incentivo à exportação “encontraram na mais avançada agricultura do país, fértil espaço para modernização, diversificação produtiva e crescimento agroindustrial” (CANO, 1998, p. 326).

É digna de nota a criação das Universidades Públicas e dos institutos de pesquisa no interior do estado, processo iniciado no final dos anos 60 continuado até hoje. Instituições de renome como a Unicamp em Campinas, a USP e a UFSCAR em São Carlos, a USP em Ribeirão Preto e os diversos campi da Unesp promoveram um salto qualitativo na pesquisa e no desenvolvimento científico e tecnológico.

Como resultado do II PND, os investimentos públicos no interior de São Paulo “geraram grandes efeitos multiplicadores locais, atraindo a instalação de empresas e a formação de novas” (CANO, 1998, p. 326). Convém ressaltar que diversas empresas que antes se localizavam em Santo André e em outras cidades do Grande ABC, transferiram suas unidades produtivas ou construíram novas plantas industriais no Interior.⁷⁹

⁷⁸ Ao contrário do Grande ABC (e em especial Santo André) onde a articulação de um pólo tecnológico permanece no papel desde a gestão de Celso Daniel, o Pólo Tecnológico de São José dos Campos dá sinais de dinamismo. Cf. <<http://www.pqtec.org.br/>>.

⁷⁹ No próximo capítulo listamos dezenas de empresas que realocizaram suas unidades produtivas.

3.4.2 - Evasão Industrial - Por que várias indústrias transferiram-se de Santo André?

Acreditamos (em linhas gerais) que além dos efeitos dos processos de concentração e centralização de capitais, expostos no capítulo anterior, muitas empresas saíram de Santo André também pelos efeitos das deseconomias de aglomeração, ou seja, pelas perdas das vantagens de localização.

Existe uma ampla faixa – situada no centro do município – entre as adjacências da linha férrea e o Rio Tamandateí, de localização industrial cujas origens remontam ao início do século XX. Essa faixa industrial, que se estende da divisa de São Caetano do Sul até a divisa de Mauá (onde existe o Pólo Petroquímico de Capuava) corta o município ao meio e hoje é alvo de um projeto de reestruturação e requalificação urbana, o chamado Eixo Tamandateí.

Com o crescimento urbano de Santo André, várias indústrias viram que suas unidades estavam impedidas de crescer devido a uma série de problemas que iam desde as freqüentes inundações, até os crescentes congestionamentos. Além disso, as leis ambientais e de zoneamento urbano ao longo do tempo tornaram-se mais restritivas, pois as indústrias estavam localizadas principalmente em áreas centrais. Aproveitando-se do clima de Guerra Fiscal existente pelo Brasil inteiro, muitas empresas consideraram que a transferência seria lucrativa, afinal diversos municípios ofereciam incentivos como “subsídios fiscais, dotação de infra-estrutura local, distritos industriais, etc.” (CANO, 1998, p.326). E diversas empresas optaram pela realocação industrial.

Acrescenta-se ainda a intensa valorização que os imóveis obtiveram nos últimos anos na cidade de Santo André. Dado que muitos terrenos industriais localizavam-se em áreas consideradas “nobres” do ponto de vista imobiliário no município, a opção das empresas foi a de vender seus imóveis na cidade.

Nesses casos o capital ganhou duas vezes: uma na venda do imóvel valorizado e outra na obtenção de benefícios pelas municipalidades onde construíram novas plantas industriais.⁸⁰

Foram dezenas de casos de empresas que optaram por uma realocização industrial, tanto em Santo André como no Grande ABC. Descrevemos três exemplos que consideramos emblemáticos: GE/Black & Decker, KS Pistões e a Eaton.

Até o início dos anos 80 a General Electric produzia seus eletrodomésticos em Santo André. Por decisão da matriz americana, a GE retirou-se deste segmento do mercado brasileiro, vendendo em 1984 a fábrica e toda a linha de produtos para a Black & Decker, também de capital norte-americano. Todavia, doze anos mais tarde a própria Black & Decker viria fechar esta planta.

No website institucional, a Black&Decker - agora incorporada por sua concorrente direta, a Stanley - explica a razão do fechamento da fábrica em Santo André:

A Black & Decker tinha como missão produzir eletrodomésticos portáteis (ferros de passar, principalmente) em massa, e o principal consumidor era o mercado norte-americano. No entanto, a indústria de eletrodomésticos caminhava para a redução do custo de produção. A Black & Decker norte-americana constatou que o custo ferro de passar fabricado no Brasil estava elevado e desde 1989 o Brasil não apresentava preços competitivos. Então, a solução adotada foi transferir gradativamente para os países asiáticos a tarefa de abastecer o mercado norte-americano. Esta solução significou uma queda abrupta no volume de produção destinado à exportação. A partir daí iniciou-se um processo de redefinição dos objetivos da empresa. Para aumentar a competitividade no Brasil e no mercado Latino-Americano, a Black & Decker decidiu transferir o parque industrial de Santo André para Uberaba (MG).⁸¹

⁸⁰ Convém observar que nem sempre a empresa é a dona do imóvel e que várias indústrias pagam aluguel. Diversas empresas acabam comprando imóveis maiores e mais baratos em outras localidades. No Grande ABC, apenas para citar um exemplo, a criação do distrito industrial de Sertãozinho no município de Mauá atraiu diversas empresas que se localizavam anteriormente em outras cidades do ABC e até mesmo em outras cidades da RMSP.

⁸¹ Cf. <<http://www.blackanddecker.com.br/bdinst/hist/hist.asp>>. Acesso em 23 set. 2011.

Os altos salários praticados no Grande ABC foram o principal motivo para a saída da Black & Decker, pois o objetivo da empresa era “buscar uma significativa redução em seus custos de mão-de-obra, bem como criar um Contrato Coletivo de Trabalho coerente com a sua realidade” (LVBA Comunicação, c 2000).

A empresa enfrentou difíceis e morosas negociações em meados dos anos 90 com o então poderoso Sindicato dos Metalúrgicos do ABC ⁸² e com a recusa de seus funcionários de flexibilizarem (i.e. perderem) seus direitos, a Black & Decker simplesmente fechou em 1996 a fábrica de Santo André, dispensou seus funcionários e transferiu-se para Uberaba (MG). ⁸³

Em Uberaba, a Black & Decker obteve a infra-estrutura básica e ainda ganhou 10 anos de isenção de impostos. Na nova fábrica, segundo dados da Revista Exame (05/06/1996), com 400 empregados e pagando metade dos salários do que os praticados no Grande ABC, a empresa atingiu níveis de produtividade iguais aos da antiga fábrica.

A Black & Decker é apenas um dos inúmeros exemplos dos efeitos da Guerra Fiscal ocorrida entre cidades e estados nas décadas de 1980 e 1990.

FOTO 3.1 - BLACK & DECKER (1997); FOTO 3.2 – SHOPPING GRAND PLAZA (2013)



Relocalização industrial e mudança de função.

⁸² Reportagem da Revista Exame relata que: “Os operários da B&D, ao contrário dos sindicalistas, não se sensibilizaram. Propostas como jornada flexível, remuneração variável, entre outras foram recusadas. ‘Os metalúrgicos optaram pela não flexibilização de seus direitos’, diz Heiguiberto Navarro, o Guiba, presidente do sindicato dos metalúrgicos do ABC. Negociações frustradas, em 1995, a B&D vendeu o terreno e ergueu uma nova fábrica em Uberaba”.

Cf. Revista Exame, Ed. 0611, 05/06/1996. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0611/noticias/o-ultimo-a-sair-apagara-a-luz-m0049852>>. Acesso em 18 mar. 2013.

⁸³ Além das questões trabalhistas acreditamos que influenciaram também na decisão da empresa as dificuldades de logística, pois a fábrica estava situada ao lado da Estação de Santo André, ou seja, no centro da cidade.

O exemplo da KS Pistões também é emblemático. Pertencente ao grupo Kolbenschmidt e parte do conglomerado alemão Rheinmetall, a empresa instalou-se na cidade em 1968 e permaneceu até 1993, quando desativou sua fábrica localizada na Av. Pereira Barreto e transferiu-se para a cidade de Nova Odessa, no Interior de São Paulo. Para a empresa, o principal motivo para a transferência foi o tamanho do imóvel, considerado pequeno para os planos de expansão da empresa.⁸⁴

Em Nova Odessa a KSPG Automotive concentra territorialmente as demais empresas do grupo (KS Kolbenschmidt, Pierburg Pump Technology, KS Gleitlager, MS Motor Service Brazil) e também mantém a sua sede.

Beneficiada pelos incentivos fiscais oferecidos pela municipalidade de Nova Odessa, pela disponibilidade de grandes terrenos industriais, pelos baixos custos dos terrenos, e também pela malha rodoviária existente na região, além dos novos meios tecnológicos (que o unem à Capital e à Matriz), pode-se avaliar que foi bem sucedida a estratégia do Grupo Kolbenschmidt em transferir-se para o Interior.

No local onde existia a fábrica da KS Pistões existe atualmente o prédio da Justiça Federal e um condomínio de apartamentos.

FOTOS 3.3 e 3.4 – KS PISTÕES/JUSTIÇA FEDERAL



Foto 3.3 - KS Pistões já fechada em 1997. A empresa foi para nova Odessa (SP);

Foto 3.4 – Prédio da Justiça Federal e torres de apartamentos ocupam o imóvel onde antes existia a indústria (2013).

⁸⁴ No website da KSPG é destacada a questão do tamanho do imóvel: "Vale destacar que a mudança representou a transferência da empresa para uma propriedade de 400 mil m², com 40 mil m² de área construída em contraste com os 15 mil m² totais do antigo terreno". Cf. < <http://south.america.kspg-ag.com/index.php?fid=10011&lang=2>>. Acesso em 30 maio 2013.

Outra empresa, a Eaton, tomou a mesma decisão de transferir-se para o Interior de São Paulo. Tendo como estratégia a multi-localidade (característica de grandes grupos econômicos), a Eaton tinha sua principal fábrica em Santo André, mas o terreno onde estava instalada era pequeno para os projetos de expansão da firma e os terrenos disponíveis em Santo André eram, no início dos anos 90, muito caros. A direção da empresa, atraída pelos benefícios oferecidos pela Prefeitura de Valinhos, resolveu transferir a fábrica e sua sede para aquela cidade.

Ao contrário da Black & Decker, que saiu de Santo André marcada por um intenso conflito com o Sindicato dos Metalúrgicos e dispensou toda a sua mão-de-obra andreense, a direção da Eaton agiu de modo diferente: ofereceu oportunidades para seus empregados transferirem-se também para Valinhos. Muitos funcionários aceitaram a proposta, mas outros preferiram serem desligados da empresa, devido ao enraizamento em Santo André (casa própria, família, círculo de parentes e amigos, estudos, etc). Aproveitando-se da oportunidade, o Grupo Pirelli adquiriu o imóvel onde funcionava a Eaton, o que demonstra que em alguns casos, a permanência em Santo André continua sendo interessante para algumas indústrias.

Outras empresas também optaram pela realocação industrial: Festo, Romi, Metalúrgica Saraiva, Otis, Condugel, Milfra, Rosper, Fujimoto, Varbi, Fortilit/Brasilit, Tecmek, Celuplas, Poliembalagens, Atlantis (Reckitt & Benckiser), Haushene e Peróxidos (Solvay) foram algumas das empresas pesquisadas em nosso trabalho de campo nas quais constatamos a transferência para outros municípios.

FOTOS 3.5 e 3.6 – OTIS/SAM'S CLUB

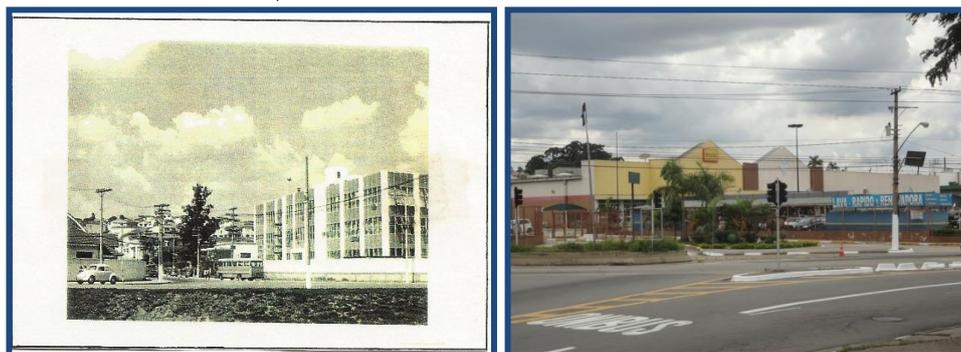


Foto 3.5 - Elevadores Otis nos anos 70; Foto 3.6 - Hoje funcionam no lugar o Sam's Club e a Dico.
Fonte: Foto 3.5 Museu de Santo André.

3.5 – Alguns exemplos da importância das economias de aglomeração e das deseconomias de aglomeração no Grande ABC.⁸⁵

No Grande ABC, as externalidades positivas favorecem tanto as relações comerciais entre as indústrias bem como as relações entre as indústrias e as cidades da região. A concentração de empresas químicas no Pólo Petroquímico de Capuava (Mauá e Santo André) facilita suas interações comerciais, o mesmo ocorrendo com as empresas de autopeças, localizadas principalmente em São Bernardo do Campo e Diadema, que estão próximas às montadoras de veículos.

Essa concentração de empresas também facilita as interações com o entorno. As rodovias Anchieta, Imigrantes e o recém inaugurado trecho sul do Rodoanel permitem o rápido acesso ao porto de Santos e à Capital paulista.

O melhor relacionamento com os sindicatos de trabalhadores, a existência de mão-de-obra especializada e os arranjos institucionais, como a Agência de Desenvolvimento do ABC e a Câmara Setorial do ABC, trazem diálogo e certa estabilidade para o desenvolvimento das atividades produtivas das empresas.

O Grande ABC é o quarto mercado consumidor do Brasil segundo pesquisa da Target Market⁸⁶, além de exibir bons indicadores sociais e econômicos.⁸⁷

A região ainda possui centros universitários e faculdades de qualidade reconhecida (IMES, Mauá, FEI, etc.) além de sediar a Universidade Federal do ABC (UFABC).

No entanto, o crescimento econômico e a aglomeração também trazem alguns problemas. No Grande ABC, os principais causadores das chamadas deseconomias de aglomeração são a ausência e/ou os custos de terrenos, deficiências pontuais no sistema viário, poluição do solo, ar e água, e as enchentes.

⁸⁵ Nesta seção optamos por analisar como um todo a Região do Grande ABC, enfatizando sempre que possível a situação do município de Santo André.

⁸⁶ Cf. <<http://www.metodista.br/observatorio-economico/noticias/pesquisa-de-intencao-de-compras-para-o-natal-metodista-apresenta-resultados-em-coletiva-na-proxima-semana>>. Acesso em 05 maio 2013.

⁸⁷ Cf. Atlas da Competividade da Indústria Paulista. Disponível em: <<http://apps.fiesp.com.br/atlas/Atlas/introducao.aspx>>. Acesso em 05 maio 2013.

3.5.1 - Ausência e/ou custo de terrenos:

A nosso ver, o problema não está tanto na ausência de terrenos para a expansão de indústrias. Existem vários “*vazios urbanos*”⁸⁸ no perímetro urbano, além da existência de pequenos e médios terrenos para uso industrial com certa profusão.

Lima & Marcoccia (1997) salientam que “como os tempos modernos favorecem unidades enxutas, de alta tecnologia e baixa ocupação, não tem sustentação qualquer afirmativa que desestimule investimentos por escassez de áreas” (LIMA & MARCOCCIA, 1997, p. 49). Os vários galpões vazios da antiga Rhodia Química ou o desmembramento da Pirelli confirmam esse fato.

Por outro lado, com o crescimento urbano, algumas empresas mais antigas ficaram “ilhadas” por residências e comércio. O exemplo da *Black & Decker* é digno de nota, pois a empresa ocupava uma área (relativamente) pequena para os padrões industriais, ao lado da Estação de Santo André. O mesmo pode ser dito em relação à Elevadores Otis, que também ocupava um imóvel pequeno, o que impedia sua expansão produtiva.

A *Reckitt Benckiser* é um outro exemplo de conflito de uso do solo urbano: a antiga indústria química (*Atlantis Colman*) estava localizada na área mais nobre de Santo André (Bairro Jardim) e, além do terreno ser pequeno, a fabricação de produtos químicos inflamáveis tornou-se inadequada (além de perigosa) naquele bairro. A empresa transferiu sua unidade industrial para o município de São Paulo e vendeu o imóvel de Santo André para a empresa de refeições industriais DeNadai, que por sua vez vendeu o terreno para a incorporadora Cyrella.

Um condomínio residencial de alto padrão foi construído no local onde mais de 70 anos funcionou a indústria química.

⁸⁸ Consultar: ALVAREZ, Ricardo. *Os Vazios urbanos e o processo de produção da cidade*. Dissertação de Mestrado. Dep. Geografia. São Paulo: FFLCH/USP, 1994.

FOTOS 3.7 e 3.8 – ATLANTIS/RESIDENCIAL VENTURA



Foto 3.7 – Atlantis, já fechada em 2006; Foto 3.8 – Residencial Ventura visto da Estação Santo André.

No lugar da antiga Atlantis, ergueram-se torres de apartamentos.

Fonte: Foto 3.7 © SAKATA (2006, p.175).

Estas empresas, assim como outras, devido à ausência de áreas no entorno para se expandirem, optaram pela estratégia de realocização da produção industrial. Referindo-se aos problemas que as indústrias enfrentam em grandes cidades com o conseqüente aumento dos custos de produção, Caiado (2004) observa que:

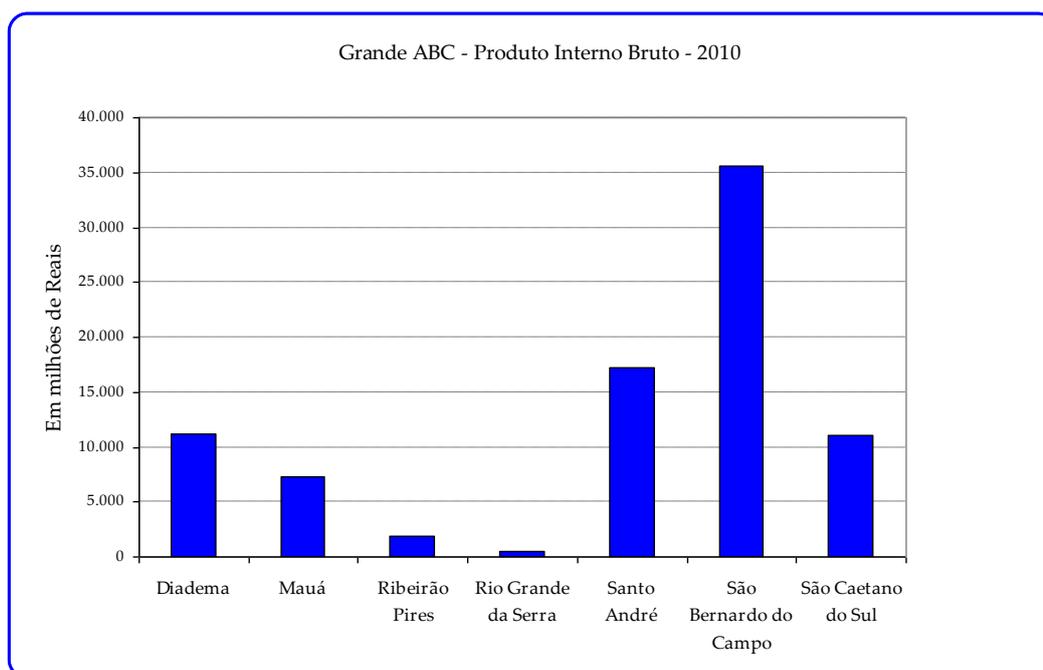
A impossibilidade de ampliação das plantas físicas, devido a elevados custos da terra e à ocupação já consolidada do entorno, as dificuldades de circulação de cargas, as exigências ambientais, entre outros, aumentaram os custos produtivos, provocando deseconomias de aglomeração para diversos setores de produção contínua e de grande porte (CAIADO, 2004, p. 12).

O problema maior que diversas empresas enfrentam em Santo André é o elevado custo da terra e os impostos, que são relativamente mais altos que em áreas do Interior de São Paulo, fatores que dificultam uma eventual expansão de suas unidades na cidade. Por outra parte, a venda dos terrenos valorizados pode permitir a obtenção de ganhos significativos.

3.5.2 - Os indicadores econômicos

No Grande ABC são grandes as disparidades econômicas entre os sete municípios da região. São Bernardo do Campo é o município que tem o maior PIB devido principalmente à força de seu setor automobilístico e do setor de autopeças. Logo em seguida destaca-se Santo André no qual os setores químico-petroquímico e de borracha têm importante participação no PIB da cidade junto com o setor de comércio. São Caetano do Sul possui o terceiro maior PIB da região, devido em grande parte à presença da General Motors e das Casas Bahia em seu território. Dona do quarto PIB da região, Diadema destaca-se pelos setores de autopeças e de cosméticos. Dependente do setor petroquímico, inclusive pela existência da Refinaria de Capuava (Recap) em seu território, Mauá detém o quinto maior PIB da região. Comparado com a pujança da cidade São Paulo e de outras grandes cidades do estado, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra possuem PIB quase inexpressivo.

Gráfico 3.1 – Grande ABC – Produto Interno Bruto – 2010



Fonte(s): Fundação Seade. / Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

A atividade industrial continua sendo importante na região do ABC, pois o peso do setor industrial ultrapassa a faixa dos 30% na composição do Valor Adicionado Fiscal. Segundo dados da Fundação SEADE, em 2010, o peso relativo da indústria na composição do PIB é bem maior no Grande ABC do que em relação à cidade de São Paulo e ao estado de SP.

Tabela 3.1 – Participação da Indústria no Valor Adicionado Fiscal – 2010.
Municípios selecionados

Município	Participação (em %)
Santo André	31,61
São Bernardo do Campo	45,47
São Caetano do Sul	44,17
Diadema	46,70
Mauá	41,04
Ribeirão Pires	40,34
Rio Grande da Serra	45,91
São Paulo (Capital)	20,36
Estado de São Paulo	29,08

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. - Fundação Seade. ⁸⁹

Com exceção de Santo André e São Caetano do Sul, os demais municípios da região possuem no setor industrial uma grande participação nos empregos gerados.

Tabela 3.2 – Grande ABC - População ocupada por setores – 2011 (em %)

Município	Indústria	Comércio	Serviços	Construção civil
Santo André	17,0	21,0	57,3	4,7
São Bernardo do Campo	35,4	14,7	45,9	4,0
São Caetano do Sul	22,1	15,8	52,3	9,8
Diadema	53,1	16,0	27,6	3,3
Mauá	43,7	20,5	30,1	5,5
Ribeirão Pires	38,0	20,0	38,2	3,7
Rio Grande da Serra	35,9	14,4	36,5	13,1

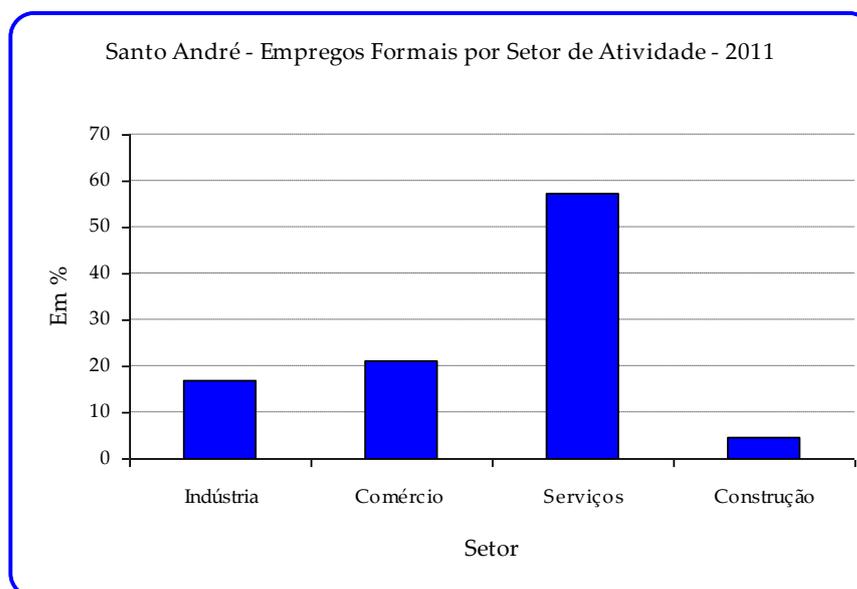
Fonte: Fundação SEADE.

Observa-se na tabela 3.2 que o setor de serviços é o predominante em termos de empregos oferecidos nas cidades mais ricas da região.

⁸⁹ O acesso aos dados de todos os municípios do Estado de São Paulo está disponível em: < <http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=consulta&action=new&tema=1&tabs=1&aba=tabela1>>.

Bancos, firmas de consultoria, escolas, hospitais, escritórios de advocacia, hotéis, centros de processamento de dados, agências de publicidade e órgãos públicos, entre outros tipos de serviços, propiciam uma maior oferta de empregos, principalmente nos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

Gráfico 3.2 – Santo André – Empregos Formais – 2011



Fonte: Fundação SEADE.

Chama atenção a reduzida participação dos empregos industriais em Santo André. Apenas 17% dos empregos formais está na Indústria. Tal fato deve-se, conforme exposto anteriormente, à reestruturação da atividade industrial ocorrida nos últimos 20 anos.

Quanto ao setor dos Serviços, o aumento da participação no total da população empregada deve-se de um lado, às atividades de subcontratação e terceirização (características do processo de centralização de capitais) e de outro lado, ao desenvolvimento das atividades terciárias como a prestação de serviços, tanto para empresas como por conta própria.

3.5.3 – Deficiências pontuais no sistema de transporte

Apesar de Santo André contar com armazéns ferroviários e com um terminal de carga, a maior parte do transporte de cargas é feita pelo sistema rodoviário (mais caro e mais poluidor), o que induz aos constantes congestionamentos no seu sistema viário.

Recém inaugurado, o trecho Sul do Rodoanel permite a interligação da Rodovia dos Imigrantes e da Via Anchieta às principais rodovias estaduais, porém o Rodoanel somente passa por Santo André e não dá acesso à cidade. A falta de um acesso direto que faz com que os motoristas que se dirigem à cidade o façam através do acesso existente no bairro do Sertãozinho no município vizinho de Mauá e contem com poucas opções de percurso: via Estrada do Guaraciaba, Av. Valentim Magalhães, Av. Pedro Américo (localizadas em áreas residenciais e não preparadas para trânsito pesado) e Av. Giovanni Batista Pirelli ou via Capuava pela Av. dos Estados, avenidas normalmente congestionadas, o que prejudica ainda mais o trânsito já pesado do município. Existem ainda problemas pontuais na infraestrutura viária, principalmente na área central da cidade, cujo traçado urbano não sofreu ampliação nas últimas décadas.⁹⁰

Em Santo André (assim como no Grande ABC) o transporte urbano é predominantemente rodoviário. À exemplo da Capital, o excesso de veículos aliado a um sistema de transporte coletivo que consideramos deficiente ⁹¹, induz parte da população ao uso intensivo dos automóveis.

⁹⁰ O aumento do número de veículos circulando nas cidades do Grande ABC é notório. Os congestionamentos nos horários de pico também. Cf. "Frota de veículos cresce 23% em quatro anos". (DGABC, 15/03/2007) Disponível em < <http://www.dgabc.com.br/News/90000576664/frota-de-veiculos-cresce-23-em-quatro-nos.aspx?ref=history>>; "Frota de veículos do ABC atinge quase 1,5 milhão em 10 anos" (Jornal União do ABC, 20/03/2012). Disponível em: <<http://www.uniaoabc.com.br/new/?p=1891>>; "Frota de veículos aumenta 87% no ABCD em 10 anos" (Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 24/01/2013). Disponível em: <http://www.smabc.org.br/smabc/materia.asp?id_CON=31131&id_SUN=80>. Acesso em 06 maio 2013.

⁹¹ Consideramos deficiente o sistema de transporte coletivo no ABC pelos seguintes motivos: é caro e não é integrado. Em abril de 2013 nas cidades do Grande ABC a tarifa custava R\$ 3,30 (ou US\$ 1,65) cara quando comparada com os preços cobrados em outras cidades brasileiras. A tarifa em Fortaleza custa R\$ 2,20; em Brasília R\$ 2,00; em Curitiba R\$ 2,85. Nem na capital paulista cobra-se mais caro (R\$ 3,00) do que no Grande ABC; além disso, em São Paulo funciona o sistema de bilhete único, onde com o pagamento de uma única tarifa o passageiro

Como observa o Banco Mundial (2009) “o crescimento da frota dos veículos nos países em desenvolvimento está aumentando conforme o crescimento da renda *per capita*” (BANCO MUNDIAL, 2009, p. 144), o grande número de veículos que circulam pelo Grande ABC demonstra a pujança de sua economia, pois nos últimos anos, incentivados pela política governamental de disseminação de crédito ao consumo, um maior número de pessoas está utilizando os automóveis em seus deslocamentos urbanos.

O setor de transporte de cargas (rodoviário) também tem grande importância no Grande ABC por suas estreitas relações com as indústrias para o escoamento dos produtos tanto para o mercado nacional como para as exportações.

3.5.4 – As enchentes

Todos os anos, especialmente nos meses de verão, o Grande ABC sofre com a ocorrência das enchentes. Devido às suas características geográficas, é natural a ocorrência de altos índices pluviométricos na Região Metropolitana de São Paulo principalmente no período de dezembro até março.

FOTO 3.9 - ENCHENTE NA ESTAÇÃO SANTO ANDRÉ EM 2011



Fonte: © Rafaelli Siva/Diário de S.Paulo.⁹²

pode utilizar até três conduções no período de 2 horas. A falta de integração entre as linhas, tanto dentro da cidade, como entre as cidades do Grande ABC, encarecem os deslocamentos feitos por ônibus e trens.

⁹² Disponível em:

<<http://www.diariosp.com.br/galeria/lista/132/EU+NO+DIARIO%3A+internautas+enviam+fotos+da+enchente+no+ABCD>>. Acesso em 06 maio 2013.

Com boa parte do solo urbano impermeabilizado devido às construções e pavimentação das ruas e avenidas, a canalização e tamponagem dos rios, córregos e riachos e a ocupação das margens dos rios, a ocorrência de enchentes ⁹³ causa variados prejuízos às pessoas e empresas localizadas em áreas de risco de inundação.⁹⁴

FOTOS 3.10 e 3.11 – PONTE NA AVENIDA DOS ESTADOS



Foto 3.10 – A ponte que cedeu na Av. dos Estados em fevereiro de 2013. Fonte: Blog Ponto de Onibus ⁹⁵; Foto 3.11 - A mesma ponte que quase caiu por causa das enchentes do rio, foto tirada em abril de 2013. Convém lembrar que a gestão Ravin retirou as árvores que margeavam o rio, cujas raízes sustentavam o solo. Além da interdição do tráfego de veículos e do custo elevado para a reparação da ponte, é digno de nota observar o estado crítico do Rio Tamandateí.

Desse modo, o que não é natural é a extrema impermeabilização do solo que ocorre em boa parte da Região Metropolitana de São Paulo, incluindo várias áreas do Grande ABC.

3.5.5 – A poluição do ar, do solo e dos recursos hídricos

A questão da poluição constitui um problema sério em Santo André e no ABC como um todo. Apesar dos esforços do Poder Público visando combater a poluição do ar, verifica-se na região, altos índices de componentes poluentes na atmosfera.

⁹³ Enchentes ocorrem em diversas cidades brasileiras e do mundo, portanto não é uma característica específica do Grande ABC. Entretanto, os prejuízos econômicos causados por elas na região do Grande ABC são consideráveis em termos de perda e/ou interrupção da produção nas indústrias, pela perda de mercadorias nas lojas, perda de bens móveis nas residências, e também pela perda de tempo nos congestionamentos.

⁹⁴ As enchentes são tão comuns em Santo André que já viraram tema de um livro publicado pelo Semasa: cf. SANTOS, Magda. *Águas revoltas: histórias das enchentes em Santo André*, Santo André: SEMASA, 2002.

⁹⁵ Disponível em < <http://blogpontodeonibus.wordpress.com/2013/02/15/ponte-caiu-santo-andre-s/>>. Acesso em 06 maio 2013.

Somente nos últimos anos tem havido uma maior preocupação por parte das autoridades em minimizar e controlar os níveis de poluição. Existe até uma agência da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB) em Santo André que monitora constantemente os índices de poluição do ar, da água e principalmente do solo.

Muitas indústrias que fecharam ou que se transferiram deixaram um considerável passivo ambiental. Grandes indústrias durante décadas enterraram seus dejetos industriais em suas instalações.

Com a readequação do uso do solo urbano, empreendimentos comerciais, mas principalmente residenciais foram construídos em cima de verdadeiros depósitos de lixo industrial. No Grande ABC (em Mauá precisamente) foi emblemático o caso do Residencial Barão de Mauá, construído em cima do aterro do lixo industrial da Cofap, onde após a morte de uma pessoa, foi constatada a existência de gás metano e benzeno no subsolo. Processos judiciais arrastam-se há mais de 12 anos e mesmo correndo riscos, cerca de 7.000 pessoas vivem no condomínio.⁹⁶

QUADRO 3.1 – ÁREAS INDUSTRIAIS CONTAMINADAS E REABILITADAS NO GRANDE ABC

Município	Quantidade	Empresas com áreas contaminadas em suas instalações
Santo André	13	Akzo Nobel, Alcoa, Condomínio Vilaggio Alegre [antiga Copas], Lepus Empreendimentos Residenciais [R] [antiga Takenaka], Magnetti Marelli Cofap, Paranapanema, Pirelli Pneus, Prysmian, Quattor, Rhodia Poliamida, Solvay Indupa, Solvay Polietileno, TRW
São Bernardo do Campo	21	ACF Imóveis, Akzo Nobel, Basf, Colgate Palmolive, Empes Empreendimentos, FAE, Ferros Enamel, Grupo SEB, Kemwater, Magnetti Marelli Cofap, Mahle Metal Leve, Mangels, Mercedes Benz, Mundo Químico, Rolls Royce, Scania, Sherwin Willians, Tecnoperfil, The Valspar, Volkswagen, Whirlpool
São Caetano do Sul	4	Basf, General Motors [R], Matarazzo, Sobloco Construtora [R]
Diadema	6	Eaton, Federal Mogul, Krones, Tenaz Química, Transtechnology, Wickbold
Mauá	7	Houghton, Liquigáz, Magnetti Marelli Cofap, Recap, Quattor, TRW, Tupy
Ribeirão Pires	4	Adesol, CBC, Delfty Oil & Energy, Nakayone
Rio Grande da Serra	1	Dura Automotive

[R] áreas contaminadas que foram reabilitadas. Fonte: CETESB (2010)

⁹⁶ O caso da contaminação do solo no Residencial Barão de Mauá pode ser considerado como um “desastre” para seus moradores. Cf. <<http://residencialbaroaodemaua.blogspot.com.br/>>; Sobre o monitoramento ambiental feito pela Cetesb, cf. <<http://www.cetesb.sp.gov.br/areas-contaminadas/rela%C3%A7%C3%B5es-de-%C3%A1reas-contaminadas/18-condominio-residencial-barao-de-maua>>. Acesso em 10 maio 2013.

Outros casos detectados pela Cetesb em seu relatório de áreas contaminadas também apontam contaminação do solo nas antigas fábricas de fertilizantes da Avenida Industrial em Santo André.

Com exceção da General Motors e de dois empreendimentos imobiliários que já reabilitaram a área, descontaminando-as, as demais empresas citadas pelo relatório da Cetesb ainda mantém áreas contaminadas em suas instalações.

Como todas as áreas listadas no relatório da Cetesb estão sendo monitoradas, em seu relatório mais recente (CETESB, 2011) referente à situação encontrada em dezembro de 2011 verifica-se a persistência dos problemas ambientais.

O que causa preocupação é que alguns projetos imobiliários de alto padrão estão em fase de comercialização (IAP/Copas; General Tintas) em algumas áreas listadas como contaminadas. No terreno onde funcionou a Cortiris foram construídos blocos de apartamentos e em quase todas as grandes indústrias que permanecem na cidade existem áreas contaminadas em suas instalações.⁹⁷

QUADRO 3.2 - ÁREAS INDUSTRIAIS CONTAMINADAS – SANTO ANDRÉ

Empresa	Endereço
Akzo Nobel (antiga Tintas Coral)	Av. dos Estados, 4826
Condomínio Villagio Alegro (antiga IAP)	Av. Industrial, 1600
Cortiris	Rua Rio Grande do Norte, 299
Horizon 11 Part. (antiga Tintas General)	Av. Industrial, 780
Kienast & Kratschmer	Av. D. Pedro II, 3331
Magnetti Marelli Cofap	Av. Alexandre de Gusmão, 1395
Novellis (Alcan)	Rua Felipe Camarão, 414
Paranapanema (Eluma)	Rua Felipe Camarão, 500
Pirelli Pneus	Av. Alexandre de Gusmão, 487
Prysmian (antiga Pirelli Cabos)	Av. Alexandre de Gusmão, 397
Quattor [Braskem] (antiga PQU)	Av. Costa e Silva, 1178
Rhodia Poliamida	Av. Antonio Cardoso, 319
Solvay Indupa	EFSJ km 38
Solvay Polietileno	EFSJ km 38
TRW	Av. Alexandre de Gusmão, 1125

Fonte: CETESB (2011)

⁹⁷ No momento em que este trabalho está sendo escrito, vivencia-se a polêmica causada pela compra de parte do terreno da Rhodia pela Prefeitura de Santo André para a instalação do Poupatempo. Técnicos garantem que a área disponibilizada está livre de contaminação, entretanto convém lembrar que esta fábrica da Rhodia funciona na cidade desde 1921. Cf. <http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=26630>. Edição de 08/01/2011; Notícias recentes sobre possível descontaminação da área encontram-se em: <<http://www.diariosp.com.br/noticia/detalhe/46306/Estado+nao+descarta+area+do+Poupatempo>>. Edição de 14/03/2013; <<http://www.destakjornal.com.br/noticias/abc/libre-de-contaminacao-area-do-poupatempo-e-liberada-185748/>>. Edição de 23/03/2013. Acesso em 02 abr. 2013.

3.6 – Economias e deseconomias de aglomeração: um balanço

Fizemos neste capítulo uma revisão do conceito de economias e deseconomias de aglomeração, procurando analisar a participação delas nas transformações recentes na estrutura industrial de Santo André.

Quanto às economias de aglomeração, vimos que Santo André auferiu durante muitos anos as vantagens decorrentes especialmente da instalação da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, que favorecia a localização de indústrias na região. Anos mais tarde, toda a região do Grande ABC teria um impulso a partir das economias de aglomeração decorrentes principalmente da instalação da indústria automobilística e do Pólo Petroquímico.

Todavia, anos mais tarde as deseconomias de aglomeração transformaram-se em um ônus crescente.

Em relação a essas deseconomias de aglomeração, Negri (1996) observa que:

O conjunto desses fatores leva muitos empresários a buscarem alternativas locais, principalmente para os novos investimentos e ampliações das suas unidades industriais, optando por núcleos urbanos dotados de infra-estrutura econômica e social mais adequada e, preferencialmente, nas proximidades das principais fontes fornecedoras de matérias-primas e das vias de acesso à própria área metropolitana. Todos esses fatores contribuem na tomada de decisão locacional (NEGRI, 1996, p. 191).

O crescimento econômico sem uma distribuição de renda traz miséria. Para as políticas públicas, o Banco Mundial (2009) aponta que deveria ser prioridade dos agentes públicos “a redução da sujeira, do crime e dos custos que vêm com a crescente aglomeração” (BANCO MUNDIAL, 2009, p. 200).

Todos os fatores causadores de deseconomias de aglomeração descritos anteriormente possuem soluções ⁹⁸, porém muitas das soluções urbanísticas são de alto custo econômico e social e demandam certo tempo para serem implementadas.

No Grande ABC, verifica-se a existência tanto das economias como das deseconomias de aglomeração. A grande concentração industrial existente na região trouxe por um lado um grande crescimento urbano e econômico. Por outro lado, existem também as deseconomias de aglomeração, causadas pelo próprio crescimento industrial.

Na região entre os principais problemas destacam-se o preço dos imóveis, os congestionamentos, as enchentes e a poluição.

Entretanto, com um mercado consumidor de porte, com uma força de trabalho qualificada, com uma produção industrial de alta produtividade, espera-se dos poderes públicos, das empresas e da sociedade, ações que combatam as externalidades negativas e estimule os benefícios trazidos pelas economias de aglomeração.

No próximo capítulo, analisaremos as alterações ocorridas na estrutura industrial de Santo André, observando empiricamente como o processo de centralização ocasionou as mudanças nas grandes empresas e como as deseconomias de aglomeração influenciam nas alterações industriais do município.

⁹⁸ Em seu relatório de 2009, o Banco Mundial dedica o capítulo 7 às soluções dos problemas das deseconomias de aglomeração, sugerindo políticas públicas que minimizem os impactos negativos das aglomerações. Cf. BANCO MUNDIAL (2009, p.198-229).

CAPÍTULO 4 - AS ALTERAÇÕES NA ESTRUTURA INDUSTRIAL DE SANTO ANDRÉ

“Tudo que se tem precisado para ver a transformação global é um par de olhos abertos” (HOBSBAWM, 1998, p. 284).

Não satisfeito com sua própria afirmação Hobsbawm complementa que é preciso *especificar e contar*. É o que tentamos fazer neste capítulo onde analisamos as alterações ocorridas na estrutura industrial do município de Santo André.

No período de três décadas, Santo André passou por profundas transformações em sua estrutura industrial. Uma análise atenta dos gráficos e dos quadros apresentados neste capítulo mostra de maneira inequívoca a redução do tamanho da indústria localizada no município, consequência dos efeitos da combinação do processo de centralização de capitais com o desenvolvimento das deseconomias de aglomeração, já vistos nos capítulos anteriores.

Os indicadores econômicos demonstram a redução da participação da indústria no conjunto das atividades econômicas, os dados referentes aos níveis de emprego demonstram a redução dos empregos industriais; mas também pode-se afirmar que qualquer caminhada pelas ruas da cidade especialmente nas ruas que no passado abrigavam uma variedade de indústrias, permite que o observador perceba claramente as transformações ocorridas.

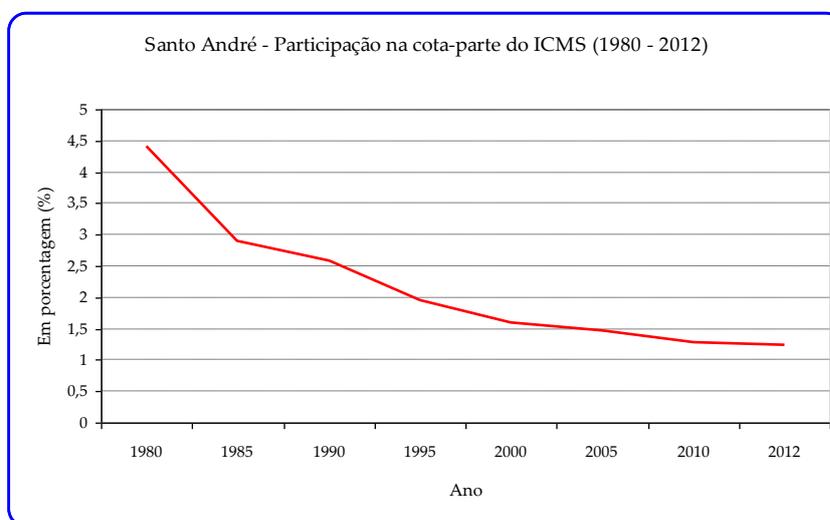
As alterações ocorridas nos últimos anos na estrutura industrial de Santo André produziram reflexos que estão visivelmente impressos na paisagem urbana do município. O surgimento de shopping centers, hipermercados, hotéis, concessionárias de veículos bem como a construção de novos equipamentos urbanos, somados a construção de prédios de apartamentos e de sobrados geminados, são alguns dos reflexos da transformação da paisagem, ao que devemos acrescentar uma sucessão de fábricas fechadas e galpões industriais com placas de venda ou aluga.

4.1 – Alguns indicadores econômicos

Um dos indicadores utilizados para constatar a diminuição da atividade industrial é o índice da cota-parte do ICMS recolhido e distribuído ao município. Esse índice é construído a partir do Valor Adicionado Fiscal (VAF) um “indicador da efetiva geração de riqueza por setor de atividade, que serve como base para o cálculo para o ICMS” (CONCEIÇÃO, 2008, p. 136).⁹⁹

Em Santo André houve uma diminuição radical na participação da cota-parte do ICMS que de 4,41% em 1980 reduziu-se para 2,58% em 1990, caindo posteriormente para 1,6% em 2000, 1,28% em 2010, chegando a 1,23% em 2012 representando uma queda de 72,1% nos últimos 32 anos. Em termos percentuais chega a uma redução de 3,18 p.p.

Gráfico 4.1 – Santo André - Índice de Participação do Município no ICMS (Em %)



Fonte: Fundação SEADE

Disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=consulta&action=ano_save#0>.

Acesso em 23 jun. 2012. Revisto em 25 mar. 2013.

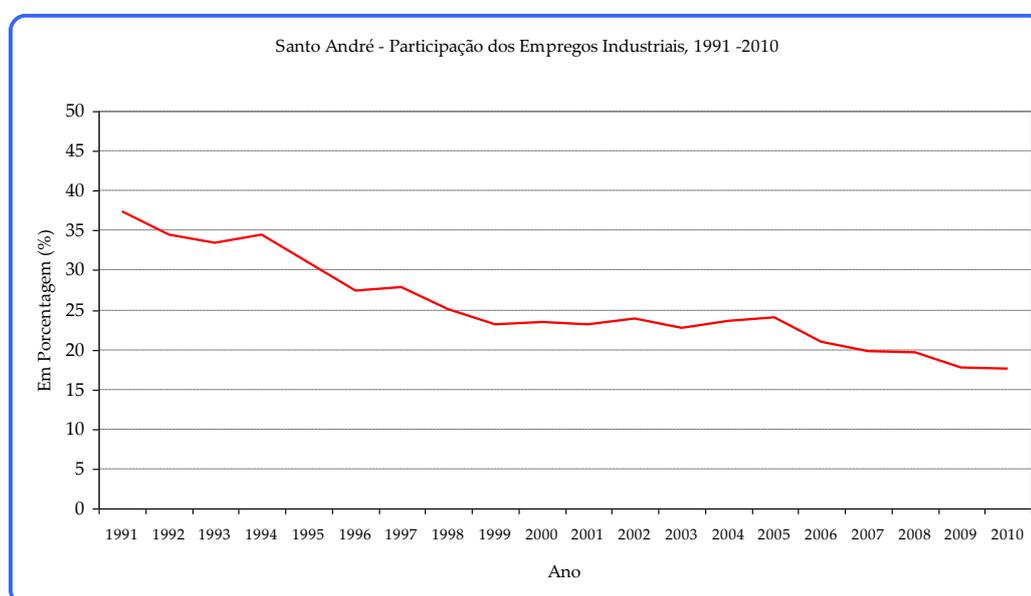
Houve também a redução da participação relativa do município em relação ao conjunto do Estado.

⁹⁹ Do total arrecadado pelo Estado, 25% é distribuído aos municípios. Do montante recebido por cada município, 76% refere-se ao Valor Adicionado Fiscal (VAF), os outros 24% são distribuídos proporcionalmente da seguinte forma: 13% população, 5% receita própria, 3% área cultivada, 0,5% área inundada, 0,5% área preservada e um percentual fixo de 2% para todos os municípios do Estado de São Paulo. (PMSA, 2003 c, p. 11). Como observa Prates (2005, p. 48-49) “quem mais gera VAF, mais recebe de ICMS, que se constitui na mais importante fonte receita municipal”.

Segundo os dados disponibilizados pela Fundação SEADE, Santo André participava em 1999 com 1,76% do PIB no Estado. Em 2010 sua participação caiu para 1,38%.¹⁰⁰

Um segundo indicador mostra a queda da participação dos empregos formais do setor secundário no PIB municipal, que em 1991 representavam 37.36% do total do pessoal empregado, passando em 2011 a representar 17% da força de trabalho andreense. Uma redução de 20,36 pontos percentuais.

Gráfico 4.2 – Santo André – Participação dos Empregos Industriais



Fonte: Fundação SEADE.

Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=tabela>>. Acesso em 25/03/2013

A queda no emprego industrial nos anos 90 foi intensa. Resultado direto da reestruturação produtiva (KLINK, 2001; CONCEIÇÃO, 2008) estima-se que mais de 100.000 empregos industriais diretos tenham sido eliminados no Grande ABC. Para os trabalhadores os efeitos foram dramáticos e diversos autores dedicaram-se à questão. (ALVES, 2001; KLINK, 2001; PINHO, 2007; CONCEIÇÃO, 2008; PAGOTTO, 2010).

¹⁰⁰ Os indicadores da relação da participação do município no conjunto do PIB estadual são disponibilizados pela Fundação SEADE com dados a partir de 1999. Cf. Fundação SEADE, Informações dos Municípios Paulistas. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=tabela>>. Acesso em 25 mar. 2013.

Convém notar que nas mudanças de um regime fordista para um regime de acumulação flexível, muitas ocupações industriais tornaram-se obsoletas e sua realocação no mercado de trabalho torna-se também cada vez mais difícil, afinal como bem observa Harvey (2006) no curto prazo é difícil transformar um sapateiro (ou um torneiro mecânico) em um programador de computadores:

A força de trabalho não é qualitativamente homogênea, e excedentes de certo tipo não podem, normalmente, ser instantaneamente absorvidos em outras partes. Inevitavelmente, a transformações das estruturas empregatícia e ocupacionais é lenta, podendo impedir a continuidade de qualquer forma espiralada de desenvolvimento (HARVEY, 2006, p. 137).

Em contrapartida à queda de arrecadação proveniente do setor industrial, o município de Santo André aumentou a arrecadação própria de maneira um tanto drástica, em especial o imposto territorial e predial urbano (IPTU).¹⁰¹

Gráficos 4.3 e 4.4 – Santo André – Arrecadação dos impostos municipais

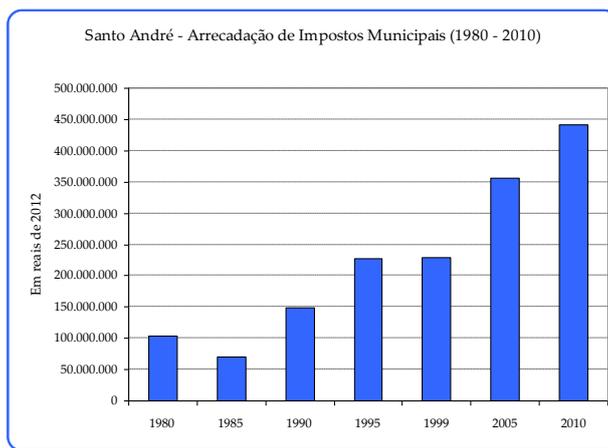
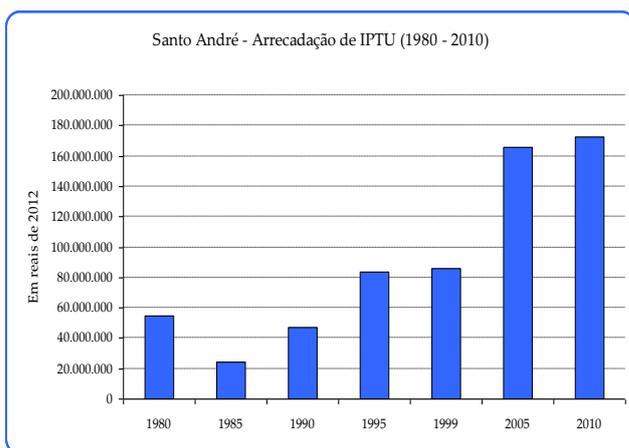


Gráfico 4.3 – Arrecadação de IPTU; Gráfico 4.4 – Arrecadação de Impostos Municipais; Em valores de 2012. Fonte: Fundação SEADE. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/imp/index.php?page=tabela>>. Acesso 12 maio 2013.

¹⁰¹ Não foi por mera coincidência que a arrecadação própria de Santo André mais que dobrou (em valores reais) a partir dos anos 90: A primeira gestão de Celso Daniel promoveu uma atualização na planta genérica do município, atualizando os dados cadastrais dos imóveis. Houve depois um aumento na arrecadação de ISS causado pelo aumento da terceirização (prestadores de serviços) e da subcontratação de profissionais, além do aumento do número de trabalhadores autônomos.

4.2 - Os efeitos da Reestruturação Produtiva em Santo André

Como observado nos capítulos anteriores, no período estudado, algumas indústrias optaram por sair do município (Black&Decker, Festo, Reckitt Benckiser, Volkswagen Caminhões etc.), outras indústrias fecharam (Coferraz, Cortiris, Freios Gotz, Nordon, etc.) todavia outras indústrias permaneceram na cidade (Braskem, Bridgestone, Pirelli, Rhodia e Solvay entre outras).

O Anuário de Santo André, publicado periodicamente pela Prefeitura Municipal de Santo André, mostra como a atividade industrial da cidade está concentrada em poucos setores:

Tomando como indicador a arrecadação do IPI, o setor Petroquímico/Químico foi responsável por 50% da atividade industrial do município, destacando especialmente a produção do Pólo Petroquímico de Capuava, sediado na cidade. Em segundo lugar estão as indústrias ligadas à metalurgia, fortemente composta por fornecedores de autopeças, que representaram 24% da atividade industrial em 2010. Em terceiro aparece o setor pneumático, com a produção de bens derivados da borracha, o qual representou 17% da atividade industrial de Santo André em 2010. Esses três setores somados responderam, portanto, por 91% de toda a indústria de transformação do município (PMSA, 2011, p. 54).

É mister recordar que a reestruturação produtiva dos anos 90 feita primeiramente pelas empresas multinacionais, afetou de maneira significativa as pequenas e médias empresas, geralmente de capital nacional, que não tiveram tempo e/ou recursos para se modernizarem e se adaptarem à nova conjuntura econômica que se apresentava.

A abertura do mercado brasileiro ao Exterior e a conseqüente concorrência de produtos importados obrigou muitas empresas a profissionalizarem sua gestão com vistas à sua manutenção no mercado.

A reestruturação produtiva foi nas palavras de Goldenstein (2001) um “processo doloroso, se não fatal”, pois segundo a autora “não se passa suavemente de uma economia fechada, com empresas familiares e descapitalizadas, para uma economia aberta e competitiva” (GOLDENSTEIN, 2001, p. 217).

A tradicional empresa familiar está morrendo. Isso não significa que não haverá mais espaço para empresas familiares. (...) Muitas das empresas nacionais familiares que se adaptarem a uma economia aberta e estabilizada sobreviverão. Aquelas que perceberam o processo em tempo e mudaram sua mentalidade, abriram capital, procuraram parceiros internacionais e/ou fundiram-se com outras nacionais, conseguiram ampliar seu porte e ganhar competitividade através da escala (GOLDENSTEIN, 2001, p. 218).

Desse modo, pelo fato de Santo André possuir uma estrutura industrial antiga, a transferência de indústrias e até mesmo o fechamento de empresas ocorreu em todos os segmentos industriais.

4.3 – As alterações na estrutura industrial

4.3.1 - O caso das antigas indústrias têxteis

A tradicional indústria têxtil, que deu origem a industrialização de Santo André, está praticamente extinta. As pequenas tecelagens como a Fiação e Tecelagem Santo André, o Jutifício Maria Luiza, a Fábrica de Tecidos de Algodão, a Fábrica de Tecidos São Geraldo, a Tecelagem Zanolli, entre outras, sucumbiram a partir dos anos 50, enquanto grandes indústrias têxteis como a Bergman & Kowarick e a Tecelagem Ipiranguinha (antiga Silva, Seabra e Cia) funcionaram até meados dos anos 70. Kleeb observa que:

essas empresas eram, em sua maioria, pequenos empreendimentos gerenciados por seu proprietário. Todas já desapareceram, principalmente por não conseguirem se impor às inovações tecnológicas, após a década de 1950 (KLEEB/PMSA, [200-]).

Após os anos 1980, a Algodoeira Santo José, a Têxtil Colber assim como a Têxtil Randi fecharam as portas. A Companhia de Tecidos Vila América também fechou assim como a fábrica de lonas Helvética cujas instalações fabris foram demolidas para construir um motel. Os trabalhadores da antiga Randi se uniram e formaram uma cooperativa, mas dificuldades econômicas levaram a Têxtil Cooper à falência. (PAGOTTO, 2010, p. 133).

Recentemente o Lanifício Santo Amaro, antiga fábrica têxtil da família Tognato, vendida posteriormente para a família Zarif, fechou suas instalações no centro da cidade e no lugar existe projeto para a construção de um empreendimento imobiliário.¹⁰²

¹⁰² Cf. PASSARELI (2005, p. 103) em especial as imagens 5.12A e 5.12B, quando a fábrica estava em funcionamento.

FOTO 4.01 - LANIFÍCIO SANTO AMARO EM 2011



Ocupando uma área localizada em pleno centro de Santo André, o Lanifício Santo Amaro foi uma das últimas indústrias têxteis da primeira fase da industrialização andreense a funcionar até meados dos anos 2000. A foto com vista para a Rua Venezuela mostra a fábrica já fechada em 2011.

Fonte: © 2013 Google.

FOTOS 4.02 a 4.05 – INDÚSTRIAS TÊXTEIS NA VILA PIRES

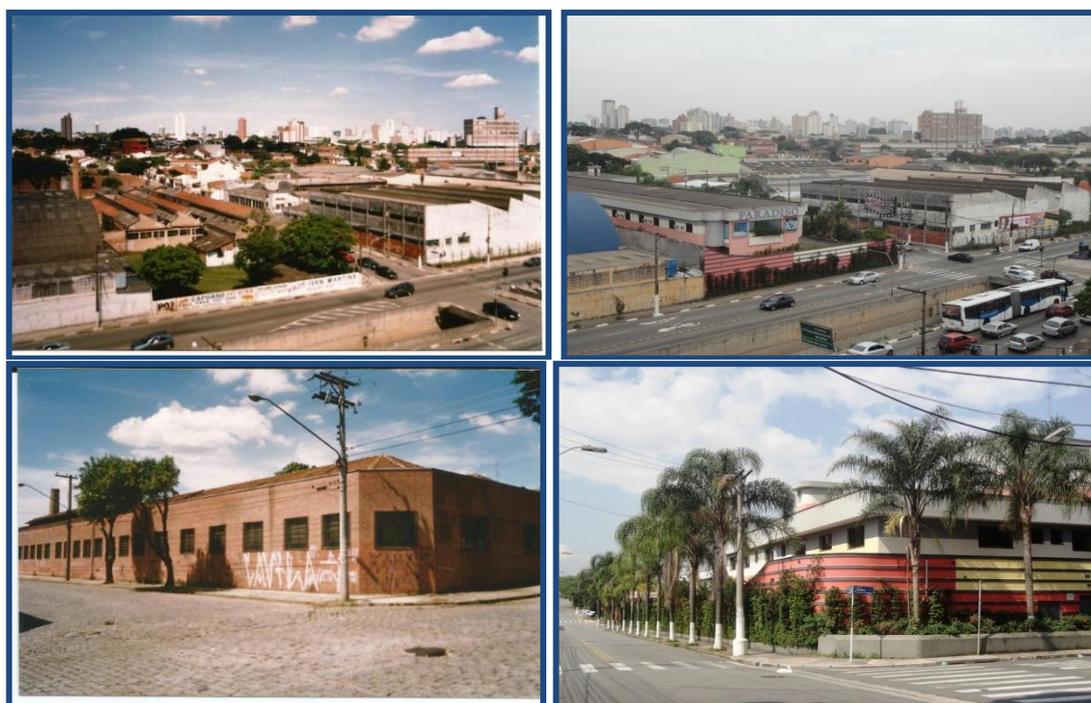


Foto 4.02 – Vista da Fábrica de Lonas Helvética e da Randi (1997). Até o início dos anos 1990 neste trecho da Rua 24 de Maio funcionavam várias indústrias têxteis; Foto 4.03 – Mesmo local (Rua Vinte e Quatro de Maio) em 2013, com o motel construído e o galpão industrial fechado; Foto 4.04 - Fábrica de Lonas Helvética (1997); Foto 4.05 – Motel Paradiso (2013).

FOTO 4.06 – CENTRAL DE TRABALHO E RENDA



Antiga unidade industrial da Tecelagem Randi. O imóvel localizado na Av. Artur de Queirós, 760 foi desapropriado pela Prefeitura Municipal de Santo André, que o transformou em um equipamento público.

QUADRO 4.1 - ALGUMAS ALTERAÇÕES NO SETOR TÊXTIL – 1991/2013 ¹⁰³

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica	Outras unidades	Observações
Algodoeira São José	Av. D. Pedro I, 3614	Faliu em 1997. Galpão alugado		
Alphaville Ind. Com.. Confecções	Al. México, 361	Fechou. No local funcionou a Malharia Aquarella		
Augusto Garcia Confecções	Av. D. Pedro I, 1028	Fechou. (Execução Fiscal em 2008). No local funciona uma loja de motocicletas		
Calcutá Têxtil Industrial	Rua Tatuí, 374	Fechou. A Dinap, distribuidora de jornais e revistas funciona no local		
Casa Lando	Praça Embaixador Pedro de Toledo, 32	Fechou. Livraria Saraiva ocupa o imóvel		
Casfil Ind. Com.	Av. D. Pedro I, 3680	Transferiu a unidade fabril para Mauá (SP)		Escritório comercial em Santo André
Cia. de Tecidos Vila Rica	Rua 24 de Maio, 136	Fechou. Prédio de apartamentos no local (Biosfera Vila Pires – Avita)		
Confecções Cido Ind. Com. Ltda	Rua Nepal, 419	Fechou. Oficina mecânica funciona no local		
Confecções Tatimar Ltda	Rua Independência, 677	Fechou. No local funciona a fábrica de molas Metal Maxi		
Darci Chagas	Rua Senador Fláquer, 982	Fechou. No local funciona consultório médico		
Diademyl Ind. Com	Rua Antonio de Lima, 205	Em funcionamento		
Erogh Confecções Ltda	Rua Oratório, 445	Fechou. Loja de tintas funciona no local		
Fábrica de Lonas Helvética	Rua 24 de Maio, 224	Faliu. Motel Paradiso funciona no local.		
Fábrica de Camisas Gan	Rua Cel. Alfredo Fláquer, 179	Fechou. No local funciona a Ossel (comércio de planos funerários)		
Ind. Com. Cordacrin	Rua dos Coqueiros, 650	Transferiu-se para São Caetano		

¹⁰³ Indústrias existentes na cidade em 1991. Incluímos neste quadro cf. a classificação do CNAE grupos 13 e 14: FABRICAÇÃO DE PRODUTOS TÊXTEIS e CONFECÇÃO DE ARTIGOS DO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS respectivamente.

		do Sul. No local funciona a GVT (serviços de TV e Internet)		
Ind. Com. Guarda Chuva Dilúvio	Av. Utinga, 1052	Fechou em 2003		
Ind. Com. Luvas Be La	Rua Cotegipe, 5	Fechou. Escola infantil funciona no local		
Lanifício Santo Amaro	Av. Cel. Fernando Prestes, 680	Fechou. Prédio demolido para a construção do Residencial Venezuela	Guarulhos (SP)	
Malharia Maria José	Rua Laura, 457	Fechou. Clínica médica funciona no local		
Malharia Robles	Rua Gravata, 167	Fechou. (Execução Fiscal no TJSP). Sobrados foram construídos no local		
Motta & Vanetti Roupas Industriais	Rua Berlim, 360	Fechou. (Execução Fiscal em 2011)		
Randi	Av. Artur de Queirós, 760	Faliu em 2000. No local funciona a Central de Trabalho e Renda (PMSA)	Havia outra unidade na Rua Gil Vicente	
Rhodia [Solvay]	Rua Henri Sannejouand, 06	Em funcionamento.	São Bernardo do Campo, Jacareí e Paulínia (SP)	Sede: São Paulo Matriz: Bruxelas Bélgica (Solvay)
Rodofitas	Av. D. Pedro I, 841	Transferiu-se para Mauá (SP). Loja de tintas funciona no local		Prédio no nº. 1627 possui outros estabelecimentos comerciais
Textilbor	Av. D. Pedro I, 3720/3740	Em funcionamento		

Elaborado pelo autor. ¹⁰⁴

Santo André possuía um forte e diversificado setor têxtil e de vestuário. O tamanho das empresas variava desde o porte de uma Rhodia, que além de produzir insumos, possuía também a Valisére, até as pequenas malharias espalhadas pela cidade. Dentre as grandes empresas do setor têxtil restou apenas a então Rhodia Poliamida – empresa do grupo francês Rhone-Poulenc - que se expandiu a partir dos anos 70 e 80 para o Interior de São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco numa estratégia de multi-localidade. Nos últimos anos o grupo Rhone-Poulenc tinha se reestruturado e vendido empresas fora do estado de São Paulo. ¹⁰⁵

¹⁰⁴ Conforme exposto na Introdução, a série dos 16 quadros contidos neste capítulo, informações referentes às alterações ocorridas na estrutura industrial de Santo André foram elaboradas pelo autor, que utilizou, além da relação das empresas associadas ao CIESP, os dados resultantes do trabalho de campo.

¹⁰⁵ Em 2002 a Rhodia vendeu as unidades de Poços de Caldas (MG) e Cabo (PE) para o Grupo Mossi e Gissolfi de capital italiano. Cf. <<http://www.gruppomg.com.br/empresa/historia.htm>>. Cf. <http://www.rhodia.com/en/news_center/news_releases/sale_of_rhodia-ster_220702.tcm>. Acesso em 23 abr. 2013.

Em 2011 o grupo Rhone-Poulenc foi adquirido pelo grupo belga Solvay, em uma negociação econômica externa à região, num claro processo de centralização de capitais. A transformação da Rhodia em uma divisão da Solvay, marca a entrada no país do grupo belga no ramo têxtil, além de torná-la uma das maiores empresas de Santo André.¹⁰⁶

FOTO 4.07 – RHODIA POLIAMIDA [SOLVAY]



Uma das maiores empresas de Santo André, a Rhodia passou desde sua chegada à cidade por diversas transformações e ampliações chegando a ser nos anos 80 e 90 uma das maiores empregadoras do município. Nos anos 90 a empresa associou-se ao Grupo Hoescht, criando uma nova empresa: a Fairway. Com a dissolução da associação Rhoné Poulenc - Hoescht, a empresa passou a se chamar Rhodia Poliamida. Com a aquisição do Grupo Rhoné Poulenc pela Solvay, a Rhodia passou a ser uma divisão da empresa belga.

A compra da Rhodia pela Solvay ilustra uma tendência apontada por Freeman & Soete (2008) sobre o crescente envolvimento das indústrias químicas no ramo têxtil quando “devido ao know-how e às economias de produção integrada, as empresas químicas tornaram-se constantemente envolvidas na indústria têxtil” (FREEMAN & SOETE, 2008, p. 190).

¹⁰⁶ O anúncio da compra da Rhodia pela Solvay em 04 de abril de 2011 foi destaque nos principais jornais e revistas de negócios. Cf. < <http://dealbook.nytimes.com/2011/04/04/solvay-to-buy-rhodia-for-4-8-billion/>>; <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/solvay-faz-oferta-de-us-4-8-bilhoes-pela-rhodia>>; <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/solvay-compra-rhodia-por-4-8-bilhoes-de-dolares>>. Acesso em 23 abr. 2013.

4.3.2 - O setor de alimentos

Outro setor da primeira fase da industrialização andreense também perdeu grandes empresas na cidade. Destacam-se ainda na paisagem da Avenida dos Estados as fábricas da Balas Juquinha, do Moinho São Jorge e do Moinho Santo André, este em processo de recuperação judicial.¹⁰⁷ Várias empresas alimentícias que existiam na cidade no início dos anos 90 passaram por dificuldades financeiras, principalmente os frigoríficos (Clemente, Maringá, Realsul e Utinga) que encerraram suas atividades.

FOTOS 4.08 a 4.10 – ALGUMAS EMPRESAS DO SETOR DE ALIMENTOS



Foto 4.08 – Moinho São Jorge; Foto 4.09 - Moinho Santo André (2013); Foto 4.10 – Ind. Com. Óleos Garcia, situada na Av. Martim Francisco, 735. Galpão fechado e placa de aluga em março de 2013; Foto 4.11 – Café do Sertão. Antiga fábrica fechada localizada na Av. Artur de Queirós, 180. Faixa anunciando a venda do imóvel em abril de 2013. Fonte: Foto 4.08 Divulgação - Moinho São Jorge.¹⁰⁸

¹⁰⁷ Informações detalhadas sobre o Processo de Recuperação Judicial proposto pelo Moinho Santo André encontram-se disponíveis em: <http://www.moinhosantoandre.com.br/Editais_Publicacoes.html>. Acesso em 27 mar. 2013.

¹⁰⁸ Disponível em <<http://www.moinhosaojorge.com.br/dados/noticia/noticia,G,01,23.jpg>>. Acesso em 30 out. 2012.

QUADRO 4.2 - ALGUMAS EMPRESAS DO SETOR DE ALIMENTOS ¹⁰⁹

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica	Outras unidades	Sede - Matriz
A.A. Afonso Cia Ltda (Padaria Brasileira)	Rua Santo André, 232	Em funcionamento	São Bernardo do Campo	
Abatedouro Floresta	Rua Andaraí 1055	Fechou. (Execução fiscal desde 1992)		
Balas Juquinha	Av. dos Estados, 1121	Em funcionamento		
Bryk Indústria de Panificação Ltda	Rua Miguel Couto, 55	Em funcionamento		
Café do Sertão Ltda	Av. Artur de Queirós, 180	Fechou. Placa de aluga em abr/2013		
Cosnal	Rua Prof. Licínio, 181	Faliu em 2005. Um buffet funciona no local		
Emulzint (Grupos Zeelandia e Palsgaard) [Zeelandia International Holding B.V.]	Rua Caiubi, 826	Transferiu-se. No local funciona a Inbra Plásticos	Jundiaí	Jundiaí - Zierikzee – Países Baixos
Frigorífico Clemente	Av. Utinga, 1522	Faliu em 1999. (Execução Fiscal e penhora do imóvel)		
Frigorífico Maringá	Rua Paraná, 69	Fechou em 2011.		
Frigorífico Realsul	Av. Andrade Neves, 762	Faliu em 2001. (Execução fiscal) Prédio foi demolido e sobrados foram construídos no local		
Frigorífico Utinga	Av. Industrial, 2949	Faliu em 2008. Prédio demolido. Motel funciona no local.		
Ideal Com. Imp. Exp.	Av. das Nações, 868	Fechou. No local funciona a DumaxBrasil (comércio de placas de policarbonato)		
Ind. Com Peixes Cananéia	Av. Industrial, 2231	Fechou em 2010. Placa de aluga no local desde 2011.		
Ind. Com. Óleos Garcia	Av. Martim Francisco, 735	Fechou. Placa de aluga no local em março de 2013.		
Kienast & Kratschmer Ltda	Av. Industrial, 3331	Em funcionamento		
Moinho Santo André	Av. dos Estados, 1345	Em funcionamento sob processo de Recuperação Judicial		
Moinho São Jorge	Av. dos Estados, 1171	Em funcionamento		Santo André
Perdigão (antiga Swift-Armour)	Av. Utinga, 1790 e Rua Particular s/n	Transferiu-se. No local foi construído um condomínio residencial	Videira (SC) e outras 50 fábricas no Brasil	São Paulo

Elaborado pelo autor.

Uma das maiores empresas do ramo de alimentação que existiu em Santo André foi a Swift. É emblemático o caso dessa empresa quando se observa as características [e as conseqüências] do processo de centralização de capitais.

Localizado na época em área periférica por causa de externalidades negativas como “mau-cheiro e resíduos” (KLINK, 2001, p. 99) o antigo matadouro Martinelli foi comprado pela Swift norte-americana em 1933.

¹⁰⁹ Indústrias existentes na cidade em 1991. Cf. CNAE Grupo 10: FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS. Grupo 561: RESTAURANTES E OUTROS SERVIÇOS DE ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS.

A Swift e sua concorrente a Armour foram adquiridas em 1972 pela Sasa Administração e Participação Ltda., “empresa cujo capital era composto 45% pela Brascam [atual Brookfield Brasil] e 55% pela Icomi [do Grupo] de Azevedo Antunes” (MARCOVITCH, 2003, p. 223) passando a se denominar Swift-Armour.

Em 1989 o controle da Swift-Armour foi passado para o Grupo Bordon, empresa que meses depois vendeu a unidade de Santo André para o Grupo Perdigão, que fechou a fábrica no início dos anos 90 e transferiu sua produção para a cidade de Videira no interior de Santa Catarina. O local onde existiu a Swift é atualmente ocupado por um condomínio residencial.

O grupo Perdigão expandiu-se, associou-se com sua maior concorrente a Sadia, transformando-se em BRF – Brasilfoods ¹¹⁰, a quarta maior empresa do ramo de alimentos do Brasil. ¹¹¹

Outra empresa, a Emulzint, pertencente ao grupo holandês Zeelandia, optou pela realocação industrial. Fechou sua única fábrica no Brasil fundada em 1977 em Santo André e transferiu-se para a cidade de Jundiaí, interior de São Paulo, onde construiu uma planta nova com maior capacidade produtiva.

FOTO 4.12 – IMÓVEL ONDE FUNCIONOU A EMULZINT



Foto 4.12 – Rua Caiubi, 826 em 2011. Após a transferência em meados dos anos 90 da Emulzint para Jundiaí, algumas empresas ocuparam o imóvel. Em 2013 está em funcionamento no local a Inbra Indústria Brasileira de Plásticos. Foto tirada em 2011. Fonte: © Google 2013.

¹¹⁰ O grupo Brasilfoods detém as seguintes marcas: Perdigão, Perdix, Batavo, Elege, Bovina, Cotochés, Sadia e Qualy Sadia. Cf. <<http://www.brasilfoods.com/paginas.cfm?area=0&sub=27>>. Acesso em 04 nov. 2012.

¹¹¹ Segundo a Revista Exame, as maiores empresas do agro-negócio instaladas no Brasil em 2011 eram: Bunge Alimentos, Cargill, JBS, BRF, ADM, Coopersucar, Unilever, Louis Dreyfus e Basf. Cf. <<http://exame.abril.com.br/negocios/empresas/noticias/as-50-maiores-empresas-do-agronegocio-em-2012>>. Acesso em 11 nov. 2012.

4.3.3 – O setor gráfico

No setor gráfico e editorial, das empresas pesquisadas, funcionam em Santo André várias indústrias gráficas. Permanecem na cidade o Diário do Grande ABC, o maior jornal impresso da região do ABC, a Geomapas, pequena indústria de estrutura familiar produtora de mapas e artigos educacionais e outras pequenas gráficas.

FOTO 4.13 – DIÁRIO DO GRANDE ABC



O Diário do Grande ABC é o maior jornal da região. A redação do jornal está localizada na Rua Catequese, 562 e seu parque gráfico localiza-se na Av. Gago Coutinho, 200.

Outras empresas gráficas surgiram na cidade nos últimos anos ¹¹², mas o que chama atenção é o destino das antigas instalações industriais, que como no caso das indústrias alimentícias, de vestuário, de madeira e de mobiliário, cedem espaço às atividades de baixo valor agregado (comércio em geral) e ao circuito secundário do capital: o setor imobiliário. ¹¹³

¹¹² Em nossa pesquisa empírica encontramos diversas empresas do setor gráfico que se instalaram na cidade após os anos 1990. O porte destas empresas é diversificado e varia desde pequenas copiadoras até algumas grandes gráficas. Cf. Quadro 4.16.

¹¹³ No final deste capítulo explicaremos detalhadamente a ação do circuito secundário do capital, em especial as transformações geográficas proporcionadas pelo setor imobiliário na produção de novos espaços urbanos.

QUADRO 4.3 – ALGUMAS EMPRESAS DO SETOR DE GRÁFICAS E EDITORAS ¹¹⁴

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica
Artes Gráficas HM (Gráfica HM)	Rua Uruguaiana, 495	Em funcionamento na Av. Firestone, 1000
Cromoprint	Av. Nova Zelândia, 1162	Fechou. (Imóvel foi leiloado). No local funciona Julião Compressores
Diário do Grande ABC	Rua Catequese, 562	Em funcionamento. Parque gráfico sito à Av. Gago Coutinho, 200
Enfoque Com. Visual	Rua Ibirapitanga, 454	Em funcionamento
Geográfica	Av. Brasil, 163	Em funcionamento na Av. Pres. Costa e Silva, 2151. No antigo endereço funciona a USN Trading (For Pet), artigos de aquariofilia (comércio)
Geomapas	Rua Japão, 386	Em funcionamento
Gráfica Urbano	Rua Santo Afonso, 6	Fechou. (Bloqueio Judicial)
Ind. Gráficas Jurema	Rua Jatobá, 95	Fechou. Um bar funciona no local
Íris Produções Gráficas	Praça São Jorge, 18	Fechou em 1996
Irmãos Reis	Av. Higienópolis, 244	Fechou. Posto de combustível e lojas de conveniências ocupam o imóvel
Luel Encadernações Empresariais	Rua Siqueira Alves, 351	Em funcionamento
Modelo Artes Gráficas	Rua Márcia Mendes, 56	Em funcionamento
Pró Tempo Artes Gráficas	Av. Artur de Queiroz, 818	Em funcionamento na R. Prof. Garret, 51
Prodser Serigrafia	Rua Laureano, 525	Fechou. Escritório de engenharia ocupa o imóvel
Techygraf Ind. Gráfica	Av. Martim Francisco, 267	Fechou. Loja de autopeças funciona no local

Elaborado pelo autor.

¹¹⁴ Indústrias existentes na cidade em 1991. Cf. CNAE Grupo 18 IMPRESSÃO E REPRODUÇÃO DE GRAVAÇÕES.

4.3.4 – O setor de madeiras e mobiliário

Outro setor da primeira fase da industrialização andreense, o complexo moveleiro da cidade, embora de menor porte em relação ao que existiu no município vizinho de São Bernardo do Campo, também passou por transformações nas últimas décadas.

Chama a atenção o ocorrido com a Indústria de Móveis Bartira, a maior empresa de móveis (populares) do Brasil, pertencente à Casas Bahia. Braço industrial da também maior rede varejista do Brasil, em 1997 as Casas Bahia construiu uma fábrica de grande porte em Santo André para em 2011 transferir sua produção de móveis para São Caetano do Sul, cidade onde a empresa tinha construído em 2003 uma nova planta industrial com maior capacidade produtiva.¹¹⁵

Segundo reportagem publicada no Diário do Grande ABC, o motivo alegado pela empresa foi a de racionalização produtiva: “A mudança visa aumentar a capacidade produtiva da indústria, gerar ganhos de logística com relação à expedição e recebimento de matéria-prima, unir estoques e melhorar controles internos” (DGABC, 30/06/2011).

Santo André perdeu a fábrica, os empregos e os impostos que eram gerados na atividade industrial da indústria de móveis. Em 2013, no local da fábrica de móveis está instalada a Transportadora Júlio Simões.

Por fim, é de se observar, conforme os dados do Quadro 4.4 que das indústrias pesquisadas, apenas quatro permanecem na cidade e, não por acaso, a Móveis Dimonelli ampliou sua produção industrial aproveitando-se das oportunidades de mercado causadas pela diminuição da concorrência.

¹¹⁵ Cf. <<http://institucional.casasbahia.com.br/empresa/moveis-bartira/>>. Acesso em 27 mar. 2013. Na página institucional da empresa só consta a abertura da fábrica de Santo André em 1997. Nada consta sobre seu fechamento e sua realocação industrial para São Caetano do Sul; Sobre a transferência do galpão industrial das Casas Bahia de Santo André para São Caetano do Sul, cf: <<http://www.dgabc.com.br/News/5896380/bartira-unifica-producao-de-moveis-em-sao-caetano.aspx>>. Acesso em 27 mar. 2013.

QUADRO 4.4 – ALGUMAS EMPRESAS DO SETOR DE MADEIRAS E MOBILIÁRIO ¹¹⁶

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica
Amambai Ind. Estofados	Av. Rangel Pestana, 684	Fechou. No local funciona a Lukava Ferramentaria e Usinagem
Arnekar Consoles e Equipamentos	Rua Distrito Federal, 453	Fechou. Galpão vazio em abril /2013.
Caxilar Ind. Com. Mat. Constr.	Av. D. Pedro I, 3166	Faliu. No local, em março/2013 o galpão estava vazio
Caxinco Ind. Com. Mad.	Rua Santa Adélia, 687	Fechou. Mebasa Empilhadeiras funciona no local (Serviços)
Coimbra Ind. Mad.	Rua Coimbra, 735	Fechou. (Execução Fiscal desde 2001 - Bloqueio Judicial desde 2007)
Com. Ind. Mad. Nini	Rua Iguassú, 41	Fechou. No local funciona a Motriz Automação Industrial
Com. Mad. Brasília	Rua dos Coqueiros, 123	Fechou. Placa de aluga no local em março/2013
Danúbio Ind. Com. Móveis	Travessa dos Patriotas, 95	Fechou. No local funciona a Eficaz Desenhos Mecânicos (Serviços)
Florida Ind. Com. Móveis	Rua Porto Alegre, 454	Fechou. Estacionamento funciona no imóvel
Globart Ind. Móveis Coloniais	Rua Lacônia, 444	Fechou. Aparas Santa Edwiges funciona no local (Reciclagem)
Ind. Artef. Mad. Matevi	Rua Vaticana, 23	Fechou. Garante Vidros funciona no local (Indústria)
Ind. Artef. Mad. Varago	Rua Inglaterra, 155	Fechou. Existem sobrados no local.
Ind. Com. Mad. Santa Clara	Rua Jequitibás, 666/668	Fechou. Colégio Objetivo/Unip ocupa o imóvel
Ind. Com. Móveis Dircilda	Rua Regente Feijó, 345	Fechou. Restaurante funciona no local
Ind. Com. Móveis Resende e Bologneso	Av. São Bernardo do Campo, 384	Fechou. Academia de Ginástica funciona no local
Ind. Móveis Dinâmico	Rua Rio Grande do Norte, 525	Fechou. No local funciona a Melfi Importação e Comércio de Ferramentas
Indústria de Móveis Bartira (Casas Bahia) [1997]	Av. João Pessoa, 500	Transferiu-se para São Caetano do Sul. Transportadora Julio Simões ocupa o imóvel.
João Donizete Ginel Tambara	Rua Cáucaso, 335	Fechou. Sobrados foram construídos no imóvel
JR Ind. Com. Móveis	Av. S. Bernardo do Campo, 474	Fechou. Retametal Comercial ocupa o imóvel (Comércio)
Kersil Ind. Com. Mad.	Rua Gaspar de Lemos, 317	Em funcionamento
Lodging Ind. Com. Móveis	Rua Taipas, 60	Fechou. Oficina mecânica funciona no local
Lord ABC Ind. Com. Móveis	Rua Ibiacema, 46	Fechou (n/d)
Mademarco Ind. Com. Mad.	Rua Cruzeiro do Sul, 265	Fechou. Galpão vazio em março/2013
Madreira Lucial	Rua Antuérpia, 367	Fechou. Empresa gráfica AbsolutPigments funciona no local
Marcenaria Hiléia	Rua Hiléia, 9	Em funcionamento na Tv. Fontoura, 85
Marcenaria JS Ltda	Rua Siqueira Campos, 107	Fechou. Prédios de apartamentos no local. (Condomínio Paris)
Mattiello Artef. Madeiras	Av. Marginal dos Meninos, 4611	Fechou. No local funciona a IPV Peças para Veículos (Comércio)
Modelação ADS	Rua Espanha, 622	Fechou. (Execução Fiscal desde 2006). Não existe o nº. 622. No nº. 618 existe uma residência
Moreira Cia Ltda	Rua Senador Fláquer, 935	Em funcionamento
Móveis Dimonelli	Rua Siqueira Campos, 263	Em funcionamento. Fábricas na Av. Artur de Queirós, 298 e Av. Queirós dos Santos, 1100.
Móveis e Decorações Itamarati	Av. Itamarati, 2290	Fechou. MVC Empilhadeiras funciona no local (Serviços)
Prata Com. Ind. Mat. Construção	Estrada João Ducin, 250	Fechou. ZB Caçambas funciona no local (Serviços)
Tutu Móveis	Rua Cel Seabra, 1011/1075	Fechou. (Execução Fiscal desde 2006), localizada onde funcionava o antigo Curtume Bega. Duas torres de apartamentos foram construídas no imóvel

Elaborado pelo autor.

¹¹⁶ Indústrias existentes na cidade em 1991, com exceção da Indústria de Móveis Bartira que se instalou em 1997. Cf. CNAE Grupo 16: FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE MADEIRA e Grupo 31: FABRICAÇÃO DE MÓVEIS.

FOTO 4.14 - RUA CORONEL SEABRA, 1011/1075



Dois torres de apartamentos foram construídas no local onde no passado funcionou o antigo Curtume Bega e após o fechamento do curtume funcionou a Tutu Móveis. No passado existiam indústrias, hoje surgem prédios de apartamentos.

Finda a análise sobre as indústrias leves e antes de dedicarmos a análise às indústrias pesadas alguns pontos em comum foram verificados como o grande número de empresas que encerraram suas atividades, a realocação industrial de várias empresas e a substituição das atividades nos imóveis, antes industriais, por atividades terciárias como estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços. Verificou-se também a “força” do circuito secundário do capital pelo grande número de lançamentos imobiliários na forma de apartamentos e sobrados.

FOTO 4.15 – IMÓVEL FECHADO E SOBRADINHOS NA RUA CRUZEIRO DO SUL.



Imóvel fechado, sem identificação e sem numeração. Pelo endereço que obtivemos da publicação da CIESP (1992) presumimos que ali funcionou uma antiga indústria, posteriormente funcionou uma oficina mecânica. Novos sobrados como vizinhos.

4.3.5 - O setor de autopeças

Em Santo André os setores que mais sofreram o golpe causado pelo câmbio valorizado e pela concorrência externa foram os segmentos de autopeças e de bens de capital (fabricação de máquinas); todavia, de um modo geral, todo o complexo metal-metalúrgico de origem nacional passou por dificuldades em Santo André e no Grande ABC nos anos 1990.

Crítico da abertura acelerada e descontrolada ocorrida nos anos 1990, Arbix (2002) destaca a excessiva proteção às montadoras de veículos com a instauração do Novo Regime Automotivo ¹¹⁷ e as facilidades concedidas para a importação de autopeças e máquinas que prejudicaram os fabricantes nacionais desses produtos:

Máquinas e ferramentas teriam alíquotas zero. Autopeças poderiam ser importadas com alíquota inicial de apenas 2%. O NRA obteve êxito na atração de novas fábricas. Ao mesmo tempo, apresentava desequilíbrios, beneficiando mais as montadoras e expondo à competição o setor de autopeças. Ignorou a questão trabalho, assim como as referentes à tecnologia, à recapacitação e outras (ARBIX, 2002, p. 126).

Enquanto as montadoras de veículos foram protegidas e beneficiadas pelo Novo Regime Automotivo (ARBIX, 2002, p. 110) o setor de autopeças composto majoritariamente de empresas nacionais, enfrentou a crise causada pela redução das tarifas de importação (que em alguns casos foi reduzida para 2%) e com a chegada das empresas transnacionais. Houve no Brasil um aumento da internacionalização do setor.

Nos anos 1990 o grupo alemão Mahle adquiriu parte do controle acionário da Cofap e o controle acionário da Metal Leve S/A, duas das maiores fabricantes de

¹¹⁷ NRA: Novo Regime Automotivo, instituído pelo Governo FHC em 1995.

auto-peças do Brasil. Com as diversas aquisições ¹¹⁸ cada vez mais o Grupo Mahle centraliza o capital na área de autopeças no país. Por outro lado, como consequência deste processo de centralização e em uma estratégia de redução de custos, o grupo Mahle fechou a unidade de Mauá e a filial da Metal Leve localizada em São Paulo, realocando parte de suas atividades produtivas para cidades do interior dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Outra grande empresa instalada no município era a KS Pistões, que se transferiu para Nova Odessa, cidade situada no Interior do estado de São Paulo. A TRW mantém-se na cidade e possui outras unidades industriais no interior do estado. A Metalúrgica Saraiva cresceu e foi para Santa Catarina.

Em 2011, das 494 empresas associadas ao Sindicato Nacional da Indústria de componentes para veículos automotivos (Sindipeças) somente 06 empresas localizavam-se em Santo André. ¹¹⁹ Quatro empresas possuem sede na cidade: Astra ABC Comercial, Hayes Lemmerz (Iochpe-Maxion), Labortex e Metalúrgica Quasar, e duas empresas possuem filiais: Magnetti Marelli Cofap e TRW. ¹²⁰

FOTOS 4.16 e 4.17 – TRW/COFAP



Foto 4.16 - Portaria da TRW em 2011. A empresa localizada à Rua Alexandre de Gusmão, 1125 está em funcionamento em 2013; Foto 4.17 - Parte das instalações da antiga Cofap, hoje Magnetti Marelli. (2011).
Fonte: © 2013 Google.

¹¹⁸ Cf. http://www.br.mahle.com/MAHLE_South_America/pt/MAHLE-Group-South-America/MAHLE-in-South-America/History/Centenary-Experience/1978--1999>. Acesso em 14 out. 2012.

¹¹⁹ Por razões de tempo (e dificuldade de nos locomovermos até a sede do Sindipeças em São Paulo durante o período do trabalho de campo) não tivemos condições de pesquisar as edições anteriores do anuário do Sindipeças. O mesmo ocorreu com a dificuldade de visitar a sede da Abiquim. O autor pede desculpas por essas lacunas.

¹²⁰ Só para efeito de comparação da perda da importância industrial de Santo André: das 494 empresas associadas ao Sindipeças, 27 empresas possuem sede em São Bernardo do Campo, 05 em São Caetano do Sul, 33 em Diadema, 11 em Mauá, 05 em Ribeirão Pires, 01 em Rio Grande da Serra, 12 em Osasco, 29 em Guarulhos e 84 na cidade de São Paulo. Cf. SINDIPEÇAS (2012, p. 43 e segs).

QUADRO 4.5 – SETOR DE AUTOPEÇAS ¹²¹

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica	Outras unidades	Sede	Matriz
BSB Rolamentos	Av. Novo Horizonte, 260	Em funcionamento na Rua Itaquera, 221/233			
Carroceria Xavante	Av. Varsóvia, 1122	Fechou. No local funciona a Quality Fix (Comércio)			
Cofap ¹²²	Rua Alexandre de Gusmão, 1395	Em funcionamento	[Magnetti Marelli] Mauá, SBC, Amparo, Hortolândia (SP); Contagem, Lavras Itaúnas (MG)	Hortolândia (SP) (Magnetti Marelli)	Milão (Grupo FIAT) - Itália
Cortiris	Rua Rio Grande do Norte, 299	Faliu em 1996. No local foram construídos prédios residenciais			
Cyclo Produtos Automotivos	Av. Novo Horizonte, 175	Fechou. No local funciona a Acelik Ind. Mec.			
Eaton	Av. Capuava, 603	Transferiu-se. A Pirelli Pneus comprou o imóvel	Valinhos - Outras fábricas em: Jundiaí, Guarulhos, São José dos Campos, Mogi-Mirim, Guaratinguetá (SP) e Caxias do Sul (RS).	Valinhos (SP)	Cleveland - EUA
Irmãos Mancini	Rua Barbara Heliodora, 430	Fechou. (Processos de Execução e bens leiloados)			
Irmãos Vassoler	Av. Industrial, 2035	Fechou. (Há processos de Execução Fiscal e penhora de imóveis). No lugar está funcionando em 2013 a New Colors Artes e Editora Gráfica Ltda			
KS Pistões (Grupo Kolbenschmidt Pierburg) – [Rheinmetall AG]	Av. Pereira Barreto, 1299	Transferiu-se. No local funciona a Justiça Federal e um conjunto de apartamentos	Nova Odessa (SP)	Nova Odessa (SP)	Düsseldorf – Alemanha
Madalinco	Rod. Santo André a Paranapiacaba, 4500 (Rod. SP 122)	Fechou em 2004. (Execução Fiscal desde 2009). Bens penhorados			
Metalúrgica Saraiva (Saraiva Retrovisores)	Rua do Pinhal, 50	Transferiu-se. No local funciona a Metalúrgica MS	Biguaçu (SC)	Biguaçu (SC)	
Sul Brasil Plásticos e Metalurgia	Rua Oratório, 3895	Fechou. (Execução Fiscal desde 2001). No local funciona a Metalfole Flexíveis (Indústria de autopeças)			
TRW (Northrop Grumman Corporation)	Av. Alexandre Gusmão, 1125	Em funcionamento	Outras unidades em: Mauá, São Paulo, Diadema, Taubaté, Limeira, Eng. Coelho (SP), Lavras e Três Corações (MG)	Limeira	Livonia –MI - EUA [Northrop Grumman: Los Angeles] - EUA

¹²¹ Cf. CNAE Grupo 29: FABRICAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES, REBOQUES E CARROCERIAS: Divisão 294: FABRICAÇÃO DE PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA VEÍCULOS AUTOMOTORES.

¹²² Cofap: Parte da empresa foi vendida para a Magnetti Marelli (Grupo FIAT); Outra parte vendida para a Mahle (Grupo Mahle) que já fechou a unidade de Mauá. Atualmente a fábrica de Mauá chama-se Magnetti Marelli Cofap Autopeças enquanto a unidade de Santo André passou a ser denominada apenas Magnetti Marelli.

4.3.6 - O setor de máquinas e equipamentos

O setor de bens de capital foi duramente atingido pelas importações, muitas vezes consideradas predatórias. Os índices de importação foram superiores aos dos outros setores. Em Santo André, assim como no restante do Brasil, a maior parte dos fabricantes de bens de capital era composta de pequenas empresas familiares que atuavam num mercado protegido sem se preocuparem com a competitividade, tanto tecnológica como econômica (ABIMAQ, 2006, p. 110). Segundo a Abimaq:

Antes, a meta era fazer com que um produto fosse mais nacional possível, e não importava o preço final. Com a abertura, a regra agora era produzir o que tem escala e é economicamente viável da forma mais competitiva possível. Desse conjunto de critérios vai depender o conteúdo de nacionalização da produção. Resultado: passou-se a importar mais componentes e a fabricação de alguns produtos foi abandonada definitivamente (ABIMAQ, 2006, p. 110).

Nos últimos anos tem crescido o déficit comercial brasileiro no setor de bens de capital devido ao aumento constante das importações de máquinas; China, Estados Unidos, Alemanha, Japão e Coréia do Sul são os maiores exportadores para esse segmento no Brasil.¹²³

O setor de bens de capital também foi duramente atingido em Santo André: os grandes fabricantes saíram da cidade e a concorrência com os produtos importados causou o fechamento de empresas. Poucas indústrias do setor sobreviveram.

¹²³ Cf. ALÉM & GIAMBAGI (2010), em especial o capítulo 16.

QUADRO 4.6 – O SETOR DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS ¹²⁴

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica	Outras unidades	Sede e Matriz
Arpifrio	Rua das Hortências, 1301	Em funcionamento		
Braibanti - Forteusi (Taubaté) comprou a marca e as patentes	Av. Santos Dumont, 383	Faliu. Patrimônio levado a leilão. No local funciona a Royce Connect (Indústria e comércio de peças de ar-condicionado para veículos)		
Festo	Av. Pereira Barreto, 1286	Transferiu-se. No local funciona o Shopping Lar Center ABC	São Paulo (SP)	São Paulo - Esslingen - Alemanha
Ind. Maq. MG	Av. Industrial, 2622	Faliu. (132 registros judiciais desde 1995). No local funciona a Sianfer (Comércio de Metais)		
Isshiki & Cia (Máquinas Santo André)	Rua Gil Vicente, 145	Em funcionamento		
Mec. Codema	Rua Cristóvão Colombo, 267	Em funcionamento		
Metalfac	Rua Luis de Camões, 169	Faliu. Imóvel posto à leilão em 2009		
Otis	Av. Antonio Cardoso, 536	Transferiu-se. No local funciona o Sam's Club e a Dicio. (Comércio)	São Bernardo do Campo (SP)	São Bernardo do Campo - Hartford, CT - EUA
Pilotti	Rua Taipas, 90	Fechou, no local funciona a Gráfica Qualitec		
Real Refrigeração	Rua José Bonifácio, 254	Em funcionamento		
Santandre Maq. Artif. Metais	Av. Industrial, 2621	Fechou. No local funciona a Genovex Ornamentos de Jardins (Comércio)		
Schick Bin	Av. Industrial, 2358	Fechou. No local funciona a Gerber Ind. Com.		

Elaborado pelo autor.

FOTO 4.18 – SIANFER



A Sianfer, empresa que comercializa artigos de metal se estabeleceu no local onde antes existiu a (falida) Máquinas MG. Antiga forma (industrial) e novo conteúdo (comercial).

¹²⁴ Indústrias existentes na cidade em 1991. Cf. CNAE Grupo 28 FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS.

4.3.7 – O setor metal-mecânico ¹²⁵

É forte em Santo André a importância do segmento Metal-Mecânico, pois grandes empresas como a Alcan, Alcoa e Paranapanema foram reestruturadas e continuam em funcionamento. Recentemente o grupo Iochpe comprou a norte-americana Hayes Lemmerz, que em Santo André possui a Borlem Alumínio. Com essa aquisição o grupo Iochpe retorna ao Grande ABC. ¹²⁶

FOTOS 4.19 e 4.20 – ALCOA - ELUMA



A Alcoa instalou-se em Santo André adquirindo parte da Alcan; A Eluma, antiga Laminação Nacional de Metais foi incorporada nos anos 90 pelo grupo Paranapanema. Ambas as fábricas estão em funcionamento em 2013.

FOTOS 4.21 e 4.22 – CBC - UNIABC

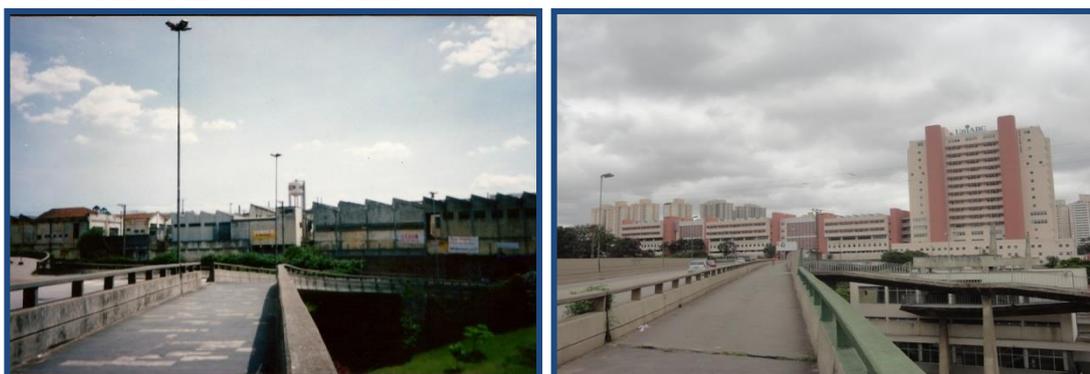


Foto 4.21 – CBC (1997); Foto 4.22 – UNIABC (2013).

Relocalização industrial e mudança de função: Onde antes existia maior fábrica de munição do Brasil funciona hoje uma Universidade privada.

¹²⁵ Indústrias existentes na cidade em 1991. Cf. CNAE Grupo FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE METAL, EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS.

¹²⁶ O Grupo Iochpe-Maxion, possuía uma unidade industrial em São Bernardo do Campo que foi desativada. O Grupo possui outras unidades em Cruzeiro, Hortolândia, Limeira e Contagem (MG), além de uma divisão dentro da fábrica da Man em Resende (RJ). O Grupo Iochpe também possui unidades industriais no México e na China. Cf. <<http://www.iochpe.com.br/>>. Acesso em 04 nov. 2012.

Maior fabricante de armas e munições do Brasil, a CBC (Companhia Brasileira de Cartuchos) possuía uma imensa fábrica em Santo André. Em meados dos anos 90 a empresa optou por realocar a planta para o município vizinho de Ribeirão Pires. Tempos depois o terreno foi vendido, a fábrica demolida e no local foram construídos os prédios de uma universidade privada, a Uniabc, adquirida posteriormente pelo Grupo Anhanguera, que com sua fusão com o grupo Kroton está concentrando e centralizando o capital na área do ensino superior privado.¹²⁷

QUADRO 4.7 - METAIS AÇO FERRO ALUMÍNIO

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica	Outras unidades	Sede	Matriz
Alcan (Alcan Inc.) / Novelis/ [Grupo Adytia Birla]	Rua Felipe Camarão 414	Em funcionamento e reestruturada. Parte da Unidade de Santo André foi adquirida pela Alcoa em 1996	Outras fábricas em Ouro Preto (MG) e Pindamonhangaba (SP)	São Paulo (SP)	Atlanta – EUA (Novelis) /Mumbai – Índia (Adytia)
Alcoa	Rua Felipe Camarão, 454	Em funcionamento	Outras Unidades em: Poços de Caldas (MG), Tubarão (SC), Itapissuma (PE) Juruti (PA) e São Luis (MA)	São Paulo (SP)	New York - EUA (Alcoa Global)
Arames Cleide	Av. D. Pedro I, 790	Faliu. No local existe uma loja de tintas			
Arte em ferro forjado	Rua dos Coqueiros, 676	Em funcionamento na Rua Lauro Muller, 266. No antigo local funciona a Metalúrgica Quasar			
Bacchi	Rua Tabaiães 297	Fechou. Imobiliária funciona no local			
Borlem Alumínio (Grupo Hayes Lemmerz) Adquirida pelo grupo Iochpe Maxion	Av. Alexandre de Gusmão, 834	Em funcionamento.		São Paulo (SP)	São Paulo (Grupo Iochpe Maxion)
Brastak (Fusão com o grupo Harris) [Lincoln Electric]	Av. Industrial, 855	Em funcionamento		Santo André (SP)	Mason – OH – EUA Cleveland – EUA [Lincoln Group]
CBC - Companhia Brasileira de Cartuchos. (Antes Remington/ICI)	Av. Industrial, 3330	Transferiu-se. No lugar funciona a Universidade UNIABC	Ribeirão Pires (SP)	Ribeirão Pires (SP)	

¹²⁷ Segundo a Revista Exame, com a fusão a nova empresa torna-se “a maior companhia de educação do mundo”. Cf. <<http://exame.abril.com.br/negocios/aquisicoes-fusoes/noticias/kroton-e-anhanguera-os-numeros-da-maior-empresa-de-educacao>>; Sobre o anúncio da fusão entre a Kroton e a Anhanguera, cf: <<http://www.valor.com.br/empresas/3095112/kroton-e-anhanguera-educacional-anunciam-fusao>>; Edição de 22 abr. 2013. Acesso em 25 abr. 2013.

CFM Com de Estrutura	Av. D Pedro I, 227	Fechou. No local funciona um buffet			
Ferro e Aço Fortunato	Avenida Dom Pedro I, 2739	Em funcionamento			
Fundição Chui	Av. Pres. Costa e Silva, 1021	Em funcionamento			
Girelli ¹²⁸ (Bralfer)	Rua Xingu, 1082	Fechou. Torres de apartamentos sendo construídas em maio/2013			
KWM	Rua Cesar de Menezes, 338	Em funcionamento na Rua Martin Afonso de Souza, 202			
Laminação Nacional de Metais (Eluma) [Grupo Paranapanema]	Rua Julio Pignatari, 109	Em funcionamento		Santo André (SP)	Rio de Janeiro (RJ)
Metal 2	Av. D Pedro I, 2182	Em funcionamento	Outra unidade em Mogi Mirim (SP)	Santo André (SP)	
Perfilados Furquim	Rua Carlos Gomes, 421	Fechou. No local funciona uma loja de madeiras			
Pierre Saby	Av. Industrial, 3074	Faliu em 2002. No lugar funciona a Metalúrgica Metasa			
Super	Rua Antonio Cardoso Franco, 70/80	Fechou. (Execução Fiscal no TJSP e pedido de falência em 2011) Prédio visivelmente abandonado em abr/2013			

Elaborado pelo autor.

FOTOS 4.23 e 4.24 – PIERRE SABY - METASA



Foto 4.23 - Pierre Saby em 1997. A empresa faliu em 2002; Foto 4.24 - Metasa (2013). A Metalúrgica Metasa ocupa o imóvel industrial localizado na Av. Industrial, 2558

¹²⁸ No local onde funcionou a Girelli, sua sucessora a Bralfer Ind. Metalúrgica ocupou por um tempo o imóvel. No trabalho de campo, um vizinho da antiga fábrica nos contou que fecharam a fábrica da noite pro dia, levando embora todas as máquinas e equipamentos. A empresa tem sua situação cadastral bloqueada e constam diversos processos de execução fiscal contra a empresa e seus sócios na Justiça Federal e Justiça Estadual. A fábrica, situada à Rua Xingu, 1040/1082 - em imóvel provavelmente alugado - foi demolida e no local estão sendo construídas duas torres de apartamentos.

4.3.8 – As indústrias metalúrgicas e as indústrias mecânicas

Da mesma forma que as empresas de outros segmentos industriais, boa parte das empresas metalúrgicas e mecânicas existentes em Santo André nos anos 1990 sucumbiram na crise e na reestruturação industrial ocorrida no município.

Convém observar, no entanto que as empresas que se prepararam aos “novos tempos” da economia globalizada e investiram em máquinas, equipamentos e na formação de mão-de-obra especializada conseguiram sobreviver (já reestruturadas) no mercado que ficou cada vez mais competitivo.

É de se observar também o surgimento de muitas novas empresas que acabam por ocupar o espaço (tanto físico como de mercado) deixado pelas indústrias que fecharam.¹²⁹

QUADRO 4.8 – O SEGMENTO METALÚRGICO^{130 131}

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica
ABC Esq. Metálicas	Rua Patagônia, 1039	Fechou
Almo Barros	Rua Xingu, 535	Fechou. Prédio de apartamentos no local
Alumicar	Rua Evangelista de Souza, 1406	Fechou. Loja de colchões funciona no local
Antonio Prates Maso	Av. Prof. Lacinio, 181	Faliu em 2012. Execução fiscal (TJSP) (TRF)
Arazanz	Rua Rio Grande do Norte, 101	Fechou. Execução fiscal (TJSP) (TRF) ¹³²
Archimedez	Rua Las Palmas, 494	Fechou. No local funciona a Blister Embalagens
Armco	Av. Industrial, 700	Transferiu-se em meados dos anos 90 para Jacareí (SP)
Astron Metalúrgica	Rua Clélia, 1209	Fechou. Execução fiscal (TJSP) (TRF). No local funciona a Metalúrgica Guazzelli
Betametal Moldes e Ferramentas ¹³³	Rua Japão, 455	Fechou. Sobrados foram construídos no local
Calhas N. Sra. Aparecida	Rua José Bonifácio, 70	Transferiu-se em 2000 para a Rua Visconde de Mauá, 432 fundos. Fechou em 2007

¹²⁹ Na seção 4.5.5 listamos várias empresas que se instalaram recentemente na cidade. Algumas já se transferiram, outras fecharam, todavia boa parte das indústrias permanece em funcionamento.

¹³⁰ Os Quadros 4.8 e 4.9 possuem um formato gráfico distinto dos demais quadros apresentados devido a quantidade de empresas pesquisadas. Caso mantivéssemos o formato completo estes quadros ocupariam desnecessariamente muitas páginas.

¹³¹ Cf. CNAE Grupo 24: METALURGIA; Algumas empresas pertencem a um dos seguintes grupos: Grupo 28: FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS, Grupo 32: FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DIVERSOS e Grupo 33: MANUTENÇÃO, REPARAÇÃO E INSTALAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS.

¹³² O endereço da Rua Rio Grande do Norte, 101 faz referência à outra empresa: Santa Rita Equip. Industriais, localizada à Av. dos Estados, 4425, cujo diretor possui sobrenome Arazanz.

Cf. <<http://www.informacoedobrasil.com.br/rua/sp/santo-andre/rua-rio-grande-do-norte+9797/>> .
<<http://www.santaritaequip.com.br/contato.php>>; Acesso em 25 abr. 2013.

¹³³ O processo que a Betametal responde no TRF está suspenso pelo artigo 40 da Lei 6830/80. O devedor não foi localizado.

Carteiro Ind. Metalúrgica	Av. da Constituição, 20	Fechou. No local funciona a Atlântica Soldas (Comércio)
Cromadora Triângulo (Cromeação Montolux)	Rua Porto Seguro, 403	Transferiu-se para Mauá (SP) – Posteriormente faliu.
Danlustor Indústria Metalúrgica	Rua Bárbara Heliadora, 392	Em funcionamento
Destafasine Tela Arames	Alameda Calcutá, 272	Em funcionamento
Eluma (Paranapanema)	Rua Alexandre de Gusmão, 865	Em funcionamento
FGW Ind. Metalúrgica	Rua Alencastro, 231	Fechou (n/d) ¹³⁴ . Imóvel fechado em abr/2013
Fipresa	Rua das Hortênsias, 114	Fechou. No local funciona um sacolão (Comércio)
Freios Gots	Rua Leonardo da Vinci, 264	Fechou (Faliu devido às mudanças tecnológicas e problemas de gestão). No lugar foi construído o condomínio residencial Da Vinci
Fresto	Av. Queirós dos Santos, 1506	Transferiu-se para Indaiatuba (SP)
Fuso Usinagem	Rua Atabasca, 150	Fechou. No local funciona uma Corretora de Seguros
Galutti Metalúrgica	Av. Sorocaba, 472	Fechou. No local funciona a Supernova Termoplásticos (Indústria)
Genovex	Av. Industrial, 2633	Em funcionamento
Girassol	Rua Prof. Peduto, 297	Fechou. Placa de Aluga em 2011
Heral	Rua Manduri, 68	Fechou. No local funciona um colégio particular.
Inbramol	Av. D Pedro II, 3235	Fechou. No local funciona a Antares Funilaria (Serviços)
Ind. Mec. Dal Pino	Av. Industrial, 1992	Em funcionamento
Ind. Mec. Usinagem Santi	Av. Cap. Mario T. de Camargo, 28	Em funcionamento
Ind. Met. Gepetec	Rua Atibaia, 862	Em funcionamento
Infap ¹³⁵	Av. Industrial, 3077	Fechou. Comércio atacadista funciona no local
Inpal	Av. D. Pedro F. Sardinha, 115	Fechou. Imóvel à venda (2011)
Instaldenk Instalações Industriais	Rua Antônio Alves Mota, 70	Em funcionamento
Irmãos Farinos (Persianas Atlântica)	Av. Valentim Magalhães, 1315	Transferiu-se para Ribeirão Pires (SP)
Krause ¹³⁶	Av. Industrial, 1940	Fechou. Deu golpe nos funcionários – Terreno vendido à Odebretch para construção de um condomínio residencial
Metalúrgica Carreira	R. Balaclava, 414	Em funcionamento (Carreira & Carreira S/C Ltda)
Metalúrgica FPS (ver Borlem Alumínio)	Av. Alexandre de Gusmão, 834	Em funcionamento
Metalúrgica Guaporé	Rua Caiapós, 364	Em funcionamento. Outra unidade em Ipeúna (SP)
Metalúrgica Guazzelli	Rua Clélia, 1209	Em funcionamento. Ocupa o imóvel onde existia a Astron Metalúrgica
Metalúrgica Quasar	Rua dos Coqueiros, 542	Em funcionamento. Outras unidades em Mauá, São Bernardo do Campo e Taubaté (SP)
Metalúrgica São Justo	Av. Portugal, 397	Faliu. ¹³⁷ No local foi construído um prédio de apartamentos comerciais
Molaflex	Av. dos Estados, 2220	Fechou. No local funciona a Eletrosud (Comércio de materiais elétricos)
Molas Falbo (Molas FMF)	Av. Industrial, 2042	Em funcionamento
Molas Mathias	Rua 24 de Maio, 413	Fechou. No local funcionou a Rossi Design (loja de móveis). Placa de Aluga no local em maio/2013
Molas Polanis	Praça Conego Nestor, 41	Em funcionamento
Moplan	Rua Guaxupé, 143	Fechou. Sobrados foram construídos no local.

¹³⁴ Encontramos o imóvel da Rua Alencastro, 231 fechado e totalmente murado. No site da Jucesp consta que a Usifer Ind. Mecânica ocupou o imóvel. Não há registros da FGW Ind. Metalúrgica.

¹³⁵ Após o fechamento da INFAP funcionou no imóvel a Terni Mariotto que também fechou. Depois o imóvel abrigou a Zincagem Marisa, empresa que se transferiu para Mauá. Em 2013 o imóvel está dividido: no nº. 3077 funciona um bar. No nº. 3097 funciona uma distribuidora de alimentos. (Comércio)

¹³⁶ Sobre o golpe dado nos funcionários pela Krause cf. <<http://thaissabino.wordpress.com/2009/06/26/o-golpe-da-familia-krause/>>. Acesso em 20 jan. 2013. O projeto de construção de um edifício residencial onde antes existia a indústria encontra-se em: <<http://www2.santoandre.sp.gov.br/page/9320/41>>. Acesso em 05 mar. 2013.

¹³⁷ Metalúrgica São Justo: processos no TRF suspensos pelo art. 40 da Lei 6830/80. O devedor não foi localizado.

MRP Indústria e Comércio	Rua Rosaria A Santos, 103	Em funcionamento
Oldi Peças de Aviões	Av. Dr. Alberto Benedetti, 121	Fechou. ALS Ind. Aeronáutica retomou as atividades da empresa em Marília (SP)
Olimpus Metal	Alameda dos Jacarandás, 150	Fechou. No local funciona a Madope Usinagem
Persianas Tropical	Av. Pereira Barreto, 1569	Fechou. No local existe uma loja de ferramentas
Phenix	Av. Marginal Itrapoã, 370	Transferiu-se em 1996 para a Rua Jaci, 65. Faliu em 1999
Piccoli Ind. Met.	Av. Queirós dos Santos, 1421	Faliu. (Galpão alugado pela massa falida)
Precifer Equip Industriais	Av. Capitão Mário Toledo Camargo, 1910 (desde 1985)	Em funcionamento
Prisma	Rua Acrópole, 200	Fechou. No local funciona a Previatos Ferramentaria
Prismol Metalúrgica	Rua Praga, 237	Transferiu-se para Mauá (SP)
Reclimac Rallye Industrial (Rallye Design)	Av. Pereira Barreto, 730	Em funcionamento
Romanisa Ind Metalúrgica (desde 1987)	Rua Carijós, 1363	Em funcionamento
Salmon Ind. Mec.	Rua Marechal Rondon, 40	Faliu. Galpão fechado em maio/2013
Sercon	Av. Capuava, 288	Fechou, funcionou depois a Metalúrgica Julio Verne, que se transferiu para Mauá. Galpão fechado em abril/2013
Serras Elétricas dal Pino	Av. Industrial, 1982	Em funcionamento
SN Modelação	Rua Aguapeí, 480	Fechou. No local funciona a Supriforms Ind. Gráfica
Tec Tor Indústria Comércio de Equipamentos	Av. Novo Horizonte, 406	Em funcionamento
Tecnometal	Rua dos Coqueiros, 1729	Transferiu-se para São Paulo (SP). Prédio de apartamentos foi construído no local
Trefilação Nacional de Metais	Av. Andrade Neves, 275	Fechou. Prédios de apartamentos foram construídos no local
Usintec Ferramentaria de Serviços	Rua Armida, 96	Transferiu-se para Campinas (SP). No local funciona a Metalúrgica Luppi
Work Trefilados de Precisão, (1990)	Rua Itaquera, 495	Em funcionamento
CALDERARIA , GALVANIZAÇÃO, HIDRÁULICA, USINAGEM, VENTILAÇÃO		
Caldeiraria Varb Indústria e Comércio (ver também Metalúrgica Varb)	Av. Tietê, 118	Transferiu-se para Barueri (SP). Prédio fechado em abr/2013
Fogal	Rua Gaspar Nogueira, 34	Em funcionamento
Galvanoplastia ABC	Rua Cel Francisco Amaro, 731	Em funcionamento
Galvanoplastia Cisplatina	Rua Cisplatina, 939	Em funcionamento
Galvanoplastia Utinga	Rua Haia, 31	Em funcionamento
Madope Usinagem	Al. dos Jacarandás, 150	Em funcionamento
MRP Ind. Com.	Rua Rosália Ap. Santos, 103	Em funcionamento
Neuenhaus	Av. Industrial, 1931	Em funcionamento
NLF Hidro Valvulas	Av. Industrial, 2925	Fechou. No local funciona a Lacerda Sistemas de Energia (no-breaks) (Indústria)
Rosper Usinagem	Rua Almada, 891	Transferiu-se para Mauá (SP)
Turin	Rua Alfreds Paegle, 169	Faliu em 1998. (Execução Fiscal no TJSP). No local funciona a Biolivas (Comércio de Alimentos)
UR Usinagem e Ferramentaria	Rua Chuí, 128	Em funcionamento
Usimapre	Av. Valentim Magalhães, 1349	Em funcionamento
Usinagem Romafa	R. Manicore, 764	Transferiu-se para São Caetano do Sul (SP). No local foram construídos sobrados
Usintek Usinagem Técnica Industrial	Avenida Bom Pastor, 1213	Em funcionamento

Elaborado pelo autor.

FOTOS 4.25 a 4.28 – INDÚSTRIA MECÂNICA FUJIMOTO



Foto 4.25 – Indústria Mecânica Fujimoto localizada na Rua Xingu, 982 em 2011; Foto 4.26 - Fábrica já fechada em 2013; Fotos 4.27 e 4.28 - Interior da antiga Fujimoto situada na Rua Xingu, 982. O imóvel provavelmente abrigará mais um “arranha-céu”. Fonte: Foto 4.25 © 2013 Google.

QUADRO 4.9 – INDÚSTRIA MECÂNICA

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica
Amancio Gallinucci	Av. Queirós dos Santos, 215	Em funcionamento no nº 1402
Caldeme Indústria e Mecânica (Caldermec)	Rua Cristóvão Jacques, 137	Em funcionamento. Outras unidades em Camaçari (BA) e Itatiaia (RJ)
Equifabril	Av. Lauro Muller, 811	Fechou. Oficina mecânica funciona no local
Gaspec	Rua Eça de Queiróz, 105	Em funcionamento na Av. Novo Horizonte, 255
Golin	Rua Viena, 62	Fechou. (Execução Fiscal no TRF e no TJSP)
Gravox Mecânica	Rua Rio Grande do Norte, 149	Em funcionamento
Hermann Jack Sehn	Rua Santa Monica, 66	Fechou, no local funciona a RZR Bombas Positivas (Indústria)
IMCA Ind Mecânica	Rua Martim Afonso de Souza, 376	Fechou. No lugar existe uma loja de extintores
Ind Mec. Cova	Estrada do Pedroso, 1106	Fechou. No local funciona a Cei Prod Metal Mecânicos Ltda (Indústria)
Ind Mec. Esfera	Av das Nações, 2470	Fechou. No local funciona a Metalúrgica Urupes
Ind. Mec. Fujimoto	Rua Xingu, 982	Transferiu-se para Mauá (SP). Fábrica fechada na Rua Xingu (maio/2013)
Ind. Mec. Metais Parva	Rua Senador Fláquer, 857	Em funcionamento
Ind. Mec. Trafimar	Av. Queirós dos Santos, 1506	Fechou. No local funciona uma loja de baterias
Laundry Machine	Rua dos Coqueiros, 1728	Fechou. (Bloqueio Judicial em 2012)
Mavabe	Rua Paranapiacaba, 58	Fechou. Sobrados foram construídos no local
Mec. Ind. Zanolli Zanti	Av. Queirós Filho, 215	Fechou. Placa de aluga no local (março/2013)
Mecânica Bonfim	Rua Iugoslávia, 159	Em funcionamento
Mefau	Rua Paraguassu, 195	Em funcionamento
Metal Pólo	Rua Londres, 421	Em funcionamento na Rua Bárbara Heliodora, 322

Metalfac	Rua Luiz de Camões, 169	Fechou. Revendedora de gás funciona no local
Metalúrgica Motta	Rua Silveira Neto, 55	Fechou (Problemas de gestão). (Bloqueada e Execução Fiscal no TRF e no TJSP) Prédio alugado pela Justiça e o imóvel posto à leilão em 2012
Metalúrgica Pina	Rua Voluntários Paulistas, 79	Em funcionamento (Execução fiscal no TRF e no TJSP)
Metalúrgica Varb	Rua dos Coqueiros, 1660	Transferiu-se para Barueri (SP), tem filial em Piracicaba (SP). Possui depósito e escritório de vendas em Santo André na Rua Genebra, 363. O imóvel da Rua dos Coqueiros estava com placa de aluga em abr/2013
Microtécnica	Av. Atlântica, 396	Fechou. No local existe o prédio da Comgás
MR Ind. Equip. Medição	Rua Américo Guazzelli, 55	Fechou. No local funciona a Pirâmide Embalagens. Industriais
Naltec	Rua Erato, 289	Fechou. Terreno à venda
Nordon ¹³⁸	Rua Roger Adam, 169	Fechou
Novinox	Rua Candido Camargo, 120	Pedido de falência em 1993. (Execução fiscal no TRF e no TJSP)
Odrovent	Rua Imbituba, 26	Fechou em 2001
Polifacas	Rua dos Coqueiros, 1753	Pedido de falência em 1992. (Execução fiscal TJSP). No local foram construídos prédios de apartamentos
Quality Dies Indústria de Fieiras e Ferramentas Especiais	Rua dos Coqueiros, 1157	Em funcionamento
Rubens Gallinucci	Rua José de Melo, 99	Faliu. No local funciona a WG Projetos Mecânicos (Serviços)
Senda	Av. Pereira Barreto, 626	Fechou. (n/d) Imóvel murado (terreno baldio)
Tec Tor	Rua Caiubi, 128	Fechou. No local funciona a Omas Usinagem
TecMek	Rua Vitória Pena Gorge, 72	Transferiu-se para São Paulo (SP). No local funciona a Polycol (Indústria)
Tosold	Rua Martim Afonso de Souza, 202	Fechou. No local funciona a KWM Ind. Com. Máq.
Tubopres	Rua Suiça, 748	Fechou. No local funciona a C & F Com Manutenção de Máquinas (Serviços)
Viking	Av. Industrial, 2821	Fechou. No local funciona a Indusmol (Indústria)

Elaborado pelo autor.

FOTOS 4.29 e 4.30 - NORDON



Foto 4.29 - Nordon já fechada em 1996; Foto 4.30 - Estacionamento no local (2013).
Desvalorização e destruição de capital industrial. Uma fábrica imensa destruída.

¹³⁸ A Nordon está com as atividades paralisadas desde o ano 2000. Alguns imóveis viraram estacionamento de veículos, outro imóvel abriga um comércio de tijolos. Alguns galpões industriais estão visivelmente destruídos. Em consulta ao site do TJSP constatamos que até o mês de abril de 2013 a empresa responde a 56 registros de Execução Fiscal. Em consulta ao site do TRF, constatamos que são 12 registros contra a empresa.

FOTOS 4.30 e 4.31 – WLC INDUSTRIAL



Foto 4.31 - WLC Industrial ocupando o imóvel em 2011; Foto 4.32 - Salões comerciais em 2013. Imóvel localizado na Rua Caiapós, 352. Com o fechamento da indústria metalúrgica, o prédio foi reformado e adaptado à função comercial. Fonte: Foto 4.37 © 2013 Google.

A leitura atenta dos quadros apresentados mostra como o número de empresas dos segmentos metalúrgico e de mecânica diminuiu em Santo André. Restaram algumas grandes empresas reestruturadas e modernizadas. O mesmo pode ser dito em relação às antigas fabricantes de materiais elétricos e as pequenas fábricas de plástico existentes anteriormente na cidade.

4.3.9 – O setor de materiais elétricos e eletrônicos

Em Santo André, o segmento de materiais elétricos e eletrônicos, composto no passado por empresas de grande porte passou por algumas transformações. Com o crescente processo de centralização de capital neste segmento, grandes empresas venderam partes de seus ativos (como a Pirelli italiana que vendeu seu setor de cabos à Prysmian, na época controlada pelo JP Morgan, um banco de investimento norte-americano), ou como a Condugel que foi adquirida pela Nexsans, entre outros casos.

Em 2009, o grupo Stanley Works comprou a Black&Decker (e suas 913 patentes) e com a fusão passou a chamar-se Stanley Black&Decker Inc., tornando-se um dos maiores produtores de ferramentas do planeta, centralizando ainda mais os capitais neste segmento industrial.

QUADRO 4.10 – MATERIAIS ELÉTRICOS E ELETRÔNICOS ¹³⁹

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica	Outras unidades	Sede e Matriz
Agia Acumuladores	Estrada do Pedroso, 280	Fechou. No local funciona a Crava Ind. de Peças (Indústria)		
Black & Decker [Fusão/ Incorporação com a Stanley]	Av. Industrial, 600	Transferiu-se. No lugar existe o Shopping Grand Plaza	Uberaba (MG)	Uberaba - New Britain - CT - EUA
Condugel (FICAP) (Grupo Madeco) comprado pela Nexsans (antiga Alcatel Cabos no Brasil)	Av. Santos Dumont, 801	Transferiu-se. Bridgestone comprou o terreno	Americana (SP), Lorena (SP) e Rio de Janeiro (RJ)	São Paulo - Paris - França
Elmec Eletrônica e Mecânica	Rua Serra do Mar, 77	Fechou. (Pedido de falência em 2005, Execução Fiscal no TRF e no TJSP). Galpão fechado no local (2011)		
Federal Metrologia	Rua dos Coqueiros, 576	Fechou. No local funciona a Quasar Serviços Empresariais		
Ferkoda Artefatos Metais	Rua das Azaléias, 600	Transferiu-se. Sobrado foi construído no local	Mauá (SP)	
GE ¹⁴⁰	Av. Industrial, 700	Fechou. Funciona no local o Shopping Grand Plaza	São Paulo (SP)	São Paulo - Fairfield - CT

¹³⁹ Cf. CNAE Grupo 27: FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS, APARELHOS E MATERIAIS ELÉTRICOS.

¹⁴⁰ GE - Conglomerado transnacional que atua no Brasil em várias áreas: iluminação, telefonia, aviação, eletrodomésticos, energia e serviços financeiros. Nos anos 80, retirou a linha de eletrodomésticos portáteis do Brasil do mercado brasileiro. O imóvel de Santo André foi vendido nos anos 80 para a Armco e Black&Decker que posteriormente transferiram-se.

				– (EUA)
Inbracip	Rua Miguel Couto, 584	Faliu. ¹⁴¹ No local funcionou posteriormente a Cartrug Industrial		
Marc Rober	Rua Paraguassu, 25	Fechou. Sobrados foram construídos no local		
Milfra	Rua dos Coqueiros, 1195	Transferiu-se. No imóvel está sendo construído em 2013 um edifício residencial	Jaguariúna (SP)	
Pirelli Cabos (Adquirida pelo Grupo Prysmian)	Av. Alexandre de Gusmão, 145	Em funcionamento	Outras fábricas em: Sorocaba (SP), Vila Velha, Cariacica (ES) e Joinville (SC).	Santo André - Milão - Itália
Rowanet	Rua Jorge Velho, 04	Em funcionamento		
Rush Mecatronic	Rua Armando Setti, 204	Fechou. No local funciona a Repar Com. Parafusos		
SBF Ind Mec.	Rua Andaraí, 67	Transferiu-se. No local funciona o Depósito Vitória (Comércio)	Mauá (SP)	

Elaborado pelo autor.

FOTO 4.33 – RUA DOS COQUEIROS, 1195



Prédio em construção no nº. 1195 da Rua dos Coqueiros, local onde antes funcionou a Milfra.

FOTO 4.34 – ARMCO (1997).



A Armco ocupou até meados dos anos 90 o imóvel onde funcionou a GE. Atualmente uma loja do hipermercado Extra ocupa o imóvel.

¹⁴¹ No endereço citado funcionou primeiro a Inbracip e posteriormente funcionou a Cartrug Industrial. Ambas as empresas respondem a processos de Execução Fiscal no TRF e no TJSP.

Ocupando parte da fábrica da GE, a ARMCO vendeu suas instalações industriais e transferiu-se nos anos 90 para Jacareí. A empresa passou por uma série de mudanças de controle acionário desde então. Hoje uma loja do Extra (Grupo Pão de Açúcar) ocupa o imóvel. São dignas de nota as transformações ocorridas desde o final da década 90 neste trecho da Avenida Industrial, já que além da duplicação da avenida e do tamponamento do córrego, houve recentemente a ampliação do Shopping Grand Plaza.

FOTOS 4.35 e 4.36 – CONDUGEL – BRIDGESTONE



Foto 4.35 - Condugel já fechada em 1996; Foto 4.36 – Bridgestone (2013).

A Condugel foi adquirida pela Ficap, então posteriormente adquirida pelo Grupo Nexsans. A unidade de Santo André foi fechada nos anos 90 e a Bridgestone comprou o imóvel que era vizinho.

FOTOS 4.37 e 4.38 - PRYSMIAN



Uma das poucas empresas do setor elétrico que permanece em Santo André, a Prysmian surgiu pela aquisição da divisão de fios e cabos da Pirelli.

4.3.10 – O setor dos plásticos

As antigas indústrias do segmento dos plásticos não conseguiram sobreviver após os anos 90. No município de Santo André chama a atenção o ocorrido com as empresas Brasilit e Fortilit (outrora grandes empregadoras e contribuintes): o grupo francês Saint Gobain fechou a fábrica da Brasilit e vendeu a marca Fortilit para a Akros de Joinville (SC). A Akros foi adquirida pelo grupo Amanco (de capital suíço) que posteriormente vendeu suas operações no Brasil para grupo mexicano Mexichem, agora detentor da marca Amanco. No local onde antes funcionavam as instalações da Brasilit e da Fortilit existe um depósito de uma agência de leilões.

FOTOS 4.39 e 4.40 - FORTILIT



Foto 4.39 – Fortilit já fechada em 1997, na época com a placa de venda; Foto 4.40 – Depósito de agência de leilões (2013). Em uma área imensa, onde existia uma indústria que gerava empregos e riquezas para Santo André, existe agora uma agência de leilões de bens penhorados.

QUADRO 4.11 – PLÁSTICOS ¹⁴²

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica	Outras unidades	Sede - Matriz
Babb (Gabb)	Rua César de Menezes, 275	Em funcionamento		
Brasilit (Saint-Gobain)	Av. Prosperidade, 380	Transferiu-se. No local funciona depósito de bens a serem leiloados.	Capivari.(SP) Outras fábricas em Jacareí (SP), Belém (PA), Esteio (RS) e Recife (PE)	São Paulo - Courbevoie - França
Celuplas	Av. Pereira Barreto, 2131	Transferiu-se. Igreja	Monte Mor (SP)	

¹⁴² Cf. CNAE Grupo 22: FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE BORRACHA E DE MATERIAL PLÁSTICO: divisão 222 FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE MATERIAL PLÁSTICO.

		estabeleceu-se no local		
Cleplast	Rua Pederneiras, 274	Transferiu-se. Johnson Controls funcionou no local até jan/2012.	Suzano (SP)	
Cortevivo	Rua Tupi, 490	Em funcionamento		
ET Elastomeros Técnicos	Rua dos Cocais, 577	Fechou. (Execução Fiscal no TRF e no TJSP)[n/d].		
Fortilit ¹⁴³ [Grupo Mexichem]	Av. Prosperidade, 380	Transferiu-se. No local funciona um depósito de bens a serem leiloados.	Joinville (SC) Outras unidades em Sumaré (SP), São José dos Campos (SP), Suape (PE), Anápolis (GO), Ribeirão das Neves (MG), Uberaba(MG), Maceió (AL)	São Paulo - Tlalnepantla - México
Jaya Embalagens	Av. Industrial, 1792	Em funcionamento na Rua Xingu, 1295.		
Lafercrl	Rua Congonhas, 02	Em funcionamento na Rua Benedito Montenegro, 405. No local existe uma loja de ferragens		
Metalúrgica Estamparia Mauá	Av. Queiros dos Santos, 1235	Em funcionamento (Plásticos Mauá)		
Plásticos ABC	Rua Rio Grande do Norte, 435	Faliu em 2003. (Execução fiscal no TJSP). No local funciona a Resafer Usinagem e Ferramentaria		
Plásticos Nilce	Rua Gil Vicente, 150	Fechou. (Execução fiscal no TJSP). Loja de roupa ocupava parte do imóvel.		
Plásticos Regina	Av. Tibiriçá, 246	Fechou. No local funciona a Mast Sistemas Tintometricos (Serviços)		
Plastifama	Rua Javri, 136	Em funcionamento		
Poliembalagens	Av. Industrial, 2137	Transferiu-se. No local funciona a Dalferinox Aces. Com. (Comércio)	Mauá (SP)	
Rawplastic Plásticos	Av. D. Pedro I, 1702	Faliu. (Execução Fiscal no TRF e no TJSP). No imóvel funcionam uma loja de tintas e uma loja de troca de óleo de automóveis		
Romar	Rua Maria Ortiz, 58	Em funcionamento		
Solplas Ind Plástico [ITW Tools]	Av. Industrial, 537/547	Transferiu-se. Placa de aluga no local (março/2013)	Valinhos	
Tangará	Rua Cisplatina, 215	Fechou. (Execução fiscal no TJSP). No local funcionou a Ind. Moldes Icarai. Funilaria Martelinho de Ouro ocupa o imóvel. (maio/2013)		
Tec Pan Plásticos	Av. dos Estados, 8293	Em funcionamento		

Elaborado pelo autor.

¹⁴³ Fortilit, antes pertencente ao grupo Saint-Gobain, vendeu a marca para a Akros, posteriormente a Amanco adquiriu a Akros. A Mexichem comprou as operações do grupo Amanco no Brasil. As unidades listadas na tabela são as atuais da Mexichem no Brasil.

FOTOS 4.41 e 4.42 - SOLPLAS



Placas de Aluga encontram-se em maio de 2013 no local da antiga fábrica de plástico que se transferiu para a cidade de Valinhos, interior do estado de São Paulo.

A Solplas funcionava em uma área valorizada no centro de Santo André (em frente ao Shopping Grand Plaza especificamente). Em 2010 com a fusão de três empresas (Solplas, Gymcol Brasil e Anaeróbicos do Brasil Adesivos) surgiu uma nova empresa: a ITW PPF (ITW Performance Polymers & Fluids), pertencente ao grupo norte-americano ITW Tools.¹⁴⁴ Após a fusão, a ITW PPF optou pela realocação industrial construindo nova fábrica em Valinhos, interior de São Paulo.

145

Antes de prosseguir com os dois setores que mais geram riquezas para o município convém ressaltar que em linhas gerais, quando ocorre uma aquisição o roteiro é simples e parece ser sempre o mesmo: existe uma indústria nacional, vem uma empresa estrangeira e a compra, a nova dona reestrutura a empresa e dispensa boa parte de seus funcionários, logo depois transfere suas operações para o Interior do estado e coloca o terreno antigo ou à venda ou resolve alugar. E a cidade perde arrecadação industrial e os habitantes do local perdem seus empregos industriais.

¹⁴⁴ ITW: Illinois Tool Works. Grupo econômico norte-americano que no Brasil possui diversas empresas. Cf. <<http://www.itw.com>>; <<http://www.itw.com.br/itw.php>>.

¹⁴⁵ O caso da Solplas confirma as duas hipóteses propostas neste trabalho: de um lado existiu o processo de centralização de capital, quando três empresas foram fundidas em uma nova empresa sob controle de capital estrangeiro; por outro lado, a localização central (e em área nobre) da antiga fábrica de plásticos, tornou nos últimos anos inviável a produção fabril no local, efeito do surgimento de deseconomias de aglomeração.

4.4 – Os setores que sustentam a indústria de Santo André: borracha e química

4.4.1 – O segmento das indústrias de borracha ¹⁴⁶

Segundo dados da Associação Nacional de fabricantes de Pneus (ANIP) nove empresas fabricam pneus no Brasil ¹⁴⁷ entre as quais duas possuem fábricas em Santo André: a Bridgestone-Firestone e a Pirelli. O segmento de borracha é o segundo maior em arrecadação em Santo André. Tanto a Bridgestone como a Pirelli se modernizaram, reestruturaram, demitiram funcionários e lançaram mão tanto da rede de terceirização (subcontratação) como da estratégia de multi-localidade possuindo outras unidades industriais fora de Santo André.

QUADRO 4.12 – BORRACHA

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica	Outras unidades	Sede - Matriz
Correias Reyle	Rua Manuel Ribeiro, 23	Em funcionamento		
Firestone (Bridgestone)	Av. Queirós dos Santos, 1717	Em funcionamento	Outra fábrica em Camaçari (BA)	Santo André – Tóquio – Japão
Interflex Ind. Borracha	Av. Pres. Costa e Silva, 161D	Fechou em 2007. No local funciona uma loja de esquadrias		
Irmãos Roman	Av. Pereira Barreto, 716	Em funcionamento		
Kamata	Rua Conde de Sarzedas, 105	Fechou. No local funciona a Partners Modelação (Indústria)		
Labortex (Holding São Joaquim)	Av. Industrial, 2234	Em funcionamento		
Pirelli	Rua Alexandre de Gusmão, 487	Em funcionamento	Outras fábricas em: Campinas (SP), Feira de Santana (BA) e Gravataí (RS)	Santo André – Milão – Itália

Elaborado pelo autor.

¹⁴⁶ Cf. CNAE Grupo 22: FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE BORRACHA E DE MATERIAL PLÁSTICO: divisão 221: FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE BORRACHA.

¹⁴⁷ Capital estrangeiro: Bridgestone, Continental, Goodyear, Michelin e Pirelli; Capital nacional: Levorin, Maggion, Rinaldi e Tortuga (câmaras de ar). A Titan foi adquirida pela Goodyear em abril de 2011. Cf. <<http://www.anip.com.br/>>. Acesso em 04 nov. 2012.

FOTOS 4.43 e 4.44 – BRIDGESTONE.



Bridgestone: Uma importante indústria em funcionamento na cidade. Antes denominada Firestone, a empresa é uma das empresas que mais contribuem para a arrecadação de Santo André.

FOTOS 4.45 e 4.46 – PIRELLI



Foto 4.45 – Pirelli (1996); Foto 4.46 – Pirelli (2013). A empresa, uma das mais conhecidas e importante indústria da cidade, continua fabricando pneus em Santo André.

4.4.2 – As indústrias químicas e petroquímicas ¹⁴⁸

É o setor que mais riqueza (e impostos) traz para Santo André e um dos setores onde a concentração e a centralização de capitais torna-se visível. Das empresas existentes em 1992, praticamente só permaneceram na cidade as maiores.

As indústrias químicas estavam “espalhadas” pela cidade e havia uma concentração de grandes empresas ao longo da Av. dos Estados (Tintas Coral, Quimbrasil, Rhodia), na Av. Industrial (Tintas Privilégio, IAP, Copas, Takenaka, General Tintas), no bairro de Capuava (Petroquímica União, Unipar, Poliolefinas, White Martins, Polietilenos União) e no bairro de Campo Grande (Solvay).

De modo similar aos demais setores de atividade industrial, existiam e existem disparidades entre o tamanho das indústrias químicas instaladas em Santo André. Conviviam lado a lado desde o elo inicial da cadeia química (petroquímica) até empresas fabricantes de produtos de limpeza, fábricas de tintas e de fertilizantes.

Da mesma forma, a exemplo de outras empresas de ramos distintos, as pequenas empresas foram as mais prejudicadas após a reestruturação produtiva dos anos 90. Diversas fecharam as portas e houve mudanças consideráveis no controle de capital entre as grandes empresas. Atualmente verifica-se a predominância de grandes empresas como a Braskem (capital privado e estatal), Petrobras (tanto pela participação acionária na Braskem como pela Refinaria de Capuava) e a Solvay (que adquiriu a Rhodia).

A reestruturação produtiva em um setor intensivo de capital e o remanejamento de capitais acionários contribuíram para a centralização de capitais no setor químico. ¹⁴⁹

¹⁴⁸ Cf. CNAE Grupo 19: FABRICAÇÃO DE COQUE, DE PRODUTOS DERIVADOS DO PETRÓLEO E DE BIOCOMBUSTÍVEIS; Grupo 20: FABRICAÇÃO DE PRODUTOS QUÍMICOS.

¹⁴⁹ O estudo do setor químico e petroquímico no Grande ABC mereceria um estudo à parte. Se de um lado, para manter-se competitivo no mercado foi um dos que mais investiu e se modernizou após os anos 90, por outro lado, também é um dos setores que mais demitiu pessoal, além de utilizar estratégias de subcontratação. De maneira geral, pode se considerar que só restaram três ou quatro grandes empresas químicas no ABC: Petrobras, Braskem, Solvay e Basf.

4.4.3 - Uma breve nota sobre o Pólo Petroquímico de Capuava ¹⁵⁰

Hoje denominado de Pólo Petroquímico do Grande ABC, o primeiro pólo petroquímico brasileiro surgiu em 1972 no Grande ABC, especificamente nos municípios de Santo André e de Mauá. No esforço nacional-desenvolvimentista dos anos 70, grandes indústrias foram implantadas como fruto da política de substituições de importações. Segundo Klein (2011):

As empresas e os pólos petroquímicos foram baseados em um modelo societário engenhoso, denominado tripartite (o mesmo das famosas joint-ventures). O controle era compartilhado, em proporções iguais, pela Petroquisa (subsidiária da Petrobras), por um ou mais sócios privados nacionais e por capital privado estrangeiro (que, normalmente, aportava a tecnologia). Desta forma, garantia-se, simultaneamente, o controle nacional e privado e o suporte tecnológico indispensável aos novos empreendimentos (KLEIN, 2011, p. 14).

Em 1975 o Pólo Petroquímico estava constituído com as seguintes empresas: Petroquímica União (PQU), UQL - Unipar Química Ltda., Poliolefinas, Eletrocloro e Copamo localizadas em Santo André. A Recap, Oxiteno, Atlas, Polibrasil e Capuava Carbonos Industriais Ltda estavam localizadas em Mauá. Também faziam parte do Pólo as empresas União Carbide do Brasil e a Companhia Brasileira de Estireno (CBE) ambas localizadas em Cubatão. (KLEIN, 2011, p. 28).

Nos anos 90, com o Programa de Desestatização ocorreram mudanças no controle acionário da Petroquímica União. Quando a Petroquímica União foi desestatizada, sua composição acionária ficou assim estabelecida:

¹⁵⁰ Cf. <http://www.petroquimica.com.br/edicoes/ed_238/ed_238.html>. Acesso em 25 abr. 2013. Ver também: SCHUTTE (2004).

QUADRO 4.13 - COMPOSIÇÃO ACIONÁRIA DA PQU EM 1994

Acionistas	Quantidade de ações
Consórcio Pólo Invest	13.000.000
Polibrasil S/A Indústria e Comércio	6.763.421
São Felipe Administração e Participação	6.280.002
Privatinvest Fundo Mútuo de Privatiz.	4.500.000
Banco Real S/A	1.900.000
Oxiten S/A Ind. e Comércio	1.746.900
Fundação CESP	1.601.082
Unigel Part. Serv. e Repres.	1.298.000
Banco Industrial	1.250.495
UNIPAR - União de Ind. Petroquímicas	1.100.001
Continental Bank	381.000
Dresdner Bank Ag	200.000
Gboex - Grêmio Beneficente	141.956
Triad S/A	141.000
Ficon S/A	59.000
Graphus S/A CCVM	37.265
Banco Graphus S/A	37.265
Banco Investcred S/A	9.463
Banco Santo Neves S/A	8.517
Carlos Areosa Duarte	3.548
Ely Borelli	1.500
Fair Corretora de Câmbio e Valores Ltda	1.219
Cia de Seguros Previdenciais do Sul	1.041
Konta S/A DTVM	929
Futuro DTVM	354
Bancap DTVM	280
Moeda Soc. Corretora de Câmbio Ltda	273
Porto Seguro Cia de Seguros Gerais	26
Banco Bozano Simonsen S/A	1
Subtotal	40.464.538
Aquisição pelos empregados	9.847.809
Total	50.312.347

Fonte: Tribunal de Contas da União (TCU) ¹⁵¹

Após a privatização e as posteriores negociações das ações na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), o controle acionário da PQU ficou assim constituído: Grupo Unipar (37,2%), Petroquisa [Petrobrás] (17,4%), Dow (13,52%), Suzano (6,75%), SEP (6,02%), Banco Santander Banespa (5,05%), demais acionistas (14,06%). (CADE, 2007 (b), p. 6).

¹⁵¹ O Consórcio Pólo Invest (PIC) foi composto pelas empresas Unipar, Norquisa e Suzano. O quadro apresentado foi resultado de auditoria feita pelo TCU que está disponível em: <<https://contas.tcu.gov.br/juris/SvlHighLightConteudo?key=DECISAO-LEGADO-105844&texto=50524f4325334137303034343231393932382a&bases=ACORDAO-LEGADO;DECISAO-LEGADO;RELACAO-LEGADO;ACORDAO-RELACAO-LEGADO;&sort=RELEVANCIA&ordem=DESC&highlight=&posicaoDocumento=0>>. Acesso em 25 abr. 2013.

Em 2007 o grupo Unipar adquiriu a participação acionária da Dow e chegou a possuir 51,34% das ações da PQU. A Petroquisa mantinha os 17,4%, a Suzano 8,42% e enquanto os demais acionistas possuíam os 22,84% do controle acionário da PQU. (CADE, 2007 b, p. 7)

FOTO 4.47 – PETROQUÍMICA UNIÃO



Vista do parque industrial da antiga Petroquímica União em 2005. Fonte: © SAKATA (2006).

Houve um notável processo de concentração e centralização de capital quando também em 2007 “a Petrobras, após adquirir a Ipiranga Petroquímica e a Suzano Petroquímica, fez um acordo com a Unipar criando a Quattor, empresa na qual foram incorporados ativos da Unipar e da Petroquisa” (KLEIN, 2011, p. 89).

Pelai & Silveira (2008) analisando o processo de reorganização societária dos grupos econômicos que atuavam na indústria petroquímica brasileira observam que:

Entre 2007 e 2008 houve nova rodada de transações de ativos, de tal forma que a estrutura de propriedade ficou ainda mais simplificada e despontam dois grupos [Braskem e Quattor] controlando cada um dois dos quatro pólos petroquímicos do país. Teme-se, todavia, que a atual crise energética venha fortalecer de forma excessiva a Petrobrás, criando um monopolista estatal que nunca existiu de forma clara na história do setor, monopolista que até o processo de privatização existiu disfarçado sob o manto de complexidade de redes (PELAI & SILVEIRA, 2008, p. 14).

O processo de centralização se acentuou quando em 2010 houve um acordo entre a Petrobras, o Grupo Unipar e a Odebrecht, envolvendo a absorção da Quattor pela Braskem. A PQU passou para o controle acionário da Braskem (empresa do Grupo Odebrecht com participação acionária da Petrobras e do BNDESpar).¹⁵²

Como observa Paulo Lage, presidente do Sindicato dos Químicos do ABC: “Depois da aquisição de algumas empresas pela Braskem, o Pólo está com umas seis ou oito empresas no máximo.” (citado por KLEIN, 2011, p. 94). Atualmente existem apenas seis empresas no Pólo Petroquímico do ABC: Braskem, Solvay, Oxiten, Recap, Cabot e Vitopel.¹⁵³

A Braskem é a maior indústria petroquímica do Grande ABC. Junto com a Recap (Petrobras) elas são o início da cadeia química-petroquímica do Grande ABC e em 2004 foi o setor responsável por cerca de 66% da arrecadação de Mauá e por 36% da arrecadação de Santo André.¹⁵⁴

FOTO 4.48 - BRASKEM (2011)



Vista da portaria da Braskem em 2011. Fonte: © 2013 Google

¹⁵² O que Pelai & Silveira temiam aconteceu em 2010. Segundo dados da Bovespa, em 07/12/2012 a posição acionária da Braskem era a seguinte: Odebrecht Serviços e Participações: 38,11%; BNDES Participações: 5,53%; Petrobras: 35,95%; Outros: 20,08% e Ações na Tesouraria: 0,33%.

Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/cias-listadas/empresas-listadas/ResumoEmpresaPrincipal.aspx?codigoCvm=4820&idioma=pt-br>>. Acesso em 28 mar. 2013.

¹⁵³ Levantamento feito pelo autor em março de 2013.

¹⁵⁴ Dados do Consórcio Intermunicipal do ABC, citado por SCHUTTE (2004, p. 165).

QUADRO 4.14 – QUÍMICA

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica	Outras unidades	Sede	Matriz
Atlantis (Colman) (Grupo Reckitt Benckiser)	Av. Padre Anchieta, 252	Transferiu-se. Prédios de apartamentos foram construídos no local.	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)	Slough Berkshire – Reino Unido (UK)
Borkar (PelkaBorkar)	Av. D. Pedro I, 3125	Em funcionamento			
Brasivil	EFSJ km 37	Incorporada à Solvay			
Copamo	EFSJ km 38	Incorporada à Solvay			
DVM Ind Com Vedação	Rua Londres, 37	Fechou. No local funciona um depósito de materiais recicláveis			
Flexsys Ind. Com (Solutia Inc./Akzo Nobel)	Av. Atlântica, 851	Transferiu-se. Prédio com placa de aluga. (maio/2013)	Itupeva (SP)		Kingsport (TE) – EUA [Eastman Inc]
Frimox	Av. Utinga, 1133	Transferiu-se para Mauá. No local funciona o Grupo Arbitrat (Serviços)		Mauá (SP)	
General Tintas (Milflex)	Av. Industrial, 780	Transferiu-se. No local está previsto a construção de um empreendimento imobiliário.	Jandira (SP)	Jandira (SP)	
Hausthene Poliuretano	Av. Valentim Magalhães, 1467	Transferiu-se para Mauá		Mauá (SP)	
Hillman Produtos Químicos	Rua Bilbao, 137	Em funcionamento			
Holld Meyer	Rua dos Coqueiros, 1741	Transferiu-se para São Caetano do Sul. Prédio de apartamentos foi construído no local	Outras unidades em São José dos Campos (SP) e Manaus (AM)	São Caetano do Sul (SP)	
IQBC	Av. D Pedro I, 4025	Transferiu-se para Diadema. No local existe um galpão de reciclagem (Reciclagem Luzita)		Diadema (SP)	
Motorlube	Rua Armando S. de Oliveira, 55	Em funcionamento na Rua Euclides Figueiredo, 55.			
Peróxidos do Brasil [Grupo Solvay] ¹⁵⁵	EFSJ km 38	Transferiu-se para Curitiba.		Curitiba (PR)	Bruxelas – Bélgica (Solvay)
Petroquímica União [Braskem]	Av. Pres Costa e Silva, 1178	Em funcionamento	Outras fábricas em Paulínia, Cubatão, Camaçari (BA) Triunfo (RS), Maceió, Mal. Deodoro (AL), Duque de Caxias (RJ)	São Paulo (SP)	São Paulo (Braskem)
Poliolefinas Polietilenos União - [Quattor] – Braskem	Av. Pres Costa e Silva, 400	Em funcionamento		São Paulo (SP)	São Paulo (Braskem)
Prodelim	Av. São Bernardo, 143	Transferiu-se para Sorocaba (SP) em 1995,			

¹⁵⁵ O grupo Solvay conta com 70% da participação acionária da Peróxidos enquanto o grupo nacional PQM conta com os 30% restantes. As instalações físicas da antiga fábrica da Peróxidos em Santo André foram incorporadas ao complexo químico da Solvay. Cf. < <http://www.peroxidos.com.br/PT/Institucional/Institucional.aspx>>. Acesso em 26 abr. 2013.

		depois mudou-se para Campinas (SP) em 2006. Posto de Saúde funciona no local			
Rhodia (Grupo Rhône-Poulenc) // Solvay	Av. Antonio Cardoso, 319	Em funcionamento -	Outras fábricas em: São Bernardo do Campo, Jacareí (SP) e Paulínia (SP)	São Paulo (SP)	Bruxelas – Bélgica (Solvay)
S/A White Martins (Praxair)	Av. Pres. Costa e Silva, 2629	Em funcionamento	Diversas cidades do estado de São Paulo	Rio de Janeiro (RJ)	Orangebourg – NY – EUA
Salte	Estrada do Pedroso, 1450	Fechou (Execução fiscal no TRF). No local funciona uma madeireira. (Comércio)			
Solvay Eletro-Cloro (Solvay Indupa) – [Grupo Solvay]	EFSJ km 38	Em funcionamento	Dacarto Benvic: Osasco e Simões Filho (BA)	São Paulo (SP)	Bruxelas – Bélgica [Solvay]
Tintas Coral (Akzo Nobel)	Avenida dos Estados, 4826	Em funcionamento (sob a denominação de Akzo Nobel)	Mauá (SP) e Recife (PE)	São Paulo (SP)	Akzo Nobel – Amsterdam – Países Baixos
Tintas Privilégio	Av. Industrial, 2350	Faliu. Imóvel posto à leilão em Fev/2013			
Unipar ¹⁵⁶ (Braskem)	Rua da União, 765	Em funcionamento		São Paulo (SP)	São Paulo (Braskem)
Unnafibras (Cooperativa)	Rua Henri Sanjeouand, 06 (Rhodia)	Em funcionamento na Av. dos Estados, 5852			

Elaborado pelo autor.

FOTOS 4.49 e 4.50 – AKZO NOBEL



Antiga fábrica da *Tintas Coral*. Pertencia ao Grupo Bunge y Born, foi vendida em 1996 para o grupo britânico ICI Paints. Desde 2008 pertence ao grupo holandês Akzo Nobel. ¹⁵⁷ Segundo relatório da Cetesb, o terreno possui áreas contaminadas.

¹⁵⁶ Sobre as diversas alterações no controle acionário da filial da Unipar localizada em Santo André, cf. <http://www.unipar.ind.br/unipar/web/index_pt.htm>. Acesso em 28 abr. 2013.

¹⁵⁷ Outros detalhes sobre as Tintas Coral encontram-se em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/09/tintas-coral-arte-em-tintas.html>>. Acesso em 25 mar. 2013.

FOTOS 4.51 e 4.52 - RHODIA



Vista parcial da antiga fábrica da Rhodia Química.

No passado a Rhodia foi uma companhia independente, hoje é uma divisão do Grupo Solvay. A empresa está instalada na Av. Antonio Cardoso, 319 desde 1921, além de ocupar uma grande área na Av. dos Estados.

Desde os anos 90, a empresa vem diminuindo sua produção industrial nesta planta, demolindo diversos galpões. Segundo relatório recente da CETESB (2011) o terreno possui áreas contaminadas, o que dificulta (mas não impede) uma eventual venda do imóvel, situado no centro da cidade. O “desmonte” da antiga fábrica de produtos químicos começou recentemente com a venda de parte de seu imóvel para a PMSA que planejava, junto ao Governo do estado de São Paulo, construir uma unidade do Poupatempo no local.

4.4.4 - As indústrias de fertilizantes ¹⁵⁸

Santo André possuía quatro grandes empresas produtoras de insumos agrícolas: Adubos Copas, IAP, Quimbrasil, Takenaka/Ouro Verde. Eram indústrias antigas, localizadas próximas à linha ferroviária¹⁵⁹, localização na época estratégica pois as empresas contavam com ramais, onde através do transporte ferroviário, recebiam as matérias-primas importadas diretamente do Porto de Santos.

Gozando de proteção governamental no período de substituição de importações, essas indústrias encontravam-se envelhecidas pelo atraso tecnológico e despreparadas para a competição com produtos importados.

QUADRO 4.15 - O SEGMENTO DE FERTILIZANTES

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica	Outras unidades	Sede	Matriz
Cia. Paulista de Fertilizantes – Adubos Copas	Av. Industrial, 1600	Transferiu-se para Mauá (SP), pediu concordata e depois faliu.			
IAP (Grupo Bunge)	Av. Industrial, 1740	Fechou. Terreno adquirido pela Odebretch. Projeto de construção de empreendimento imobiliário no imóvel.			
Quimbrasil (Grupo Bunge) [Vale Fertilizantes]	Av. dos Estados, 4576	Fechou – No local funciona o Consórcio EADI – porto alfandegário	Vale Fertilizantes possui unidades instaladas em várias cidades brasileiras -	São Paulo (SP)	Rio de Janeiro (Vale Fertilizantes)
Takenaka - Ouro Verde (Grupo Bunge) Adquirida em 2010 pela Vale Fertilizantes	Av. Industrial, 1580	Transferiu-se para Varginha (MG). Foram construídos prédios de apartamentos no local	Vale Fertilizantes possui unidades instaladas em várias cidades brasileiras	São Paulo (SP)	Rio de Janeiro (Vale Fertilizantes)

Elaborado pelo autor.

¹⁵⁸ Convém ressaltar que no Brasil a trajetória das empresas do setor de fertilizantes caminha para um elevado grau de concentração. Nos últimos anos ocorreu a entrada no país do grupo norueguês Yara (primeiro com a aquisição da empresa Adubos Trevo, depois com a compra de partes dos ativos da Bunge Fertilizantes), e a constituição da Vale Fertilizantes (compra pela Vale de parte dos ativos da Fortifós e da Bunge em 2010).

¹⁵⁹ Depois de fechadas, seus novos donos promoveram a venda dos terrenos e deixaram um passivo ambiental para a cidade devido aos terrenos contaminados.

A fábrica da Adubos Copas foi desativada nos anos 80 e sua produção foi transferida para Mauá. A empresa passou por dificuldades econômicas no ano 90 e teve sua falência decretada em 2001.¹⁶⁰ No imóvel onde funcionou a Copas, agora incorporado ao imóvel vizinho onde funcionou a IAP, será construído um empreendimento imobiliário.

FOTOS 4.53 e 4.54 – ADUBOS COPAS – ANTES E DEPOIS

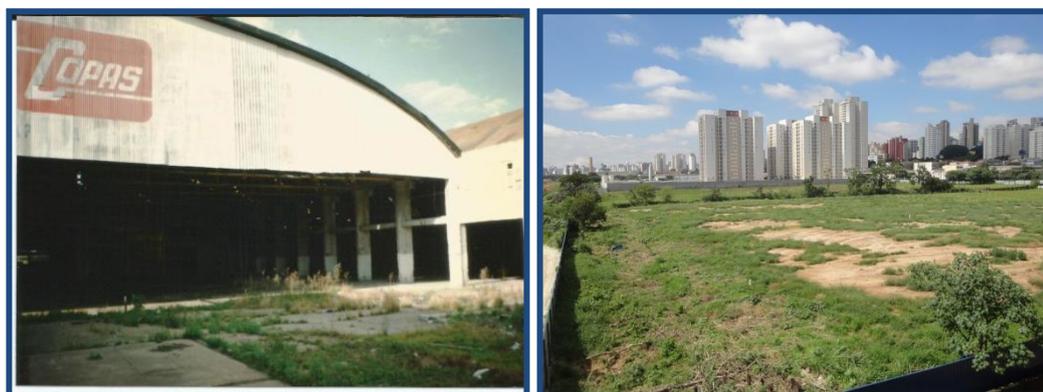


Foto 4.53 - Galpão já desativado da Adubos Copas em 1997; Foto 4.54 - Vista parcial dos terrenos da IAP e da Copas, agora incorporados.

A IAP (fundada em 1945 como Importadora Agro Pecuária Ltda) possuía unidades industriais em Cubatão e em Santo André. Segundo Kulaif (1999) em 1988 a IAP:

passou por uma reestruturação, que incluiu diminuição dos custos, demissão de pessoal e o fechamento de 52 depósitos. A partir de 1990 a empresa optou por um projeto de diversificação para a área química, com o objetivo de diminuir o impacto da sazonalidade dos fertilizantes e das flutuações da demanda (KULAIF, 1999, p. 34).

No período de 1991 a 1993, a IAP adquiriu algumas empresas, fechou a unidade de Santo André e participou do consórcio Fertifós, criado para participar dos leilões de desestatização do segmento de fertilizantes, leilões promovidos pelo Governo federal.

¹⁶⁰ Cf. <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/agnelli-e-o-fim-do-adubo-copas>>. Acesso em 08 maio 2013.

Em 1997, a IAP foi adquirida pelo Grupo Bunge (GOMES *et alli*, 2005, p. 211). O imóvel localizado em Santo André foi vendido e atualmente pertence ao Grupo Odebrecht.

FOTOS 4.55 e 4.56 - IAP



IAP já fechada em 1998 e o mesmo local em 2013 já com o terreno limpo, mas contaminado. Ao lado do terreno (fundo da foto 4.59) estão os prédios construídos onde antes existia a Takenaka.

O Grupo Bunge Y Born já estava presente em Santo André desde 1938 com a instalação da Serrana e da Quimbrasil. A Serrana saiu da cidade antes de 1940, mas a Quimbrasil permaneceu em Santo André até 1989. (KULAIF, 1999, p. 46–49). Nos anos 90, o Grupo Bunge (através da Serrana) associou-se ao grupo Ipiranga na criação da Fertisul. No imóvel onde existiu a Quimbrasil, funciona hoje um entreposto aduaneiro da Receita Federal.

Em 1994 a Takenaka ganhou da Prefeitura Municipal de Varginha (MG) uma área de 40.535,55m² para a instalação de uma unidade industrial na cidade.¹⁶¹ A empresa fechou sua fábrica localizada em Santo André em 1996. Por fim, a Takenaka, detentora da marca Ouro Verde, teve parte de seu capital adquirido pelo Grupo Bunge em 1997 (GOMES *et alli*, 2005, p. 211). No imóvel localizado na Av. Industrial, 1580, onde existiu a fábrica, já foram construídas torres de apartamentos.

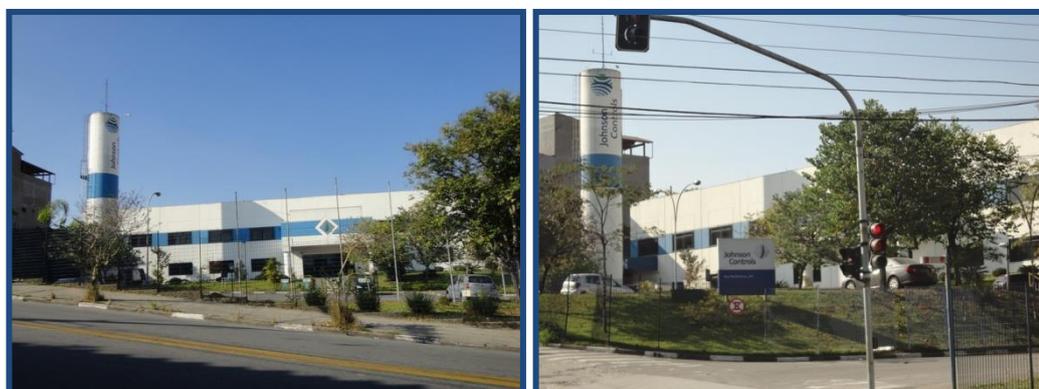
¹⁶¹ Cf. Lei 2471/94 da Prefeitura Municipal de Varginha. Lei que doou patrimônio público à uma empresa privada encontra-se disponível em <<http://www.varginha.mg.gov.br/legislacao-municipal/leis/81-1994/1746-lei-2471>>. O Grupo Bunge, novo dono da Takenaka também encerrou as atividades em Varginha (MG) e o destino do imóvel público permanecia incógnito até 2010. Cf. <<http://cm-varginha.jusbrasil.com.br/politica/5529262/leonardo-ciacci-requer-informacoes-sobre-area-doada-a-bunge-fertilizantes/relacionadas>>. Acesso em 09 maio 2013. Segundo informação de um jornalista, morador de Varginha, em 2013 o local é ocupado pela Fertipar Sudeste.

4.5 - Outras empresas existentes em Santo André

No decorrer da pesquisa e do trabalho de campo, encontramos diversas indústrias que se instalaram na cidade nos últimos anos, boa parte das quais se instalaram em imóveis onde antes existiam outras indústrias que fecharam as portas ou se transferiram da cidade. Recentemente, como parte do Projeto Eixo Tamanduateí algumas empresas se instalaram nas proximidades da Av. dos Estados (Rua Ângelo Franchini e Rua Vereador José Nanci) tanto isoladamente como na forma de um condomínio industrial (SAKATA, 2007).

As novas indústrias que existem na cidade são geralmente de pequeno porte e de capital nacional. Em nossa pesquisa só encontramos uma indústria transnacional: a Johnson Controls.¹⁶²

FOTOS 4.57 e 4.58 - JOHNSON CONTROLS



Johnson Controls: Um raro caso de uma empresa transnacional instalar (após os anos 90) uma unidade fabril em Santo André.

¹⁶² Foi difícil obter informações sobre a unidade de Santo André. Mandamos e-mails para a filial brasileira e para a matriz norte-americana. (O envio dos emails foi rápido, o retorno demorou um bom tempo!).

Segundo o e-mail recebido do departamento de relações públicas da Johnson Controls (curiosamente instalado na Alemanha):

Dear Mr. Ferreira,

Thank you for your interest in our company.

The production plant in Santo André was closed in January 2012.

Kind regards,

Your Communications Team

Automotive Seating Communications-

Internet: www.johnsoncontrols.com

Johnson Controls GmbH Industriestraße 20-3051399 Burscheid, Germany.

Pinho (2007), em seu trabalho sobre as transformações ocorridas em Santo André defende a tese de que não houve desindustrialização na cidade ¹⁶³ e sugere que houve uma desconcentração industrial relativa no município:

poderíamos afirmar que ainda que a cidade de Santo André tenha perdido algumas indústrias ao longo dos anos 90, notamos também a permanência de muitas empresas que atravessaram diversos períodos no município se adequando às demandas gestadas ao longo do tempo. Assim, propomos que o fenômeno da desconcentração industrial ocorrido ao longo deste período tenha um caráter relativo, na medida em que presenciamos a permanência de uma série de empresas, que se mantiveram no município, agora reestruturadas produtivamente (PINHO, 2007, p. 59).

Tomando como estudos de caso a reestruturação produtiva ocorrida na Petroquímica União e na Rhodia, o autor também destaca o caso da instalação da Johnson Controls em Santo André:

na contramão desta tendência de desconcentração industrial relativa, a Johnson Controls instala uma unidade dentro deste período no município de Santo André contrariando tendências que se apresentavam de forma hegemônica na cidade (PINHO, 2007, p. 133).

Prossegue o autor descrevendo a forma como a empresa escolheu o terreno em Santo André, suas ações junto ao Poder Público com o objetivo de mudar a legislação do uso do solo até a definitiva instalação da empresa - que já possuía uma planta industrial em São Bernardo - na cidade.

¹⁶³ Cf. PINHO (2007). No início de sua dissertação, o autor refuta a idéia de que Santo André está se desindustrializando: "não aceitamos a tese da desindustrialização dado o caráter de absolutização que o conceito carrega" (p. 59). O autor entra em contradição no final do trabalho quando afirma: "Nossa leitura acerca das intervenções realizadas na Vila de Paranapiacaba pelo poder público [sic] municipal convergem para o mesmo sentido de outras ações realizadas na cidade de Santo André, que tiveram como pretensão ampliar o leque de atividades econômicas presentes na cidade, frente a um contexto de relativa desindustrialização" (p. 218). Ou o autor se equivocou ou o conceito de desconcentração relativa virou desindustrialização relativa...

Admirado com as transformações urbanas que a Vila Palmares estava passando e acreditando que tais mudanças foram devidas à instalação da multinacional no bairro, Pinho ressalta:

A instituição de novos capitais num determinado espaço, realiza a conversão de áreas que se constituíram muitas vezes exercendo funções absolutamente distintas daquelas que são determinadas pelos capitais. O caso da Vila Palmares é emblemático desta situação, pois ainda que a unidade da Johnson Controls ocupe uma área relativamente pequena no bairro, a relação de cooperação estabelecida com outros agentes envolvidos na cadeia produtiva da empresa criou uma dinâmica diversa daquela em que o lugar possuía antes da chegada da fábrica (PINHO, 2007, p. 142).

Em janeiro de 2012 a Johnson Controls fechou sua unidade industrial em Santo André.¹⁶⁴

¹⁶⁴ Em nosso ponto de vista, Pinho (2007) erra em dois aspectos: Primeiro, a Johnson Controls ocupou um imóvel onde no passado funcionou a Cleplast, uma empresa de produtos plásticos que se transferiu para Suzano (SP), portanto já existiam indústrias no bairro (principalmente na Rua Lauro Muller e na Av. Novo Horizonte) antes da chegada da Johnson Controls. O segundo aspecto na análise do autor que consideramos equivocado é a ênfase dada à instalação de uma única empresa (multinacional) no município, enquanto no mesmo período dezenas de outras indústrias saíram da cidade.

QUADRO 4.16 - OUTRAS INDÚSTRIAS EXISTENTES EM SANTO ANDRÉ ¹⁶⁵

Empresa	Endereço	Ocupação do espaço da fábrica
ALIMENTAÇÃO		
Real Food (1972/2004) ¹⁶⁶	Av. Pereira Barreto, 1400/1418	Em funcionamento
AUTOPEÇAS		
Astra ABC (1995)	Rua Distrito Federal, 18	Em funcionamento
Johnson Controls (1997)	Rua Pederneiras, 274	Fechou em jan/2012. Ocupou o imóvel onde antes existiu a Cleplast, indústria de plásticos que se transferiu para Suzano (SP)
Metalfole Flexíveis (2005)	Rua Oratório, 3879	Em funcionamento onde existia a Sul Brasil Plásticos e Metalurgia
Royce Connect (1988)	Rua Lourdes, 250	Indústria e comércio de ar-condicionado para veículos. Ocupa o imóvel onde antes existiu a falida Braibanti
BORRACHA		
Technic (1993)	Rua Vereador José Nanci, 335	Em funcionamento (pneus de motocicletas)
ELETRO-ELETRÔNICO		
Incard do Brasil	Alameda São Caetano, 1606	Em funcionamento (Circuitos Eletrônicos)
Lacerda Sistemas de Energia (1991)	Av. Industrial, 2909	Em funcionamento no imóvel onde existiu a NLF Hidro Válvulas
Versa-Pac Ind. Eletrônica Ltda	Rua Ituverava, 278	Fechou em 2007. (Execução Fiscal no TJSP) No local funciona a Nexttec Projetos e Engenharia (Serviços)
GRÁFICA		
Absolut Pigments (2000)	Rua Antuérpia, 367	Em funcionamento onde funcionou a Madeireira Lucial
Campestre Ind. Gráfica	Rua Maria Ursula, 127	Em funcionamento na Av. Firestone, 1320
Crony Gráfica (2001)	Rua Albertina, 110	Em funcionamento
Expressão Santo André (1981)	Rua Ita, 46 Casa 2	Em funcionamento na Rua Ibirapitanga, 270
Gráfica Nossa Sra Aparecida	Rua Lauro Muller, 189	Em funcionamento
Gráfica Qualitec	Rua Taipas, 90	Em funcionamento onde funcionou a Indústria de Máquinas Pilotti
Scala Artes Gráficas	Rua Hércules, 444	Em funcionamento
Studio A (1993)	Rua Rio Grande do Norte, 262	Em funcionamento
Supriforms (1993)	Rua Aguapeí, 480	Em funcionamento onde antes existiu a SN Modelação
Total Gráfica e Editora	Av. Bom Pastor, 595	Em funcionamento no imóvel onde funcionou a Brust Silva
Unic Gráfica e Editora (1997)	Rua Oratório, 1437	Em funcionamento desde 1998 na Av. Industrial, 2335
MÁQUINAS E EQUIP.		
Equipamentos Industriais Negel	Rua Sud Menucci, 500	Em funcionamento
MR Equipamentos Industriais (Mecnil)	Rua dos Coqueiros, 1400	Em funcionamento
Mura Máq. Equip.	Av. Queirós dos Santos, 1100	Fechou. (Execução Fiscal no TJSP). No local funciona a

¹⁶⁵ As indústrias listadas no quadro 4.16 estão organizadas simplificadaamente por setores de atividades e quando disponível, seguidas pelo ano de instalação em Santo André após o nome da empresa.

¹⁶⁶ No site da empresa consta 1972 como o início das atividades da empresa.

Cf. <<http://www.realfood.com.br/site1/index.html>>. Acesso em 11 maio 2013.

No site da JUCESP consta como 2004 o ano de abertura.

		fábrica de móveis Dimonelli
Translectric Equipamentos e Transmissões Eletromecânicas	Rua Bárbara Heliodora, 281	Em funcionamento
MECÂNICA		
Acelik Ind. Mecânica (1989)	Av. Novo Horizonte, 175	Em funcionamento onde existia a Cyclo Produtos Automotivos
Cei Prod Metal Mecânicos Ltda	Estr. do Pedroso, 1080	Em funcionamento onde antes existiu a Ind. Mec. Cova
Indústria Mecânica Abril Ltda	Av. Nevada, 333	Faliu (Execução Fiscal no TJSP) Imóvel posto à leilão
Indústria Mecânica Cavour	Rua Inglaterra, 53	Em funcionamento
Luzimaq Indústria Mecânica	Rua Flores, 81	Em funcionamento
Mecânica Precisão Roma	Rua África, 176	Em funcionamento
Rovi Indústria Mecânica	Av. das Nações, 1145	Em funcionamento
METAIS		
Eroform Electroerosao em Metais	Rua Joaquim Branco, 46 B	Transferiu-se para a Rua dona Silla Nalon Gonzaga, 71, Em funcionamento (Execução Fiscal no TRF e no TJSP)
Eurobras Construções Metálicas Moduladas	Rua Ver. Jose Nanci, 405	Em funcionamento
Laminação Metalmill (Galnelli) (2001)	Rua Rio Grande Norte, 573	Em funcionamento
Metal Maxi	Rua Independência, 677	Em funcionamento no local onde antes funcionava a Confeções Tatimar
Metasa	Av. Industrial, 3074	Em funcionamento nas antigas instalações da Pierre Saby
Nitratec Trat Térmico de Metais (2000)	Av. Industrial, 2273	Em funcionamento
Unistamp Estamparia de Metais (1996)	Av. Industrial, 2557	Em funcionamento
Zaada	Rua Manágua, 496	Em funcionamento
METALURGIA		
AL Indústria e Comércio de Puxadores (2007)	Rua Rio Grande Norte, 59	Transferiu-se para Mauá (SP)
Alberick Usinagem.	Av. das Nações, 1453	Em funcionamento (2011)
Almam Indústria e Comercio Ltda	Av. Santos Dumont, 758	Fechou (Execução Fiscal no TJSP) Placa de Aluga no imóvel em maio de 2013
Alussin Indústria Comércio (2002)	Rua Comandante Antônio B Bataglia, 212	Em funcionamento no imóvel onde funcionou a Aquiles Cromo Duro
Aquiles Cromo Duro	Rua Comandante Antônio B Bataglia, 212	Em funcionamento na Estr. João Ducin, 810
BMB Metalúrgica	Rua Oratório, 2877	Em funcionamento
Brust Silva Usinagem de Precisão	Avenida Bom Pastor, 595	Mudou para a Rua Santarém, 105. No local funciona a Total Gráfica e Editora
CDM Caldeiraria Dois Mil	Av. Sorocaba, 472	Fechou. No local funciona a Supernova Termoplásticos
Centersystem Indústria e Comércio	Av. Sorocaba, 1850	Transferiu-se para Santana de Parnaíba (SP). A Rodoviária de Santo André foi construída no local
Corgett do Brasil	Av. Industrial, 2841	Em funcionamento (galvanoplastia)
Darvig Indústria de Molas e Artefatos Arame	Estrada do Pedroso, 396	Em funcionamento
De Pasine Junior Telas de Arame	Av. Prestes Maia, 3304	Em funcionamento
Destafasine Tela de Arames	Alameda Calcutá, 272	Em funcionamento na Al. México, 517
DSD Indústria e Comércio (2001)	Av. Queirós Santos, 1867	Em funcionamento
Erasmoo José Barbosa (2005)	Rua Aluísio Azevedo, 62	Em funcionamento
Famadi Indústria Comércio e Serviços	Rua Taubaté, 1130	Em funcionamento. Possui outra unidade em São Caetano do Sul
Ferramentaria Gaspec Ltda	Rua Eça de Queiros, 141	Em funcionamento

Flex Metal Ind e Com de Grades e Estruturas Ltda.	Rua Carijós, 2573	Em funcionamento
FM Comércio de Produtos Metalúrgicos	Rua Coqueiros, 1599	Fechou. No local funciona a Suportec Metalúrgica
Fosfer Decapagem Fosfatização	Rua dos Coqueiros, 910	Transferiu-se para Sorocaba (SP). No local existe um galpão fechado e uma grande área desocupada
Gravaco Carimbos e Gravuras	Rua Miragaia, 322	Em funcionamento
Icopam Ind Com de Produtos Agrícolas e Mecânicos	Rua Pero Lopes, 53	Em funcionamento
Incomase Comércio de Equipamentos de Segurança	Rua das Hortênsias, 1287	Em funcionamento (fabricação de calhas)
Ind. Moldes Icarai	Rua Ângelo Franchini, 165	Transferiu-se para Mauá (SP)
Indusmol	Av. Industrial, 2821	Em funcionamento onde antes existiu a Ind. Mec. Viking
Indústria Crava Retífica de Peças	Estrada do Pedroso, 280	Em funcionamento no imóvel onde existiu a Agia Acumuladores
Indústria Metalúrgica King Steel	Rua Vasco F Coutinho, 130	Em funcionamento
Inove Esquadrias Metálicas e Montagens Industriais.	Rua Xavantes, 434	Fechou. No local funciona a Serralheria Denobi
Instituto Tratamento Térmico (1994)	Rua Cantagalo, 66	Em funcionamento
Isoflan Conexões e Acessórios Industriais	Rua Genebra, 1115	Em funcionamento (Usinagem)
James Usinagem	Rua Cusco, 305	Em funcionamento
Jolipar Indústria Metalúrgica	Rua 24 de Fevereiro, 841	Em funcionamento (Execução Fiscal no TJSP)
Julião Compressores	Av. Nova Zelândia, 1162	Em funcionamento onde funcionou a Cromoprint. (Em processo de Execução Fiscal [ICMS] em 2012)
Júlio e Fº.	Rua Senador Queirós, 788	Em funcionamento (em 2011)
K B R Indústria de Utensílios Domésticos	Rua Benedito Montenegro, 527	Em funcionamento
Koes Indústria Metalúrgica	Av. Nevada, 444	Em funcionamento
Leravi Industrial	Av. Rangel Pestana, 256	Em funcionamento
Lukava Ferramentaria e Usinagem (1983)	Av. Rangel Pestana, 684	Em funcionamento onde antes existia a Ind. de Móveis Amambaí.
Madope Usinagem (1966)	Al. dos Jacarandás, 150	Em funcionamento desde 1996 no imóvel onde existiu a Olimpus Metal
Maktrom Centro de Usinagem (2002)	Av. Rangel Pestana, 488	Em funcionamento
Manuel Vieira Garcia	Rua 24 Maio, 321	Em funcionamento
Matic Entretenimento Ind. Com	Rua dos Coqueiros, 1578	Em funcionamento
MCA Indústria Metalúrgica	Rua Santa Mônica, 32	Em funcionamento
MDK Indústria e Comércio	Rua Mato Grosso, 151	Em funcionamento
Metalfor Indústria Metalúrgica	Av. Industrial, 2517	Em funcionamento
Metalúrgica Arpeixes	Av. Varsóvia, 478	Em funcionamento
Metalúrgica Bispo e Gadioli	Rua São Sebastião, 57	Em funcionamento
Metalúrgica Guazzelli (1997)	Rua Clélia, 1209	Em funcionamento onde antes existiu a Astron Metalúrgica.
Metalúrgica J Junior	Av. da Paz, 819	Transferiu-se para São Caetano do Sul. (Execução Fiscal no TJSP) Loja de autopeças funciona no local
Metalúrgica MS ABC (1993)	Rua do Pinhal, 50	Em funcionamento onde antes funcionava a Metalúrgica Saraiva
Metalúrgica Urupês (1993)	Av. das Nações, 2470	Em funcionamento
Molas Padroeira	Av. Queirós dos Santos, 1462	Em funcionamento onde antes existiu a Metalúrgica Fresto
Molas Pentágono Ind. Com.	Rua dos Ciprestes, 1376	Fechou. (Execução Fiscal no TRF e no TJSP) [106 registros no TJ e processos suspensos - Lei 6830, art.40]
Nimsay Metalúrgica	Estrada Pedroso, 1860	Em funcionamento
Nunes Portas de Aço, (1995)	Rua Ibirapitanga, 600	Em funcionamento
Metalúrgica Luppi	Rua Armida, 96	Em funcionamento
Omas Usinagem	Rua Caiubi, 122	Em funcionamento onde antes existiu a Ind. Mec. Tec

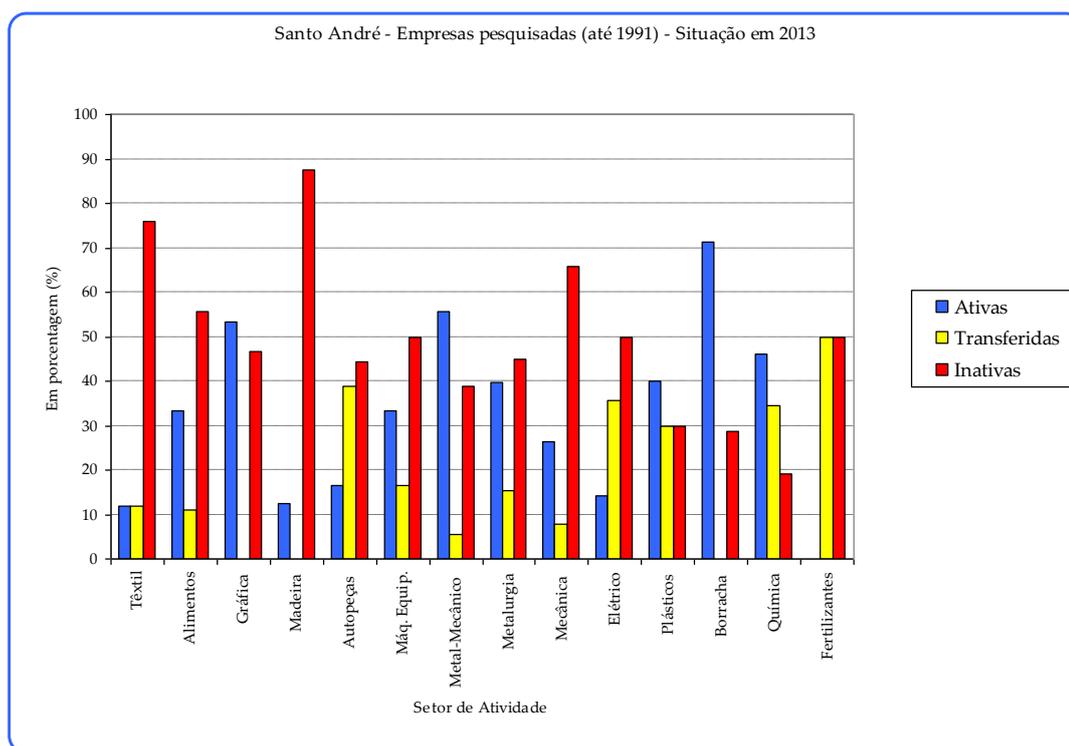
		Tor
Partners Modelação	Rua Conde de Sarzedas, 105	Em funcionamento onde antes existiu a Kamata Ind. Borracha
Prot Revest Tratamentos Superficiais em Prod Ind ,	Rua Bárbara Heliadora, 92	Em funcionamento
Resafer Indústria e Comércio de Produtos Metalúrgicos	Rua Rio Grande Norte, 435	Em funcionamento em parte do imóvel onde antes funcionava a Plásticos ABC (Usinagem)
Rig Sansão Equipamentos Ind e Galvanoplásticos	Av. Atlântica, 974	Em funcionamento
Riwan Comércio e Serviços,	Rua Américo Guazzelli, 39	Em funcionamento
RZR Bombas Positivas (1989)	Rua Santa Mônica, 66	Em funcionamento onde antes existiu a Ind. Mec. Hermann Jack Sehn
Santa Rita Equipamentos Industriais	Rua Rio Grande Norte, 83/101	Em funcionamento onde antes existiu a Arazanz
Soldatec Indústria Metalúrgica	Av. das Nações, 2404	Em funcionamento
Tecnomolas Ind de Molas,	Rua Saracanta, 440	Transferiu-se para Cachoeirinha (RS)
Till-Indústria Metalúrgica,	Rua Nilo Peçanha, 77	Em funcionamento
Toledo Artefatos de Arame Fita Ltda Etp	Av. Dom Bosco, 970	Fechou em 2010. (Execução fiscal no TRF e no TJSP) No local funciona uma loja de automóveis
Triumion Indústria e Comércio	Rua Santo Expedito, 116	Em funcionamento
Wiliam de Abreu (WLC Industrial)	Rua Caiapós, 352	Fechou. (Processos de Execução fiscal no TJSP) Galpão industrial transformado em lojas. No n°. 336 funciona uma loja de tintas, nos n°.s 346 e 352 salões comerciais. Maio/2013
Wolfradur Peças e Serviços Industriais	Rua Ibiacema, 129	Em funcionamento (Usinagem)
Ynterkuler Indústria e Comércio (1993)	Rua Santa Clara, 208	Transferiu-se para Ribeirão Pires (SP)
PLÁSTICOS		
Blister Embalagens (1993)	Rua Las Palmas, 494	Em funcionamento
Embalagem Cavalcante Ltda	Rua dos Coqueiros, 1090	Em funcionamento (papel)
Embalagens Mosaico	Rua 24 de Fevereiro, 421	Em funcionamento
Gerber	Av. Industrial, 2358	Em funcionamento onde funcionou a Schick Bin
Inbra Plásticos (2009)	Rua Caiubi, 826	Em funcionamento onde funcionou a Emulzint e a Blester Embalagens
Isos Embalagens	Rua Mairinque, 65	Transferiu-se para São Bernardo do Campo. Placa de Aluga no local em maio 2013
Perfecta Plásticos (2001)	Rua Antonio Cardoso Franco, 414	Em funcionamento
Pirâmide Embalagens Industriais	Rua Américo Guazzelli, 55	Em funcionamento onde antes existiu a MR Ind. Equip. Medição
Supernova Termoplásticos (2009)	Av. Sorocaba, 472	Em funcionamento no imóvel onde antes existiu a Galutti Metalúrgica e a Caldeiraria Dois Mil
TK Extrusão Plástico	Av. Pres. Costa e Silva, 2119	Em funcionamento
QUÍMICA		
Bertoncini Indústrias Químicas Ltda	Rua Santa Gema, 162	Em funcionamento
Chemicals Noxe (1999)	Rua Voluntários Paulistas, 87	Em funcionamento
Mixtech Tintas Industriais Especiais	Av. Industrial, 2537	Em funcionamento na Rua Maria Ortiz, 95
Polycol (1992)	Rua Victória Pena Giorgi, 72	Em funcionamento (cola e adesivos).
TÊXTIL/VESTUÁRIO		
Malharia Aquarella (2006)	Al. México, 361	Em funcionamento desde 2012 na Estrada do Pedroso, 371

4.6 - Resumo da situação das empresas pesquisadas

Em nossa pesquisa empírica totalizamos 457 indústrias, das quais 325 encontravam-se funcionando até o início dos anos 90. Os gráficos e as tabelas a seguir mostram as alterações ocorridas entre as empresas pesquisadas que estavam instaladas na cidade até 1991 e a situação no ano de 2013.¹⁶⁷

Chamam a atenção os altos índices de fechamento de empresas nos setores têxtil, mobiliário e na indústria mecânica, além da saída das empresas que produziam fertilizantes na cidade.¹⁶⁸

Gráfico 4.5 - Santo André – Resultados da Pesquisa (I)



¹⁶⁷ Alguns esclarecimentos se fazem necessários: os resultados mostrados no gráfico referem-se aos dados quantitativos que obtivemos. Para nós, o mais importante é a análise qualitativa que fizemos ao longo deste capítulo. Mesmo com a ausência da informação sobre o número total das indústrias existentes na cidade em 1980 ou 1992, consideramos importante observar que, das empresas pesquisadas, apenas 33% permanecem em atividade na cidade, enquanto 16% optaram por uma realocação industrial e infelizmente 51% das empresas pesquisadas fecharam as portas. Coincidentemente ou não, do mesmo modo que cerca de 2/3 das empresas pesquisadas saíram da cidade ou encerraram suas atividades, o Município de Santo André também perdeu cerca de 2/3 de sua participação percentual na cota-parte do ICMS nos últimos 30 anos.

¹⁶⁸ É importante ressaltar que como se trata de dados quantitativos, os resultados omitem o porte das empresas; todavia de maneira geral, verifica-se um alto índice de encerramento de atividade em todos os setores pesquisados.

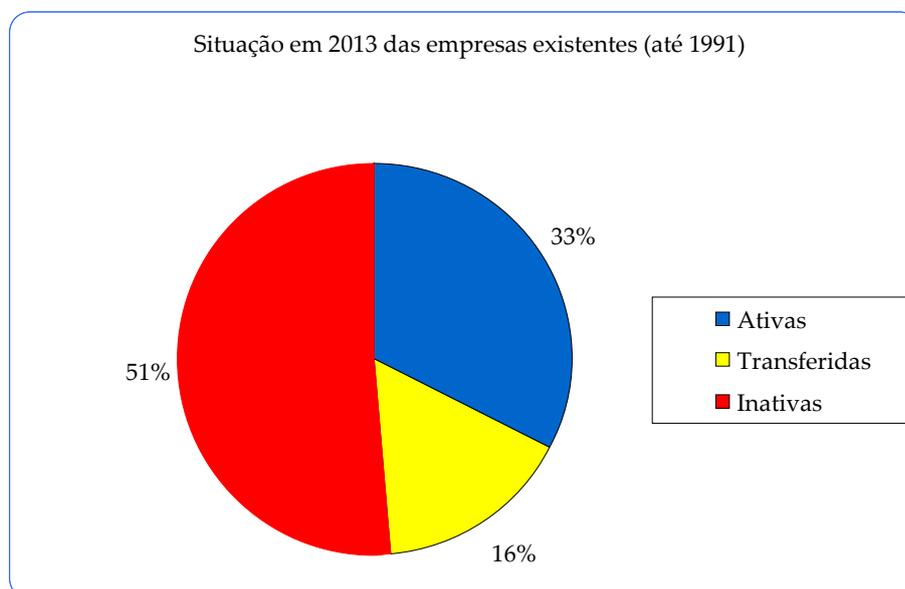
Em nosso levantamento, encontramos 325 empresas industriais que estavam em funcionamento em 1991, incluindo umas poucas que já tinham encerrado suas atividades antes desse momento.

Tabela 4.1 - Situação em 2013 das empresas existentes (até) 1991

Setor	Total	Ativas	Transferidas	Inativas
Têxtil	25	03	03	19
Alimentos	18	06	02	10
Gráfica	15	08	00	07
Madeira	32	04	00	28
Autopeças	18	03	07	08
Máq. Equip.	12	04	02	06
Metal-Mecânico	18	10	01	07
Metalurgia	78	31	12	35
Mecânica	38	10	03	25
Elétrico	14	02	05	07
Plásticos	20	08	06	06
Borracha	07	05	00	02
Química	26	12	09	05
Fertilizantes	04	00	02	02
TOTAL	325	106	52	167

Elaborado pelo autor

Gráfico 4.6 – Resultados da Pesquisa (II)



Elaborado pelo autor

Verificamos que, a partir de 1992, houve novas indústrias que se instalaram em Santo André. Localizamos 132 indústrias nesse grupo.

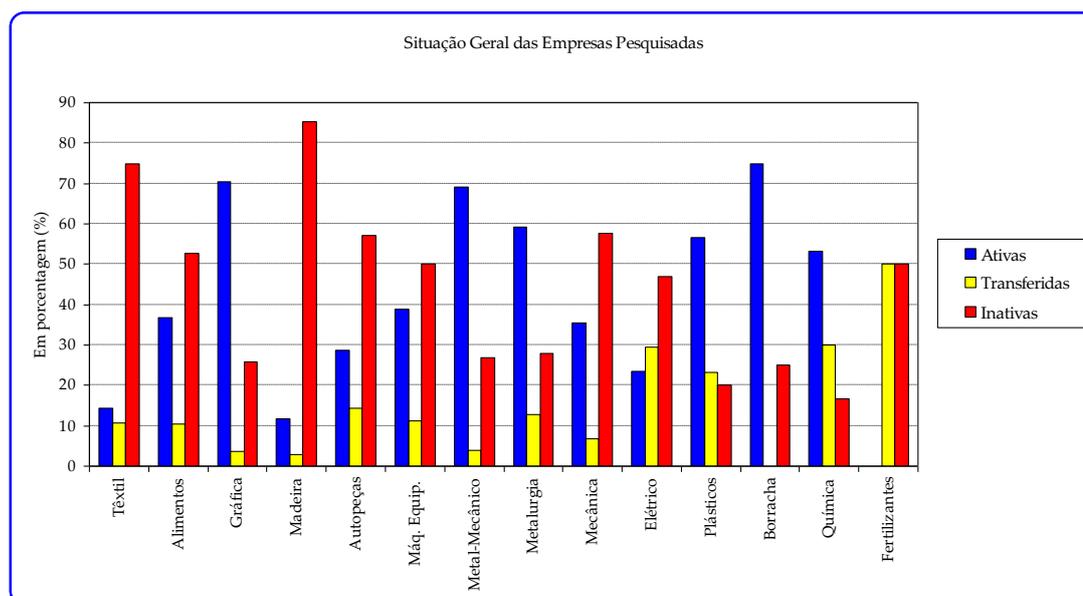
Quando avaliado o conjunto das 457 indústrias pesquisadas neste trabalho, já incluídas as empresas que se instalaram após 1992, os resultados não são muito diferentes do apresentado anteriormente: 46% das empresas estão em funcionamento, predominantemente indústrias químicas, de borracha e as dos segmentos metal-mecânico e metalúrgico, 13% das empresas transferiram-se e 41% das empresas pesquisadas fecharam.

Tabela 4.2 – Situação geral das empresas existentes (até) 2013

Setor	Total	Ativas	Transferidas	Inativas
Têxtil	28	04	03	21
Alimentos	19	07	02	10
Gráfica	27	19	01	07
Madeira	34	04	01	29
Autopeças	21	06	03	12
Máq. Equip.	18	07	03	09
Metal-Mecânico	26	18	01	07
Metalurgia	150	89	19	42
Mecânica	45	16	03	26
Elétrico	17	04	05	08
Plásticos	30	17	07	06
Borracha	8	06	00	02
Química	30	16	09	05
Fertilizantes	04	00	02	02
TOTAL	457	213	59	186

Elaborado pelo autor

Gráfico 4.7 – Resultados da Pesquisa (III)



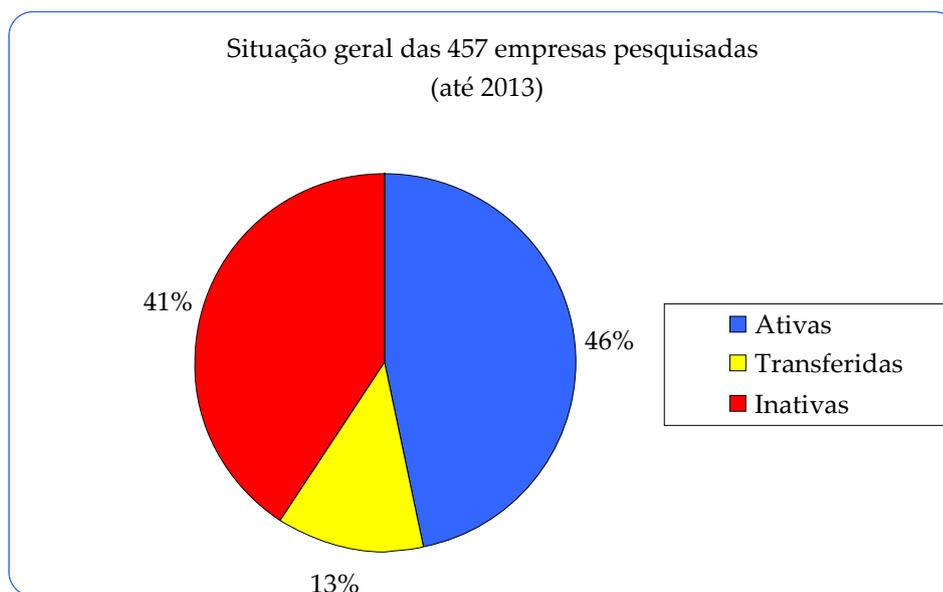
Elaborado pelo autor

Do total das 59 empresas pesquisadas que se transferiram de Santo André, verificamos que geralmente o destino varia de acordo com o porte da empresa. A maior parte das pequenas e médias empresas se transferiu para outros municípios do ABC, principalmente para o município de Mauá, cidade que oferece grandes áreas industriais no bairro do Sertãozinho. Já algumas grandes empresas escolheram principalmente as cidades do Interior do estado de São Paulo, enquanto outras preferiram se realocarem em outras cidades de outros estados da Federação.

Tabela 4.3 - Principais destinos das empresas que saíram de Santo André

Destino	Empresa	
Grande ABC	26	
Diadema	01	IQBC
Mauá	14	Valisére, Casfil, Rodofitas, Montolux, Prismol, Rosper, Fujimoto, Ferkoda, SBF, Poliembalagens, Frimox, Haushene, Adubos Copas, AL Puxadores
Ribeirão Pires	03	CBC, Persianas Atlântica, Ynterkuler
Rio Grande da Serra	01	Pollone
São Bernardo do Campo	02	Otis, Isos
São Caetano do Sul	05	Cordacrin, Casas Bahia, Romafa, Holld Meyer, J. Júnior
São Paulo - Capital	05	Sermar (Emhart); Festo, Tecnometal, TecMek, Reckitt Benckiser
Outros municípios da RMSP	04	
Barueri	01	Varb
Jandira	01	Milflex
Santana do Parnaíba	01	Centersystem
Suzano	01	Cleplast
Interior de São Paulo	16	
Americana	01	Condugel
Campinas	01	Usintec
Capivari	01	Brasilit
Indaiatuba	01	Fresto
Itupeva	01	Flexsys
Jacareí	01	Armco
Jaguariúna	01	Milfra
Jundiaí	01	Emulzint
Monte Mór	01	Celuplas
Nova Odessa	01	KS Pistões
Santa Bárbara D'oeste	01	Romi
Sorocaba	02	Prodelim, Fosfer
Tatuí	01	Casa Publicadora
Valinhos	02	Eaton, Solplas
Cidades de outros estados da Federação	08	
Biguaçu (SC)	01	Metalúrgica Saraiva
Cachoeirinha (RS)	01	Tecnomas
Curitiba (PR)	01	Peróxidos (Solvay)
Joinville (SC)	01	Fortilit
Resende (RJ)	01	Volkswagen Caminhões
Uberaba (MG)	01	Black & Decker
Varginha (MG)	01	Takenaka
Videira (SC)	01	Perdigão
Total	59	

Gráfico 4.8 – Resultados da Pesquisa (IV)



Por fim, é de se observar sobre a disparidade existente no parque industrial da cidade, composto tanto por empresas de grande porte (nacionais e transnacionais) e uma diversidade de pequenas empresas de capital nacional.

Em suma, e como já observado anteriormente, a estrutura industrial de Santo André permanece concentrada em três setores: químico-petroquímico, de borracha e metalúrgico (PMSA, 2011, p. 54).

Nas seções a seguir concluímos a pesquisa, agora observando alguns aspectos qualitativos das alterações na estrutura industrial da cidade, ressaltando alguns exemplos de desvalorização de capital (em alguns casos, de destruição de capital), algumas mudanças ocorridas na paisagem urbana com os novos conteúdos ocupando antigas formas e por fim, uma breve análise do setor imobiliário que está promovendo - além das mudanças na paisagem e nos usos do solo urbano - um vigoroso processo de (re)valorização do capital.

4.7 – Desvalorização e destruição de capital

“Se de fato vai embora, o capital deixa em sua esteira um rastro de devastação e desvalorização” (HARVEY, 2004 b, p. 99).

Durante boa parte do século XX a acumulação de capital mostrou-se promissora no município de Santo André (e também no Grande ABC). O surto industrial e a conseqüente urbanização fizeram as fortunas de algumas famílias proprietárias de terras da cidade, através do parcelamento e loteamento de áreas impulsionadas pela procura das empresas que se instalavam, mas principalmente pela demanda causada pelos trabalhadores que buscavam um lugar para morar, de preferência próximo ao local de trabalho.

Diversas empresas que se instalaram em Santo André também obtiveram ao longo dos tempos, excelente rentabilidade do capital investido, muitas cresceram e ampliaram suas instalações e cada vez mais acumularam capital.

Entretanto, nas duas últimas décadas do século XX, uma onda de desvalorização de capital industrial começou a ocorrer na cidade e tal desvalorização foi desigual dentre os diversos setores industriais. Alguns capitais industriais, ou seja, algumas empresas e conglomerados optaram por uma realocização industrial, fechando suas fábricas antigas, dispensando seus funcionários e causando desemprego na região (uma espécie de desvalorização do trabalho), e principalmente vendendo seus imóveis, que como já expusemos, eram (e são) valiosos devido à sua localização central.

Outros capitais industriais, em especial os de médio e pequeno porte, não tiveram tal sorte, de maneira tal que ou tiveram que encerrar suas atividades ou foram obrigados a fazê-lo, através da falência. Neste caso há, além da desvalorização, o fenômeno da destruição do capital já investido.

O geógrafo britânico David Harvey enfatiza em várias de suas obras (HARVEY, 1990; 1991; 2004 a; 2004 b; 2006; 2011) as características destrutivas do capital que na busca de uma eterna acumulação chega, geralmente por meio da superprodução, a desvalorizar e até destruir fisicamente parte de seus investimentos feitos anteriormente. Para Harvey (2004 b):

o capital busca perpetuamente criar uma paisagem geográfica para facilitar suas atividades num dado ponto do tempo simplesmente para ter de destruí-la e construir uma paisagem totalmente diferente num ponto ulterior do tempo a fim de adaptar sua sede perpétua de acumulação interminável do capital (HARVEY, 2004 b, p. 88).

O dinamismo do capitalismo deve-se principalmente às inovações tecnológicas e ao chamado “ajuste espacial” (HARVEY, 2006), que é em linhas gerais a busca incansável de novos produtos e novos mercados para o modo de produção capitalista continuar a se reproduzir e a acumular. Segundo Harvey:

A acumulação é o motor cuja potência aumenta no modo de produção capitalista. O sistema capitalista é, portanto, muito dinâmico e inevitavelmente expansível: esse sistema cria uma força permanente revolucionária, que incessante e constantemente, reforma o mundo em que vivemos (HARVEY, 2006, p. 43).

Em nossa Pesquisa de Campo verificamos em loco, a intensa desvalorização e até mesmo a destruição de capital (tanto industrial como comercial) ocorrida em Santo André. Como exposto anteriormente, devido ao fato da industrialização de Santo André ser considerada (em termos de Brasil) antiga, muitos de seus estabelecimentos fabris tornaram-se ao longo do tempo, obsoletos. Muitas empresas fecharam as portas ou faliram.

Restou então em Santo André a ação do circuito secundário do capital, na forma de incorporação e construção de empreendimentos imobiliários. Convém ressaltar que Henri Lefebvre já verificava no início dos anos 70 a crescente articulação do setor imobiliário com as grandes empresas capitalistas:

O setor imobiliário se torna tardiamente, mas de maneira cada vez mais nítida, um setor subordinado ao grande capitalismo, ocupado por suas empresas (industriais, comerciais, bancárias) (...) (LEFEBVRE, [1972] 2001, p. 163-164).

Entre os diversos casos de incorporação imobiliária ocorridos em Santo André, a participação de um grande grupo econômico como a Odebrecht ¹⁶⁹ é exemplar.

Sendo um dos maiores grupos econômicos brasileiros, a Odebrecht atua nos ramos de infra-estrutura, energia, petróleo e gás, água (tratamento), realizações imobiliárias e propriedades (incorporação imobiliária), agro-indústria, construção naval, além de serviços financeiros.

O grupo Odebrecht está presente em Santo André através da participação acionária na Braskem (a maior indústria da cidade) e da Odebrecht Realizações Imobiliárias, empresa que tem como um dos acionistas a Gávea Investimentos (pertencente ao Grupo JP Morgan). É uma prova empírica da articulação do capital (industrial, comercial e financeiro) no setor imobiliário, proposta teoricamente nas diversas obras de Lefebvre, Harvey e Chesnais, entre outros autores.

O terreno onde existiam a IAP e a Adubos Copas (já com as instalações industriais destruídas) foi adquirido pela empresa que planeja, após a descontaminação da área, a construção de mais um empreendimento imobiliário. ¹⁷⁰

¹⁶⁹ Sobre o Grupo Odebrecht cf. <http://www.odebrecht.com.br/organizacao-odebrecht/estrutura-empresarial>>. Acesso em 31 de maio de 2013.

¹⁷⁰ Cf. <<http://www2.santoandre.sp.gov.br/page/9287/41>>. Acesso em 05 mar. 2013.

O grupo Odebrecht também planeja a construção de outro condomínio residencial no local onde funcionou durante seis décadas a Metalúrgica Krause, fechada no final em 2009.

FOTOS 4.59 e 4.60 – IAP/COPAS - KRAUSE



Foto 4.59 - Terreno da IAP/Copas. Se não fossem os relatórios da CETESB noticiando a contaminação do solo, um grande empreendimento imobiliário já estaria construído no local. O circuito secundário do capital só está esperando a descontaminação para erguer, onde antes existiam duas indústrias de fertilizantes, mais um empreendimento residencial de alto padrão; Foto 4.60 – Metalúrgica Krause. No lugar da antiga fábrica será construído um empreendimento imobiliário.

Como bem observa Harvey (2004 a):

o capitalismo produz uma paisagem geográfica (...) apropriada à sua própria dinâmica de acumulação num momento particular de sua história, simplesmente para ter de reduzir a escombros e reconstruir essa paisagem geográfica a fim de acomodar a acumulação num estágio ulterior (HARVEY, 2004 a, p. 87).

Outra fábrica que funcionou durante décadas no centro da cidade e reduzida a escombros foi o Lanifício Santo Amaro. Era uma indústria têxtil datada ainda da primeira fase da industrialização do município e os custos para manter uma fábrica obsoleta eram altos. Após o fechamento da fábrica, houve a demolição dos galpões industriais e não sobrou nem a chaminé. No local da antiga fábrica está prevista a construção do Residencial Diálogo Venezuela.

FOTO 4.61 - LANIFÍCIO SANTO AMARO (I)



A fábrica ainda funcionando em 2004. Fonte: © PASSARELLI (2005)

FOTO 4.62 - LANIFÍCIO SANTO AMARO (II)



Antes da demolição em 2011. Fonte: © 2013 Google

FOTO 4.63 - LANIFÍCIO SANTO AMARO (III)



Terreno vazio em março de 2013. Demoliram até a chaminé.

Muitos outros imóveis industriais também tiveram suas instalações fabris adaptadas para novas funções ou destruídas para cederem lugar a novos empreendimentos imobiliários comerciais e residenciais.

A antiga fábrica da General Tintas é um exemplo: localizada na Av. Industrial a empresa foi adquirida pela Milflex, que optou pela realocação industrial para a cidade de Jandira; o imóvel onde antes funcionava a fábrica foi vendido e ali será construído outro empreendimento residencial e comercial, também após a resolução dos problemas ambientais já que o terreno está contaminado.¹⁷¹

FOTO 4.64 - GENERAL TINTAS.



Placa anunciando em março/2013 um futuro empreendimento imobiliário, onde anteriormente funcionou a fábrica de tintas. O terreno, localizado na Av. Industrial, 780 também consta como contaminado no relatório da Cesteb.

Outro exemplo foi a construção do Residencial Rio Preto, resultante da incorporação de vários imóveis, inclusive do imóvel onde funcionou durante anos a Girelli e posteriormente a Bralfer.

FOTOS 4.65 e 4.66 – BRALFER



Foto 4.65 – Indústria Metalúrgica Bralfer em 2011; Foto 4.66 – Mesmo local em 2013.com as torres de apartamentos sendo construídas no imóvel situado à Rua Xingu, 1040.

Fonte: Foto 4.65 © 2103 Google.

¹⁷¹ Cf. CETESB (2011). Mesmo antes da descontaminação, o Semasa já tinha liberado alvará de licenciamento da obra. Cf. *Semasa dá licença à área suspeita de contaminação* Jornal ABCD Maior, edição de 08/10/2011. Disponível em: <http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=34772>. Acesso em 28 mar. 2013. Sobre o lançamento comercial do empreendimento cf. <<http://www.brasilbrokers.com.br/270704/imovel-novo/jardim-park-business.html>>. Acesso em 28 mar. 2013.

Do mesmo modo, o destino das antigas instalações da Indústria Metalúrgica Fujimoto parece ser o mesmo: a fábrica está destruída e provavelmente quando forem resolvidos os problemas legais em relação à documentação do imóvel, mais um empreendimento imobiliário surgirá no local.

FOTOS 4.67 e 4.68 – FUJIMOTO



Foto 4.67 – Indústria Mecânica Fujimoto localizada na Rua Xingu, 982 funcionando em 2011;

Foto 4.68 – Mesmo local em 2013, já com a fábrica destruída;

Fonte: Foto 4.67 © 2103 Google

O recente “boom” imobiliário existente em Santo André também demonstra de forma inequívoca a ação do capital financeiro aliado ao capital imobiliário e ao capital rentista. A ação de grandes incorporadoras imobiliárias ¹⁷² junto com as construtoras, comprando terrenos de indústrias desativadas para construir shoppings centers e torres de apartamentos, provoca a transformação do espaço urbano da cidade que - embora tenha perdido muitas de suas antigas indústrias - consegue atrair novos capitais com investimentos no setor terciário (comércio e prestação de serviços) e no setor imobiliário.

São inúmeros os casos de não só de pequenas e grandes indústrias que foram demolidas, mas também de diversas casas térreas que foram destruídas para ceder lugar a prédios de apartamentos e aos sobrados geminados que se espalham por toda a cidade. O fato novo é que além das áreas centrais da cidade, diversos empreendimentos imobiliários estão agora disseminados por todos os bairros, antes predominantemente ocupados por casas térreas.

¹⁷² Empresas como a Cyrella, a Brookfield, a Plano & Plano, a Brazil Brokers entre outras, possuem diversos empreendimentos imobiliários na cidade.

FOTO 4.69 - BOOM IMOBILIÁRIO (II): “SOBRADINHOS” NA VILA PIRES



Uma sucessão de sobradinhos na esquina das ruas Caiapós e Chuí na Vila Pires

FOTOS 4.70 a 4.73 – BOOM IMOBILIÁRIO (III): PRÉDIOS DE ALTO PADRÃO



Foto 4.70 – Condomínio Paris, prédio localizado na Rua Siqueira Campos, 107. Além do imóvel onde antes existia uma marcenaria, terrenos vizinhos foram incorporados e surgiu mais um empreendimento imobiliário na cidade; Foto 4.71 – Condomínio residencial situado na Rua Pirituba.

Foto 4.72 – Obras do Residencial Aram, localizado na Rua Tupi, 79; Foto 4.73 - Prédios em construção na Vila Valparaíso, bairro que até anos atrás só possuía casas, sobrados e pequenas fábricas.¹⁷³

¹⁷³ A Rua Xingu, na Vila Valparaíso é um exemplo de mudança radical da paisagem urbana. Quem conheceu a rua no passado, dificilmente a reconheceria hoje, devido aos diversos edifícios e sobradinhos que lá foram construídos.

É de se observar, no entanto, que a maior parte dos novos lançamentos imobiliários não é dirigida às camadas de menor poder aquisitivo da população, o que também nos faz refletir se está ou não, havendo um processo de “gentrificação” ou elitização da cidade.

FOTOS 4.74 e 4.75 – CORTIRIS – RESIDENCIAL MRV



Foto 4.77 – Cortiris (1997); Foto 4.78 – Residencial MRV localizado na Rua Rio Grande do Norte, 299. Cortiris já fechada em 1997. A fábrica foi demolida e foram construídos prédios de apartamentos no local, parte do terreno consta como contaminado no relatório da CETESB.

Em muitos casos, existe também a destruição de capital comercial. Na pesquisa de campo encontramos inúmeros imóveis comerciais fechados na cidade.

É importante lembrar que qualquer que seja o tipo, capital parado é capital desvalorizado e embora não seja o objeto de estudo deste trabalho, consideramos relevante apontar dois casos: a falência da antiga Mesbla e o fechamento da Utivesa.

A Mesbla, tradicional rede de lojas de departamento também possuía uma filial na cidade. Durante décadas, a empresa “reinou soberana” no mercado brasileiro, todavia a partir dos anos 90 a empresa passou a ter dificuldades financeiras o que a acabou levando à falência em 1999. Todas as lojas foram fechadas e o imóvel comercial de Santo André, situado no centro da cidade, permanece fechado.¹⁷⁴

¹⁷⁴ Existem na Internet abundantes informações sobre a falência da Mesbla. No site do TJSP, constatamos a existência de 29 processos só na Comarca de Santo André. Alguns processos de Execução Fiscal alcançam valores elevados. Existem ainda centenas de ações trabalhistas movidas pelos ex-funcionários da empresa no TRT. O não recebimento dos valores devidos também é uma forma de desvalorização do trabalho.

FOTO 4.76 - MESBLA.



O prédio comercial localizado na Rua Campos Sales, onde funcionou a Mesbla, continua fechado.

Outro caso de desvalorização de capital comercial pode ser constatado no fechamento da Utivesa, que no passado foi uma das maiores concessionárias de veículos da cidade. Do mesmo modo como comumente acontece com outras empresas, problemas de gestão levaram a empresa a enfrentar dificuldades financeiras e processos na Justiça. O imóvel principal da empresa está visivelmente destruído.¹⁷⁵

FOTOS 4.77 e 4.78 - UTIVESA



Foto 4.77 - Prédio abandonado da Utivesa na Rua Olímpia, 385; Foto 4.78 - Utivesa. Instalações destruídas vistas da Rua Rossini.

¹⁷⁵ A empresa Utivesa e seus proprietários também respondem a dezenas de processos de Execução Fiscal. Só em débitos com a União os valores chegam a mais de R\$ 1,8 milhão (cf. consulta no site da Justiça Federal). Existem também 10 processos no TJSP (Comarca de Santo André) referentes a débitos de tributos estaduais e municipais. O não recebimento dos valores devidos dos impostos também é uma forma de desvalorização, já que em tese, é a própria sociedade quem perde, pois o montante recebido dos impostos poderia ser utilizado em investimentos públicos.

Da mesma forma que as crises e as incertezas são inerentes ao modo de produção capitalista, o exemplo do ocorrido com a Fichet, mostra que nem sempre a mudança de atividade funciona de maneira adequada.

Instalada em Santo André desde 1923, a Fichet, antiga indústria produtora de máquinas industriais, enfrentou sérias dificuldades econômicas no final dos anos 80 e no início dos anos 90. A empresa sucumbiu na crise e faliu. Durante algum tempo a massa falida da empresa tentou reaver parte do capital alugando o espaço para um estabelecimento comercial tipo “out-let”.

O empreendimento comercial não durou muito tempo, fechando as portas e demonstrando mais uma vez os riscos que o capitalista corre, havendo nesse caso além da anterior desvalorização do capital industrial, a desvalorização do capital comercial. O imóvel localizado na Av. Industrial, 900 foi vendido e no local está previsto a construção de um empreendimento comercial e residencial.¹⁷⁶

FOTOS 4.79 a 4.83 - A FICHET EM TRÊS TEMPOS



Foto 4.79 - Portaria da Fichet, localizada na Av. Industrial, 900 em 1996; Foto 4.80 – Ruínas da portaria em 2013



Foto 4.81 – Fichet/Multi-Box em 1998. O estabelecimento comercial fechou as portas.

¹⁷⁶ Está previsto no projeto da Plano&Plano a construção de 12 torres de apartamentos, 01 de uso comercial e 11 de uso residencial. Informações detalhadas do EIV (estudo de impacto da vizinhança) encontram-se disponível no site da PMSA, cf < <http://www2.santoandre.sp.gov.br/page/9286/41>>. Acesso em 05 mar. 2013.



Foto 4.82 - Vista do terreno da antiga Fichet já limpo por dentro; Foto 4.83 - Placa anunciando (em março/2013) futuro lançamento do empreendimento imobiliário. Mais um exemplo da ação do circuito secundário do capital e do processo de (re)valorização do capital.

Convém ainda ressaltar as tendências criativas-destrutivas do modo capitalista de produção, onde o velho cede espaço ao novo num subseqüente movimento de destruição e criação, na qual a destrutividade é tratada em termos schumpeterianos como “uma questão de custos normais dos negócios” (HARVEY, 2011, p. 46).

É em um contexto de “destruição criativa” que se insere diversas indústrias pesquisadas neste trabalho. Em outras palavras, o tempo delas já passou, e a acumulação capitalista precisa continuar (e a vida cotidiana dos moradores também).

FOTOS 4.84 e 4.85 -- NORDON/OLARIA ABCD



Foto 4.84 – Antiga Nordon, primeiro veio a desvalorização, depois veio a destruição de capital e o galpão industrial virou um estacionamento; Foto 4.85 – Orlaria ABCD ocupou o imóvel onde funcionou outra unidade fabril da Nordon. Onde antes se produzia riquezas, hoje existe um ponto de venda de telhas e tijolos, atividade comercial importante para suprir a demanda de materiais básicos de construção requerida pelos diversos edifícios em construção na cidade. Da fábrica só restou parte do muro.

4.8 – Antigas Formas/Novos Conteúdos

[o capitalismo] constrói uma paisagem geográfica distintiva, um espaço produzido de transporte e comunicações, de infra-estruturas e de organizações territoriais que facilita a acumulação do capital numa dada fase de sua história, apenas para ter de ser desconstruído e reconfigurado a fim de abrir caminho para uma maior acumulação num estágio ulterior (HARVEY, 2004 a, p. 80-81).

Além dos casos de desvalorização e até mesmo destruição de capital industrial, verificamos em nosso trabalho de campo também um envelhecimento das formas e uma certa adequação aos novos conteúdos. No centro de Santo André, desde a Estação até o Ipiranguinha, percebe-se claramente o envelhecimento das formas: antigas indústrias deram lugar a estabelecimentos comerciais (a exemplo da Kowarick, da Streiff e do Moinho Santista).

São mudanças que Milton Santos define como “alterações de velhas formas para adequação às novas funções” (SANTOS, 1988, p. 67) devidas a uma mudança estrutural, que no caso de Santo André ocorreu por causa do processo de reestruturação produtiva. Sobre o envelhecimento das formas, Milton Santos observa que:

As formas envelhecem por inadequação física, quando por exemplo, ocorre desgaste dos materiais. Já o envelhecimento social corresponde ao desuso ou desvalorização, pela preferência social a outras formas. Às vezes, o movimento corresponde a uma moda, como a construção de suítes nas habitações; aqui há um envelhecimento moral. Às vezes, o envelhecimento das formas permite que haja uma mudança brutal de seu uso (...) o envelhecimento físico das formas é previsível pela durabilidade dos materiais, o envelhecimento moral não é tão previsível, muda de acordo com o quadro político, econômico, social e cultural [grifo nosso] (SANTOS, 1998, p. 70).

O difícil quadro econômico enfrentado por várias empresas nos anos 80 e 90 resultou em um sem número de encerramentos de atividades e falências. Como exposto na seção anterior, muito capital industrial foi desvalorizado para então ser destruído.

Não obstante, a própria dinâmica do capital permite o livre fluxo de capitais dentre seus diversos tipos (financeiro, comercial, imobiliário, rentista, industrial) e aproveitando das oportunidades surgidas, empresas de outros ramos de atividades passaram a investir, alugando ou comprando os antigos imóveis industriais e promovendo uma mudança de uso e uma conseqüente mudança na paisagem urbana.

A seqüência de fotos exibidas a seguir mostra, além da mudança de uso, o vigor de um capital que busca e encontra novas formas de valorização e acumulação.

FOTO 4.86 – BRAIBANTI; FOTO 4.87 - ROYCE CONNECT



Braibanti já falida em 1998: destruição de capital. No local funciona em 2013 a Royce Connect, empresa que produz e também comercializa aparelhos de ar-condicionado para veículos.

FOTOS 4.88 e 4.89 – COOP EM 1997 E EM 2013.



No lugar de uma antiga metalúrgica funciona uma loja que ainda mantém por fora a forma industrial.

FOTO 4.90 - TÊXTIL COLBERT (1996); FOTO 4.91 – COLÉGIO PARTICULAR



Localizada na Rua Onze de Junho a Têxtil Colbert já estava fechada durante muito tempo até que alguns anos depois um colégio começou a funcionar no local. Antiga forma/Novo conteúdo.

FOTOS 4.92 e 4.93 – PRESTADORES DE SERVIÇOS E COMÉRCIO



Foto 4.92 – High Color Pinturas, empresa prestadora de serviços de pintura de peças de plásticos para o mercado automobilístico, funciona nas instalações da antiga filial da Plásticos Mauá, localizada na Rua 24 de Fevereiro, 202; Foto 4.93 – Roma Madeiras e Ferragens. Na antiga indústria instalada na Av. Pereira Barreto, 1755 hoje funciona uma loja de artigos de madeira.

FOTOS 4.94 e 4.95 - NOVOS CONTEÚDOS ONDE FUNCIONOU A ARAMES CLEIDE



Foto 4.94 – Protege em 1997. A empresa de segurança e transportes de valores ocupa atualmente outro imóvel (localizado na Rua dos Coqueiros, 1350) anteriormente ocupado por uma indústria;

Foto 4.95 – Bella Tintas em 2013. No imóvel onde funcionou a fábrica de arames e a empresa de segurança existe atualmente uma loja de tintas. Mudança de função.

Ainda são poucos os casos em que os novos conteúdos possuam características tecnológicas (pós)modernas. Poucas indústrias existentes em Santo André dedicam-se a atividades relacionadas à chamada terceira revolução industrial, com atividades produtivas relacionadas à informática, mecatrônica, nanotecnologia, genética e biotecnologia, engenharia aeroespacial, entre outros novos ramos do conhecimento. Empresas inovadoras e distritos “marshallianos” ainda estão longe da cidade.

O caso da TIM é emblemático quanto à dificuldade da empresa de telecomunicações em “conversar” com outras empresas de tecnologia no Grande ABC. A empresa pretendia criar um pólo tecnológico de grande porte na cidade.

Sakata (2006) observa que a TIM estabeleceu-se na cidade “em um terreno de 80.000 m², executou um edifício aproveitando a implantação do galpão industrial anterior” e que a empresa pretendia implantar “um call center, um centro de desenvolvimento de software para telefonia celular e a criação de um condomínio industrial para a fabricação de celulares” (SAKATA, 2006, p. 154).

Em reportagem da Revista Primeiro Plano, publicada em 2007, já se observa a mudança nos planos da empresa:

Em 2005 foi inaugurado em Santo André (SP) o projeto Pisa da Tim, um complexo de atendimento com tecnologia avançada e para a empresa evidencia a aposta de que a atenção ao cliente será um fator crucial para o futuro das operadoras. Os canais de comunicação hoje disponíveis incluem uma central de atendimento 24 horas, o site, a Ouvidoria e um Conselho de Clientes (CAPRARIO, 2007, p. 14).

Até o início de 2013 não tinha sido construído o condomínio industrial para a fabricação de celulares. E o centro de terciário avançado descrito por Sakata (2006, p. 171) virou um grande call center.

FOTO 4.96 - TIM



Instalada em parte de antiga fábrica da Pirelli, a TIM chegou em Santo André com o intuito de sediar seu centro tecnológico. Apesar dessas metas ambiciosas, boa parte do estabelecimento funciona como um “call center”.

Decerto que haja mobilização no sentido de prover o município (e a Região do Grande ABC) com bases tecnológicas, através de planos e projetos por parte da Prefeitura, da Câmara Regional do ABC e do Consórcio Intermunicipal do ABC. Até existe o projeto de implementação de um parque tecnológico na cidade, já previsto por Celso Daniel nos anos 1990, contudo o parque (ou pólo)tecnológico andreense ainda não saiu do papel.¹⁷⁷

Por outro lado, a instalação da Universidade Federal do ABC na região representa, além da democratização do acesso ao Ensino Superior, as possibilidades de conexão, cooperação e intercâmbio de novos conhecimentos entre os diversos segmentos da sociedade. Harvey (2011) observa que:

(...) há ainda um grande interesse em localidades que investem em oportunidades educacionais de alta qualidade (universidades e escolas técnicas), pois isso poderá ajudar a atrair a indústria de alta tecnologia que irá contribuir mais para a base tributária da localidade (HARVEY, 2011, p. 60).

¹⁷⁷ Várias notícias recentes dão conta que existe uma retomada por parte da Prefeitura de Santo André junto ao Governo do Estado de São Paulo para o credenciamento do parque tecnológico andreense. Sobre a rede estadual de parques tecnológicos, cf. <<http://www.desenvolvimento.sp.gov.br/cti/parques/>>; Sobre o futuro parque tecnológico andreense, cf. *Santo André e Estado retomam criação de Parque Tecnológico* – (06/02/2013) disponível em: <<http://www2.santoandre.sp.gov.br/index.php/noticias/item/6389>>. Acesso em 10 maio 2013; *Parque tecnológico de Santo André engatinha* – (24/02/2013) disponível em: <<http://www.gnbc.com.br/gnbc/noticiaimp.aspx?id=84c1997b-4760-45e5-a9b5-524abb87e7d4>>. Acesso em 29 mar. 2013.

Em seu website institucional, verifica-se o compromisso da UFABC ao desenvolvimento social da região e do país:

O Projeto Acadêmico da UFABC procura levar em conta as mudanças no campo da ciência, propondo uma matriz interdisciplinar, caracterizada pela intercessão de várias áreas do conhecimento científico e tecnológico (...) o projeto tem como meta a criação de um ambiente acadêmico favorável ao desenvolvimento social, contribuindo para a busca de soluções para os problemas regionais e nacionais, a partir da cooperação com outras instituições de ensino e pesquisa e instâncias do setor industrial e do poder executivo, legislativo e judiciário (UFABC, s/d).¹⁷⁸

Como centro de excelência, a UFABC provavelmente se tornará um centro de reflexão sobre os problemas e possíveis soluções para o desenvolvimento econômico e social do Grande ABC.

¹⁷⁸ Cf <http://www.ufabc.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16&Itemid=3>. Acesso em 08 dez. 2011; Revisto em 10 maio 2013.

4.9 – A (Re)Valorização do Capital

Após a crise, solução temporária das contradições existentes, restabelece-se a ordem perturbada. A sociedade burguesa foi purgada de seus excedentes, em capital, em meios de produção; a unidade do processo, com a possibilidade de uma reprodução ampliada, se reconstitui (LEFEBVRE, 2001, p. 143).

No Grande ABC, muito capital se perdeu nas crises dos anos 80 e 90 e muitos empregos industriais foram eliminados. A reestruturação produtiva ocorrida nas empresas da cidade permitiu uma maior flexibilidade no gerenciamento dos processos produtivos. A crise fez com que só as empresas mais eficientes permanecessem no mercado. David Harvey (2001) observa com clareza que:

A geografia da desvalorização por meio da desindustrialização, do aumento do desemprego local, da redução fiscal, do cancelamento de ativos locais ou coisa parecida é de fato um quadro lamentável. Mas podemos ver sua lógica no âmbito da busca de uma solução para o problema da superacumulação mediante o impulso para sistemas mais flexíveis e mais móveis de acumulação (HARVEY, 2001, p. 267).

Todavia, devido à própria dinâmica capitalista, um impressionante movimento de (re)valorização de capital (principalmente na forma de empreendimentos imobiliários) está em curso não só no Grande ABC mas também em quase toda a Região Metropolitana de São Paulo.

Lefebvre observa como nos tempos contemporâneos ¹⁷⁹ o setor imobiliário, antes considerado como um setor secundário da acumulação capitalista está cada vez mais se integrando ao circuito principal da acumulação:

¹⁷⁹ Apesar de terem sido escritos há quatro ou cinco décadas atrás, nos parece que cada vez mais que as obras de Henri Lefebvre permanecem atuais.

O imobiliário, como se diz, desempenha o papel de um segundo setor, de um circuito paralelo ao da produção industrial voltada para o mercado de “bens” não duráveis ou menos duráveis que os “imóveis”. Esse segundo setor absorve os choques. Em caso de depressão, para eles afluem os capitais. Eles começam com lucros fabulosos, mas logo se enterram (LEFEBVRE, 1999, p. 146).

Prossegue Lefebvre em sua análise, observando a contradição existente entre a circulação de capital e os investimentos imobiliários:

Neste setor, os efeitos “multiplicadores” são débeis: poucas atividades são induzidas. O capital imobiliza-se no imobiliário. A economia geral (dita nacional) logo sofre com isso. Contudo o papel e a função desse setor não deixam de crescer. Na medida em que o circuito principal, o da produção industrial corrente dos bens “mobiários”, arrefece seu impulso, os capitais serão investidos no segundo setor, o imobiliário (LEFEBVRE, 1999, p. 146).

Por fim, Lefebvre nos alerta sobre a possibilidade do setor secundário do capital tornar-se o principal:

Pode até acontecer que a especulação fundiária se transforme na fonte principal, o lugar quase exclusivo de “formação de capital”, isto é, de realização da mais valia. Enquanto a parte da mais-valia global formada e realizada na indústria decresce, aumenta a parte da mais-valia formada e realizada na especulação e na construção imobiliária. O segundo circuito suplanta o principal (LEFEBVRE, 1999, p. 146-147).

Com o espaço urbano tornado “mercadoria”, surge uma nova oportunidade para o capital excedente aplicar seus recursos: os investimentos imobiliários.

Carlos (2001) observa que “cada vez mais o espaço, produzido como mercadoria, entra no circuito da troca, atraindo capitais que migram de um setor para outro de modo a viabilizar a reprodução” (CARLOS, 2001, p. 16).

Como bem observa Harvey (2011):

A construção de espaços, bem como a criação de uma morada segura chamada casa e lar, tem um impacto tanto na terra quanto na acumulação do capital, e a produção de tais lugares se torna um grande veículo para a produção e absorção do excedente. A produção do “urbano” (...) tornou-se ao longo do tempo mais estreitamente ligada à acumulação do capital, até o ponto em que é difícil distinguir uma da outra (HARVEY, 2011, p. 122).

Harvey (2004) observa que “a desvalorização de ativos, (...) pode, por conseguinte desempenhar um importante papel no estabelecimento de novas bases para a acumulação do capital” (HARVEY, 2004 b, p. 98).

As novas bases encontradas pelo capital para aumentar a acumulação em Santo André foram os investimentos em estabelecimentos comerciais, e principalmente nos últimos anos, uma das “rotas” preferidas pelo capital excedente foi o direcionamento em busca de maior acumulação no setor imobiliário.¹⁸⁰

As fotos a seguir mostram alguns exemplos da vitalidade do circuito secundário do capital (que parece estar se tornando o circuito principal na cidade) e o conseqüente processo de (re)valorização do capital, mas com capital externo ao Grande ABC.

¹⁸⁰ A quantidade impressionante de novos empreendimentos imobiliários na cidade, em patamares superiores até aos da época do chamado “milagre econômico” nos faz refletir sobre se está, ou não, havendo em Santo André certo de risco de superacumulação de capital!

FOTOS 4.97 e 4.98 - (RE)VALORIZAÇÃO DO CAPITAL: NOVOS CONTEÚDOS



Foto 4.97 – Conjunto de edifícios construídos no local onde no passado funcionou a KS Pistões;
Foto 4.98 – Shopping Lar ABC, estabelecimento comercial funcionando na Avenida Pereira Barreto, 1286, no imóvel onde funcionava a Festo, empresa fabricante de máquinas e equipamentos industriais.

FOTOS 4.99 e 4.100 - BROOKFIELD CENTURY PLAZA ¹⁸¹

Obras do novo empreendimento imobiliário no local onde antes funcionava parte da Pirelli Pneus.

FOTOS 4.101 e 4.102 – BOOM IMOBILIÁRIO (IV): O LUXO E A “SELVA DE PEDRA”



Foto 4.101 - Condomínio Residencial Valparaíso, situado na Rua Xingu, 959. Incorporado e construído pela Brookfield;

Foto 4.102 - Vista para as imediações da Rua Catequese na Vila Alpina.

¹⁸¹ Em parte da antiga fábrica de pneus da Pirelli está em construção um complexo imobiliário contendo um novo shopping center, um hotel, um edifício comercial e dois edifícios residenciais. Trata-se do Brookfield Century Plaza, ambicioso empreendimento imobiliário que pretende criar uma nova centralidade em Santo André. Cf. <<http://www.br.brookfield.com/Empreendimento/Impressao/167>>. Acesso em 10 maio 2013.

FOTOS 4.103 a 4.106 – BOOM IMOBILIÁRIO (V): AS MUDANÇAS NA PAISAGEM

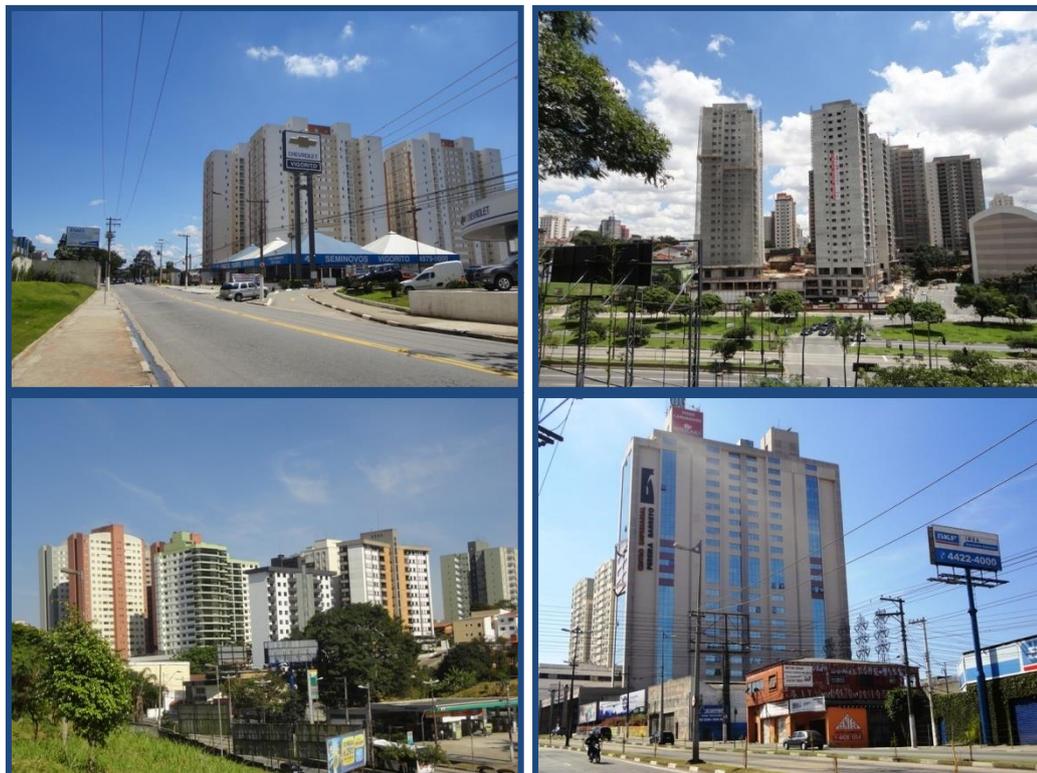


Foto 4.103 - Av. Industrial, 1000. Concessionária de veículos instalada em parte do terreno da antiga Fichet, ao fundo as torres de apartamentos construídas onde funcionou a Takenaka/Ouro Verde;

Foto 4.104 - Prédios de alto padrão sendo construídos na Av. Pereira Barreto, 100. No passado a área abrigava o parque gráfico da Casa Publicadora Brasileira;

Foto 4.105 - Edifícios residenciais construídos no Jardim Bela Vista;

Foto 4.106 – Edifício comercial Centro Empresarial Pereira Barreto, localizado na Av. Pereira Barreto, 1395.

FOTOS 4.107 e 4.108 – BOOM IMOBILIÁRIO (VI): O QUE ESTÁ POR VIR ...



Foto 4.107 - Instalações já destruídas da antiga fábrica de concreto Redemix, localizada na Rua dos Coqueiros, 1142 no Bairro Campestre: provavelmente mais um empreendimento imobiliário de alto-padrão surgirá no local;

Foto 4.108 - Imóveis localizados na Av. Pereira Barreto, 716 com placas de vende e aluga em maio/2013. No local funciona a indústria de borracha Irmãos Roman. Ao fundo, os novos prédios de apartamentos construídos no Jardim Bela Vista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo proposto por esta dissertação foi a análise das alterações ocorridas na estrutura industrial do município de Santo André a partir da década de 1970 até hoje. Como exposto em várias partes deste estudo, consideramos que as mudanças foram causadas em parte pelo desenvolvimento das chamadas deseconomias de aglomeração e em parte como consequência dos processos de concentração e centralização de capital.

As externalidades negativas encontradas em Santo André, resultado da intensa aglomeração de indústrias na cidade, referem-se principalmente ao alto custo dos imóveis, quer seja para aquisição ou para o aluguel; às dificuldades de logística causadas pelos constantes congestionamentos; à ocorrência de enchentes, favorecidas pela crescente impermeabilização do solo; às leis de zoneamento misto, cada vez mais restritivas; e aos problemas de poluição (do ar, da água e do solo) causados tanto pelo trânsito pesado bem como pela própria atividade industrial.

Outros fatores contribuíram para a realocação de diversas indústrias. Os altos custos fixos e variáveis (taxas, impostos, custo da mão de obra, entre outros) são levados em conta principalmente quando as empresas têm, com o desenvolvimento das redes de transportes e de comunicações, oportunidades para se localizarem em outros lugares que oferecem, além de uma mão-de-obra mais barata, condições para que os custos fixos sejam mais baixos, especialmente no contexto da guerra fiscal desencadeada entre os municípios brasileiros.

Entretanto, um processo mais amplo, em nível local, nacional e global, é (e foi) muito importante, talvez até mais do que o anterior, para que ocorressem as alterações industriais na cidade. Tal processo foi o de centralização de capital, muito intenso nas últimas décadas. Uma série de fusões, absorções e aquisições de empresas proporcionou o fechamento de diversas indústrias na cidade e também provocou uma reestruturação produtiva nas empresas que ficaram.

A reestruturação produtiva ocorrida a partir dos anos 1990, ao mesmo tempo causa e conseqüência da centralização de capital, causou uma mudança tanto no nível da produção como na forma de gestão das empresas. Ao mesmo tempo, a abertura comercial brasileira ao exterior proporcionou tanto a entrada de capital externo como a introdução de novas tecnologias. Nesse contexto, diversas empresas localizadas em Santo André foram adquiridas por grupos estrangeiros.

Constatamos as seguintes alterações na estrutura industrial de Santo André no período em foco: registrou-se o fechamento de muitas indústrias de autopeças, de plásticos, mecânicas, metalúrgicas e de máquinas; foi total o fechamento das indústrias de fertilizantes; verificamos também a quase extinção das indústrias têxteis. Um ponto de especial destaque foi a reestruturação produtiva nas empresas de borracha, com a permanência destas no município; também permaneceram no local algumas empresas do setor de metais, tais como a Alcan e a Eluma. Como conseqüência deste quadro, aumentou a dependência do município em relação à sua indústria química, causada principalmente pela existência da Recap e da antiga PQU, hoje Braskem, dado que este é o setor que mais gera riqueza para a cidade.

Ressaltamos como foi observado no capítulo anterior, que se verificou um roteiro praticamente padronizado no caso de muitas empresas que saíram de Santo André: uma empresa é comprada por outra maior que promove mudanças, reorganiza a produção e a gestão, dispensa boa parte de seu pessoal, e pouco depois fecha a unidade produtiva na cidade e muda-se para outro lugar. E coloca o imóvel - geralmente valorizado - à venda.

O processo de centralização de capital consiste, portanto na destruição de muitas empresas pequenas e no surgimento ou consolidação de grandes empresas. Como os “capitais maiores esmagam os capitais menores”, boa parte das empresas que permaneceram em Santo André foram obrigadas a se reestruturarem. Porém, um número impressionante de empresas, geralmente de pequeno porte e estrutura familiar, não tiveram condições de enfrentar a batalha da concorrência e sucumbiram na crise, ou encerrando as atividades ou indo à falência.

Houve muita desvalorização e até mesmo destruição de capital industrial em Santo André nos últimos 30 anos. Fábricas imensas foram destruídas, e muito capital perdeu-se numa espiral de desvalorização que atingiu também os trabalhadores na forma do desemprego, subemprego e até certo ponto na forma da terceirização e da subcontratação.

Também deve ser destacada a sobrevivência (ainda que difícil economicamente) de algumas pequenas empresas familiares que se modernizaram. Uma constatação importante é a de que diversas empresas encerraram suas atividades, muitas das quais viram seus patrimônios virarem massa falida e irem a leilão. Como consequência desse processo, surgiram algumas atividades de baixo valor agregado no comércio e nos serviços nos locais onde antes funcionaram indústrias.

A pesquisa mostrou a ausência absoluta de empresas de tecnologia de ponta. Nenhuma indústria de tecnologia aeroespacial, biotecnologia, nanotecnologia, informática, comunicações, etc., localizou-se nos últimos anos em Santo André. Um caso sintomático é o da TIM, empresa multinacional do setor de telefonia celular; ela tinha estabelecido contatos com as autoridades, prometendo desenvolver um centro de tecnologia avançada em comunicações no município, mas esse centro acabou virando apenas um *call center*.

Por outro lado, além das empresas, todas reestruturadas e que ainda investem e produzem na cidade, muito capital financeiro, imobiliário e rentista está sendo investido na cidade. Muito capital excedente encontrou uma oferta de grandes terrenos localizados em áreas nobres e arriscamos dizer que atualmente existe um “boom” no setor imobiliário andreense. São inúmeros os projetos, as construções e os lançamentos imobiliários em curso na cidade. Não foi só onde antes existiam indústrias que os prédios se multiplicaram, também muitas casas térreas estão sendo demolidas e sobrados geminados são construídos nesses locais.

Uma das constatações mais importantes foi a transformação de áreas antes industriais em condomínios residenciais e prédios de escritórios comerciais, além de três shopping-centers.

Deve ser salientado que muitas áreas antes industriais foram contaminadas pelas indústrias que as ocupavam, gerando um imenso passivo ambiental no município. Por sua vez, alguns projetos de revitalização urbana, tais como o Eixo Tamanduateí e a Cidade Pirelli foram constantemente mencionados nas discussões locais nas duas últimas décadas, mas não saíram ainda do papel ... continuam sendo planos ...

Acreditamos que o objetivo da dissertação foi alcançado; todavia, alguns pontos poderão ser aprofundados em estudos posteriores, principalmente temas referentes aos sistemas de inovação e tecnologia, à questão da mão de obra ou à responsabilidade social das empresas; acreditamos ser também primordial o aprofundamento no estudo dos impactos ambientais causados pelas indústrias que possuem áreas contaminadas e não menos importante, o impacto que a superacumulação de capital no setor imobiliário poderá causar, se e/ou quando estourar a “bolha” imobiliária que alguns diagnosticam.

Para finalizar esse trabalho teceremos algumas linhas gerais sobre cada um dos pontos mencionados.

Durante anos e anos de pesquisa, verificamos que a não ser por iniciativas isoladas das grandes empresas, investimentos em novas tecnologias e sistemas de inovação passam longe de Santo André. Talvez a UFABC por estar sediada na cidade, seja a “mola propulsora” da inovação tecnológica. A criação do parque tecnológico andreense, se de fato for concretizada, contribuirá para um maior dinamismo da economia municipal.

Muito já foi escrito sobre as recentes transformações no mundo do trabalho e principalmente sobre a dramática redução do emprego industrial na Região do Grande ABC, redução causada pela introdução de novas tecnologias, características da reestruturação produtiva; estamos cientes que não demos a atenção necessária a

essa questão. Todavia, um ponto que nos inquieta é o de como será a evolução do emprego: dada a notória baixa qualidade do ensino fundamental e médio, como dar-se-á a inserção dos jovens num mundo de trabalho intensivo em capital e tecnologia mas poupador de mão-de-obra?

Destacamos também a (falta de) responsabilidade social das empresas que aqui se instalaram no passado e de muitas da que ainda obtêm lucratividade em terras andreenses. Algumas grandes empresas contribuem em ações sociais e ambientais, todavia acreditamos que um estudo pormenorizado poderia esclarecer, só para citar alguns exemplos, por que a cidade de Santo André não possui, por exemplo, um Museu Rhodia, um Instituto Cultural Pirelli, um Instituto Solvay, uma Fundação Bridgestone ou um Complexo Braskem?

Outro ponto de extrema importância, que enfatizamos em várias partes deste trabalho, mas que merece um estudo à parte, é o imenso “passivo ambiental” deixado tanto pelas indústrias que saíram da cidade, bem como a existência de áreas contaminadas nas indústrias em funcionamento. O próprio capital imobiliário já está enfrentando em alguns locais da cidade os problemas causados pela contaminação do solo, ou seja, está deixando de ganhar dinheiro enquanto não se consegue descontaminar essas áreas.

Por fim, e não menos importante, é a realização de um estudo sobre a trajetória do capital financeiro em sua associação com o capital imobiliário, observando as transformações espaciais, em especial as causadas pelos lançamentos imobiliários, compostos principalmente de imóveis de alto e médio padrão. Haveria ou não uma superacumulação de capital no setor imobiliário da cidade?

Em suma, cabe ressaltar a interessante (e oposta) trajetória de duas das maiores empresas de Santo André. Enquanto a Bridgestone/Firestone ainda mantém a maior parte de sua produção industrial na cidade, a Pirelli se desfez de muita de sua capacidade produtiva, vendendo sua linha de cabos e fios para a Prysmian e permutando com o Poder Público uma área da fábrica de pneus, onde iria ser construída a Cidade Pirelli.

Até 2013, o projeto Cidade Pirelli não saiu do papel e em uma área que fora reservada para sediar uma universidade privada (a Uniabc) está em construção mais um shopping center. Constatamos então que um projeto que previa introduzir áreas *high tech* na cidade - o sonho de Celso Daniel em transformar Santo André (a exemplo das maiores metrópoles do mundo) em uma cidade de um setor terciário avançado - viu-se transformado em mais um shopping, dois hotéis e duas torres de apartamentos.

São vários os estudos acadêmicos que na forma de teses, dissertações e artigos, versam sobre o chamado “Eixo Tamandateí” (para ficar mais charmoso, o denominaram de Tamandatehy) do qual faz parte o projeto Cidade Pirelli. O projeto elaborado no final dos anos 90 previa a requalificação urbana de toda a área central (e industrial) da cidade. Tal requalificação urbana nada mais é do que mais uma tentativa por parte do capital em obter mais vantagens e facilidades para a acumulação. Como o tempo é o senhor da sabedoria, seria interessante rever tais estudos e observar o que de fato aconteceu na cidade, verificando se as empresas cumpriram suas contrapartidas nos acordos com o Poder Público.

Quanto à pergunta inicial “Cadê a fábrica que existia aqui?” demonstramos que existem diversas respostas: algumas fábricas fecharam e prédios de apartamentos e/ou estabelecimentos comerciais surgiram no local, dezenas mudaram-se para outras localidades, várias estão visivelmente destruídas e/ou abandonadas, enquanto muitas fábricas estão funcionando já reestruturadas e modernizadas; todavia quando pensamos em indústrias de alta tecnologia, é com certo pesar observar que em 2013, de “high tech” Santo André não tem nada ...

REFERÊNCIAS

ABIMAQ (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos). *A história das Máquinas*. São Paulo: Abimaq/Magma, 2006.

AGLIETTA, Michel. *Regulacion y crisis del capitalismo. La experiencia de los Estados Unidos*. México DF: Siglo XXI, 1986.

ALÉM, Ana Claudia & GIAMBIAGI, Fabio. (orgs) *O BNDES em um Brasil em transição*. Rio de Janeiro: BNDES, 2010.

ALVAREZ, Isabel Aparecida Pinto. *A reprodução da metrópole: o projeto Eixo Tamanduatehy*. 2008. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ALVES, Giovanni. *O Novo (e Precário) Mundo do Trabalho: Reestruturação Produtiva e a crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo, 2000.

ALVES, João Murta. *O Sistema Just In Time reduz os custos do processo produtivo*. Trabalho apresentado no "IV Congresso Internacional de Custos", realizado na Universidade Estadual de Campinas, no período de 16 a 20 de outubro de 1995. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=32>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

ANDRADE, Margarida M. *Diadema: uma área de expansão da indústria na metrópole paulistana*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

ARBIX, Glauco. Políticas do desperdício e assimetria entre público e privado na indústria automobilística. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 2002, v. 17, nº. 48, fev. 2002.

BANCO MUNDIAL. *Reshaping Economic Geography*. Washington: World Bank, 2009.

BRUM, Argemiro J. *Desenvolvimento Econômico Brasileiro*. 21 ed. Ijuí/Petrópolis: Ed. Unijuí/Vozes, 2000.

CADE (Conselho Administrativo de Defesa Econômica). *Guia Prático do CADE: a defesa da concorrência no Brasil*. São Paulo: CIEE, 2007 a.

_____ Ato de Concentração nº. 08012.009856/2007-06. Secretaria de Acompanhamento Econômico, Ministério da Fazenda. Brasília, 2007 b. Disponível em: <<http://www.cade.gov.br/temp/t13520137390283.pdf>>. Acesso em 09 maio 2013.

CAIADO, Antonio. S. C. Reestruturação Produtiva e Localização Industrial: a dinâmica industrial na RMSP entre 1985 e 2000. In: *XXXII Encontro Nacional de Economia*, João Pessoa: ANPEC, 2004. Disponível em <www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A114.pdf>. Acesso em 20 jul. 2012.

CALDEIRA, Jorge *et alli*. *História do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CALLINICOS, Alex. *The Revolutionary Ideas of Karl Marx*. 2 ed. Londres: Bookmark Publications, 2004.

_____ Introdução ao Capital de Karl Marx, *Revista Espaço Acadêmico*, nº. 38, jul. 2004. ISSN 1519.6186. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/038/38tc_callinicos.htm>. Acesso em 20 jul. 2011.

CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. 4 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1998.

CAPRARIO, Sara. Linhas Cruzadas. *Revista Primeiro Plano*. Ano 2 nº. 5, mar. 2007.

CARLOS, Ana Fani A. *A (Re) Produção do Espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.

_____ *Espaço-Tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*. São Paulo: Contexto, 2001.

CETESB, *Áreas contaminadas e reabilitadas no Estado de São Paulo*. Relatório. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.cetesb.sp.gov.br/areas-contaminadas/relacoes-de-areas-contaminadas/15-publicacoes>>. Acesso em 10 nov. 2011.

_____ *Áreas contaminadas e reabilitadas no Estado de São Paulo*. Relatório. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.cetesb.sp.gov.br/areas-contaminadas/relacoes-de-areas-contaminadas/15-publicacoes>>. Acesso em 05 mar. 2013.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

CIESP, Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. *Catálogo das Indústrias: Santo André e Região*. Delegacia Regional de Santo André. Ano I. Nº. 1. Santo André/Diadema: CIESP/JV Publicidade, 1992.

COCCO, Giuseppe. *Cientista diz que região passou de pólo industrial à pólo global*. Jornal ABCD Maior, São Bernardo do Campo, 12 jul. 2008. Entrevista concedida ao jornalista Celso Horta. Disponível em: <http://www.abcdmaior.com.br/noticia_imprimir.php?noticia=7730>. Acesso em 08 maio 2013.

CONCEIÇÃO, Jefferson J. *Quando o apito da fábrica silencia*. São Bernardo do Campo: MP Editora (Editora ABCD Maior), 2008.

DANIEL, Celso. *Uma estratégia econômica para o Grande ABC. São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.10, nº. 3, jul-set 1996.

_____. *Avanços, Obstáculos e Perspectivas do Grande ABC*. In: HOFMEISTER, Wilhelm et alli. *Retratos Metropolitanos: A experiência do Grande ABC em perspectiva comparada*. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, 2001.

_____. *Grande ABC ainda deve terciário de valor agregado à Celso Daniel*. Revista LivreMercado [2001], Diário de Grande ABC, Santo André, 2005. Entrevista concedida ao jornalista Daniel Lima. Disponível em: < <http://www.dgabc.com.br/Noticia/379149/grande-abc-ainda-deve-terciario-de-valor-agregado-a-celso-daniel>>. Acesso em 08 maio 2013.

FERREIRA, Josué C. *Santo André em novo perfil: da fábrica ao "Super Center"*. Trabalho de Graduação Individual, Departamento de Geografia, FFLCH-USP, São Paulo, 1999. mimeo.

_____. *Uma tomografia da desindustrialização*. In: *Nosso século XXI*. Santo André: LivreMercado, 2001.

FERREIRA, Maria de Fátima S. & LEMOS, Mauro B. *Localização industrial e fatos estilizados da nova reconfiguração espacial do Nordeste*. In: *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 31, n. Especial p. 484-507, nov. 2000.

FREEMAN, Christopher. & SOETE, Luc. *A Economia da Inovação Industrial*. 3 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

GAIARSA, Octaviano. A. *Santo André, Ontem, Hoje, Amanhã*. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 1991.

GOLDENSTEIN, Lúcia. Uma Avaliação da Reestruturação Produtiva. In: SACHS, I., WILHEIM, J. PINHEIRO, P.S. (orgs) *Brasil: Um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMES, Gabriel. DVORSAK, Peter. HEIL, Tatiana. Indústria Petroquímica Brasileira: Situação atual e perspectivas. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, nº. 21, p. 75-104, mar. 2005.

GONÇALVES, Reinaldo. Capital Financeiro e Poder Econômico in: *Teoria e Debate*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, nº. 41, maio/jun/jul. 1999.

GOTTDIENER, Mark. A teoria da crise e a reestruturação sócio-espacial: o caso dos Estados Unidos. In: VALLADARES, Licia & PRETECEILLE, Edmond. *Reestruturação Urbana: Tendências e Desafios*. São Paulo: Nobel, 1990.

HARVEY, David. *Los límites del capitalismo y la Teoría Marxista*. México DF: Fondo de Cultura Económica, 1990.

_____ *Condição Pós-Moderna*. 10 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____ *Espaços de Esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2004 (a).

_____ *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004 (b).

_____ *A Produção Capitalista do Espaço*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2006.

_____ *O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____ *O Enigma do capital*. Conferência realizada em 28 fev. 2013 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/2013/03/23/o-enigma-do-capital/>>. Acesso em 25 mar. 2013.

HAYTER, Roger. *Dynamics of industrial location*. New York: Wiley & Sons, 1997.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IBGE (Fundação Instituto de Geografia e Estatística). *Censos Industriais*. 1950, 1960, 1970, 1975, 1980 e 1985. Rio de Janeiro.

JOVANOVIC, Aleksandar. Só ousadia pode forjar novo modelo. In: *Nosso século XXI*. Santo André: LivreMercado, 2001.

KLEEB, Suzana C. *Breve Histórico de Santo André*. Santo André: PMSA, 2001. Disponível em <http://www.santoandre.sp.gov.br/bn_conteudo.asp?cod=1501>. Acesso em 20. jul. 2011.

_____ *História de Santo André*, Santo André: PMSA, [200-]. Disponível em: <<http://www2.santoandre.sp.gov.br/index.php/cidade-de-santo-andre/historia>>. Acesso em 10 maio 2013.

KLINK, Jeroen. J. *Cidade-Região regionalismo e reestruturação no Grande ABC paulista*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

KLEIN, Maria Claudia A. *A história do Pólo Petroquímico do Grande ABC e da Apolo*. São Paulo: Clube Editorial, 2011.

KNOX, Paul. & AGNEW, John. *The geography of the world economy: An Introduction to economic geography*. 3 ed. London/New York: Arnold Publishers/John Wiley & Sons, 1998.

KON, Anita. *Economia Industrial*. São Paulo: Nobel, 1994.

KULAYF, Yara. A indústria de fertilizantes fosfatados no Brasil: perfil empresarial e distribuição regional. *Série Estudos e Documentos*, nº. 43, Rio de Janeiro: CETEM/CNPq, 1999.

LANGENBUCH, Jurgen R. *A Estruturação da Grande São Paulo*. Rio de Janeiro: FIBGE, 1971.

LASTRES, Helena M. & CASSIOLATO, José E. Novas políticas na Era do Conhecimento: o foco em arranjos produtivos e inovativos locais. *Revista Parcerias Estratégicas*, nº 17, set. 2003, Brasília: CGEE, 2003.

LBVA COMUNICAÇÃO. *O case Black & Decker*. [s.l]: c2000. Disponível em: <<http://www.aberje.com.br/antigo/guia/lvba.htm>>. Acesso em 20 maio 2013.

LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____ *A cidade do capital*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LENCIONI, Sandra. Reestruturação Urbano-Industrial no estado de São Paulo: a Região da Metrópole Desconcentrada. In: *Espaço e Debates*, São Paulo, nº. 38, 1994, pp. 54-61.

LIMA, Daniel. *Nosso século XXI*. Santo André: LivreMercado, 2001.

_____. *Celso Daniel sai de cena como maior gerenciador*. Blog Capital Social. 15 fev. 2002 (a). Santo André. Disponível em: <<http://capitalsocial.com.br/base.asp?id=122&secao=Administra%E7%E3o%20P%FAblica>>. Acesso em 11 maio 2013.

_____ *Complexo de Gata Borracheira*. Santo André: LivreMercado, 2002 (b).

_____ *Meias Verdades (Como usar a mídia para vender ilusões)*, Santo André: LivreMercado, 2003.

LIMA, Daniel & MARCOCCIA, Maria L. *Grande ABC tem futuro?* Santo André: LivreMercado, 1997.

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2003.

MARX, Karl. *O Capital, Crítica da Economia Política*. 4 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____ *O Capital, Crítica da Economia Política*. 23 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. 2v.

MELLO, João M.C. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998.

MORO, Enio Jr. *A redenção inexistente nos planos urbanísticos municipais: o caso do Projeto Eixo Tamanduatehy*. São Paulo: Annablume, 2007.

NEGRI, Barjas. *Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

NOBRE, Eduardo A. C. Impactos da Globalização Econômica no Complexo Metropolitano Expandido de São Paulo: possibilidades de ação. In: *Anais do II Encontro Brasileiro de Estudos Urbanos e Regionais*. São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. A inserção do Brasil no capitalismo monopolista mundial. In: ROSS, Jurandir. L. (org.) *Geografia do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996.

OLIVEIRA, Nildo C. Sobre as idéias do ex-prefeito Celso Daniel. Blog do Nildo, 05 set 2012. *Revista O Empreiteiro*: São Paulo. Disponível em: <http://www.oempreiteiro.com.br/Publicacoes/11769/Sobre_ideias_do_exprefeito_Celso_Daniel.aspx>. Acesso em 08 maio 2013.

PAGOTTO, Claudete. *Produção associada na era da precarização estrutural: uma análise da atuação das cooperativas de trabalho*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PASSARELLI, Silvia H. F. *Proteção da paisagem ferroviária: memória e identidade do bairro Estação São Bernardo (atual Santo André, SP)*. 2005. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PELAI, Fernando M. & Silveira, José M.F.J. Análise do processo de reorganização societária de grupos que atuam na indústria petroquímica brasileira. *Anais do XXXVI Encontro Nacional de Economia*. Salvador, 2008. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807211611040-.pdf>>. Acesso em 08 maio 2013.

PINHO, Rodrigo A. *Santo André: (re) ordenação sócio espacial e implicações do período técnico-científico-informacional a partir dos anos 90*. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PORTER, Michael. Location, competition, and economic development: local clusters in a global economy. *Economic Development Quarterly*, v. 14, fev. 2000, p. 15-34. Disponível em: <http://home.furb.br/wilhelm/COMPETIV/Porter_Cluster3.doc>. Acesso em 18 fev. 2013.

PRATES, Ângelo. M. Q. *Reestruturação produtiva no Brasil dos anos 90 e seus impactos na região do Grande ABC Paulista*. Dissertação (Mestrado em Economia) - Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ. - *Sumário de Dados, 1996*. Santo André: Dep. de Informações ao Planejamento/Departamento de Planejamento Urbano, 1997.

_____. *Observatório econômico*. Santo André: Secretaria de Desenvolvimento e Ação Regional, 2003 (a), Boletim nº. 1.

_____ *Santo André Mais Igual*. Santo André: Secretaria de Inclusão Social e Habitação, 2003 (b), Publicação avulsa.

_____ *Observatório econômico*. Santo André: Secretaria de Desenvolvimento e Ação Regional, 2003 (c), Boletim nº. 2.

_____ *Plano Diretor, Mapa 09, Anexo XXI Zoneamento*. Santo André: Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação / Departamento de Desenvolvimento e Projetos Urbanos, 2010.

_____ *Anuário de Santo André 2011*. Santo André: PMSA, 2012. Disponível em: <<http://www2.santoandre.sp.gov.br/sites/default/files/anuario2011web.pdf>>. Acesso em 05 fev. 2013.

RANGEL, Ignácio. *Economia: Milagre e Anti-Milagre*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____ A história da dualidade brasileira. In: MAMIGONIAN, Armen & REGO, José M. (orgs). *O Pensamento de Ignacio Rangel*. São Paulo: Editora 34, 1998.

REDESIST (Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovativos Locais) *Temas de Interesse*. Rio de Janeiro: s/d. Disponível em: <<http://www.redesist.ie.ufrj.br/temas.php>>. Acesso em 30 maio 2013.

SAKATA, Margarida N. *Projeto Eixo Tamanduatehy: uma nova forma de intervenção urbana em Santo André?* 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____ *Novos Instrumentos de Gestão Urbana e Regional: Santo André e o caso do Projeto Eixo Tamanduateí*. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*. v. 16, nº 25, São Paulo, jun. 2009.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____ *Metrópole Corporativa Fragmentada: O caso de São Paulo*. São Paulo: Nobel/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

_____ *Guerra dos Lugares*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08 ago. 1999. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_3_5.htm>. Acesso em 20 out. 2012.

SCARLATO, Francisco C. *Metropolização de São Paulo e Terceiro Mundo*. São Paulo: Iglu, 1989.

SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados). *Características gerais do processo de industrialização paulista*. São Paulo: SEADE, 1988.

SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). *Doze anos de monitoramento da sobrevivência e mortalidade de empresas*. São Paulo: SEBRAE, 2012. Disponível em: <<http://www.sebraesp.com.br/index.php/25-biblioteca/estudos-e-pesquisas/mortalidade-de-empresas/505-12-anos-de-monitoramento-da-sobrevivencia-e-mortalidade-de-empresas-ago-10>>. Acesso em 30 maio 2013.

SINDIPEÇAS. (Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores). *Desempenho do Setor de Autopeças*. Sindipeças/Abipeças: São Paulo: 2012.

SCHUTTE, Giorgio. R. *O Elo Perdido: Estado, globalização e indústria petroquímica no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, Raul. A. A Função Industrial de Santo André in: *Revista do Arquivo Municipal*. PMSP: São Paulo, 1941.

SILVA, Sérgio L. C. *Crise e Ajuste da indústria da Grande São Paulo 1980/1993: um estudo do caso da região do ABC*. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1998.